



LUIZ CARLOS CARNEIRO

# O REI DOS MENDIGOS

(PÁTIO DOS MILAGRES)

LOUIS EUGÈNE AMEDÉE ACHARD  
(ESPIRITO)

LAKE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# O REI DOS MENDIGOS (PÁTIO DOS MILAGRES)\*

## OBRAS DO AUTOR

- 1-0 Amor é Eterno - (LAKE, 1989)
- 2 - O Colar da Índia - (LAKE, 1989)
- 3 - Irmãos Contra Irmãos - (LAKE, 1989)
- 4 - “Ele” Meu Amigo Espiritual ou “O Encapuzado” - (LAKE, 1990)
- 5 - Akhenaton - O Filho do Sol - (LAKE, 1990)
- 6 - Zana - A Interplanetária (I) - (LAKE, 1992)
- 7 - Paraguaçu - A Flor Selvagem - (LAKE, 1992)
- 8 - Amor Cigano (Célio e Nara) - (LAKE, 1992)
- 9 - Zana no Reduto Romano (II) - (LAKE, 1993)
- 10 - Laços de Amor e Ódio - (LAKE, 1993)
- 11 - Senhor Deus! (M'tang e N'cumbo) - (LAKE, 1993)
- 12- 0 Peregrino - (LAKE, 1994)
- 13- 0 Rei dos Mendigos (Pátio dos Milagres) - (LAKE; 1994)

## Dedicatórias

Ao casal Otávio Augusto e D. Marialice, com agradecimentos a Deus por tê-los como amigos.

A Rodolfo e D. Lucia A Antonio e D. Gilda

Deus os abençoe.

Mes amis.

*Avec amour.*

*A história que agora volto a escrever, mercê do autor encarnado, faço-o com toda a naturalidade já que morto nJo estou.*

*As ocorrências dentro desta obra, fazendo volver personagens de 'O Amor é Eterno', para mim é uma homenagem ao ùtiz Carlos Carneiro, já que este nosso livro éficção dentro da história, e história que ocorreu no mesmo período daquele verdadeiro.*

*Somos um só. Um só espírito, podendo o mesmo animar quem tenha útero, seios, ovários, ou seja, uma mulher... e somos homens com testículos e espermatozoides parafecundar. Mas, o Espírito não tem sexo. Apenas muda de envoltório. Assim, eu, Louis Engine Amedée Achard, encontrei aquele que transmite a maneira de voltar a escrever nossos livros. As ocorrências são, como já disse, homenagem a este amigo.*

*Espero que entendam.*

*Paz.*

*Salvador, Ba, 17 de outubro de 1993 (a) Amedée Achard*



— Vai. Confio em ti.

\*\*\*\*\*

— Nasceu, gente, nasceu Jean, primeiro e único! — gritava Bochet, afundando-se no lamaçal dos esgotos.

•— Que Jean primeiro é este que nasceu? O que conheço já está velho, lá em cima. É o pároco.

— Sei lá... que queres dizer, Bochet?

Era o submundo de Paris, com seus esgotos, suas galerias apinhadas de mendigos e desempregados que ali se acotovelavam. A imensa comunidade era temida até pelos exércitos do rei. Ali se urdia os mais mirabolantes planos. Havia gente para todo o mister.

— Que há, Bochet? Que Jean é esse que nasceu?

— O filho do rei.

— Filho do rei? Que rei?

— Planchet, o rei dos mendigos.

— Planchet?—berrou uma mulher. — Ora, eu tenho duas filhas com ele.

— Eu tenho três.

— Não tem jeito — argumentou mais uma — Planchet só tem forma de fêmea.

— Nasceu Jean, filho primeiro de Planchet!

A turba emudeceu.

— Bochet, estás falando sério? — explodiu um homem, levantando-se e tirando da perna um pedaço de carne de cachorro, sanguinolenta.

— Mais sério que tua perna que nada tem.

— Então, ele conseguiu fazer um homem?

— Pois se nasceu...

— Deve ter sido a última gota.

As risadas estrugiram.

— Silêncio, rafeiros. Comunico o nascimento de Jean, primeiro e único, rei dos mendigos. Planchet já tem um sucessor.

— E quem o pariu? — gritou uma mulher. — Só me deu filhas!

— Desta vez ele acertou — berrou outro, recompondo uma ferida artificial na coxa.

— Queremos ver.

*UiiTTi* Não podeis, ainda — advertiu Bochet.

— Só vendo para crer.

— Calai vossas nojentas bocas, imundos ratos de esgoto! — bramiu a voz de Bochet, brandindo o cajado que carregava.

— Tu viste?

— Vie constatei. É homem, o Jean.

— E a festa?

— Calma, haverá.

Paris, na época de nossa história, vivia em dois mundos: um, de fausto, não tanto, mas os que trabalhavam, vendeiros, soldados, ferreiros, tapeceiros e os ricos; o outro, agitava-se, com seus singulares habitantes — os fora-da-lei, mendigos, desempregados — nos subterrâneos, os esgotos, cujas enormes galerias pareciam até praças, onde as águas pluviais ou as do rio Sena, quando enchia, corriam livremente. Todavia, tinham um rei! Possuíam um exército! Lutavam contra mosqueteiros e esses tinham receio de os procurar. Os labirintos dos esgotos os faziam surgir onde quisessem. Acabar com eles? Como? Toda Paris viria, abaixo. O poder desses mendigos era respeitável. Recebiam, até em audiência, o rei, os ricos senhores que se propunham a pagar-lhes em ouro por serviços escusos.

— Paulette também deu à luz e ninguém comenta.

— É filha de Planchet?

— Sei lá! Ele só vivia arrastando as asas para ela. .

— Não pode ser dele. É menina?

— É... então, é.

— Não interessa. O que importa é que Jean nasceu e é o sucessor.

Em realidade, importava, sim. Paulette, embora assediada sempre por Planchet, jamais o aceitou. Entregou-se a um nobre e engravidou. No mesmo dia, na mesma hora em que nasceu a filha de Planchet, veio ao mundo o menino de Paulette. Não foi motivo de curiosidade o saber-lhe o sexo, porque em sendo o rei o pai, conseqüentemente tratava-se de uma menina. E, todo o estardalhaço prendia-se a uma mentira, quanto ao sexo da criança. Assim, o garoto, dada a fama do pai, foi tido como menina e a outra, garota, impingida como do sexo masculino.

Paulette tratou de dissimular o acontecido e, à primeira oportunidade, solicitou um encontro com o nobre que era o pai. A vetusta igreja de Nossa Senhora de Paris foi o local escolhido. O fidalgo, Jean de Luzardo, filho do duque de Luzardo, estava embevecido com a criança, a qual tomara nos braços e admirava a semelhança com ele.

— Que faremos, Paulette?

— Tu decides.

— Não podes permanecer naquele antro com esta criança. É lourinha como o pai !

— E para onde eu iria?

— Vou providenciar. Estejas aqui amanhã cedo.

— Para onde nos vai levar?

— Para uma propriedade que tenho no campo. Nada vos faltará.

— E tua esposa?

— Minha esposa está doente, creio até que não viverá muito. Ela compreenderá.

— Sinto muito, Jean.

— Eu também. É uma boa mulher.

— Comentavam muito sobre ser ela uma bruxa.

O jovem sorriu.

— É verdade, mas isto passou. O próprio Cardeal a inocentou. Só por fazer bem a tantos, acolhendo pobres e estropiados.

— E a falar com os mortos.

— Ah! Essa particularidade faz parte da doença dela.

— Amo-te muito, Jean.

— Eu sei, Paulette. Também não ignoras que meu sentimento é o mesmo. Cuidarei de ambos. Vai, retoma amanhã.

— Uma das mulheres de Planchet teve também uma criança.

— Planchet, o rei?

— Sim. E é um menino.

<sup>4</sup>4Sim.

— Ora! Então o velho Planchet conseguiu um sucessor? Que bom! Como deve estar alegre.

— E todos pensam que o meu filho é dele.

— Mas...

— Sabes que não. Apenas, os deixei pensar assim. Imaginando tratar-se de uma menina, nem quiseram olhar minha criança.

— Entendo. Pelo que dizem, ele só tem filhas.

— Eu nada tive com ele. Crê em mim?

— Paulette! Jamais duvidei de ti. E, quanto às bravatas do Planchet, quem sabe, metade de suas filhas nem são dele?

— Pode ser.

— Planchet é um bom homem. Daria um ótimo embaixador. Tem a palavra fácil, é corajoso, magnânimo e, quiçá honesto, à sua maneira.

— Vou-me, Jean, mas que nome daremos ao nosso filho?

— Tens preferência?

Ela cobriu a criança, baixando a cabeça, depois considerou:

— Chamas-te Jean, eu, Paulette... nosso filho chamar-se-á Jeanpaul.

— Jeanpaul? — riu o nobre.

— Jean e Paulette.

— Seja, meu amor, seja. É a combinação de dois nomes que se adoram. Amanhã?

— Sim, cedo.

— Amo-te, Jean.

Ele descobriu o rostinho da criança, beijou-lhe a testa e declarou:

— Por Deus, Paulette, quero muito a este menino.

— É teu, amor. Vou-me.

\* \* \* \* \*

Foram três dias de festas nos subterrâneos da cidade e no Pátio dos Milagres, sob a jurisdição régia de Planchet. Este bairro de Paris, temido por toda a população, inclusive os soldados do rei, era o local em que facínoras, ladrões, assassinos, reuniam-se à noite para dividir os lucros do dia. Era também onde trocavam as “feridas\*” com as quais enganavam a população, ao esmolarem. Claro, que ninguém de bom-senso, atrever-se-ia a passar por lá, ainda que sob a luz do Sol. A não ser, é evidente, negociantes ou políticos em busca de alguém para pôr em prática uma vingança, ou qualquer trabalho ilícito, que não era raro acontecer.

A França, por sua vez, não passava por bons momentos. A aliança firmada por Francisco I,<sup>5</sup> com Solimão, o Herege,<sup>6</sup> chamado, estarecia todo o povo ocidental. Cristãos mancomunados com ateus, hereges? Impossível! Mas, Francisco I, não obstante gostasse da boa vida, cavalgar, dar festas, caçar, possuía tino terrível para as coisas do Estado. O intitulado Tratado das Capitulações, assinado entre ele e Solimão tomou-se um escândalo em todo o Ocidente. Um rei cristão aliar-se a um bárbaro? E tanto se falou na Corte que, mais para satisfazer a si próprio, pois que dera uma de suas grandes festas, onde o Conselho estava reunido, entre garrafas de vinho, disse:

—Negar, não posso. O meu maior desejo é ver o turco cada vez mais forte.

— Mas, Alteza, é um herege! ,

—Que importa? Incomoda-o o sermos cristãos? Quero-o bem fortalecido, pronto e preparado para a guerra. Claro que, pessoalmente o ignoro. É um infiel, como dizeis, e nós, cristãos. Todavia, senhores, só ele, notai bem, só ele pode enfraquecer o poderio de Carlos V—sorveu um pouco da bebida que tinha na mão — que terá de abrir os cofres, conseqüentemente, fará grandes despesas e enfraquecer-se-á. Vede, senhores — continuou ele, levantando-se e depositando a taça em um aparador — quando os interesses do país o exigem, pouco nos molesta a fé — e foi dançar, calmamente, no belo salão.

E assim era sempre. Os assuntos de Estado, não raramente, eram tratados, ou resolvidos, em um acampamento de caça, em cavalgadas ou saraus em seus vários palácios. No que concerne à cidade, o mago Leonardo da Vinci<sup>7</sup> incumbia-se de dotá-la de seus maravilhosos inventos. Para tanto, não media esforços.

## Capítulo II A PARTIDA

No dia seguinte, Paulette voltou à Catedral e não teve que esperar muito. Jean chegou em sua carruagem. Saltou ágil, e dirigindo-se a ela, tomou a criança nos braços e pediu-lhe:

— Deixa teus pertences.

— Como, Jean?

— Por favor, não vais necessitar de andrajos, minha querida.

— Jean, nestas trouxas, trago tudo o que tenho e o da criança.

—Vamos, mon amour, temos pressa. E possuo tudo e para ti, em minha casa. Por favor, não discuta.

Paulette, se bem residindo naqueles buracos, sob Paris, tinha o que era seu e, naturalmente, não queria desfazer-se daquilo que, com tanto sacrifício, havia conseguido. Foi, portanto, com relutância que, com um olhar de pena, atirou para um lado a trouxa. Seu vestido, longe de ser o de uma dama, era, no entanto, a “última moda” no Pátio dos Milagres e ela se conservava limpa, asseada, dentro do possível.

— Então, partimos? — insistiu Jean.

— Sim, sigamos.

Fê-la entrar em primeiro lugar, depois passou-lhe a criança, subindo por sua vez, quando ordenou ao cocheiro ir adiante. O carro saiu, com os cavalos trotando e as rodas batendo nas pedras do calçamento irregular das ruas de Paris.

— Para onde vamos?

— Já agora to disse, minha querida.

— Sei, Jean. Pergunto-te onde se situa tua casa de campo.

— Alençon.<sup>8</sup>

— Nunca ouvi falar.

— Ótimo, assim estrearás um novo cenário. Fica perto do Mont-Saint- Michel. O ar do mar será bom para Jeanpaul.

— Que acontecerá comigo?

— Não é longe de Paris, amor.

— Quão longe?

— **Seguramente uns dez dias.**

— **Dentro desta geringonça?**

— **Acalma-te, Paulette. O melhor nos espera lá.**

— **E tu, ficas conosco?**

<sup>5</sup> (5) Rei de França de 1515 a 1547.

<sup>6</sup> Soliman II, le Magnifique, sultão turco de 1520 a 1566, aliado de Francisco I contra Carlos V. j

<sup>7</sup> ^ Artista da escola de Florença, Itália (1452-1519), pintor (La Gioconda), escultor, arquiteto\*, I engenheiro, músico e anatomista.

<sup>8</sup> (8) Cidade da França com 35 mil habitantes (1980).

- Não, só por pouco tempo. Tenho meus afazeres em Paris.
- E tua mulher?
- Minha mulher? Ora, se vais ficar com ela!
- Jean, que queres dizer?
- Verás, quando lá chegarmos.
- Meu Deus!
- Não ficaremos dentro desta geringonça, como classificas nossa viatura. Há vilas e comissionados durante o percurso. Não te preocupes.
- E os assaltantes?
- Vez por outra, os há. Evitaremos viajar à noite.
- Não entendi. Tua mulher ficará comigo?
- Já te dei ciência sobre o assunto. Tranqüiliza-te. Não há motivos para apreensões, ela sabe de tudo.

\* \* \* \* \*

— Diable! — rugia Planchet para um de seus asseclas, ocupado em livrar-se de grande pedaço de carne de cavalo sanguinolenta do peito, antes de o fazer das partes que trazia em ambas as pernas, uma na altura do joelho e outra na coxa do outro membro.

- Que queres, Planchet?
- Não vês, filho das imundícies do fundo do Sena, que essas ‘feridas’ para nada servem?
- Como não?—e o interpelado olhou o rosto do rei dos mendigos, curvado sobre ele. — Tenho na bolsa umas dez pistolas.<sup>9</sup>
- Uns dois luíses.<sup>10</sup>
- Rufião!
- — Como, Planchet? Que é agora?
- Que é agora? Quero que pareças mesmo um pedinte, um mendigo, para honrar meu nome.
- Que fiz eu de errado?
- O cavalo, animal!
- Animal eu, ou o cavalo?—e continuou na tarefa de tirar os panos sanguinosos.
- Sois os dois umas cavalgadas. Com tantos bifos de cavalo, asno, até no peito? Com uma ferida destas já estavas morto! **0** mais duas nas pernas. Exageras, homem! Arranja um olho furado, uma cutilada na perna, mas não me uses o cavalo inteiro. Sabes o que vais fazer?
- O quê?
- Comer esses bifos e doar tudo quanto recebeste. És uma chaga ambulante, um morto-vivo, estrume!
- Dar-te tudo?
- E, já, ou lua carne servirá para a comunidade como a do cavalo.
- Mas, Planchet.
- Tenho um filho, agora. Vou aumentar os impostos. Anda, Bochet, arrecada deste, tudo. — E faze a coisa direita, animal. Afinal, sou honesto, se também.
- Vais, realmente, tirar-me tudo?
- Quem é o rei, aqui?—inquiriu Bochet, segurando o alfoije que o homem tinha nas mãos, abrindo-o e tirando as moedas.
- Deixa uma com ele — recomendou Planchet.
- Uma? Também tenho família.
- Sei. És um mendigo bem sucedido. Tens uma boa casa, uma mulher que te aguarda sempre ao anoitecer, tens pão, cevada para teus dois cavalos, enfim, nada (e falta).
- E tu necessitas de tudo quanto ganhei?
- E o cavalo?
- Cavalo? Que cavalo?
- O do qual usaste as carnes para fazeres as feridas?
- E era teu, por acaso? O bicho estava morto, no meio da rua.
- Sou senhor da vida e da morte, aqui, não te enganes. Vai, muda tua roupa e chegas cansado em casa, estou até a ver. **1** estou cansado, mulher. Trabalhei tanto...
- E sem dinheiro.
- O de amanhã apenas pagarás o estipulado. Hoje, o tesouro é para o dote de meu sucessor. Vai, e não demores. Queres perder o emprego?

\* \* \* \* \*

A casa de campo do jovem Jean mais parecia um palácio. Encravada em suave colina, totalmente gramada, deslacava-se por suas grandes colunas gregas, que circundavam toda a residência, sustentando a construção, nolidamente no alpendre, flores de variados matizes vicejavam em seu redor, misturando-se às macieiras e parreiras.

- Eis nossa casa, Paulette.
- Que coisa linda! — elogiou ela, embevecida, pondo a cabeça fora da carruagem.
- É, é muito bonita, mas um pouco triste, com a doença da minha mulher. Paulette o mirou, um tanto comovida e perguntou:
- Por que me trouxeste aqui? Não quero servir de estorvo entre ti e tua **1**

mulher.

— É uma longa história, que ficarás sabendo em breve. Mas, espera, estamos chegando.

De fato. Ao barulho da carruagem, alguns serviçais apareceram, solícitos.

- Senhor! — manifestou-se um, à guisa de cumprimento.
- Como vais, Pierre? E a senhora?
- Oh! Senhor, um pouco melhor, mas as crises...
- Entendo—observou o jovem, baixando a cabeça.—Que se pode fazer?
- Vem, senhor. Nós nos encarregaremos de tudo. Esta é a jovem que nos falaste?
- Sim, é Paulette.
- E vosso filho?
- É, Pierre.
- Mon Dieu! Como é lindo! Senhora, deixa-me levá-lo? .
- Levar meu filho?—reagiu Paulette, apertando o pequeno ao seio. —Pierre sorriu.

<sup>9</sup> m Antiga moeda francesa que valia **10** francos.

<sup>10</sup> <sup>00</sup> Antiga moeda francesa de ouro, que valia **20** fi

— Não, não te apoquentes. Vês este? — c apontou Jean — Eu o carreguei ] desde recém-nascido. Só quero levá-lo, e à senhora, para vossos aposentos. Então?

— Está bem, senhor — acedeu, escabreada, Paulette - entregando opequerrucho aos cuidados do idoso Pierre, que o recebeu carinhosamente nos braços. — Ela olhou para Jean que sorria.

—E lu?

—Vai, amor, logo te encontro.

—Vais ver tua mulher?

— Vou, vou, sim. Chamo-te logo em seguida — e para Pierre — Pede às aias que preparem um banho para ela. A poeira da estrada aderiu por demais aos nossos corpos.

-- —Assim será feito.

— E meus cães?

— Saudosos, principalmente...

— Diana — interrompeu Jean.

— Sim, senhor. Às vezes, ela uiva como um lobo, com saudades.

— Ah!

— Solto-a?

— Não, não agora. Vou ver a senhora. E, Pierre, que nada falte aos dois.

— Senhor...

— Sim.

—A senhora dona Suzanne pediu-me que levasse a criança até ela, assim que chegasse. Que faço?

— O que ela pediu, meu amigo. Foi por isso que te antecipaste?

— Perdão, foi.

— Atenda-a e dize-lhe que já estarei com ela.

— Sofres, senhor, eu sei.

Jean pôs a mão no ombro do serviçal e com os olhos cheios de lágrimas, confirmou.

— Tu sabes, ela é quem não me quer.

— Senhor...

— Pierre, mudei de idéia.

— Como?

— Vou ver Diana. Vai, leva a criança, faz como te pedi. Tens a chave do canil?

— Sim, por favor, tira-a do meu bolso.

Jean pegou as chaves. Paulette seguira as aias que logo chegaram e adentrou a mansão. Pierre as seguiu. Jean saiu andando, brincando com a chave, enfiada em uma corrente, pensativo.

\*\*\*\*\*

Ora, onde? Em que lugar? Qual dimensão? Interessa? Em um sítio, irmãos, para onde invariavelmente vamos, após nosso trabalho preso aos grilhões da carne. Para onde eu fui e para onde tu, vós ireis, mas, cuidado, o caminho tanto pode ser fácil, como pedregoso e de difícil acesso e, há vários lugares para os quais iremos, “segundo nossas próprias obras”. Pois bem, como um repórter, permitam-me explicar sobre os dois personagens Jean e Jeanpaul, dois entre tantos que realmente existiram. Bem, essas duas criaturas foram chamadas ao, digamos, Departamento de Reencamação, ao qual acorreram, pressurosos.

— Bem—começou o Diretor—chegou a hora de retomarem um corpo de carne, para mais uma oportunidade.

— Quando partimos? — inquiriu o espírito masculino.

— Imediatamente.

— Serei homem certamente.

— Como não sabes? Já me cansei de ser mulher.

— O espírito 6 sempre o mesmo.

— Não me importa o corpo que eu tenha — manifestou-se a moça **contanto que** não esteja separada dele.

— Muito bem, minha filha. Vossos pais já estão escolhidos. Está perto da **oocasião** do parto.

— Nascemos juntos?

— No mesmo dia.

— E serei homem?

O Diretor deu um sorriso enigmático e respondeu:

— De certa forma, sim.

— Como, de certa forma?

— Tu saberás. Não te é importante estares junto de quem te fez companhia em tantas reencamações?

— Sem dúvida.

— É só. Podeis passar á seção competente.

— Só mais uma pergunta.

— Sim?

— Por que este sono tremendo que nos tem avassalado? E sonhos que, pelo que ela me conta, são parecidíssimos com os meus?

— Não 6 sono, nem sonhos, já estais há muito tempo no útero de vossas mães. Só que *lhes* parecem sonoesonhos, os afagos matemos.

Elas vos querem, estão *felizes por* vos recolher e, por isto, vos mimam, vos dão confiança.

— Escudos Já c cá?

— isto mesmo. *Agora, ide* e, desta vez, aprendei a lição. Deus vos ampare sempre.

Assim, nasceram, Jeanpaul, filho de nobre com uma mendiga e Jean, nome que o insensato *Planchet*, no aia de ter um fi!ho,dcu á menina que veio ao *mun*do. Aí está o “de certa forma, sim”, do Diretor.

Plancha cumpriu e fez cumprir o que queria. Jamais deixou o pseudofilho, como tantos outros de sua idade, mostrar o sexo. Desde seu nascimento, proibiu visitas e sempre deixava a criança com roupas que lhe escondiam tolalmentc *qualquer indício* de seu verdadeiro sexo. Vigia, ele mesmo, todos os movimentos da criança. Só quem sabia da verdade, era ele, a mãe, as *aparadeiras e Boçlwt. li* a menina foi crescendo como homem. Bochet estava só, em casa. E ela aprendia a gostar de viver como homem. Tinha mais liberdade. Suas pernas, também, foram escondidas com pemeiras de couro fino, até quase a virilha. Planchet esmerava-se no trato da filha que queria como filho. Apenas esquecera-se de uma coisa: que tudo que nasce tem que morrer. E ele começou a sentir a proximidade de tal evento. Jean crescera forte como um louro. Claro que sabia de sua condição de mulher, mas para agradar ao pai, obedecia-lhe docemente. E ninguém desconfiava. Manejava a espada como qualquer espadachim da época. Com suas calças de pele fina, blusa de mangas folgadas até o antebraço, com o colete por baixo, que lhe



escondia os seios juvenis, tudo a fazia parecer do sexo masculino. Um dia, chamou a filha, sentado em sua cadeira preferida, roubada a um vendedor de móveis, e comunicou-lhe:

— Jean, já não posso mais acompanhar-te pelas ruas, estou cada vez mais fraco e doente. É a idade, filho.

— Ora, pai, e por que o deverias fazer? Eu provejo tudo.

— Sei, sei, és forte, és másculo, embora sejas uma moça.

— ?Pai...

— Espera. Deixa-me falar. Tua mãe, também está velha, não pode tratar de ti como antes. Bochet, já viste, anda até a falar sozinho.

— Não importa, pai. Eu tomo conta de ti, de minha mãe e do tio Bochet. Filha...

— Filha?

— Estamos sós, Jean.

— Então...

— Creio ter cometido o maior erro do mundo, quando escondi teu sexo. Foi uma grande asneira e o orgulho ferido por só ter posto no mundo, filhas!

— Pai, sou mulher, pelo menos para ti.

— Sim, querida, só para mim, disseste-o bem. Contudo, chegará o dia em que necessitarás ter contato com um homem. É natural, é da vida.

— Não te preocupes, pai — e beijou a mão do desolado Planchet.

— Vou reunir todos e contar a verdade.

— Não, por favor, paizinho.

— Não quero deixar-te esta herança de uma mentira que eu, loucamente, engendrei. Vou livrar-te desse imenso encargo.

— Não, não quero! — bradou ela. — Se morreres, pai, eu serei o Rei dos Mendigos.

— Não, filha, mereces muito mais que isto. A França cresce, vês quantos artistas e homens de letras Franciscotrouxe para nós? Tenho um amigo que te educará.

— Pai, não faças isto. Toda a comunidade do Pátio te respeita; nos **subterrâneos, também**. Contar agora o que acontece, só te vai prejudicar. Deixa **que eu mesma faça** isto, **um** dia.

— E vão execrar a minha memória.

— **Não, não**, porque eu saberei como fazer; não reunas o Conselho.

**Planchet** fez um gesto vago com as mãos e retrucou:

— **Bem**, no entanto, procuras o amigo de quem te falei?

— Para educar-me?

— **Sim**.

— E quem é?

— O doutor Girardan.

— **O bruxo?**

— Não é nenhum bruxo, Jean. É um homem muito bom e que nos trata as doenças e os ferimentos sem nada perguntar.

— Está bem, eu o procurarei.

— Ótimo. Diz-lhe que és meu filho e que te mandei a estudar com ele — e olhando sério o semblante juvenil e preocupado da mocinha

— Não me decepciones, Jean.

— Não o farei, pai, prometo.

\* \* \* \* \*

Jeanpaul crescera cercado do carinho dos pais. Voltemos alguns anos, até o momento em que chegaram à residência dos Luzardos. Enquanto Jean se dirigia ao canil, o lacaio, como ordenado, levou a criança ao quarto em que guardava o leito D. Suzanne. Bateu discretamente na enorme e artística porta. Esta foi aberta e uma aia apareceu:

— *Oh! Pierre!* — e dando de olhos com a criança: — Que lindo! Dá-me, levo-a à senhora.

— E dize-lhe que o senhor Jean logo estará aqui.

— Espera, Pierre. Vou saber se d. Suzanne quer algo — e levou o bebê, voltando em seguida. — D. Suzanne pede para que a mãe da criança venha até ela.

— Darei o recado, Anne — e saiu.

Paulette fora levada a um grande aposento, onde tomou um banho, vestindo roupas que nunca tivera. Duas criadas a ajudaram. Mirando-se no imenso espelho, enquanto era penteada, admirada com a mudança, ouviu uma das aias dizer:

— És muito bonita, senhora.

— Senhora? Eu?

Jamais fora tratada assim. Morena, cabelos castanhos claros, grandes olhos em um rosto oval, lábios carnudos e sensuais, conjunto que encimava um corpo esguio, medindo 1,70m. Efetivamente, era muito bonita. Bateram à porta. Uma das criadas foi atender, retomando em seguida.

— Recado para a senhora.

— De quem?

— D. Suzanne. Quer que vás aos aposentos dela.

— Eu? — e Paulette pôs a mão no seio — Sozinha?

A criada sorriu.

— Sim. D. Suzanne não morde.

— Mas...

— A senhora estava sendo esperada.

— E Jean?

— Certamente, irá em seguida.

— Mon Dieu!<sup>11</sup>

— Vamos, senhora. Eu a conduzo. Estás linda. Isto agrada dona Suzanne. Chamo-me Bella. Não tenhas receios.

— E meu filho?

— Está com ela.

— Deus!

— Ela adora crianças. Nunca pôde ter uma.

— E quer o meu? — indagou preocupada.

— Não, não. Não te preocupes. A senhora sabe tudo sobre ti.

— Sabe tudo? — espantou-se Paulette.

— Vamos, senhora, vamos. Ela mesma te porá a par de tudo.

— Deus, eu sou apenas uma amante do marido dela e me trata assim tão bem? — pensava ela. — Em todo o caso, vou levar meu punhal.

<sup>11</sup> «Meu Deus.

Sabe-se lá!

Pretextando qualquer coisa, voltou ao aparador e apanhou o punhal, longo e fino que sempre trazia' no cós da saia e o pôs no mesmo lugar. Afinal, Paulette era uma mendiga do Pátio dos Milagres e levava toda a vida defendendo-se. Não matara, mas, para defender-se o faria e sem receios. Seguiu a serviçal até os luxuosos aposentos da senhora daquela casa. Medrosa, mas com a mente no punhal que levava e afeita a tantas vicissitudes e perigos por que passava diariamente, adentrou o cômodo.

O cheiro de remédios assomou às suas narinas. Na enorme cama, recostada em almofadas, estava d. Suzanne. Em seus braços, a criança. Paulette parou junto ao leito. A mulher fez um gesto com a mão, mandando sair as aias. A recém-chegada, olhos fixos naquela mulher no leito. Sozinha, que mal lhe poderia fazer, tão frágil?

— Senhora — tartamudeou ela — sou Paulette, mãe desta criança.

— Eu sei, minha querida—disse a enferma.—Vem, senta-te aqui na cama, ao meu lado. Vês? Teu filho donne. Conversemos.

Paulette relutou.

— Vem, não tenhas receio. O que tenho não é nenhum mal contagioso. Senta-te. Dá-me tua mão.

Ainda relutante, a moça estendeu a mão e deixou-se conduzir ao leito, sentando-se no local indicado. A doente pôs ao lado carinhosamente a criança adormecida e virando-se para a jovem confessou:

— Eu queria tanto ter uma assim...

— E por que não tens? És tão jovem, dona Suzanne.

— Ah! Querida — e lágrimas desceram de seus olhos.

— Choras?

— Não te inquietes, isto passa. É que não posso ter filhos. Pareço-te jovem, realmente o sou, todavia, uma inválida, não me posso locomover, os membros inferiores não obedecem.

— Parálitica, senhora?

— Sim, sim.

— Oh! Deus!

— Sabes que não é tão mal assim?

— Como não? Viver imobilizada, sem condições de sair, correr, mon tari Como não é tão mal assim?

— Deus sabe o que faz, menina. Aqui deitada, entrego-me à meditação, com possibilidades mil de estabelecer critérios para melhor amparar as pessoas que de mim necessitam. Entretanto, não permanecerei nesta cama por muito tempo. ' — Ah! Sei, voltarás a andar.

Suzanne sorriu e deu um tapinha nas costas da mão de Paulette e considerou:

— De certa forma, sim.

— Senhora, és a esposa de Jean. Por que permites que eu fique aqui? Presumo, sabes de tudo.

— Sei, sim, e alegro-me com isto.

— Não compreendo.

— Entendo. Chamei-te aqui para te pôr a par de tudo.

— Falas, senhora, como se já me conhecesses.

— E conheço, querida.

- — Eu, uma mendiga dos esgotos de Paris? Do Pátio dos Milagres? Como?

Suzanne voltou a sorrir mas, desta vez, desviando o olhar para o bebe que dormia. Assim, contemplando-o, declarou:

— Há muitos anos, Paulette, eu te fiz um grande mal.

— A mim, senhora? Não tenho senão 23 anos. Que eu me lembre, jamais alguém me fez mal. Só a vida.

— Isto pensas. És simples. E o Criador de tudo, adora os simples. Tanto que os faz esquecer as chicotadas que receberam em outra vida.

Paulette, cm sua total ingenuidade, não atinava com nada do que dona Suzanne lhe transmitia.

— Nunca tomei chicotadas, senhora e, disseste, outra vida? Não tive outra, pois nunca afastei-me muito dos subterrâneos, a não ser até a igreja.

— Onde conheceu meu marido.

— Sim, foi. Mas, eu não sabia ser ele um homem casado. E, eu o queria roubar. Mas, depois...

— Tudo já estava previsto, Paulette. Não é necessário que fiques assim tão corada.

— Mas, senhora, Jean é teu marido, acolhes-me com meu filho, que é dele, e não me mandas prender, ou matar? E me tratas com tanta benevolência, senhora!

— Espera. Contar-ie-ei tudo. Eis que chega Jean. À noitinha, explicar-te- ci tudo.

O dono da casa entrou, aproximou-se do leito e beijou a esposa no rosto.

— Como tens passado, Suzanne?

— Bem, meu querido, bem. E melhor agora que conheci Paulette.

Pela fisionomia de Jean, via-se que ele não aprovava as atitudes da esposa. Sentia-se culpado. A amante e a cónjuge juntas? A cena feria-lhe os brios.

— Já viu tua querida, Jean? — inquiriu ela, sorrindo, com os olhos brilhantes.

— Iein? Como? — reagiu ele, tomando-se sério.

— Calma, falo de Diana.

— Ah! ele sorriu — Sim, sim, está muito bonita.

— E sente tua falta.

— É verdade. E agora tenho que conseguir um marido para ela. Está no cio.

— O visconde, nosso vizinho.

— Sei. Tem um cão da raça. Vou conversar com ele a respeito.

Paulette, constringida, ouvia aquela conversa, sentindo-se deslocada.

Notando, Suzanne segurou-lhe a mão, informando:

— Ele é doido pela cadela.

— Diana?

• — Sim. Conheceste-a?

— Não, senhora. É nome de mulher, não?

— Sim, e de uma deusa também. Diana, a caçadora. Vais gostar dela. Vez por outra, ela entra aqui. É um Deus nos acuda—salta para a cama, lambe-me o rosto, depois deita a cabeçorra em meu peito e, para tirá-la, dá o maior trabalho. Rosna para todos. Às vezes, penso que nós não a temos, ela é quem nos tem. Só Pierre consegue fazê-la obedecer. Gostas de cães?— Muito, senhora. Já tive alguns.

— Ótimo. Ela vai adorar conhecer-te. Bem, Paulette, à noitinha, como já disse, após jantarmos, voltaremos a conversar. Vou relatar-te algo que te fará compreender nossa inusitada situação. Toma teu filho. A estas horas já está tudo preparado no quarto que te foi destinado. E Maria, uma de nossas aias, estará de agora em diante a teu serviço. Agora, vai, minha querida. Espero-te, à noite..

Paulette recebeu das mãos da senhora a criança, olhou para Jean e saiu, sendo, fora do quarto, acompanhada pela aia que a esperava. Sós com

a esposa, ' Jean pegou-lhe nas mãos e, com ar melancólico, falou:

— Suzanne, por que tudo isto? Em nada me agrada.

— Não te apoquentes, meu querido. Sabes sobre as razões e não te j acostumaste, ainda? Tem que ser assim.

—É uma situação delicada. Uma esposa atirando o marido para os braços de outra.

— Prometeste ajudar-me. Fui franca contigo.

— Mas, só por causa de sonhos?

— Não só sonhos.

— Comunicação com os mortos? E se isto tudo for simplesmente oriundo de teu estado de saúde?

— Alucinações? Não, não, Jean. Fica certo disto.

— E vais contar tudo a ela.

— Sim, é preciso, querido. Porque só depois, estarei livre.

— Mas, eu te amo, Suzanne.

— Sei. Todavia, não me pertences.

— Vivíamos tão bem até esse maldito acidente. Quando nos casamos foi para vivermos juntos para sempre. É uma situação profundamente constrangedora.

— Afinal, não gostas dela?

— Claro, gosto, mas...

— Tem calma. Breve, ela será tua esposa. Já é mãe de teu filho.

— E se tudo quanto pensas não passar de uma quimera?

— Não, querido, não é. Teu filho é um atestado de que não se trata de uma ilusão.

—E porque eudenadame lembro? Não dizes que eu também estava “lá”?

— Sim, estavas, e sem dar-te conta, foste o pomo da discórdia.

— Vejam só! Uma vida anterior a esta! Às vezes, ages como um doutor Girardan de saias.

— É um bom homem, muito meu amigo. E ele sabe tudo sobre nós.

— Um bruxo é o que ele é.

Suzanne sorriu.

— Não, não é.

— Pelo que ouvi na Corte, Margarida, a irmã do rei, não o tem em boa conta.

— Meu querido—e segurou-lhe mais fortemente as mãos—há um segredo. Não do doutor Girardan, mas dela. Por favor, querido, não te intrometas neste assunto. Sê como tu és e sempre foste. Vai, agora, querido, tira esta poeira, deixa-me só com minhas serviçais. Tu não gostarias de ver tua mulher sendo carregada, posta em uma banheira, lavada, enxugada, vestida e posta na cama.

— Suzanne, subestima-me? Pedi-te para fazer tudo isto. Recusaste e agora que faço? Pouco se me dá o que esteja acontecendo, meu amor. Eu, teu esposo, tenho obrigação de tudo fazer.

— Vai, à noitinha, nos encontraremos. Vai, por favor.

E o rapaz saiu.

Ao crepúsculo, voltaram a se reunir. Jean, a pedido da esposa, conduzia Paulette ao quarto. Suzanne recostava-se em confortáveis almofadas. Vestia um penhoar diáfano, de mangas largas. Cabelos soltos, caindo-lhe pelos ombros e suas faces estavam rosadas, graças aos cosméticos aplicados por suas aias. Ela já era bonita e a maquiagem mais lhe realçava a beleza.

— Estás linda, senhora — adiantou-se Paulette, à guisa de cumprimento. Suzanne esboçou leve sorriso.

— Sentai-vos — convidou ela, indicando duas poltronas, que mandara colocar ao lado da cama.

As aias serviram-lhes chá com torradas. Comeram em silêncio. Ao fim, Suzanne começou, com voz calma:

— Bem, vamos dar início à nossa conversa. Aviso que o quanto ireis ouvir é a mais pura verdade. Em especial a ti, Paulette, já que Jean tem ciência do assunto.

— Sentes bem, querida?

— Oh! Sim, muito bem, não te incomodes. Apenas ouve, mon chéri. Je t\* aime.<sup>12</sup>

Jean, apenas, abaixou a cabeça. Sinal de que a esposa podia prosseguir. — Bem—reiniciou ela, pigarreando para limpar as cordas vocais.— Tudo começou há não sei se milênios. Era uma vila nórdica. Grandes barcos, homens com peles de elefante marinho e lontra. Fazia um frio tremendo, eis porque assim se vestiam. As casas construídas com grossos troncos de árvores, presos uns aos outros por possantes cordas, não tinham pavimento, nem divisão. O mobiliário consistia de catres, feitos de madeira cujas extremidades acabavam em um X, linhadas com tiras de couro, onde as peles felpudas dos animais faziam de colchões. Lá, nesse cenário, estava eu—e ela bateu no peito.—Eu, entendestes? Eu, que adorava Sven, um dos maiores navegadores e grande caçador. Contudo, Sven não tinha olhos para mim. Só queria tu — e apontou para Paulette — só tu!

— Eu, senhora? — e a moça, com ar de intensa perplexidade, pôs as duas mãos no peito.—Como, eu? Nunca saí do Pátio dos Milagres— reagi chorosa. — Deves estar enganada, senhora. Não fui eu, e nem sei quem é esse Sven.

— Ah! Mas vais saber. Tem calma, ouve o que digo, tão só, e nada receies. Não te quero mal. — Chamavas-te Mira. Loura, csbelta, trajando aquelas roupas de pele de urso que lhe deixavam à mostra as coxas, eras a preferida dele

, — e apontou para o marido. Sven era ele. Tentei de todas as formas seduzí-lo, para que ele ficasse comigo. Afinal, eu era a filha do homem que tinha mais; barcos, o pai Holff. O mais rico. Todos os rapazes requestavam-me, menos Sven. Ele era pobre, apenas mais um na tripulação dc um barco de meu pai.?, Casando-sc comigo ficaria rico, teria sua frota, mas só queria a ti. te- Senhora — intercalou Paulette, como se estivesse vivendo o drama —H eu não tive culpa.

— Não fales, apenas ouve. Isso tudo aconteceu cm uma vida anterior a esta, moça. Aproveitei da minha condição de filha do chefe de clã para alcançar os meus propósitos. Tu eras minha amiga, sem suspeitar que cu desejava Sven. Pensavas que te queria ajudar e que a minha posição facilitaria conseguir melhor cargo para teu noivo. Todavia, cu só queria separar-te dele — soluçou forte, tirando detrás das almofadas um lenço, que levou à boca.

— Sentes-te mal, querida? — indagou Jean, dcbruçando-sc sobre ela.

— Não, não te preocupes — e para a aia — acende mais um lampião. Está escuro\* ^- e continuou — arquitetei um plano para me ver livre dc ti. Pscávamos, às vezes, no inverno, quando o frio se fazia intenso, cobrindo todo o lago com uma capa dc gelo. Eu sabia a região onde o gelo era mais espesso, sustentando o peso de uma pessoa. Tu, Sven, com outros homens, cortavam lenha para abastecer nossas fogueiras naquelas noites geladas. Levei-te, então para o lugar cm que a capa de gelo era a mais tenue possível c a fiz cair naquela água gelada, cuja finíssima cobertura abateu-se a teus pós. Contemplei-te agarrada à borda, olhando-me apavorada, pensando que eu iria ajudar-te. No entanto, virei as costas e retomei á vila, entrei cm casa c lá liquei.

Pescadores, algumas horas após, cncontranun Mira deitada na borda do gelo, ainda com as pernas mergulhadas na água gelada. Conduziram-na para a vila, onde foram-lhe aplicadas massagens, caldo quente, enfim, para tudo apelaram, em vão, pois seus membros inferiores não reagiram. Instada a contar sobre o sucedido, somente relatou que nos tínhamos .separado e, que, quando retomei julgava tivesse ela regressado.

<sup>12</sup> (2) Meu querido. Amo-te.

Não me incriminou. Levada, às pressas.

à cidade, com Sven fazendo correr, além do limite, os cavalos, nada pôde ser feito e amputaram-lhe as duas pernas. E eu vibrei com o fato. Como agora Sven a iria querer? Para quê? Ah! Agora ele seria meu. Ledo engano!

Mira, teu sofrimento, parece ter alentado muito mais o amor que ele te devotava. Mesmo assim, casou-se contigo! Pedi para morrer. No entanto, as mazelas oriundas da operação fizeram o que eu não conseguira. Seis meses após, houve o teu funeral. Exultei. E tratei de conquistar o meu Sven. Mimosei-lhe tanto que acabou casando-se comigo. Que felicidade para mim o ter como marido! Entretanto, para ele, eu era apenas a esposa, e seu pensamento era para ti. Quantas vezes, o ouvi pronunciar teu nome, mesmo a sós, no maior devaneio?

— Dona Suzanne, como podes ter certeza disto — inquiriu Paulette, com lágrimas nos olhos.

—É verdade, Suzanne — interferiu Jean.—Vamos esquecer tudo isso. Vê se dormes.

—Não, mes amis,<sup>13</sup> ainda não terminei. Espera. Tivemos um filhinho que encheu de alegria nossa casa mas, por pouco tempo. Aos três anos, sem causa aparente, caiu doente e todos nossos esforços para curá-lo foram inúteis. Ele faleceu. Desesperada, rebelei-me contra os deuses, pondo neles a culpa da minha desdita. Por certo, seria vingança pelo que eu tinha feito a ti. Fui definhando e, um dia, não suportando mais a dor e o remorso, ingeri uma beberagem que me tirou a vida. Como sofri do outro lado da existência! Estive em lugares tenebrosos, até que fui retirada e levada a um hospital, onde me curaram as mazelas. Ali, foi que Sven e Mira foram visitar-me. Ela estava completa, não lhe faltavam as pernas que eu, em minha sandice, a tinha feito perder. Ela sorria para mim, tratando-me de irmã. Atirei-me a seus pés, sinceramente arrependida, pedindo-lhe perdão e prometendo retomar ao corpo físico e tudo fazer para os reunir novamente. Assim, eu resgataria a dívida que contraíra com ambos, restituindo-lhes a felicidade que lhes roubara.

— E, voltamos. O doutor Girardan ajudou-me a encontrar-vos. Casamo-nos. E quando completei a idade que Mira tinha quando perdeu as pernas, houve o acidente que me fez ficar paraplégica. A montaria descontrolou-se, fazendo-me cair, fraturando a coluna vertebral. Sofri muito, mas estava feliz, pois eu mesma solicitara aquela forma de me redimir. Tinha que sofrer toda a desdita que fizera Mira passar. Estou contente e agradecida a Deus por ter-me facultado esta oportunidade.

—Quando o querido doutor Girardan deu-me a notícia que estavas encarnada e naquele lugar horrível, instei com Jean para que te procurasse. Eu sabia que de certa forma, a lembrança viria às vossas mentes, em clima de simpatia mútua e unir-vos-íeis.

— **Meu Deus, que história!** — exclamou Paulette.

— **A veracidade dos fatos que vos relatei, o doutor Girardan tem meios de os provar aos dois. Peço-vos que o procureis um dia.**

—**Minha querida—disse Jean.—Está tudo muito bem. Nós procuraremos o bom doutor. Esforçaste-te demais. Deves descansar.**

— **Assim farei. Meus queridos, atentai para a Providência Divina. Encon-traste-vos, tendes um filhinho, que eu adoro, como aquele que há tanto tempoperdi. E ficai certos, Deus não é vingativo, jamais o foi. Nós, para consertar | nossos erros somos quem solicitam a maneira de pagar. Ele não intervém. Não nos deu discernimento entre o bem e o mal? O resto, é conosco. Sentimos tanta | vergonha diante de Sua Imagem, que pedimos aprova. O Filho Dele não sofreu?Por que não nós? E como sofreu! “Pai, afasta de mim este cálice” — chegou 4 Ele a dizer, pois que era humano, mas logo voltou a entender. E morreu na ' ignominiosa cruz, pensando em nos salvar. — Segurou as mãos dos dois e j continuou — Nada, meus amores, é injusto sob os céus. Pensai nisto. Paulette, ' cuida bem de teu filho. Em breve, ele encontrar-se-á com umajovem. Têm eles, também de caminhar juntos para aprender. Buscai o doutor Girardan—e para**

**o marido, banhado em lágrimas — Jean, fomos felizes, não fomos?**

— **Claro, querida, claro.**

— **Amo-te por jamais te queixares. Isto já foi um sinal da verdade que vos , contei. Perdoa-me?**

— Oh! Suzanne...

— Não chores. Lembra-te daquele carvalho, lá no fim da nossa propriedade?

— Sei, onde estão as nossas iniciais, feitas por mim.

— Quero que meu corpo seja enterrado entre suas raízes.

— Suzanne...

—Senhora...—acompanhou Paulette.—Mas, a um sinal da doente, ambos ( calaram-se.

— Pouco importa o corpo — continuou ela, serena — pode ser enterrado aqui, ali, ou alhures. Todavia, nós que 0 animamos, por trazer-nos recordações boas e uma saudade que nos prende ao lugar onde ficaram tantos entes queridos. Depois, deixa de nos interessar, uma vez que, estudando na escola da vida,vamos aprendendo tanto, que um dia já estamos tão longe. Em outra 'morada ' do Criador, que aqueles sentimentos mundanos, da nossa crosta terrestre, / desvanecem-se. Contudo, continuaremos a lembrar daqueles que nos foram íntimos e quiçá, guiá-los. Deus seja louvado!

— Dorme, minha querida — aconselhou Jean, ajeitando as almofadas.

— Vai, querido, dá educação a teu Filho. Procura doutor Girardan. B tu, Paulette, Mira, faze-o feliz. Adeus.

— Adeus? — a voz de Jean soou consternada.

— Até o amanhã, querido — c levantando a mão, acariciou-lhe o rosto, —• I,cmbra-te do carvalho. Deixai-me com minhas aias. Ide, tendes muito a conversar, eu sei.

Jean beijou-a na testa. Paulette, as mãos.

— Beija teu filho por mim.

— Sc queres, trago-o para que possas faze-lo.

— Não, minha querida. O pequeno dorme, c eu, também, vou dormir.

Saíram. Na imensa sala, Jean, com a mão direita na testa, cismou:

— Por que ela despediu-se com a frase “até o amanhã”. Não entendi.

— Jean, quem menos entende aqui, sou cu'~ retrucou Paulette. — Jamais ouvi ou vi algo assim. liu, uma mendiga, sabes?

— O que, Paulette?

— Quantos narizes, lábios e feridas sanguinolentas tenho na bolsa?

— Ora, Paulette...

— A bolsa, não me deixaste trazer, mas meus instrumentos de trabalho lá estão.

— Porque isto?^í- rugiu Jean, segurando-a pelos ombros.—I istás aqui, em paz e segurança. Pára de lem braro passado, enterra teus narizes, lábios, orelhas, feridas,, sei lá mais que.intendeste?

—istás me machucando — grilou ela.

—^Perdão®- desculpou-se ele, soltando-a. — Mas, pensa bem, nota a diferença do lugar onde vi vias para este.

— Noto... notei de logo. ( !omo posso acostumar-me de um dia para outro? Sinto falta de minha gente, de minhas amizades, até do roubo. Que posso lazer em meio a tal transformação? li, ainda mais esta história de tua esposa. ( !omo queres que eu reaja?

Paulette—e Jean abraçou-á—desculpa. Andemos um pouco, creio que temos muito a conversar — deu o braço à jovem e saíram da casa, para o bem cuidcido jardim.

— Conheces-me como Mira?

— Não estou bem certo.

<sup>13</sup> 0P Meus amigos.

Não estás bem certo, como?

^E— Paulette, a minha formação foi um tanto, digamos, radical. Os santos, o papa, o colégio católico, mas, claro, tínhamos o direito de sonhar, não sonhos fugazes, como os tem todos, mas, algo que, por muito repelir-se, deixa-nos alguma impressão e, lá, bem longe do meu pensamento, lembro-me de alguém.

— Alguém?

É, sentemo-nos naquele banco. Alguém que poderia ter sido tu. Confesso que toda a história de Suzanne, faz-me lembrar... contudo, não consigo precisar de quem. Se tu lembrasses de algo, quem sabe, juntos não poderíamos armar esse ‘quebra-cabeças’?

— Sabes, Jean...

— Sim?

— Quando te aproximaste de mim, mostrando-te tão caridoso e também carinhoso, eu te quis roubar.

—Lembro-me. Tinhas, então, um nariz “comido por bichos”, do lado esquerdo. Ela sorriu.

— Sim, foi. Sabes, é a nossa arma para comover os passantes.

— Sei, sei. No Pátio do Milagres, há milagres todos os dias.

—É verdade. Mas, foi na Catedral de Nossa Senhora de Paris, na escadaria,

e eu não consegui roubar-te nada, muito embora minha mão segurasse tua bolsa repleta de moedas. Por quê? Vi em teus olhos tanta meiguice e uma como transmissão de afeto, amor, que me impediram de concluir o que sempre fazia. Pensando nisto, agora, Jean, acredito no que dona Suzanne falou. Há, de fato, algo que nos prende, que nos une. Mas, mon chéri, eu não queria que fosse assim. Ser amante de um nobre, está certo. Mas, ser ‘a outra’, com a permissão da esposa, isto muito me toca. Ela é linda, coitada, e não merece isto. Mas, Jean, é ela quem quer, toda aquela história, tão sincera. Oh! Jean, ajuda-me — e abraçou o rapaz que a apertou nos braços, fazendo-a encostar a cabeça em seu peito, acariciando seus cabelos.

—Tens razão. Temos que procurar o doutor Girardan. Ele parece ser a chave para todo esse mistério.

— Jean...

— Dize, mon amour.

—Não devemos nos tocar, sabes, tenho verdadeiro respeito por tua esposa. Sinto-me como se a tivesse traindo e ela não merece isto. Faz-me este favor?

— Paulette, Paulette, sabes que também penso o mesmo?

Sei, tenho certeza.

— Pois, podes ter também certeza de que agora sei que te amo muito mais ainda — e beijou a testa da jovem.

Dona Suzanne entregou a alma ao Criador duas semanas depois. Partiu sorrindo para o marido e Paulette, sem o mínimo sofrimento. Parecia (e era) que estava alegre por deixar este “vale de lágrimas”, em busca de melhores plagas. Jean cumpriu a sua última vontade—deitou-a à sombra do majestoso carvalho, fincando uma cruz que ele mesmo fez com a madeira da gigantesca árvore. E, após sentida e dorida oração, acompanhado tão-somente pelos serviçais da casa, a ela retomaram.

—Coitadinha — manifestou-se Paulette, rosto afogueado e molhado de lágrimas — Jean a abraçou.

— Coitadinha não, querida.

— Digo-o por saber o quanto sofreu e eu, meu querido, não valho tanto.

— Paulette... — e ele a apertou fortemente.

—Senhor — acercou-se Pierre, estendendo para o patrão um cálice. — Toma. É um conhaque quente. Estás a precisar.—Jean recebeu o cálice, olhou o velho aio, dizendo:

— Obrigado, Pierre. Toma um também. Como eu, sei que necessitas.

— Deus a tenha, senhor — balbuciou.

— Ela está feliz, Pierre.

—É verdade e ela sempre te quis, senhor e disseste-me que ela não te queria!

— Pierre...

— Pardon, m' sieur.

— Oui, eu disse, sim, mas, já não penso desse modo.

—Eu sei. Ela me confiou muitas coisas. Que faço agora?—e enxugou as lágrimas que lhe desciam copiosas sobre o rosto enrugado.

— És meu amigo. Sempre ficarás conosco, tu e todos.

—Ela nos instruiu, ontem, no banho — interferiu Maria — que não houvesse solução de continuidade. Que a patroa seria agora dona Paulette e que a servíssemos como a ela e assim será feito, senhora — e curvou-se em uma reverência, segurando a mão de Paulette, beijando-a. A moça, surpresa, ante aquela prova súbita de submissão, puxou a mão, segurou a serviçal pelos ombros, e chorando, ambas abraçaram-se.

—Será, minha querida, tudo como se ela aqui estivesse — falou — nada vai mudar. Inclusive os aposentos em que ela vivia, que, faço questão, continue como está. Como se ela lá estivesse. Será um santuário, onde iremos para orar. Não quero que nada que foi dela seja removido. E quero-o alegre, com flores, tudo arrumado.

— Assim será, senhora.

\* \* \* \* \*

Isto foi o que aconteceu. Mas, dizíamos que a jovem Jean fora entregue, para ser educada, ao boníssimo Dr. Girardan. Então...

## Capítulo III “BRUXO”

Jean, a filha de Planchet, o Rei dos Mendigos, apresentou-se ao Dr. Girardan. A rua Saint Germain, na periferia da cidade, era pobre, de casas simples e calçada de pedras irregulares. Iluminada à noite por parques lampiões que mal clareavam o lugar. Ali residiam operários, gente do povo que trabalhavam em suas oficinas, ferrarias etc. Nessa rua, em uma casa de tijolos vermelhos, com uma porta e uma janela, em cuja parede uma tabuleta indicava —Dr. Girardan—Médico, o ‘nosso’ Jean bateu, com a grande argola de ferro presa à porta. Não demorou muito e esta foi aberta apenas o suficiente para dar passagem a uma cabeça redonda, completamente desprovida de cabelos.

— Que deseja? — ressoou uma voz estrondosa, assustando a jovem.

— Perdão, venho da parte de Planchet, procurar o Dr. Girardan.

Planchet?

— Sim, o Rei dos Mendigos.

— Ah! Sim, sim. Ele te espera, jovem. Entra.

Jean atendeu, meio desconfiado. Aguardou que o rechonchudo homem manuseasse trancas e correntes que guarneciam a porta e seguiu, andando por um comprido corredor que partia da sala até uma porta aberta.

— Senhor doutor! — chamou o homem, ouvindo-se do interior a resposta:

— Oui, Lenoir, que queres?

— A visita que esperavas.

O médico saiu do cômodo em que estava. Trazia um avental amarrado à cintura, sujo, naturalmente, por substâncias químicas. Jean olhou aquela figura magra, alta, cujos ossos da face se projetavam dela, salientes, pormenor abrandado pelos olhos brilhantes, expressando imensa

bondade.

— Oh! Jovem, és o filho do amigo Planchet, sem dúvida.

— Oui, m' sieur.

— Hum! Lenoir, por favor, traze para nós uma caneca de refresco.

— Sim, doutor — e o homem afastou-se. — O médico pôs-se a examinar com o olliar o 'rapazinho', que, desconfiado e arredio, não o encarava. Girardan sorriu. Sua basta cabeleira negra, atirada para trás, era presa com uma argola de couro. Pôs a mão no ombro do visitante.

— Como vais, minha jovem?

Hein? — e Jean deu um passo atrás. — Senhor, sou um homem.

— Ah! Um homem com seios quase totalmente desenvolvidos e prestes a ter a primeira menstruação! Muito bem... se já não a tiveste.

— Senhor...

— Acalma-te, mocinha. Teu segredo será meu também.

Ela, embaraçada, um tanto envergonhada, indagou:

— Meu pai te contou tudo?

— Vem, vem, meu jovem amigo, vamos até a sala, onde conversaremos melhor. No entanto, fica sabendo, teu pai nada me contou. Apenas, pediu-me para ser teu preceptor.

— E como ficaste sabendo?

O médico sorriu.

— Meus amigos, que não vês, contaram-me tudo. Portanto, tenha confiança em mim, eu não te traiçoarei.

Chegados à sala simples, com singelos móveis — uma mesa, algumas cadeiras e um grande armário encostado à parede, fez a mocinha sentar-se. O atarracado, mas simpático Lenoir, voltou com copos e uma jarra em uma bandeja que depositou na mesa.

— Obrigado, Lenoir.

— Se necessitar, chama, doutor.

— Oui, — e voltando-se para Jean, enquanto enchia um dos copos com o líquido avermelhado.

— Suco de framboesa. Gostas?

— Sim, senhor.

Já servidos, ele continuou:

— Vejo que trazes uma bela espada à cintura.

— É, foi meu tio Bochet quem me deu.

— E sei que sabes usá-la pelas ranhuras na bainha, já a sacaste algumas vezes.

— É verdade. Precisei defender-me.

— Mas, não mataste ninguém.

— Não, senhor, ainda não.

— Ainda não? E pretendes?

Ela atirou o chapéu para as costas, preso ao pescoço por fina tira de couro, deixando ver sua cabeça ornada com longos cabelos negros, aparados pouco abaixo da nuca, como eram usados pelos jovens da época. Seus grandes e luzidios olhos castanhos eram encimados por sobrancelhas pouco espessas e grandes cílios. Alçado sobre lábios e queixo bem delineados, um narizinho gracioso, um pouco arrebitado, denotando rebeldia e coragem. Trajava blusa branca de mangas folgadas até os pulsos, um colete de couro negro amarrado com cordões trançados entre ilhoses de metal brilhante. Calças negras de couro bem suave, ligadas às pernas, adentrando botas que lhe iam até quase os joelhos, dobrando-se, aí, para fora. Um largo cinto sustentava a espada, simples mas, muito bonita.

— Quando se luta, doutor, só se pensa em sobreviver. Se, para tanto, for necessário matar o oponente, que seja ele, não eu.

O doutor esboçou um leve sorriso.

— Compreendo. Para defender a vida, ou de terceiros, isto é permitido.

— C\* est ainsi.<sup>14</sup>

— Votre père pede-me que seja teu preceptor.<sup>15</sup>

— Oui, mon précepteur, se vous accepter.<sup>16</sup>

— Oh! Avec plaisir, mademoiselle.<sup>17</sup>

— Mademoiselle?

— Pardon... rapaz.<sup>18</sup>

— Assim é melhor.

O doutor Girardan divertia-se intimamente, contemplando aquela belíssima jovem transformada em rapaz.

— Sabes ler?

— Pouco, não tive tempo para estudar.

— Escreves?

— Da mesma forma que leio.

— Não tiveste tempo? Por quê? Que fazes?

— Ajudo meus pais e a coletividade do Pátio dos Milagres.

— Sim, sim—o médico cruzou os dedos das mãos—e essa ajuda consiste em quê?

— Bem, às vezes, roubo, ou dou cobertura aos amigos, quando existe perigo.

— Sei, sei. E também usas aquelas horrendas feridas?

— Não, aquilo é para profissionais e eu não gosto.

E de que mais gostas?

— Bem — e ela cruzou os braços — subir pelas trepadeiras até um balcão, ou uma janela, penetrar em um quarto e servir-me de jóias.

— Jean—avisou o médico em tom grave — para essas coisas não te posso ajudar. São tarefas que dispensam o estudo. Que faremos?

— Eu o disse a mon père, mas ele insistiu, sabes, está velho, doente.

— li quer algo melhor para li.

— Ao-ver dele, sim. B—i tu, não queres?

— Pouco me importaria\* mas, pensando hem\* sabendo ler corrlamcnlc, até ajuda. Posso ler os éditais do reino, alguns documentos secretos...

— Que te informem para onde estão transferindo moedas...

— Oui.

— **Jean...**

— Sim ?

— Já quanto tempo não tiras este colete?

— Ela encarou o doutor séria.

— Por quê?

— Sou médico, menina, e posso notar que, pelo tão apertado o usas, as veias de teu pescoço estão intumescidas e isto é mau.

— Ora...

, — Ora? — Se queres continuar nesta tua vida de enganos e de enganar, tens que te cuidar. Vem cá — e levantou-se, estendendo o braço

<sup>14</sup> <14> Assim é.

<sup>15</sup> (5) Vosso pai.

<sup>16</sup> <6> Sim, meu preceptor, se aceitaste.

<sup>17</sup> (7) Com prazer, senhorita.

<sup>18</sup> Perdão.

para ela. — Vem comigo a meu consultório.

— Para que?

— Verás.

filha o acompanhou, embora relutante, até o quarto transformado em consultório. Ali, entre estantes com vidros, instrumentos, livros, via-se um esqueleto a um canto e uma cama baixa e estreita.

— Tira toda a roupa e deita-te.

— Estás doido?

— Ora, um homem não pode **1**er vergonha de outro — chacoteou ele.

— Mas, sabes que não é assim.

— Ora, vamos, menina, queres ajuda?

Ela recuou, puxando alguns centímetros da lâmina da bainha.

— Hem, se não aceitas— falou ele, gesticulando com os braços— que seja. Podes ir de volta ao teu antro. Não te posso ajudar.

— Que tem isto que ver com ter que tirar a roupa?

— Queres saber?

— Claro — e ela ainda continuava em posição de defesa.

— Fedes.

— Eu?

— Quase não aguento estar em tua presença sem pôr a mão nas narinas.

— Cheiro mal, eu?

— Como um gambá.

— Há quanto tempo não trocas de roupa?

— Ora, troco o colete e a blusa.

— De mes em mês, ou mais? E as calças?

• — Não interessa.

— Mas, isto **6** o que interessa.

— Pensei, doutor, que soubesses de tudo.

— Teu pai apenas pediu-me que fosse teu preceptor. Nada mais acrescentou. Eu guardarei o teu segredo, já assegurei-te. Quero, apenas, ajudar-te a mantê-lo mais comodamente e sem perigo de uma infecção. Aquiscas em obcdcccr-mc?

Ela embainhou a espada e, olhando o médico nos olhos, respondeu.

— Jamais fiquei nua perante homem algum..

— Perfeitamente, mas, sou um médico, Jean e, tão-só, quero ajudar-te. Conheço teu corpo como a palma da minha mão.

— Meu corpo? — gritou ela, olhos arregalados.

— Mas chric,<sup>19</sup> teu corpo, digo, o corpo feminino, seus órgãos, não o teu precisamente. Vais ou não te despir?

— Completamente nua?

— Totalmente.

— Mon Dieu<sup>20</sup>

— Escolhe. Ou sim, e sobrevive para continuar enganando, mas em melhores condições, ou não enganarás a mais ninguém, pois que morrerás? Como é?

Ela titubeou, andou um pouco, pensou e, finalmente decidiu-se:

— És médico e um homem velho como meu pai, mas, mesmo assim, fico com minha adaga à mão... aceito.

Tirou a adaga de entre o colete, livrou-se do cinto com a espada que deixou cair no chão.

— Espera.

— Quê?

O médico foi à porta e chamou o serviçal Lenoir, a quem falou qualquer coisa. Depois retomou.

— Que disseste a teu laçao? — inquiriu ela, séria.

— Calma. Pedi-lhe para trazer apenas o que necessito.

— E se ele souber de tudo?

— Já sabe. Lenoir é um bom homem, é um vidente, como também o sou. Ele tem ciência de tudo a teu respeito.

— Mas...

Luiz Carlos Cameiro/Louis Eugène Amedée Achard - **41**

— Tranqüiliza-te. Aqui, dentro desta casa, só ele e eu moramos. Como já pudeste notar, a casa é grande, temos vários compartimentos. É estreita, sei, mas comprida. Tenho hora para consulta. A não ser uma emergência. Aqui, vestirás roupas femininas, para que teu corpo volte a reagir à opressão que sofreu.

— E se alguém chegar?

— Ninguém te verá. Só quero que fiques uns dez dias com roupas apropriadas. Vez por outra, vestirás as tuas masculinas. Aprenderás como fazer.

— Sei não...

— Teu pai confia em mim.

— Eu serei seu sucessor.

— Não haverá sucessora.

Lenoir chegou com uma enorme tina de madeira nas mãos. Entrou, sem nada dizer, colocou-a junto à cama, retomou e, logo estava de volta com duas barricas pequenas (para ele) entre os braços. Depositou-as no chão, tirou as tampas e despejou seu conteúdo na tina. Era água quente em uma, já que o vapor inundou o ambiente. Virou-se para o médico, perguntando:

— Só isto, doutor?

— Só, Lenoir, só. O resto eu e ela faremos.

O serviçal saiu do consultório, fechando a porta atrás de si.

— Pronto, vamos lá, tira toda a roupa.— Ela não mais relutou. Recomeçou a livrar-se das roupas. O médico foi a uma prateleira, apanhou uma ânfora, derramou parte do conteúdo na tina com água quente, depois foi a uma pequena foija, que acendeu, ativando as brasas com alguns pedaços de ferro.

— Pronto?

Ele se voltou para a moça, completamente nua. Sem qualquer emoção, pediu:

— Deita-te na cama.

Ela obedeceu. Então ele começou o exame, com mãos peritas. Com panos macios embebidos em poções, limpou todo o corpo da menina.

<sup>19</sup> Minha querida.

<sup>20</sup> <20> Meu Deus.



Depois, massageou-o todo.

—Vê, Jean, já és uma mulher, e todo o sangue de teu ciclo menstruai estava aderido, que, com o suor, a sujeira, poderia causar-te grande infecção, principalmente por falta de banhos. Teus seios quase se atrofiaram pelo aperto excessivo, forçando tuas veias a se intumescerem. Não, não chegarias, assim, a suceder a teu pai. Mas, vamos, vamos agora à tina. — E com grande tenaz, atirou ao líquido, alguns pedaços de ferro em brasa.

—Vê a temperatura. Entra. Toma esta esponja e esfrega, fortèmente as tuas partes íntimas.

— Ai, está quente.

— Mas é suportável. Entra.

Ela assim o fez, seguindo as orientações do médico. Em instantes, a água estava escura.

— Vê, senhora dama do Pátio dos Milagres, a sujeira que de lá trouxeste, aderida a teu corpo? — Esfrega-te mais.

Esperou alguns minutos e voltou a dirigí-la:

— Sai, agora.

Ela obedeceu. Ele tirou a tampa da tina, que fez escorrera água por uma calha previamente disposta e que levava, com certeza, o líquido sujo para os esgotos. Depois, encheu novamente a tina, pôs mais alguns pedaços de ferro em brasa em seu interior e fê-la entrar. Despejou o conteúdo de um frasco na água, mandando:

—Mergulha a cabeça e esfrega os cabelos.—A tudo ela acedia docilmente. Agora havia perfume no ar. — Fica aí por alguns momentos.

Ela esfregava os cabelos, com uma sensação agradável em todo corpo, livre da sujidade.

— Levanta-te — continuou ele, com enorme toalha nas mãos. — Enxuga- te. Vou providenciar roupas para ti.

— E as minhas?

— Serão fervidas, não as podes usar agora, inclusive as botas. Cheiravam mal, querida.

— Nunca senti.

— Pudera! Convivias com o mau cheiro mas, quem se aproximava de ti... —e o médico apertou o nariz. — Mandarei Lenoir conseguir roupas adequadas para ti, principalmente as de baixo, onde já se viu uma mocinha andar por aí só com calças de couro?

— E que farei, enquanto isto?

— Começaremos as aulas. Conserva esta toalha em volta do corpo por dois dias, só a tirando para voltar ao banho. E untarás o corpo com poções que te darei. Já sabes como fazer. Não te constrangirei mais com minha presença. A propósito, como te sentes?

— Mais leve, eu estava assim mesmo tão imunda?

— O atestado foi a cor da água. Agora, menina, vais tomar um chá bem quente, depois irás para teu quarto, onde dormirás um pouco. As essências que pus na água te darão sono.

— Nunca dormi durante o dia.

— Mas agora é necessário. Vem — e a conduziu para um compartimento, singelamente mobiliado—uma cama já preparada, um aparador e um pequeno armário. — Deita-te e relaxa. .Quando acordares já terás tuas roupas. Não te preocupes com nada — e gritou — Lenoir, o chá.

\* \* \* \* \*

**Jeanpaul, filho de Paulette** e Jean, já na mesma idade da filha de Planchéi, **tomara-se um** cavaleiro. Instruído por professores que vinham de Paris, além de dominar várias línguas, era também exímio espadachim, já que, naquele **tempo, lodo** cavaleiro tinha que saber manejar uma espada. Conduzi-la **simplesmente** como um adorno, algumas de ouro, com brilhantes encravados **no punho**, poderia até ser. Todavia, a educação de um fidalgo não estaria **completa** sem esse importante pormenor. Afinal, à época, era um passaporte **para** circular nas ruas de Paris, estar munido de uma espada. Quem soubesse **mancjá-la** fazia correr os meliantes. Ao contrário, acabava amarrotado, posto nu e **sua** arma roubada quando não era assassinado.

**Jeanpaul fora** educado esmeradamente. Jean, seu pai, o fez frequentar **a academia do senhor** Fontein, onde se ministrava aulas das artes de **defesa e ataque com** espadas e pistolas. Esse instituto era o mais famoso, **senão o único** na espécie. Quando ali chegou, Jeanpaul **já** sabia **tudo, faltava-lhe**, apenas, o aprimoramento de seus dotes, conseguido **com os ensinamentos** de grandes mestres. Concomitantemente, ele **aprendia línguas**, ciência e matemática. Era um estudioso interessado e **seus mestres o** tinham em alto conceito.

Alto, **esguio, louro de** olhos negros, buliçosos, era extremamente dado a **aventuras. Comprazia-se em** caçar nas extensas propriedades do pai e do avô **que o adorava, o duque de** Luzardo. Este, já septuagenário, passava sempre **vários dias na herdade do** único filho, só para estar com o neto. E ia, **sistematicamente, quando em** Paris, buscá-lo em sua carruagem. Jeanpaul o **idolatrava.**

— Amanhã, iremos para Alençon — avisou o avô, quando o foi buscar na **Academia.**

— Amanhã, vovô?

— Sim, e bem cedo. Por quê? Não queres ir?

— Não, não é isto.

— Ora, teu pai confiou-te a mim, aqui em Paris. Terminaste o curso, com louvor, mereces umas férias e teu avô também quer rever aqueles rincões; caçar, cavalgar e, não queres ir?

— Vovô, não é bem assim. Justamente, amanhã, pela manhã, tenho que atender a uma ordem de meu pai. Preciso ir à rua Saint Germain.

— Rua Saint Germain? — indagou surpreso o velho duque.

— Sim, vovô.

— Já ouviste falar desta rua, Jeanpaul?

— Não é lá uma bela rua, sei.

— Mas, então, que teu pai mandou-te fazer lá?

— Visitar o doutor Girardan.

— Sacré!<sup>21</sup> Mas isto é uma temeridade! Há um processo em andamento contra ele, meu neto. Ele pode ser condenado à fogueira c a pedido do rei.

— Então, tenho que apressar-me, do contrário não o encontrarei mais.

— Jeanpaul, o homem é um bruxo.

— Não, vovô, não é. Trata-se de um médico caridoso, atende a todos. A vovó Suzanne adorava-o<sup>22</sup>,

— Oh! Pilho, Suzanne era uma boa moça, mas era, também, o doutor Girardan, de saias.

— Vovô... Irei só, a cavalo, amanhã cedo a essa rua.

— Providencio-te uma escolta.

— Não é necessário. Sei defender-me.

— Sacré! — ruei o avô. — És teimoso como teu pai.

Portanto, não insistas.

— E quando iremos a Alençon?

— Amanhã mesmo, à tarde.

— Ainda bem. Vou providenciar tudo'Vais veros mosquetes espanhóis que adquiri. São umas belezas. Vamos comei javali por um mes.

— Pelo visto, queres acabar com a-raça.

— E ainda trago alguns para o rei.

Chegados ao palacete do Duque, Jeanpaul trocou de roupa, pondo uma blusa dc mangas curtas, sobre esta um colete de cor purpura, calções negros enfiados em meias botas com o couro dobrado c cinturão com bellissima espada; ajeitou sobre os ombros, atirada para um lado, uma vistosa capa azul ccicste, pôs o chapéu emplumado c saiu.

— Mon Dieu! — exclamou o avô,-vendo-o calçando as luvas dc pelica finíssima.— Vais à casa do bruxo ou encontrar-se com alguma dama?

— Ora, vovô, afinal dc conta, sou ou não o neto do Duque de Luzardo?

O ancião sorriu satisfeito, batendo-lhe no ombro.

— Cuidado com a espada. Só se saca da bainha...

—\*... para defender a honra nossa ou de terceiros — completou Jeanpaul. — Já sei isto de cor.

— Muito bem. Mas, não ias amanhã pela manhã?

—T verdade; que pensei melhor c concluí que, por ser a viagem cansativa, melhor partir cedo.

O Duque não escondeu o contentamento.

— Oh! — exclamou, esfregando as mãos. —Ótimo! Pensaste muito bem.

Assim, enquanto fazes a tua visita, mando preparar tudo para que amanhã bem cedo, possamos viajar.

— Vê se não esqueces nada, vovô.

— Queres chamar-me de velho, fedelho? Faze-o sem subterfúgios—disse ele, dedo em riste para o neto, que sorriu.

—Não, não, nem penses nisto — e se foi chegando para a porta, que abriu rápido, gritando — Até logo, velho — e fechou-a atrás de si.

— Mandrião, volta aqui, fedelho — ouviu o avô gritar.

Foi à estrebaria, escolheu um belo animal que mandou ajaezar, montou-o e saiu a trote lento pelas ruas de Paris, rumo à Rua Saint Germain.

\* \* \* \* \*

Naquele exato momento, o doutor Girardan falava a Jean:

— Bem, com estas roupas, agora, minha querida, mais pareces um homenzinho. Não é, Lenotr?

— Sim, doutor, sim. Só falta uma coisa.

— Falta? Mas, oqôê?

—Ora, dootor, qoe ela passe um papel ou pano na boca... está com carmim.

—Saint Dieu\*—exclamou o médico, acorrendo para a moça com o avental suspenso.—Limpa estes lábios, Jean—epoodoamão na testa—

Ah! São essas coisas que jamais farão de ti um homem.

— Mas, foi tão pouco...

— E onde conseguiste isto?

— Roubei em uma de minhas saídas.

— Mon Dieu! É o instinto feminino preponderante e eu sou cúmplice, meu Deus?

— Não mais acontecerá, prometo, tio.

— Tio? — vociferou o médico. — Que tio coisa nenhuma. Para ser teu tio teria eu que ser irmão da tua mãe ou de teu pai, nada disto sou.

— Sim, tio.

— Mon Père!

— Finalmente, como estou?

, — Um homenzinho, agora — anuiu Lenoir, com seu vozeirão.

— Isto eu já disse — gritou o médico, que, no fundo, orgulhava-se de sua obra — e sem carmim. Anda, vai lá no fundo e retoma.

Jean usava, para melhor esconder seu busto, uma camisa bem folgada, e, por baixo dela um corpete, que, se bem lhe apertasse os seios, havia, no entanto espaço para os mesmos, sem os molestar; uma calça comprida de lã bem grossa e macia, terminando em botas de cano alto que lhe chegavam quase aos joelhos;

os cabelos negros, aparados rente ao ombro, escondidos pelo chapéu emplumado, emprestava-lhe um ar senhoril.

— Não! — gritou o médico.

— Não? Em que errei?

—Bate o pé firme, querida, o calcanhar primeiro e deixa esses quadris parados, não os mexas.

— Mas, como?

—Sei lá! Só sei que não é assim que um homem anda e pára de balançar os braços.

— Mas sempre movimetei-me assim e jamais desconfiaram.

—Talvez tenham estranhado e suscitado dúvidas que, por consideração a teu pai, jamais externaram. Dieu! Vai, petit, vai, anda, bate os calcanhares no chão, estufa o peito. Não, não tanto! Tira a mão da cintura, segura o cabo da espada! — Oh! Planchet! Nas ciências ela aprendeu rápido, fala até inglês. Está pronta, se necessário, a entrevistar-se com qualquer nobre, mas as maneiras... que dificuldade... e nas artes guerreiras sabe tudo. Maneja a espada como qualquer homem. Contudo, não sabe andar como um? Fracassei? — pensava ele.

— Como estou?

— Lenoir, como está ela?

— Uma mulher vestida de homem.

—Quê? — berrou ela, desembainhando a espada e avançando para o enorme homem, que sorria.

— Repete! — gritou — e Lenoir repetiu.

— Em guarda! — e apontou a espada em sua direção.

<sup>21</sup> Maldito.

<sup>22</sup> hlo tratava comi) avó. a dona Suzanne, primeira esposa do pai.

— Como? Eu, sem arma?

— Arre! — exclamou ela, devolvendo a espada à bainha e atirando-se aos braços do grandalhão que a carregou como um bebê, afagando-lhe os cabelos negros.

— Sou uma tonta, não é?

— É.

— Seu brutamontes — e caiu na gargalhada.

— Vamos, tomemos um refresco. Por todos os deuses do Olimpo — manifestou-se o doutor Girardan — este meu trabalho supera a pior operação que já fiz — e para Lenoir — Põe-na no chão, elefante. Esta menina está nos fazendo ficar quais mães.

— Posso sair? — perguntou ela.

— Claro — assentiu o médico. — Não foi para isso que te vestimos? Toma o refresco e vai.

— Mas vê se não sais por aí a beijar ou cortejar qualquer homem — ajuntou Lenoir.

**1** iozinho! — berrou ela, segurando no punho da espada. — eu sou homem.

— Ai, Deus! — sussurrou o doutor Girardan. — E alteando a voz — Faze isto, sim, mas não te apaixonas por mulher, por favor.

— Vou-me — grilou ela. — Não sei nem o que estou fazendo aqui, entre dois velhos decrepitos — e rumou para a porta, ante o riso dos dois. — Nisto, bateram à porta. Ela parou.

— Quem será, tio? — perguntou, pp Tem calma. Espera aqui.

— Fica, também, doutor. Vou atender — falou Enoir, ajeitando a roupa e a adaga antes de dirigir-se para a porta.

— Quem **6**? — indagou, antes de abrir.

fef Jeanpaul, Filho de Jean de Luzardo, neto do duque de Euzardo.

— Espera. — Enoir foi até o doutor Girardan e repetiu o que ouviu.

— Ah! — vibrou, com a fisionomia iluminada, e para Jean — Vem, recebe tu esta visita.

— Eu?

— Sem dúvida. Tens boas maneiras, és educado, ouviste. Não és uma moça.

Vai — e estalou a mão nas nádegas da mocinha. Ela foi, meio desconfiada e, com Enoir tirando as trancas da porta e ficando atrás dela, a abriu. E defrontaram-se, o filho de Paulette com a filha de Planchel. Quedaram-se por segundos, olhos nos olhos, e nas cabecinhas logo o raio, a faísca do passado, qual luz fugaz, os fizeram sorrir, um para o outro, como se conhecidos fossem; ; Todavia, logo, a razão do momento, aticou longe a primeira impressão.

— Olá! — expressou-se Jeanpaul. lí — Sim? — respondeu ela.

— Cavalheiro, gostaria de entrevistar-me com o senhor doutor ( Girardan —! e tirou o chapéu. Jean notou que os raios do Sol douravam a cabeleira loura do rapaz. Pigarreou.

— Quem és? krr indagou, meio embaraçada. wF— Jeanpaul... és filho dele?

— Não, não, neto. intre, por favor — e afastou-se para dar passagem ao jovem, que, segurando o belo chapéu, entrou.

— Vem, levo-te ao doutor — e seguiu em frente.

O médico fingia trabalharem seu laboratório, manuseando alguns vidros.

— Doutor, tens visitas^- anunciou ela.

— Oh! E o neto do duque de Euzardo — falou ele, aproximando-se e limpando as mãos no avental.

— Sim, senhor. Filho de Jean de Euzardo.

— Sei, sei. C.onheçoteu pai. Vem, jovem, vem, vamos á sala — e apoulando para a moça.

— Este é meu neto, por afinidade, Jean.

— Jean?

— Sim. Tem o mesmo nome de teu pai.

O jovem estendeu a mão para ela, que a apertou.

— Muito prazer, amigo. Chamo-me Jeanpaul. Mas, sempre me chamam apenas Jean.

— Que coincidência! — exclamou ela sorrindo. — Três Jeans de uma só vez.

— É verdade.

— Vinde, vinde à sala — convidou o médico, guiando-os até à saleta interna, onde os fez sentar.

— Não repares, jovem. É nesta saleta que meus pacientes aguardam a vez de serem atendidos.

— Não te preocupes, senhor.

— Conheci dona Suzanne, tua avó, suponho.

— Não, não era. Mas, eu a considero assim.

— Era uma mulher encantadora. E lá se vão dezessete anos desde que ela faleceu. Como passa o tempo!

— Meu pai envia lembranças e a minha mãe também.

— Gentileza deles. Agradeço. Sei que tua mãe substituiu a dona Suzanne a contento de todos.

— Sim, com certeza — respondeu ele, sem, no entanto afastar os olhos de Jean, sentada ao lado do médico, pernas cruzadas e brincando com o punho da espada. Ela, também, não despregava os olhos dele. — Minha mãe deu continuidade ao trabalho de minha avó. É bastante querida por todos os da redondeza e prossegue com o mesmo desvelo.

— Graças a Deus! E teu pai?

— Acompanha-a. É um homem excepcional.

— Agora que terminaste teus estudos, pensas voltar para lá, definitivamente?

— Como sabes que terminei meus estudos? — inquiriu Jeanpaul surpreso.

— Ora, pelo tempo em que freqüentaste a Academia, pela idade que tens e em razão de ter-se encerrado mais um ano letivo, é fácil depreender-se.

— Desculpa.

— Jovem, um velho como eu tem experiência nessas coisas.

— Senhor — começou Lenoir, entrando na sala e cumprimentando o visitante com um sorriso — tens uma consulta para agora e o paciente já chegou.

— Oh! Sim, sim. Deve ser o senhor Silard — e ergueu-se. — Por favor, jovem, fica à vontade. Não me demoro. Meu neto far-me-á as vezes.

— Pois não, doutor. Estejas à vontade.

O médico saiu, deixando os dois frente a frente. Miraram-se, mexeram-se • nas cadeiras, pigarrearam, até que Jeanpaul falou:

— Estudos, Jean?

— Hein? — assustou-se ela.

— Perguntei se estudas, rapaz.

— Oh! Sim, sim.

— Que idade tens?

- Dezessete.
- Eu, também.
- Nasci no dia 8 de setembro.
- Ora, que coincidência! Eu, também, y. — No mesmo dia?
- Sim, amigo, sim. E vê, quão interessante: — chamo-me Jeanpaul, todos tratam-me como Jean. Temos dezessete anos e nascemos no mesmo dia!

Ela sorriu descruzando as pernas.

- De fato.
- Só resta agora que tenhamos nascido à mesma hora.
- A que horas nasceste?
- Não sei.
- Nem eu.

Riram.

- És muito simpático, Jean. Que pretendes fazer? Que curso fizeste?

Ela ficou embaraçada, mas conseguiu responder:

- Línguas, matemática e ciências.

— Vais seguir a profissão de teu avô?

- Não, não. Mal sei fazer um curativo.

— Sabes usar a espada?

— Ah! Isto sei, e tu?

— O que sei chega para defender-me.

— E que pretendes tu fazer, já que terminaste os estudos?

— Bem, terminar não seria o termo apropriado. Há ainda muito que aprender. Tu, também, suponho. Por enquanto, volto à casa de meus pais. Talvez, entre para o exército do rei. Quem sabe?

— É... és rico, pelo que deduzi, neto de duque...

— Sim, mas que importa isto?

— Eu espero tomar-me um dia.

— Com certeza. Gostas de caçar? Sabes atirar?

— Sinceramente, Jeanpaul...

— Somente, Jean.

— Então, de Jean para Jean, não, não sou muito bom com armas de fogo, mas gosto de caçar.

— Nadas? ,

— Onde, no Sena?

— Oh! Não, não na parte que corta a cidade, é imunda.

— Sei, sei nadar.

— Jogas a péla?

— Não, prefiro o bilboquê.

— Bilboquê? — e ele riu.

— Diabolô.

— Sei, sei — e continuou rindo.

— De que ris?

— Perdão, mas são jogos para crianças ou meninas.

Ela enrubesceu.

— Chamas-me de menina? — inquiriu, fechando o cenho.

— Não, claro que não. Não te agastes. Perdão, não te quis ofender.

— Desculpa, também. Não há porque agastar-me.

— Teu avô consentiria em que fosses comigo para Alençon?

— Hein?

— Convido-te a vir comigo. Lá, poderemos caçar, pescar, cavalgar, nadar e até duelarmos para nos exercitarmos.

— Estás convidando-me, Jean? Para ir à casa de teu pai? — instou ela, curvando-se em direção a ele, sorrindo.

— Seria ótimo ter por lá um companheiro.

— Oh! Jean!

— Eu faria muito gosto, Jean.

— Vou falar com meu avô, e quando partes?

— Amanhã, amanhã bem cedo. Até lá, são mais ou menos uns dez dias, mas contigo a viagem será mais divertida.

— Quem vai contigo?

— Meu avô.

— O Duque?

— Sim. É um bom velho, gostarás dele e ele de ti.

— Ele pode não aprovar.

— Se não, ele não irá.

Riram.

— Amanhã cedo?

— Sim, bem cedinho. Se fores, passaremos aqui para buscar-te.

— Oh! Seria tão bom!

— Fala com o doutor Girardan. Eu te ajudarei a convencê-lo. Não correrás qualquer perigo.

— Então, está perto o aniversário de ambos.

— É mesmo. Estamos em vinte de agosto. Em dez dias, estaremos em Alençon. Nosso aniversário será uma festa.

— E como!

— Onde residem os pais dele?

— Oh! São pobres.

' — Isso pouco importa. Conto que ele não demore muito.

— Não te apoquentes. Ele já volta.

Conversaram por hora, até que Jean regressou. Estava afogueada e ria muito.

— Então? — perguntou Jeanpaul.

— Ele consentiu — e abraçou o médico.  
— Ótimo, ótimo. Que beleza, meu querido! No entanto, cuidado.  
— Tomarei conta de Jean—disse Jeanpaul, pondo a mão no ombro do “amigo\*\*”.  
— Muito bem. Conversamos e conversamos e esqueceste de transmitir-me o real motivo de tua visita, meu jovem — lembrou o dono da casa.  
— Perdão, senhor doutor— foi uma simples visita de cortesia, a pedido de meus pais. Eles pediram-me transmitisse ao doutor, renovando-os, seus sentimentos de amizade e apreço.  
— Vou preparar uma carta que te peço entregar a teus pais. Então, a viagem é para amanhã?  
— Bem cedo, senhor.  
— Estaremos prontos.  
— Bem, então, retomo à casa de meu avô. Vou dar-lhe a boa notícia — e para Jean — E tu, vais desenferujar esta espada. Ela terá uso lá. Vamos duelar sempre.  
— Oui, m'sieur! — assentiu ela, com um arremedo de reverência. — Ele sorriu e estendeu a mão, que foi apertada.  
— Tremes? — indagou ele.  
— Oh! É natural — atalhou o médico — é a emoção.  
— Até amanhã, Jean. E despertes cedo. — E saiu.  
— Acordar cedo — desabafou ela, deixando-se cair na cadeira e tirando o chapéu e desabotoando a blusa — sequer vou dormir. Girardan riu e abaixando-se, pegou a perna da mocinha para lhe tirar as botas.  
— Contente?  
— Muito. Mas medrosa.  
— Gostaste do rapaz?  
— Oh! Que simpatia! Deixou-me a impressão de já o conhecer há muitos anos. É lindo!

— **Mon Dieu!** — exclamou o médico.

— **Que há?**

— **Onde já se viu um rapaz apaixonar-se por outro?**

— **Oh! Seu velho caduco e lá sou rapaz?**

— **Ele sabe?**

— Não, não. É, vai ser difícil.

— Não posso fazer nada. Só aconselhar, já que queres levar em frente esta pantomina.

— E que me aconselhas?

— Não dormir na mesma cama, não tomar banho juntos.

— Ora, vovô, e eu faria isto?

— É nisto que residirá a tua maior dificuldade.

— Oh! — choramingou ela — que farei?

— Tiveste teu ciclo menstrual há quinze dias. Faltam quinze para o próximo. Como és saudável, procura lembrar que teu próprio metabolismo te avisará. Saberás então que não farás certas coisas, tais como, nadar, cavalgar, nem exercitar com a espada ou outros jogos. É para cuidar bem para que não vejam o sangue menstrual.

— Como é difícil ser mulher! — exclamou ela, pondo a mão na testa.

— O culpado disto foi o tonto do teu pai. A propósito, como vai ele?

— Para um velho, até que bem. O Bochet é que já não se levanta. Quando regressar assumirei o lugar de meu pai.

— **Mon Dieu!**

— Fui preparada desde cedo para cumprir esta missão, doutor.

— Filha, aproveita a amizade com o jovem Jeanpaul e esquece esta asneira.

— Não posso — ripostou, convicta, enquanto livrava-se do colete. Os seios juvenis saltaram.

— Espera, vou buscar tua roupa — e o médico afastou-se, deixando-a ensimesmada. — Tinha a impressão de já conhecer o rapaz. Desabotoou a calça, esticando as pernas bem torneadas e fortes. Dr. Girardan retomou com roupas femininas.

— Vai para teu quarto. A tarde está findando, toma um banho. Lenoir levar-te-á a água.

— Banho, banho! — reclamou ela.

— Assim é, e ve se não esqueces de lavar o mesmo em Alençon. Agora, vou preparar tuas malas.

— Que malas?

— Fuas lenho, empresto-as. Vamos colocar tudo quanto é teu.

— Os vestidos, também?

— Não, não. Só o necessário e trajes masculinos. Foi bom ter comprado. Usa somente as blusas de brocado em ocasiões festivas, se ocorrerem. Os demais são para o dia-a-dia. E jamais esqueças que deves usar as roupas de baixo. E o colete. Depois, vou escrever a carta para os pais de Jeanpaul. Vai, vai para a tua. Lenoir já levou a água.

— Ora, tanto banho!

— Vai, moleque — e fez menção de dar-lhe uma palmada. Ela correu.

— Jesus! — exclamou ele — em que fui meter. Um pobre velho como eu! Ah, se ela soubesse que Jeanpaul é seu companheiro de jornadas em tantas encarnações! Por que eu tenho que saber tudo? Perdão, meus amigos invisíveis, não quis reclamar. Que seja!

\*\*\*\*\*

— Que euforia é esta, meu neto? — inquiriu o velho duque ao ver o jovem irromper em seu gabinete, tirando o cinturão com a espada, atirando-a sobre uma poltrona, rosto aberto em um sorriso. — Que houve? Que milagre realizou o velho bruxo para que tenha dissipado sua casmurrice? E não me chames de velho.

— Ah! Vovô, encontrei uma pessoa...

— Voilá! Deve ser linda, filha de qual duque? Ou marquês? Seria de um barão, ou conde? Loura?

— Que é isto, vovô? •

— Não acabas de dizer...

— Que encontrei uma pessoa?

— E, então?

— Não é nenhuma mulher, vovô.

— Não? Ora... — o duque o olhou sério.

— É um rapaz de minha idade, neto do dr. Girardan.

— Ora, vejamos, não sabia que o bruxo tinha um neto.

— Por afinidade.

— Edaí, porque toda esta euforia? Deve ser um lambe-botas, natural mente.

— Vovô, não julgues antes de conhecer o rapaz.

— Conhecer? E o vou conhecer, eu?

— Mas, claro. Convidei-o para ir conosco a Alençon.

— Quê? — o duque levantou-se ágil.

— Foi o que ouviste.

— Ah! Naturalmente dividirá com nosso cocheiro a direção da carruagem. Sabe tratar com cavalos? Boa idéia a tua!

— Não é nada disto, vovô. É um amigo, não um criado. Estuda, é inteligente e muito educado.

— Neto de um bruxo.

— **Deprax qí\*í o coohea, tenho-o em outro conceito. É um homem bom, cando^x tn.ua daquele pessoal das nas pobres com carinho, e o rapaz, gostarás de conhecê-lo — E vai conosco.**

— Vai.

— Não queres mais ficar com teu avô.

— Não é isto, deves saber que jovem quer a companhia de outro e somos ambos da mesma idade.

— Não fales mais — anuiu o duque. — Compreendo muito bem. Vais cavalgar, caçar, nadar, pescar com ele.

— E contigo, seu duque doido. Não há melhor caçador do mundo que tu — e atirou-se nos braços do avô, que, embaraçado e emocionado, o recebeu. Depois, estavam os dois rindo e conversando sobre o que fariam.

— Muito bem, e quando apanhamos esse fedelho?

— **Amanhã.**

— Estará ele acordado? Sairemos antes do nascer do Sol.

— Acho até, vovô, que esta noite ele não dormirá.

— Pudera!

— Vovô, tive a exata impressão de já conhecer este rapaz.

— **Mas**, como? Não há a menor possibilidade.

— Sei, e é isto que me intriga. Ele se chama Jean, nasceu no mesmo dia que eu.

—Oh! Então a comemoração em casa de teu pai será dupla! Que bom! No **caminho compraremos mais** algumas caixas de vinho, vinho Morriet, o melhor **da França**.

— Não é necessário. Meu pai deve ter a adega cheia. Mas, eu queria presentear esse meu amigo.

—Pensaste em algo?

— Uma espada e um par de pistolas.

— **Ele não** iexn uma espada?

—**TOL**

—E, então?

— É velha, dessas que usam os soldados.

— **Ah' Mas não te** preocupes. Tenho algumas belíssimas espadas, como sabes. É só **escolheres** uma que se adapte ao teu novel amigo. Que estatura **tem de?**

— **Um pouco menos que eu.**

—**Não será problema. Vamos, vamos à saia** de armas. Creio ter tudo quanto **teu** amigo **possa necessitar**.

Na sala de armas, as prateleiras protegidas por portas corrediças de vidro, várias espadas e mais florins, adagas, punhais, com seus vistosos estojos ao lado, além de inúmeras pistolas e mosquetes, o duque falou:

— Escolhes a que quiser.

Jean paul passou pela sala, examinando as belíssimas armas. Por fim, parou diante de uma delas.

— Pode ser esta?

— Oh! Por certo, mas, é irmã gêmea da tua!

— Por isso mesmo.

— Escolheste bem. É de puro aço de Damasco. A bainha como a tua, tem incrustações de ouro. E vê a cruzeta e o copo.

— Sei, não é igual à minha?

— É verdade. Mandarei limpá-la e acondicionar no estojo. Espero que teu amigo a saiba usar.

— Tenho certeza.

— É, parece mesmo que o conheces há tempos.

— E as pistolas?

— Sugiro que leves aquelas, que também são iguais às tuas. Leve, cano curto, pederneira simples. Não negam fogo.

— Assim será.

— Leva também aquela adaga, como presente meu.

— Oh! Vovô!

—Se tudo quanto levar é igual ao que tens, completa com a adaga. É idêntica à que possuis.

## SEGUNDA PARTE

### Capítulo 10 INESPERADO

Manhã bem cedo, a carruagem, tirada por dois belíssimos cavalos e mais dois de montaria, presos à parte traseira, parava em frente à casa do doutor Girardan. Não foi necessário sequer bater à porta. Esta se abriu e Jean apareceu. Jeanpaul, ajudou o amigo com seus pertences, passando-os ao cocheiro que os amarrou no teto e cobrindo-os com uma lona grossa. O médico assomou à porta.

— Não te preocupes, doutor, Jean retomará são e salvo.

— Sei, meu rapaz. E eis a carta para teus pais.

—Vem conhecer meu avô—levou o médico à janela da carruagem—Meu avô, o duque de Luzardo — apresentou.

— Prazer — e o duque estendeu a mão que foi apertada pelo médico.

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, vos faça ter uma boa viagem, senhor — desejou.

—Obrigado—agradeceu, meio carrancudo, a maneira com que os nobres daquele tempo tratavam os plebeus.

— Posso fazer-te uma recomendação?

— A mim? Ora, podes. Qual?

— Evita as massas. Come muita fruta, em especial a maçã, e comes sem gordura. Não faças uso de bebidas fermentadas. E que as carnes sejam muito bem assadas, com verduras uma só vez ao dia.

— E por que me dizes isto?

— Adotando esse regime alimentar, não terás mais a gota que tanto te atormenta e que dela fazes segredo.

— Ora, vejam!

—Faze isto, duque. É um conselho médico. Se o seguir ficarás livre desta intermitente doença que tanto te incomoda, verdade?

— Quem te informou que tenho gota? — perguntou ele baixinho para não ser ouvido e inclinando-se para o médico.

— Eu vejo em teu olhos, faz isto e boa viagem. Memorizou a minha receita?

— Boa viagem, senhor. Recomendações a teu filho.

— Vovô, aqui está o meu amigo — gritou Jeanpaul, introduzindo Jean na carruagem. exclamou o duque — É um belo mancebo! — Jean corou, ' apertando a mão do avô de seu amigo.

— Obrigado.

— Parece contigo só que tem os cabelos negros.—Oh! Rapaz, gostei de ti, à primeira vista!

— Obrigado — repetiu ela, baixinho.

— Vamos, vovô?

— Sim, andemos.

Acenaram para o doutor e Lenoir e a carruagem saiu trotando nas pedras irregulares da Rua Saint Germain, até abandonar a cidade pelo portão norte e demandar a estrada para Alençon. A viatura confortável, tinha bancos acolchoados, bem macios, um em frente ao outro. No da frente, que ia de costas para o cocheiro, estava o duque. No em face deste, sentavam-se Jean e Jeanpaul. Para ela, tudo constituía novidade. Jamais saíram de Paris, não conhecia o campo, as estradas, outras vilas ou cidades. E não fazia segredo deste pormenor. O companheiro comprazia-se em explicar-lhe tudo sobre os locais onde passavam.

— Quando chegaremos lá?

—Ora, se nem começamos a viajar—observava o duque.—Estás ansioso, jovem?

— Confesso que sim, senhor. Jamais tive a oportunidade de viajar.

—É assim mesmo. Aproveita e vê tudo. Se sentires fome, temos um famel. Todavia, como acordei cedo e não tenho mais a vossa idade, vou dormir um pouco. Posso?

— Ora, vovô, sempre fazes isto. Vai, dorme, não te incomodaremos — e para o amigo — ao meio-dia, almoçaremos em uma estalagem, perto de Versailles. Depois, continuaremos até quase noite, parando em Dreux, onde dormiremos. Daí para frente, não há lugar para pernoitarmos. Teremos que fazer ou na carruagem, ou sob a luz de fogueiras. Não sei se vais gostar.

— É fascinante, Jeanpaul.

— És aventureiro, como eu?

— Mas, claro.

— Temos dois cavalos aí atrás — e apontou o fundo do veículo.

— Eu os vi.

— Vez ou outra, deixaremos o doiminhoco aí, e, montaremos. Aprovas?

— Totalmente.

— Estás com sono?

— Nunca acordei tão cedo.

— Sê sincero. Dormiste?

— Quase nada.



—Assim pensei. Vai, deila-te. Tu com os pés para minha cabeça, eu, idem. Durmamos um pouco.

Embalados pelo sacolejar da carruagem, logo estavam dormindo.

\* \* \* \* \*

Enquanto isto, o rei Franciscovia-se a par com problemas de Estado. Suas relações com Carlos V<sup>23</sup> sempre foram belicosas. No entanto, Gaud, a cidade natal deste último sublevou-se contra ele, levando-o a solicitar ao arquiinimigo e rival, permissão para passar pela França, a fim de alcançar seus objetivos. O caso foi levado ao parlamento, e logo entre os pares, surgiu um que discordou:

— Senhores, embora obediente ao rei, não concebo esta anistia, deixando o maior inimigo da França passar por nossas terras. Por que não vai direto a seu destino? Se ele luta com Solimão e o rei já com esse fez certas aquiescências. Um herege! Nada podemos fazer. Agora, Carlos V, nos vem solicitar passagem livre para poder ir abafar uma rebelião em Gaud! Sou contra. E levo ao rei minha desconfiança.

Sentado, pernas soltas e cofiando a barba, Francisco apenas ouvia. Quando viu o orador voltar à sua cadeira, manifestou-se:

— Lautrec tem certas razões. Não esperava outra coisa. É um grande estrategista e não seria outro o nomeado para comandante dos exércitos. Contudo—e ficou de pé—receberemos a comitiva de Carlos V, em Paris. Seu exército ficará contido na periferia. Com ele aqui, não haverá perigo. Permito que ele venha. Vou recebê-lo com honras de grande estadista. Afinal, só está de passagem. Responda-se ao senhor Imperador Carlos V com minha permissão. Será hóspede da França. Não entendeis que será nosso refém, caso tivesse outras intenções? — e saiu do trono.

Fora foi abordado por sua irmã Margarida.

— Irmão...

— Quê? — indagou ríspido.

— Atiraste ao chão o orgulho de Lautrec.

— Ora, não me amola.

— Trata-se de um homem de ferro.

— Sei — voltou-se ele para a irmã. —E sei, também, que a soldadesca o odeia. Ele não os respeita. Pensa que só com a força tudo se resolve. Não admito isto. Carlos V será nosso hóspede e enquanto aqui estiver terá tratamento de chefe de Estado. E tu, organiza um roteiro turístico para ele.

— Eu?!

— Por que a surpresa? Quem mais? E já.

— Estás amargo.

— Realmente, estou. Quero casar-te e tu declinas. Vivemos uma situação difícil, necessitando uma união entre os reinos.

— Isto pode esperar.

— É o que estou fazendo.

—Está bem. Do que gosta o teu \* ‘amigo’ Carlos V?

— Igrejas, muita comida, festa.

— E mulheres?

— Ora, irmã, isto terá em um estalar de dedos. É o que não falta — e com um gesto de enfado, saiu, deixando a irmã pensativa.

\* \* \* \* \*

Quando o cocheiro parou, diante da Estalagem Dois Cisnes, teve que acordar os três passageiros. Tenant de almoçar. Ao abrir a porta, lufadas de poeira saíram do interior do veículo. O duque, levantando-se com dificuldade, terminou por acordar os dois jovens.

— Vamos, mandriões, será que só sabeis dormir? — e tossiu. — Os dois ergueram-se, meio assustados. Jeanpaul perguntou ao companheiro:

— Tu estiveste em meus sonhos.

—E tu estiveste nos meus—e encararam-se por segundos. — O duque, **já** saltando, berrou:

—Vamos, saca-buchas, vamos que o senhor Thomaz nos espera. Ao banho, todos.

— Banho? — inquiriu Jean.

—Sim, Jean. O sr. Thomaz tem no fundo da casa uma cachoeira. É um lugar lindo, água pura. Vamos nos despir e entrar naquela bela lagoazinha. Eu e o meu avô fazemos isto sempre. Voilà!<sup>24</sup> — e deu um tapa nas costas de Jean. — E ela pensou — e agora?

O dono da estalagem, baixinho e gordo, com enorme gorro que escondia quase todo o couro cabeludo, vestido naquela blusa branca, mais para parda, e calções de veludo que lhe apertavam, nas extremidades, as canelas, era todo sorrisos. Afinal, o duque era um de seus fregueses mais importantes. O estabelecimento era simples, todo de madeira, com dois pavimentos, construído todo ele com matéria-prima da floresta. Tinha um grande alpendre que o circundava, uma grande sala, dividida em duas; uma para lazer, leitura; e, a outra, para refeições, para tanto, dispondode mesas. Na parte superior, estavam os quartos.

— Que barulho é este? — indagou Jean.

— Ora, mon petit<sup>25</sup> — informou o duque — é o ruído da cachoeira do Thomaz. É o melhor que temos aqui. Este barulho como denominas é como uma cantiga de ninar. Vais ver de perto quando mergulhares naquelas águas límpidas e cheirando a bálsamo.

— Merci<sup>26</sup>, senhor duque, merci—dizia Thomaz, recebendo a bagagem, mas só aquela que continha roupas de pronto uso.

— Vem, Jean, subamos e mudemos a roupa. Vamos nadar. Ela pôs as mãos à garganta, tossindo levemente.

— Que tens?

— Sei não, Jeanpaul. Creio que a poeira da estrada me afetou a garganta, sinto até calafrios!

— Oh! Logo agora, Jean!

— Sinto muito — desculpou-se ela, forçando a voz para parecer roqca. — Sabes, não tenho costume de viajar. Oh, sinto muitíssimo.

— Tens febre?

— Não, não ainda, porém não me atrevo a entrar na tal lagoa. A água deve ser muito fria.

—É verdade. Falarei com Thomaz. Enquanto eu e meu avô tomamos banho na lagoa, tu te lavarás no quarto com água quente. E enrola o pescoço, para evitar maiores problemas. Aviso-te que, até chegarmos na casa de meu pai, não teremos outro banho a não ser jogarmos pouca água na cabeça. Portanto, limpa tudo e veste roupas mais leves, já que é mais longo o resto da viagem.

— Sei, farei como dizes.

— Vamos lá, meninos — ouviram o duque chamar.

— Já vamos, vovô — e para Jean — vai, qualquer quarto em que entrares, será o teu. Falo com Thomaz, ele conseguirá água quente.

— Tu não vais mudar de roupa?

— Mas, claro.

— Em que quarto?

O rapaz sorriu.

— Não preciso. Levo minhas roupas para junto da cachoeira. Tiro-as e mergulho nu. Eu e meu avô. O Thomaz recolhe as usadas, manda-

<sup>23</sup> ^ (1500-1558) ReidosPaíses Baixos de 1506 a 1555, rei da Espanha de 1515 a 1556. imperador Germânico de 1519 a 1556. Inimigo de Francisco I.

<sup>24</sup> (24) Ei-la ali.

<sup>25</sup> <25> Meu pequeno.

<sup>26</sup> (M> Obrigado.

as lavar, seca- as ao fogo e pronto.

— Ah, sim!

— Vais perder algo inesquecível. Mas, no retomo, aproveitarás.

— O duque voltou a chamar.

— Já estou indo, vovô. Vai, Jean, não te preocupas, tua água estará no quarto logo mais — e afastou-se ao encontro do avô. Conversou com este e com o estalajadeiro e foram para trás da estalagem.

— Ora, ora! — falava o duque. — Logo no melhor momento, teu amigo fica doente?

— Vovô, é compreensível, o rapaz nunca saiu de Paris. A poeira...

— É, é, mas que compleição franzina é esta? Tem mais é que insistir para acostumar-se.

— Na volta, ele já estará acostumado. Vamos mudar de conversa?

— Vou-te ganhar no nado, menino teimoso.

Jeanpaul sorriu.

— Vê se algum dia ganhaste-me, velho duque.

— Que? — reagiu o avô — velho duque? Espera só, saca-trapo, quando eu te pegar — e correu atrás do jovem.

Enquanto isto, Thomaz providenciara tudo quanto Jean queria — água tépida e, ainda, ofereceu uma infusão de folhas, recomendando:

— Após o banho, filho, gargareja com esta infusão. É um santo remédio para j a garganta.

— Merci, ami Thomaz.

— Estou sempre às tuas ordens. Queres algo em especial para comer?

— Ora, o que os demais comerem, também eu comerei.

— Pardon. Porém, eles comem sempre javali assado, com legumes. Se o rapaz, com a garganta dolorida quiser um frango, legumes...

— Merci. O que comerem está bem para mim.

— O senhor duque quando retoma, costuma ficar aqui por três a cinco dias. Aí, sim, temos tempo de melhorar sempre o atendimento. Na ida para Alençon, eu nunca sei quando acontece. Desculpa a falta de conforto.

— Ora, senhor Thomaz, eles estão se queixando?

— Não, não. Mas, é que, por ser a primeira vez que tão gentil pessoa nos visita...

— Está tudo bem. Vou tomar o banho, logo descerei e conversaremos.

— Oui. Em qualquer necessidade, chama-me.

Jean entrou no quarto. Fechou a porta, trancou-a à chave, encostou-se nela e suspirou. Logo desembaraçava-se dos cordões da blusa. Depois atirou o cinturão com a espada sobre a cama, tirou a blusa, o colete e vendo-se livre . deste, massageou, instintivamente os seios, séria. Abriu os botões das calças, tirou-as; a seguir, as botas, ficando apenas com os calções. Foi até sua malinha\* uma espécie de alfoije, retirou outro calção, nova blusa. Finalmente, retirou a última peça, examinou-a e com ela adentrou a tina. Barras de sabão feitas com resinas perfumadas estavam ao alcance das mãos. Ficou pensativa, enquanto se lavava. — Como é difícil ser mulher! Seria tão fácil estar lá no lago. Mas, vou em frente. Afinal, vou ser o Rei dos Mendigos. Ah ! Jeanpaul, parece que te amo! Oh! Deus! — Depois que se banhou, com esmero, já que Jeanpaul havia dito que dali em diante seria difícil outro banho, lavou toda sua roupa, torceu-a, vestiu-se e desceu. Apenas usou a calça de couro finíssimo. Pusera uma blusa de mangas curtas, azul, com o indefectível colete por baixo. Encontrou Thomaz pondo a mesa.

- — Então? — perguntou, ainda forçando a voz. i — Oh, senhor! Creio que esperarás ainda um bom tempo. Aqueles dois, quando aqui chegaram e vão à lagoa da cachoeira, demoram. Mas, nada puseste no pescoço?

— Oh! — exclamou ela — sabes que esqueci?

— Espera. Tenho um cachecol que minha finada mulher, — que Deus a tenha! — presenteou-me. Vou buscá-lo.

— Não te preocupas, senhor.

— Nada, espera, fica à vontade.

Jean permaneceu quieta a olhar a sala simples da estalagem no meio da floresta. Jamais saíra do Pátio dos Milagres, ou melhor, da periferia. Era tudo diferente. Não tinha maiores cuidados em sair à noite e assaltar, subindo pelas trepadeiras, para algum balcão de residência nobre. Afinal, a sua comunidade necessitava viver e ela era herdeira do reinado. Ao mesmo tempo em que assim ruminava, vinha-lhe à mente, também, a farsa que estava vivendo. Ao mesmo tempo, começava a sentir estar amando Jeanpaul. Que fazer?

— Aqui está, senhor — disse Thomaz, todo sorrisos, com o cachecol de lã vermelha na mão. — Considera um presente. Por favor.

— Mon père — exclamou ela, recebendo a peça.

— Teu pai?<sup>27</sup>

— Oh! Lembrei-me dele! Sempre usa um igual a este. Já está velhinho.

— Mais contente fico. Põe-no e vai, meu rapaz, ao encontro de teus amigos.

Quem sabe não retomeis logo?

— Tens pressa?

— Não, não, só que o rapazito vai viajar tanto... quanto mais cedo partires, melhor para todos. Olha, preparei um frasco com aquela receita para a garganta. Levarás contigo.

— Merci, m'sieur.<sup>28</sup>

Não é nada. Vai, vai ver o que estás perdendo, mas que no retomo aproveitarás. Vai, enquanto o Thomaz prepara tudo.

Ela foi. Havia um caminho de terra batida, por entre a vegetação. Seguia guiada pelo rumor da cachoeira. Ainda não havia chegado e já ouvia as gargalhadas de Jeanpaul e do avô. Aproximou-se e logo após uma curva, deparou-se com um cenário deslumbrante. A água límpida e espumosa despencava do alto, mais ou menos uns sete metros, indo formar um pequeno lago entre as enormes pedras. Para quem nunca saíra da cidade, era um espetáculo que comovia. Ela quedou-se embevecida. E com inveja daqueles dois que nadavam. Atiravam água um no outro, totalmente nus. Escondeu-se atrás de grossa árvore e ficou observando, por algum tempo. Como estavam despidos, ela não quis deixar-se ver. Resolveu, então, passear pelo bosque. ^ Tudo era novidade para ela. Assim ficou por algum tempo. Quando regressou, já os dois haviam voltado à estalagem. Apertou o cachecol de encontro ao pescoço e entrou.

— Ora, ora, então foste passear? — inquiriu o duque, que enxugava os cabelos com grande e felpuda toalha — Por que não foste à lagoa?

— Lá estive, senhor. Só que não quis atrapalhar os folguedos dos dois.

— Estás melhor?

— Isto passa. É só a garganta. Onde está o Jeanpaul?

— Foi trocar-se. Vamos encher a barriga e locar para frente.

Dentro em breve, todos almoçavam. Jean, vez em quando, pigarreava, fingindo estar com a garganta dolorida. Mas comia, já que nunca vira uma mesa como aquela, cheia de iguarias que nem conhecia. E comeu bem. — Apressado, i o duque, levantando-se foi ao senhor Thomaz e pediu:

— Prepara, Thomaz, o famel. Quero de tudo o que puseste á mesa, vês, o nosso visitante, embora com dor de garganta, gostou.

<sup>27</sup> <27> Meu pai.

<sup>28</sup> (M) Obrigado, senhor.

- Ora, senhor duque, já está *tudo* com o teu cocheiro e, se alguém come \*] *igual* a ele...
- E *onde* está?
- Ah, *comeu* bastante, antes de irdes à cachoeira. Dorme ainda. Afinal, a *viagem* é longa e ele tinha que descansar.
- Oui, *fizeste* bem.
- Vou chamá-lo. O famel já está lá na carruagem
- Nos é que vamos dormir agora.
- Nós, quem, vovô? — perguntou Jeanpaul.
- Nós... nós...
- Vovô, *donnes* tu. Nós iremos à frente em nossos cavalos.
- Oh! Sim, sim! E eu a querer equiparar-me a dois jovens!
- És *jovem*... contudo, como tu comes hein?
- Saca-trapo! — rugiu o duque, tirando da algibeira algumas moedas que depositou na mão de Thomas, recomendando: — vou trazer um javali para ser defumado. Tu o prepararás e ficaremos por dez dias aqui.
- Um só javali, meu avô? Em um dia, o comes lodo—observou Jeanpaul.
- Ora, não le intrometas. Trago dez, ou mais, que te importa? Adeus, Thomaz e obrigado por tudo.
- Não esqueças, senhor — falou o estalajadeiro para Jean — de fazer o gargarejo com a garrafada que te dei. Adeus.
- Mas, como iremos sem o cocheiro?
- Ah! Esperai — e foi chamar o que dirigia a carruagem, que, no entanto, já se aproximava.
- Vamos? — gritou o duque pela janela.
- Oui, m'sieur, estou pronto.
- já passava do meio-dia, quando saíram. De início, conversaram, mas, depois, notaram que o duque entrou a bocejar, instante a instante, para em seguida adormecer.
- Vês, Jean? Ele não aguenta muito. E nós?
- Que tem nós?
- Sentes bem para montarmos a cavalo, ou te ressentes da garganta?
- Vou — ela pensou. — Se estava fingindo, já todos aceitara. Agora, no entanto, era mostrar ser homem.
- Vamos, então?
- Claro, mas, não vais mandar parar a carruagem?
- Jeanpaul sorriu.
- Não, vamos sair pela porta, subir ao teto, descer na traseira, puxar as rédeas dos cavalos e pular para a sela. Faço sempre isto.
- Mon Dieu! — exclamou ela.
- Ora, é fácil. Segura na brida do cavalo e pula, contorcendo o corpo para caíres de frente na sela e é só desamarrar as rédeas, estamos livres. Vamos?
- Não sei se consigo.
- Còmo não?
- Jeanpaul, minha garganta dói.
- E que tem que ver a garganta com isto?
- Ora, eu jamais entreguei-me a tais acrobacias.
- Ah! É verdade. Peço ao cocheiro para diminuir a velocidade. Tu saltas. Eu, faço como sempre fiz. Desamarro os dois cavalos e vou com eles ao teu encontro. Certo?
- Seja.
- Pondo a cabeça fora da janela, Jeanpaul pediu ao cocheiro para diminuir a marcha. Isto feito, voltou-se para Jean:
- Pronto, Jean. Pula.
- Ela abriu a porta, olhou por instantes o solo que passava rápido. Tinha que saltar. E o fez, com sucesso, correndo alguns metros. Viu Jeanpaul sair pela porta, galgar ágil o teto da carruagem e dirigir-se à traseira do veículo, que aumentara a velocidade.
- Laurier! — exclamou ela, andando.
- Atingindo aquela parte, Jeanpaul pôs-se de pé e, rápido, saltou para a sela de um dos cavalos que trazia a reboque. De fato, teve que dar uma volta no ar, para cair na sela. Desamarrou as cordas que prendiam os animais ao veículo e voltou-se, levando consigo o de Jean. Sorrindo, parou junto à moça.
- Vamos lá, cavalheiro — disse, sorrindo.
- Todos os loucos são loucos como tu?
- Ora, que bobagem. Vamos, monta.
- Felizmente para ela, vez ou outra, montava a cavalo pelas margens do Sena. Mas estava longe de ser boa amazona. Montou.
- Para onde iremos?
- Tens tuas pistolas?
- Não, só a espada. Por quê?
- Só precaução. Vamos, vamos ultrapassar a carruagem — e instigou a montaria, saindo a galope. Ela o seguiu. Ultrapassaram o veículo, no qual, o duque dormitava, e logo sumiram na estrada de chão batido, por entre as árvores. Cavalgaram desabridamente por uns dez minutos, alegres, atirando gracejos um para o outro. Às vezes, Jeanpaul adiantava-se a ela e era objeto de sua admiração — firmava o olhar em seus cabelos cintilantes, esvoaçando ao vento.
- Vamos — gritava ele — cavalgas como uma menina!
- Ela pensava lá com seus botões: — Ah, se soubesses como estás certo! — punha o cavalo a correr, emparelhando-o ao do amigo.
- Montas bem, mas lembra-me o Capitão Belle Rose.<sup>29</sup>
- Belle Rose?
- Sorrindo, ele explicou:
- Dizem ter existido essa figura. Valente, exímio espadachim. Só que...
- Só que?
- Era uma linda mademoiselle.
- Ora... — extemou-se ela, embaraçada. — Notando, ele se desculpou.
- Pardon. Não te aborreças. Estou só brincando.
- E existiu, efetivamente, esta personagem?
- Não sei, por certo são histórias. Desde pequeno ouvi falar nela — e mudando de conversa — Gostas de cães, não é verdade?
- Muito.

<sup>29</sup> (.) “O Capitão Belle Rose” - um dos romances do autor espiritual.

- Vais adorar Diana.
- Que idade tem ela?
- A Diana-mãe morreu com quatorze anos. A atual, filha dela, tem, acredito, dois anos. É terrível.
- Como? Feroz?
- Não, não. Brincalhona, amiga, embora valente. Adora meu pai.
- Ele deve ter sentido muito a morte da outra, não?
- Oh! Se erigiu-lhe até um mausoléu! E para não esquecê-la jamais, deu seu nome à cria.

Juntaram as montarias, lado a lado, em trote vagaroso e conversavam animadamente, quando ouviram um barulho à frente.

- Ouve... parece vir um carro em nossa direção.
- É verdade — concordou ela.
- Fiquemos à margem da estrada.

Logo apareceu um enorme carroção com um toldo surrado cobrindo-o. Dois homens vinham a cavalo à frente e mais dois sentados na boléia do veículo. Ao avistarem os dois jovens, o carroção parou. Os dois cavalheiros aproximaram-se devagar.

- Solta o fecho da espada, Jean — aconselhou o jovem, sendo logo obedecido.

Eram homens rudes, mal-encarados e sujos. Todavia, traziam à cinta, cada qual, uma espada. Um deles, gordo, dono de bastos bigodões, adiantou-se e perguntou com um vozeirão:

- Estais perdidos, fidalgotes?

Seu companheiro, mais magro, porém forte, soltou uma risada escaminha.

- Não, senhores, não estamos perdidos.
- E qué fazeis aqui?
- Precedemos a carruagem de meu avô.
- Ah! Vem aí uma carruagem?! Que bom!
- Não entendi.
- Tereis que pagar o óbolo do Mosteiro.
- Óbolo? Do Mosteiro? Que Mosteiro?
- Saint Michel.
- Ora, Saint Michel está tão longe daqui e não me consta que monges tenham cobradores.
- Pois têm, fidalgote. E tendes que pagar. Vê, nossa carroça está cheia de pagamentos — galinhas, porcos, farinha, etc.
- Que vêm arrecadando pela estrada?

- Assim é.

- E que pagamento quereis de nós?

- Como não tendes aves, nem suínos ou farinha, ouro nos serve.

- Ah! — riu Jeanpaul. — O Abade de Saint Michel sabe disto?

— Não temos que dar explicações. Essa tua espada é muito bonita. Ficaria melhor em minha cinta. Aceito-a como pagamento—e foi saltando do animal, acompanhado do outro. Jeanpaul sorriu, olhou para Jean e ambos saltaram de um pulo, já com as espadas desembainhadas.

- Ah! Quereis, então, minha espada? Vinde buscá-la rufiões.

Os homens estacaram surpresos. Depois, o rotundo sorriu, alisou o bigode, chasqueando:

- Ora, ora, se não são dois galinhos de briga!

- E com esporões à tua espera, biltre.

- Vamos com isto, Joseph — gritou um dos que ficaram na carroça. — Temos pressa.

- Calma — rugiu o nomeado — isto não vai demorar muito — e sacou a ] espada, o mesmo fazendo o outro.

—Vamos cortar-vos as cristas, galinhos—e atacou. Jeanpaul aparou o golpe. O outro foi avançando para Jean, que procurou mais espaço. Ele deu uma estocada que foi desviada.

— Vamos, meliantes, vamos lá — instigava Jeanpaul. — E para Jean — Conserva as costas para as árvores, Jean—os aços enlrechocavam-se e os dois já não brincavam, pois viram que se enganaram com os dois rapazes. Tudo quanto tentavam era enfrentado à altura e tinham que se esmerar para aparar os golpes. Foi quando Jean confessou:

- Jeanpaul... já estou cansada.

- Cansada! Que queres dizer, Jean?

Ela, com o que instintivamente disse, descuidou-se um pouco, quase sendo atingida pela espada atacante. Mas pensou rápido, investindo furiosa contra o homem. — Não me chamaste de Capitão Belle Rose?

- Então, o capitão está 'cansada'? — p o que pensas fazer?

- Como vês, são dois pulhas. Vou logo acabar com o meu.

- Oui, m'sieur. Faze-o.

Os dois atacantes suavam e vendo ter encontrado dois dignos conlendoresij já demonstravam medo, aliado à má esgrima que possuíam. Usavam a espada no seu dia-a-dia para amedrontar, desconhecendo a técnica de como utilizar a nobre arma.

- Ai! — gritou um.

- Que foi, Jean?

— Creio que uma abelha picou o braço do nosso amigo — respondeu a moça, enquanto seu adversário, largando a arma, segurava o ombro que fora atravessado. Jean chutou-a para fora da estrada e fazendo circular a ponta da espada junto ao rosto do ferido, continuou—queres a barba feita rente, ou um pouco maior?

O homem gemia, o sangue passando entre seus dedos e descendo pelo braço imobilizado. Ela virou-se para Jeanpaul e informou:

- O Capitão Belle Rose já acabou. E tu?

— É para já, Jean — e aparou um golpe alto, virando o corpo, deixando a espada do bigodudo resvalar na sua, atingiu-o na coxa. Outro berro e o sangue esguichou.

- Pronto, Jean, terminou. Que pena!

Nisto, os dois homens que guarneciam a carroça, vendo os dois amigos fora de combate, saltaram e avançaram correndo. Não tinham espadas, só grossos cajados.

- Eia, Jean, mais dois.

Quando assim estavam, apareceu a carruagem.

- Aqui, meu avô!—gritou Jeanpaul. O duque não se fez de rogado. Saltou rápido.

- Jacob, o mosquete, rápido!

O cocheiro atirou a arma que ele aparou e logo engatilhou, avançando para os atacantes, que pararam.

- Que se passa aqui? — indagou.

- Esses billres tentaram assaltar-nos.

- Assaltar?

Jeanpaul tirou da cintura uma pistola, apontando-a para os dois homens.

Largai os cajados!

Obedeceram, medrosos.

— Afiançam ser do Mosteiro de Saint Michel. Estavam nos cobrando o óbolo do Abade.

— Que? São, sim, facínoras. Então, o Abade de Saint Michel teria borra-botas a seu serviço? Meliantes, isto sim. E atacaram-vos?

— Sim, mas vê o resultado. Jean pegou um no ombro. O outro, eu, na perna. E estes dois investiram com os cajados.

— Estais bem?

— Claro.

— Pois bem, saca-trapos, para a carroça, ligeirinho—e para o cocheiro— Jacob, traze cordas.

Os homens foram fortemente amarrados na carroça. O duque olhou o conteúdo da mesma e pegando um pequeno suíno, declarou:

— Este será óbolo do duque.

— Vais levá-lo, vovô?

— Ora, quando chegarmos à estalagem, ele se transformará num belo assado. — O porquinho berrava.

— Oh! Não, senhor, coitadinho, é tão pequeno, solta-o — pediu Jean.

— Soltá-lo? Se o fizer, será presa fácil de animais selvagens—e depositou- ' o novamente na carroça. —Voltou à carruagem, pegou uma folha de pergaminho com suas armas impressas e escreveu: — *SENHOR PREBOSTE. ESTES HOMENS SÃO ASSALTANTES DE ESTRADA. PRENDEI-OS.* Assinou e a afixou na carroça. Em seguida, deslocaram-na pondo-a em posição de os seguir e prosseguiram viagem.

*ffrrr*- A carroça vem atrás de nós, vovô — disse Jeanpaul, ao lado da carruagem.

— Pois é. Os cavalos sabem que estão retomando a seu lugar. Só vão parar no seu desüno. E eles serão presos. Está, no entanto, muito pesada para nos alcançar. Ides continuar a cavalo? Por que não subis e descansais um pouco? Vamos prosseguir com mais velocidade ou a noite nos pega na estrada e isto não quero.

—É, é melhor. —Jeanpaul fez sinal para o cocheiro, que parou a carruagem. Apearam, amarrando os dois cavalos na traseira da viatura, subindo os dois. <sup>1</sup>

— Estais bem mesmo?

— Sem dúvida, vovô. E, como esgrima, aqui o nosso Capitão Belle Rosé...

— manifestou-se o rapaz, batendo nas costas de Jean.

— Capitão Belle Rose? — estranhou o Duque.

— É uma brincadeira, vovô.

— Este capitão foi uma lenda. Fantasia que me passaram quando criança.

— Sei. Meu pai me contava.

— Então, o rapaz sabe mesmo manejar a espada.

— E como, vovô! Pôs logo fora de combate o meliante.

— É, mas se eu não tivesse chegado a tempo, os outros dois iriam dar-vos uma boa sova de cajado.

— Qual nada. Minha pistola estava pronta para entrar em ação.

—Vou mandar um emissário a Saint Michel, contar tudo ao Abade. Vai ver, esses biltres usam seu nome para se locupletarem com os pertences dos pobres aldeães.

— Cansado, Jean?

— Não, normal.

— E a garganta?

— Ah! Arde-me muito!

— Cedo chegaremos à estalagem. Tomarás um bom banho, comeremos e, então, dormirás até às cinco horas, quando seguiremos viagem.

## Capítulo II OS AMIGOS JEAN E JEANPAUL

Em Paris, a população estava assustada, o exército de prontidão. As tropas de Carlos V permaneciam acampadas fora da cidade, enquanto o Imperador era recebido em palácio, com todas as honras. Foram organizados passeios e visitas às igrejas, palácios, etc. E como sempre foi do feitio de Francisco I, os saraus sucediam-se. O povo, no entanto, só respirou aliviado quando Carlos V deixou a cidade com suas tropas.

— Não crês ter sido uma temeridade permitir semelhante visita? — indagou Margarida.

— Não penso assim. Deixa que ele gaste suas tropas. E ainda por cima com

— Solimão a o admoestar. Quanto mais fraco ficar, melhor para nós. Agora, minha cara irmã, creio que vou descansar uma temporada no interior. Caçar um pouco far-me-á bem.

— E quanto ao bruxo?

— Que bruxo?

— O médico, Girardan.

— Ora, minha irmã, deixa o pobre homem em paz.

— Nunca! — rugiu ela. — Quero-o na fogueira.

— Tenho muito com que me preocupar, minha cara irmã. Vai. Faze a lista dos convidados — e retirou-se.

O ódio da irmã do rei pelo dr. Girardan, prendia-se à recusa deste a um pedido descaridoso e obscuro. Um aborto. Irrompeu-se, então, o ódio insano pelo bom doutor, que contirfuava a atender os necessitados na zona pobre de Paris. Mas, isto é uma história que já foi contada no livro anterior.<sup>30</sup> Voltamos, portanto, aos passageiros da carruagem, que chegavam, sem outros percalços, às terras do pai de Jeanpaul.

O veículo adentrou a enorme portão que foi aberto por dois serviçais, e saiu rodando por um caminho lajeado, que cortava extenso gramado bem cuidado, até parar frente às escadarias que conduziam à residência. Já ali estavam o dono da casa e esposa, sorridentes, e um pequeno exército de auxiliares. Tão logo o veículo parou, o jovem abriu a porta e pulou no chão, correndo para os pais que esperavam, braços abertos e rostos iluminados por amplos sorrisos.

— Meu pai, minha mãe! — gritou ele, abraçando e sendo abraçado e beijado pelos progenitores.

— Meu filho! — exclamava Paulette, comovida — estás um homem.

— E, então, como foram os estudos?

— Como sempre, pai, como sempre, teu filho foi o primeiro da turma,

— Ah! Alegro-me!

— Pai — falou ele, percorrendo com a vista as pessoas que ali estavam — não vejo o Pierre — e fitou sério o pai.

— Não te preocupes. Pierre já está octogenário e doente. Logo o verás em

seu quarto.

— Maria! — exclamou o rapaz, atirando-se nos braços de uma das serviçais, que o abraçou sorrindo e chorando.

— Mon petit — dizia Maria.

— Mon petit? Sou um homem, Maria.

— Sim, sim, sei. Já não te poderei dar banho.

Todos riram, Jeanpaul cumprimentou a todos, depois, virando-se para a carruagem, gritou:

— Grand père!<sup>31</sup> Seu duque velho, ainda estás dormindo?

Ouviu-se uma imprecação, a porta da carruagem abriu-se e o duque, j saltando no chão, berrou:

— Duque velho? Vais ver quando eu te pegar, fedelho metido a sebo — e fez menção de correr atrás do jovem que se refugiou atrás do pai, que ria divertido.

— Meu pai, estás ótimo — abraçaram-se.

— Paulette! Sempre viçosa como as flores do campo — cumprimentou-a j o duque, abraçando-a e beijando-a. — Tens que pôr este fedelho e ferros. Não perde a oportunidade de chamar-me de velho.

— Ah! Meu pai, minha mãe! — falou solene o rapaz — o casal o encarou sério — tenho uma surpresa — e encaminhou-se ao veículo — Desce, Jean. — Ela obedeceu.

— Oh! Quem é?! — inquiriu Paulette, admirando o estranho.

— É um amigo. É neto do doutor Girardan.

— Girardan? Que bom! — e avançaram para Jean, que fez uma bem cuidada reverência à dona Paulette, beijando-lhe a mão. Depois, cumprimentou o nobre senhor de Luzardo.

— É um prazer, jovem, ter-te em nossa casa.

— Neto do doutor Girardan?

— Por afinidade, senhora.

Paulette examinava as feições do rapaz, tão minuciosamente, fazendo-o corar.

— Então, mãe? Amor à primeira vista?

— Não tenha dúvidas, é um belo jovem.

— E valente. Pusemos a correr quatro meliantes que nos assaltaram.

— Mon Dieu! — e Paulette pôs as mãos no peito.

— Que dizes filho? Fostes assaltados?

— Ora, Jean — atalhou o duque. — Quatro meliantes.

Um deles não vai poder usar o braço por muito tempo; o outro, não poderá andar.

— Duelaram? — perguntou boquiaberto Jean.

— Não, pai, apenas treinamos.

— Ah! Quero ouvir tudo.

— Não agora. Não vês que estamos chegando? Manda levar nossas bagagens. Conversaremos depois.

— Senhora — adiantou-se Jean, tirando do colete um rolo de pergaminho amarfanhado e estendendo a Paulette — esta é uma carta que te envia o doutor Girardan.

— Oh! — e recebeu a missiva. — Lê-la-ei depois. Obrigada. Como te chamas, jovem?

— Jean, senhora.

— Ora, que coincidência! Meu marido, também. E meu filho, Jeanpaul.

— E nascemos no mesmo dia, mãe.

— Bons augúrios. Mas, vamos, entremos.

— E Diana, pai?

— Ah! Está uma beleza. Digna da mãe. Depois, a verás.

— Mãe, quero mais uma cama em meu quarto. Jean ficará comigo. Ss^Naturalmente, filho.

<sup>30</sup> (W) “O Amor é Eterno”, do mesmo autor espiritual.

<sup>31</sup> <30> Vovô.

Jean abaixou a cabeça. — E agora? — pensou. Paulette, ladina, como sempre fora, notou a mudança no semblante de Jean. Subiram as escadas de mármore muito bem cuidada, com passadeiras vermelhas, contrastando com o branco dos degraus.

— Vou mostrar o quarto em que ficareis.

— Não é o meu?

— Claro, mas teu amigo não o conhece. E bem que pode necessitar de uma limpeza.

Atingiram o corredor, ladeado de portas, até uma ampla varanda que formava espaçoso salão. Paulette abriu uma porta. Entraram. Um vasto quarto, com confortável cama ao centro, armários de mogno, luzidios. Pendurados às paredes, alguns troféus de caça e uma estante, pejada de livros a arrematar-lhe a decoração. Ampla janela, que foi descerrada, deixava veros jardins no fundo da majestosa herdade.

— Aqui estamos. É só acrescentar mais uma cama e pronto. Bem, ficarei à vontade. Logo vossos pertences chegarão. Tenho que dar umas ordens.

— Até logo, mãe.

Como que intuída, Paulette tirou do seio o pergaminho, e entrou no quarto que antes fora de dona Suzanne e que fora conservado intacto. Ali, no toucador, ainda estavam vidros de remédio e os pertences pessoais daquela tão sofrida mulher. Até suas chinelas viam-se ao lado da cama. Paulette tratava aquele quarto como um santuário, e para ali dirigia-se sempre que queria meditar, ou quando se sentia melancólica. Diante de grande tela retratando a antiga dona de casa, sentou-se em graciosa cadeira de balanço. A luz do dia iluminava o ambiente, entrando através das diáfanas cortinas. Rompeu o lacre do pergami-í nho e pôs-se a ler. E seu semblante se foi modificando à proporção que seus olhos passavam sobre o texto. Pôs a mão no seio. Leu e releu a carta. Depois; deixou-a cair no colo e ficou a contemplar o retrato.

— Oh! D. Suzanne, que faço? Certamente, Deus quer algo de mim, já que o acaso não existe. Ao olhar o rapaz, desconfiei ser uma menina. Meus olhos de mulher e mãe não me enganam. Mas, onde a certeza? E agora, dona Suzanne? Que faço?

De repente, chegou-lhe às narinas suave perfume de flores silvestres, i

— Este perfume — murmurou, erguendo o corpo na cadeira. — era o preferido dela. Dona Suzanne — perguntou — estás aqui? Por favor! — e começou a chorar, de olhos fechados. — Nesse instante, sentiu uma suave pressão na testa, como se mão invisível a tocasse. Ficou imóvel. O perfume desvaneceu-se no ar. Ela descerrou as pálpebras. Uma flor orvalhada estava sobre a cama. Levantou-se e foi até o leito. Era um enorme lírio. Cuidadosamente, o apanhou. Sorriu. — A senhora esteve aqui — falou contente. Obrigada, senhora. Levantou a cabeça, recompôs-se e deixou o cômodo, rápida, indo bater no quarto do filho. As bagagens já ali estavam. Jeanpaul livrara-se da camisa e preparava-se para fazer o mesmo com as calças. Na janela, Jean fingia olhar a paisagem.

— Jean — chamou ela, entrando.

— Mãe! Que há? — perguntou ele, cingindo o torso com uma toalha que apanhou sobre a cama.

— Filho, teu amigo Jean não pode ficar contigo neste quarto.

— Ora, e por que não?

— É que — e ela procurou uma desculpa — é que não temos mais cama.

— E nos outros quartos?

— Estão parafusadas ao soalho.

— Ora, mãe, manda desparafusar uma.

— Não, Jeanpaul-interveu a mocinha.—Para que tanto trabalho? Que custa que eu fique em outro quarto?

— Ora, poderíamos conversar, fazer planos para caçadas; afinal, falar sobre assuntos que não podemos discutir abertamente.

— Vem, Jean — acudiu Paulette — deixa este rabugento mudar de roupa. — Está bem, está bem. Vais, mas sob protesto—rugiu ele.—Muda a roupa e vamos ao banho.

— Ele fará isto no quarto, filho.

— Ora...

garganta, Jeanpaul — mentiu Jean.

—Vai, vai, antes que te desafie para um duelo.

— E quem ganharia? — perguntou ela, brincando.

— É... quando muito, empataríamos.

Paulette levou Jean para um quarto contíguo ao do filho. Mandou trazer seus pertences, depois, sentando-se na cama, porta fechada, disse, sorrindo:

— Agora, podes despir-te, filha, u!;-—Filha?

Paulette contemplando-a, risonha, exclamou:

— Ah, Planchet! Que parvo! Que inconsequente!

— Planchet?

— Claro, teu pai.

— Senhora....

— Vem cá, senta-te a meu lado, menina.

Ela obedeceu.

— Então?

— Então, o que?

— Esperas, como teu pai, enganar a todos? Até quando?

— Senhora, eu...

— Amas meu filho...

Ela lançou-lhe um olhar de esguelha.

— Sei que o amas, mas, estás presa a um juramento. Vem cá, menina doida — e puxou a moça para o peito. Jean começou a chorar.

— Chora, chora, faz bem.

— Que faço, agora?

— Nada. Eu te ajudarei, mesmo sabendo que se meu Jeanpaul soubesse a verdade, a iria amar, o que não pode admitir agora, pois, para ele és homem.

— Senhora, como sabes disto tudo?

— É uma longa história.

— Conheces meu pai?

— Oh! Senhorita, podes apostar.

— Mas...

— Teu pai sempre foi um mandrião, embora no fundo um bom homem. Planchet e seu auxiliar mais querido, o parvo Bochet.

— Senhora! — exclamou Jean surpresa.

— Eu pertenci àquela comunidade, minha menina.

— Ao pátio?

— Não só ao pátio, como aos esgotos. O Rei dos Mendigos, Planchet, foi muito meu amigo. Quando meu Jeanpaul nasceu, tu também

nascias. Só que o maroto do teu pai, sempre teve filhas e necessitava de um herdeiro. No entanto, o que nasceu de mim, foi homem, mas como a fama dele era de “só fazer mulheres”, nem se deram ao trabalho de conferir o meu bebê.

— É meu irmão, o Jeanpaul?

— Não, não, sossega. É que Planchet tinha a reputação de grande ganhão e logo atribuíram a ele a minha maternidade.

— A senhora sabia de tudo?

— Não, apenas tomei conhecimento do nascimento do filho varão de Planchet. Mas logo saí de lá. Só agora compreendo tudo. O doutor Girardan fez-me ciente na carta que trouxeste.

— Ah! — E o que farás, senhora?

— Sossega. Já comecei a agir. Tirei-a do quarto de meu filho.

— Não vais contar?

— Não, não vou. Isto, tu mesma o farás um dia. Se conseguiste enganá-lo e aos demais, até então, vamos ver se conseguirás por muito tempo levar o embuste adiante. Arriscaste em demasia. Podes perder o Jeanpaul.

— Como, senhora?

—Ele é homem, pode apaixonar-se por uma moça, já que para ele tu és do mesmo sexo. Que me dizes?

Ela ficou pensativa por instantes, depois declarou:

— Eu fiz um juramento a meu pai.

— Juramento descabido, como descabida foi esta idéia dele. Pensa bem. Agora, vou mandar trazer água quente. Na carta, o bom aniversário dos dois. Trar-te-ei algumas coisas que só nós mulheres usamos. Vamos ver como te saís. Vai, menina, alivia-te dessas roupas. À noite, antes de dormires, far-te-ei uma boa massagem, como me pediu o doutor.

— Obrigada, senhora.

— A responsabilidade é tua. Eu, nada sei. Pensa bem, já que amas a meu filho. Só tu tens a perder, ou tudo a ganhar. Volto logo — e saiu.

Só, no quarto, sentou-se na cama, enquanto retirava as botas e começou a pensar. Efetivamente, ela estava perdendo o maior afeto de Jeanpaul. Às vezes, tinha vontade de confessar-lhe tudo, mas lembrava, então, sua gente, também enganada pelo pai. Pensou em que Planchet morrendo, seu povo não teria um chefe de imediato, fato que redundaria em verdadeiro caos ao Pátio dos Milagres. Os mendigos, sem liderança que lhes conduzisse os passos, passariam a agir por conta própria e por certo isto causaria a morte de muitos. Um contingente de soldados bem armados bastaria para exterminá-los. E esse massacre não ocorreu antes, em razão do ferrenho controle exercido por Planchet, evitando excessos. E o pai estava no fim da vida. E todos sabiam ter ele um sucessor. Não, ela não lhes podia faltar. Por outro lado, amava Jeanpaul. Fatalmente, perdê-lo-ia se não confessasse sua condição de mulher. Reconhecia estar atravessando um verdadeiro dilema.

Nisto, batem à porta, despertando-a de seus pensamentos. Levantou-se para atender. Paulette, com duas aias, ali estava. Uma das serviçais trazia nas mãos grande bacia esmaltada e a outra duas avantajadas ânforas com água. Paulette tinha consigo felpudas toalhas. Entraram.

— Espero que este banho quente te faça melhorar da garganta, filho—falou ela.

— Oh! Senhora, não te deverias ter incomodado.

— Não é nada. Podes, agora, tomar teu banho sossegado.

As aias abandonaram o quarto, sorrindo para quem julgavam ser um rapaz. Paulette sentou-se na cama e a ficou olhando despir-se. Ajudou-a a tirar o colete. Jean, só com os apertados calções, sorriu, encabulada, para a senhora.

— Que desperdício, minha filha!—exclamou. — És linda! Ah! Planchet! Merecias uma grande surra! — Vai, toma teu banho. Depois vistas uma blusa bem folgada na frente.

— Jeanpaul espera-me para ir ao lago nadar.

— Eu me encarregarei de o demover desse intento, mas não sei até quando, menina levada. E, põe o cachecol. Lembra que tens a garganta inflamada.

— Não me esqueci, senhora.

— Depois de amanhã é teu aniversário.

— E do Jeanpaul, também — e ficou carrancuda.

— Que houve?

— Nada tenho para presentear-lhe.

— Oh! Eu darei um jeito! Não te incomodes. Faremos uma festinha. Agora, vai, banha-te.

Algum tempo depois, já no alpendre da casa, na parte anterior, Jeanpaul mostrava-se ansioso.

— Mãe, onde está o Jean? Coíno demora!

— Neto, espera! O rapaz, além de ter a garganta doente, não tem o nosso costume. Logo virá.

— Mas, vovô, os javalis esperam?

— Ah, maroto! Sei onde os encontrar, sossega.

— Teremos que ir sem ele.

— Não é necessário — disse Paulette. — Eis o jovem que chega. Jeanpaul correu para ele.

— Que acontece, Jean? Se estás sentindo mal, compreendemos. Mas queria tanto que fosses à caçada conosco.

Jean sorriu.

— E eu te disse que não iria?

— Mas demoraste.

— Não estou em casa. Tinha que arrumar meus pertences.

— E faltaste ao banho.

— Por enquanto, não posso.

— A garganta.

— Sim. Mas, quem me dá uma arma? Afinal, vamos caçar, ou não? — e piscou para Paulette.

— Ora, tudo resolvido. Soltai os cães. Vamos! — rugiu o duque.

Jean (filho do duque), montado em belíssimo cavalo negro, gritou:

— VatiTos, velho duque.

Que? Tu, também, filho desnaturado?

— Vovô — chamou Jeanpaul.

— Sim?

— Vês que não é só teu neto que te chama de duque velho?—e espicou a montaria.

— Rebeldes! — bramiu o duque com ar indignado.—Não bastava um filho e, agora o neto? Paulette, Paulette!

— Sim, meu sogro?

— Tu és a culpada, vou matar um e outro.

— Vai mata-os, mas—e levantou o dedo indicador—traze as peles, duque velho!

— Como é? Tu também? É um complô? Mandriões! Só falta, agora, o Jean aderir ao trio! — e curvando-se na sela, beijou Paulette. — Eles me pagam.



- Vai, sogro, tu és melhor caçador que eles.
- E tu, terás teu castigo, donzela.
- Qual?
- Só como o que for feito por tuas mãos. Tarás que trabalhar. Se alguém tocar, não come.

Ela sorriu.

- Guia o Jean. Com cuidado, velho.
  - Vamos, rapaz. Sê homem como o duque.
- Acenaram para ela e saíram a trote, atrás de Jeanpaul e o filho. Estes, já muito à frente, cavalgavam lado a lado.
- Filho, gostei muito do amigo que trouxeste.
  - Ah! Pai, jamais afeiçoei-me a alguém em tão pouco tempo.
  - Sei. Eu o sinto carente.
  - É verdade. É um rapaz pobre, nem sequer conheci seus pais. Quis conduzi-lo até eles, mas notei que ele se esquivava. O senhor sabe como é. No entanto, estivemos conversando sobre astronomia, conhecimentos gerais, matemática e ele correspondeu.
  - Sei, filho, mas, noto uma certa cautela nele, como se estivesse sempre em guarda, uma timidez...
  - Ah! Pai, deverias tê-lo visto lutando contra os facínoras. Eu pensava que era muito bom com a espada, mas o Jean, ou iguala-me, ou é melhor. É valente, o rapaz. Confesso que tive medo por ele, quando do assalto. Mas, no decorrer da luta, perdi o receio. Ele sabe mesmo manejar a espada.
  - É um belo rapaz. Quem sabe não necessita de um empurrão para ingressar na Academia Militar?
  - Oh, pai! Deixa a Academia de lado. Eu, mesmo, não a quero...
  - ... e por direito, serás capitão.
  - Pai, sou de paz.
  - Mas, a França está prestes a entrar em guerra. E nosso monarca, embora seja um grande estadista, não é estrategista: Uniu-se a Solimão, o herege.
  - Sei, sei, mais isto tudo é para atrair Carlos V a uma emboscada.
  - E Carlos V por acaso é um bobo da Corte?
  - E isto nos interessa, pai?
  - Mas, claro, Jeanpaul! Somos franceses.
  - Não, não me fiz claro, interessa isto agora? E os javalis? Vê, o “velho” já vem com Jean.
- O pai sorriu, sofrendo a montaria.
- O “velho” — diz tu. Este homem não envelhece nunca. Será sempre um menino... de setenta e oito anos.
  - Eia, mandriões! — berrou o duque ao se aproximar—Vamos à caça. Se eu não levar um javali para Paulette tratar, cozinhar e assar, eu serei o assado.
  - Outra aposta, meu pai?
  - Ela, assim como teu filho, chamaram-me de duque velho.
  - E?
  - E eu prometi trazer um javali, para ela, somente ela, estripá-lo, tirar o couro, cozinhá-lo e assá-lo. E ela vai fazer isto, palavra de duque.
  - Que dizes, Jean?
- E rixa de família, senhor—respondeu a jovem—embora divertida, não posso tomar partido.
- Fazes bem, rapaz. É mesmo uma briga velha, mas, crê, até hoje meu pai só traz perdizes ou perus selvagens. Paulette jamais teve o trabalho de fazer o que ele disse, com um javali.
  - Que? Com estes mosquetes vindos da Espanha, não me restará um só javali. E ela vai, mas vai mesmo, tratá-lo muito bem. E, se duvidas, não o comerás — e adiantou a montaria, seguido pelos cães de caça, que corriam céleres, mas sem ainda perspectiva de faro de caça.
  - Bazófia pura, Jean—adiantou-se Jeanpaul, emparelhando-se com eles. Mas, já foi um grande general, e é adorado na Corte por suas maneiras sempre decisivas em pró de criaturas pobres, necessitadas.
  - Atua, ainda?
  - Embora já não tanto, sim. Só não tolera o rei.
  - Como assim?
  - Franciscoé dado a festas e, em meio a grandes decisões, pára e vai caçar, deixando tudo em mãos de seus ministros. Sua irmã e a mãe muito o ajudam. Ele sabe, contudo, o que faz, mas meu pai não admite isto. O rei paia ele, tem que estar à frente de tudo. E, como deves saber, a França não está assim tão segura. O caráter aventureiro do rei muito preocupa a população.
  - Pai, deixemos a política para a varanda, logo mais. O que nos importa agora é não deixar o vovô caçar javali.
  - Por quê?
  - Ora, para minha mãe não ter que tratá-lo, conforme os termos da aposta.
  - É verdade, filho — anuiu o pai. — E como fazemos?
  - Tu e ele seguirão por um lado. Eu e Jean, por outro.
  - Certo. Sabes as regras.
  - Sim—e voltando-se para Jean—só atiraremos em caça rasteira, ou para o alto. Nunca em sentido horizontal.
  - Entendi — afirmou a moça. — Poderíamos acertar-nos mutuamente.
  - É isto.
- Chegaram à margem da mata. O duqffe a eles se juntou.*
- Então?
  - Eue tu, meu pai, para a esquerda. Jeanpaul e Jean, para a direita. Tens a cometa?
  - Claro, filho.
  - E tu?
  - Sim, pai.
  - Ao toque, terminou a caçada. Leva teus cães. Nós, os nossos. Só abateis o que possamos comer.
  - E boa caçada! — gritou o duque.
- Separaram-se. Jeanpaul e Jean adentraram a mata, até certo ponto, quando o rapaz, parando a montaria, apeou, chamando:
- Vem, Jean.
  - Como? Paramos aqui?
  - Sim. Os cavalos, nesta parte, só nos atrapalhariam. Deixemo-los amarrados com corda comprida, para pastarem. Não há perigo para eles. Iremos a pé. Tens as pistolas?'
  - E carregadas.
  - O mosquete?
  - Pronto.

—Então, tenhas à mão a pólvora e munição. Nunca atires quando eu atirar.

— Por quê?

— Se atirmos juntos, teremos que carregar novamente. E, em caso de necessidade, um pode defender o outro. Entendeste?

— Sim.

—Então, se eu atirar, mesmo que erre, não atires. Espera eu voltara carregar e, então, o próximo tiro será teu.

— Entendi, meu amigo.

— Vamos ver se és bom no tiro, quanto na esgrima. E, nota que temos de evitar que o “velho” faça minha mão ter que preparar o javali.

— Sim.

— E a garganta?

— Ah! — e ela pôs a mão no pescoço. — Estou melhorando.

— Ainda bem. Ouve, os cães ladram.

— Longe.

— Que queres? Temos de correr em direção aos latidos. Mas, não são esses sinais ainda, que encontraram a caça. Vamos, corramos para não os deixar distanciar-se muito.

— E se surgir caça por aqui?

— Não surgirá.

— Como sabes?

— Os cães passaram por este caminho, Jean e nada encontraram.

— Ah, é!

— Vamos. Curva o chapéu na testa para proteger os olhos dos galhos. Apressemos-nos. — E lá foram dois disparos na direção dos latidos dos cães. Chegaram a divisá-los, quando, repentinamente, desabalaram em carreira através da mata.

— Agora, sim, meu caro Jean. Farejaram caça grossa. Põe sebo nas canelas. Vamos atrás. — E foi, daí em diante, um constante descolar-se com rapidez precisa, entre a vegetação, às vezes, tendo que enfiar botas até os joelhos, para acompanhar os cães. Jean suave, sentia dores na parte superior, apertada pelo colete, mas não dava o braço a torcer. Seguiu Jeanpaul. Os ganidos fizeram-se mais insistentes e fixos.

— Encurralaram — informou ele.

— Que?

— Só pode ser um javali. Sempre andam em grupos. Mas, atacados, um oferece resistência para os outros fugirem.—Não fales. Poupa o fôlego. Corre.

Finalmente, chegaram ao local. Os três cães, latindo furiosamente, mantinham um belo exemplar de javali junto a um tronco de árvore. O animal, bufando, escavava a terra com as patas dianteiras, encarando os cachorros. De suas mandíbulas sobressaíam enormes presas, e rosnava ameaçador, todo eriçado.

— Vê — disse Jeanpaul, engatilhando o mosquete e fazendo pontaria. Demorou.

— Atira!

Ele abaixou a arma.

— Não, és o visitante. Atira tu.

— Mas...

— Rápido, Jean. Ele não vai ficar à tua disposição.

Jean levou a arma ao ombro, mirou e atirou. A fera grunhiu, pôs-se nos joelhos e depois caiu para o lado.

— Bravos! — gritou Jeanpaul, abraçando o “amigo”.;— Belo tiro!

— Salvamos a honra da tua mãe — disse ela, tomando a carregar a arma.

— É verdade. — e aproximaram-se da caça abatida. Jean fez menção de tocá-la, quando ele gritou:

— Não, não, Jean!

— Ele está morto.

— Primeiro, temos de ter certeza. Jamais aproxima-te de uma caça deste porte, sem certificar primeiro que está morta. Mesmo ferido mortalmente, o instinto de conservação dá força ao animal para um último ataque que pode ser fatal.

Certificados de que o bicho, efetivamente, estava morto, amarraram-lhe as patas e Jeanpaul o pôs atravessado nos ombros.

— Este é o momento pior da caça — carregar-lhe a carcaça.

— Eu te ajudo.

— Não é necessário. Tua garganta.

Durante o regresso, ouviram dois tiros ao longe.

— Será que mataram outro?

— Quem Sabe? Jean, há dois loques na cometa.

— Hein?

— A cometa, toca-a. Dois toques.

Jean tentou e só conseguiu emitir sopros.

— Ai, mon Dieu! — rugiu Jeanpaul. — Segura a carcaça em meus ombros e dá-me a cometa—ela obedeceu e duas notas agudas e uma grave saíram do instrumento.

— Pronto, Jean. Agora, vamos. í

— Estás zangado?

— Eu? — sorriu o rapaz. — Não, até que saíste bem. Não mataste o javali?

— Podería ter sido tu.

— Esqueças deste pomenor. Somos uma equipe.

— Só espero que o avô não lenha caçado um javali.

— É. Seria muito azar. Mas, veremos.

Chegaram aos cavalos. Jeanpaul amarrou, o javali na montaria de Jean, dizendo:

—A glória para o caçador. Vamos, mon ami, corramos, pois se mataram alguém, a glória, efetivamente, é de quem chega primeiro.

E saíram a galope pela ravina, com os cães latindo, atrás, demonstrando a missão cumprida. Chegaram antes. Entregaram a caça, os cães foram conduzidos ao canil. Dona Paulette trouxe refrescos e os dois sentaram-se no alpendre, a esperar.

— Jeanpaul, meu filho — dizia-lhe a mãe — eles vão ficar admirados.

— Mãe, as honras cabem ao Jean. Foi ele quem abateu o javali.

— Ora não trabalhamos em equipe? E não foste tu quem me deixou atirar? A honra é nossa.

— Estão chegando, senhora — avisou um serviçal.

— Ah! Espero que não tragam outro javali.

Quando apeados, cada um com um peru selvagem na mão, chegaram ao alpendre com ares de vencedores (pelo menos o duque), que se adiantou, levantando pelas pernas a enorme ave:

— Bela caçada! Teremos perus à janta.  
 — Por que pensas assim, vovô? — questionou Jeanpaul, sentado, com as pernas esticadas:  
 — Ora, não vejo o que caçaste.  
 Jean pai, saiu para junto da esposa, desconfiado e a abraçou, notando em seu olhar que algo havia acontecido, e ficou esperando.  
 — Ouviste a cometa, vovô?  
 — Sim.  
 — Ouviste o nosso tiro?  
 — Sim. Ouviste os nossos?  
 — Sim, ouvi, então...  
 — Então, o que, pirralho?  
 — Então, senhor duque — adiantou-se Jean, levantando-se, dona Paulette não limpará o javali.  
 — Que javali? — ganiu o duque.  
 — Ora, “velho” duque — falou Jeanpaul, erguendo-se e correndo para trás dos pais, a quem abraçou — o javali que Jean matou.  
 — Que? — rugiu ele.  
 — O tiro que ouviste... PUM! — e o javali caiu. Tocamos a cometa. Logo depois ouvimos dois tiros, dois perus! E nem sei se foste tu que abateu um, ou meu pai o fez aos dois.  
 — Eu ainda mato este menino, Jean. Isto é uma revolução, é falta de respeito, sublevação. Eu não aguento mais!  
 E todos riram, inclusive ele.  
 — Com que, então, foste tu, jovem, que mataste o javali?  
 — Fui, senhor. E, se me permitis, todos, queres dizer o que farias, em relação a dona Paulette, se fosse tu o caçador que abateu a fera?  
 — Ora — e o duque coçou a cabeça.  
 — Fala.  
 — Ela limpava, estripava, cozinhava e assava.  
 — Pois bem, a recíproca é verdadeira.  
 — Como?  
 D. Paulette interveio:  
 — O javali, que deve pesar, assim por cima, uns trinta quilos, está na cozinha.  
 — Ora...  
 — Vais fazer, senhor, tudo quanto queria que ela fizesse — disse Jean.  
 — Ora, fcdelho, vens aqui ditar normav?  
 — Nenhuma norma meu amigo ditou. Tu as estabeleceste. Vai, vovô, trata da caça e bem cozida.  
 — Sacré Coeur! — e virando-se para Jean — Não gosto de ti e este meu filho parece não ter pontaria.  
 — É verdade! — manifestou-se Jean (pai) — atirei no primeiro peru, matei-o. Como ele demorou em engatilhar o mosquete espanhol, carreguei a minha rápido e abati o segundo.  
 — Gostei de li.  
 — Minha arma emperrou. Ora, bolas! Vou para a cozinha, seus saca-trapos. — Na passagem, afagou os cabelos de Jean e confessou:  
 À noite, ainda cedo, Jeanpaul foi visitar o velho Pierre. Acompanharam-no, os pais, o duque e Jean. O idoso serviçal, deitado em espaçosa cama, os recebeu, querendo levantar-se.  
 — Ei, Pierre, tem calma. Levantar-te, para quê?  
 — Senhor — expressou-se ele, com voz trêmula — sinto-me um inútil aqui nesta cama.  
 — Ora, meu velho, vale quem está aqui.  
 — Quem, senhor? — e virou o rosto de um lado para o outro, mas os olhos não viam direito.  
 — Eu, Pierre.  
 — Hein?  
 — Eu, meu velhinho.  
 — Ah! O menino Jeanpaul. Oh! Deus! Que alegria! — exclamou, tomando nas suas as mãos do jovem. — Oh! D. Suzanne, aqui está ele. — Os circunstantes entreolharam-se. — O enfermo continuou — aqui está ele, trouxe-te a meu senhor Jeanpaul?  
 — Quem, meu bom Pierre?  
 Paulette interferiu:  
 — Não, Pierre, ainda não. Ela só faz dezoito anos amanhã.  
 — Ah! — e sem soltar a mão de Jeanpaul. — Sei, sei, mas a senhora dona Suzanne disse que ele havia encontrado sua alma afim. Creio não ter entendido, estou doente, fraco.  
 — Ele trouxe um amigo, Pierre.  
 — Um amigo. É sempre bom ter amigo. Onde está ele?  
 A um sinal de Jeanpaul, Jean aproximou-se.  
 — Está aqui. Toma sua mão — Jean deixou o ancião segurar-lhe a destra, sem soltar a do rapaz. — O idoso demorou um pouco, pensativo, depois manifestou-se — Filha, toma conta dele. Vós vos amais.  
 Jeanpaul olhou para Jean, sorriu, mas ela se mantinha séria. Novamente, Paulette interferiu:  
 — Descansa, Pierre. Ela tomará conta dele, eu te prometo — e tirou as mãos dos dois das do ancião.  
 — Procura dormir, Pierre — aconselhou o senhor de Luzardo. — e saíram do recinto.  
 — Coitado! — comentou o duque. — Não diz mais coisa com coisa.  
 — É vero.<sup>(3)</sup> Tomou Jean por uma jovem. Perdoa-o, Jean.  
 — Não tenho que perdoar-lhe. No seu estado é compreensível.  
 — É isso mesmo — ajuntou Paulette. — Ele queria ver Jeanpaul casado.  
 — Verdade.  
 — Realmente, nas suas condições, senil, é uma pena, que, todos nós, com a idade tenhamos que passar por isto — comentou o duque.  
 — Tudo o que nasce, tem de morrer um dia — extemou-se Paulette.  
 — Sim, sabemos, mas jamais nos acostumamos com isto.  
 Desceram ao salão, amplamente iluminado com enormes velas, dispostas em vários candelabros e ali ficaram por algum tempo a conversar, comentando a caçada, pairando uns com os outros.  
 — Que achou do javali, vovô?  
 — Bom...  
 — Somente bom?  
 — Gosto mais quando eu mesmo caço.

Jeanpaul deu uma gargalhada.

— De que ris, maroto?

—Então—continuou o rapaz—vai demorar muito para que comas um que gostes. Todos riram, patuscos. O duque acabou rindo também. Depois levantou-se, espreguiçando-se e anunciou:

— Bem, a caçada foi exaustiva. Vou-me recolher. Que tal uma cavalgada pela manhã?

Um a um foi deixando o salão. Um serviçal começou a apagar as velas. Jeanpaul seguiu para seu quarto, o pai também. A pretexto de dar umas ordens, Paulette dirigiu-se à cozinha, demorou-se um pouco e depois rumou para o quarto de Jean. No exato momento em que a porta foi aberta e ela entrava, o senhor de Luzardo assomou à sua, vendo-a ingressar no quarto de Jean.

—Que se passa?—pensou, desconfiado.—Entrou, sentando-se na cama, pensativo.

Jean tirara toda a roupa e Paulette iniciou as massagens prescritas pelo doutor Girardan.

— Coitadinha — lamentava — arriscar-se assim, sem necessidade. Teu peito, até o umbigo está tumefacto, em razão do colete. Amanhã, vou providenciar outro que não prejudique a circulação. — Depois de uns quinze minutos, despediu-se da jovem e saiu. Entrou no quarto e deparou com o marido sentado em uma vasta cadeira.

— Sem sono, querido? — perguntou.

— Etu?

— Caindo...

— Não me parece.

— Porquê?

Jean de Luzardo levantou-se bruscamente e expressou-se zangado:

—Te vi entrando no quarto do jovem Jean. Epelotempoem que lá estiveste, mantive-me a matutar que estariam fazendo.

Paulette faz-se séria.

— Vamos, dize — quase gritou, ríspido.

— Massageava-o — informou serena.

— Que?! — exasperou-se ele, segurando-lhe o braço.

— Acalma-te, Jean. Estás a machucar-me.

— Explica-te, Paulette.

— É, não há outra coisa a fazer. Vem, senta-te e contarte-ei tudo. — O marido obedeceu, desconfiado e expectante.

— Jean, meu querido, trata-se de uma moça.

— Como? — espantou-se Jean de Luzardo. — Que me dizes?

Paulette passou, então, a dar ciência ao esposo de toda a situação. Em seguida, foi a um escaninho, pegou o pergaminho e entregou-lhe.

— Lê — pediu, trazendo um castiçal com uma vela. — Ele assim o fez, de cenho carregado.

— Meu Deus! — exclamou.

— E tu, desconfiando de mim.

— Perdoa, perdoa.

—; Não faz mal.

— E agora, Paulette?

— És mais um a saber da verdade.

— Agora compreendo as maneiras arredias dele, digo, dela.

— Pois é.

— Planchet é um louco! Coitadinha da menina! Que faremos?

— Por enquanto, manteremos o fato em sigilo. Veremos o que acontece. S Pierre...

— Que tem Pierre?

—“Filha, toma conta dele...”’, lembras-te? — fez a referência, segurando a mão dela.

— Lembro-me, sim.

— Deus! E eu pensei estar ele desmiolado. Ele percebeu! Mas, como?!

— Ele foi intuído, meu querido.

— Só pode!

— Vê aquele lírio, no copo com água?

— Sim.

—Como surgiu sobre a cama de dona Suzanne, se quando entrei no quarto, com este pergaminho, ela estava vazia? Apareceu de repente. Eu senti a presença dela naquele momento.

— Pobre Suzanne!

— Pobre! Ela está feliz e à sua maneira, procura intuir-nos, ajudar-nos.

— Que nos ajude agora sobre o que fazer com a mocinha.

— **É o que também peço. É melhor irmos dormir.**

No dia seguinte, enquanto tomavam o desjejum, Jeanpaul perguntou a Jean, vestido com vistosa blusa branca rendada, bem folgada; seus cabelos negros, coitados um pouco abaixo da nuca, brilhavam, bem cuidados:

— Vamos à cavalgada?

— Claro que vai — adiantou-se o duque, anuindo por ela.

— Como é que o senhor decide pelo rapaz, meu pai? — inquiriu o senhor de Luzardo, cortando uma fruta.

— Ora, não já estava decidido isto, ontem?

— Jean hoje não irá — anunciou Paulette. — A moça a olhou surpresa.

— Pode-se saber por quê? — indagou Jeanpaul.

—Sim, claro, filho, amanhã, é teu aniversário, como sabes, também, o dele. E vamos receber algumas pessoas. Jean não estando preparado para o evento, solicitou-me ajuda para escolher umas roupas, na vila.

—Ora, Jean, esqueças isto. Aqui só vêm aldeões, nenhum deles vai reparar em nada. Se ainda estivéssemos em Paris...

— Está decidido, filhos — acrescentou o senhor de Luzardo — Tua mãe consultou-me e aprovei a idéia. Afinal, sendo de tua idade, ajudará também a escolher teu presente.

— Mas, que presente, pai...

—Além do mais—continuou Paulette—ele tem que se fazer mais bonito ainda, já que as filhas de nossos vizinhos aqui estarão.

— Ah! Logo vi que tinha mulher no meio.

— E a cavalgada pode ficar para depois de amanhã. Irás com teu avô.

— É de teu gosto, Jean, fazer o que estes dois querem?

Jean sorriu.

- É, Jeanpaul. Trata-se de uma emergência.
- Sendo assim, que seja como queres. Nós iremos, não é vovô?
- Mas, claro, comprar roupas, bah!
- Bem, antes de partirmos, podeis, ao menos emprestar-me Jean?
- Que vais fazer?
- Apresentá-la a uma grande amiga.
- Ah! Diana!
- Acertastes.
- Muito bem.
- Deve ser uma linda chienne.<sup>32</sup>
- Então — concluiu o duque — enquanto tu a levas ao canil, eu vou à cavalaria prestar os arreios de nossos cavalos. E, convém levares o mosquete?

Quem sabe um belo javali não atravesse nosso caminho?

- Só pensas em comer, vovô?
- Não, não, mas tu sabes...
- Meu pai preparará um mosquete. Assim, não terás que voltar da cavalaria. Certo, meu pai?
- Claro, filho. Ele sairá daqui completo.
- Completo, pai?
- Falta ainda o javali. Se ele pensou em dar de presente a mim amanhã, ficarei sem presente. Vamos, Jean, deixemos este velho gabola.
- O que, mequetrefe? Fidalgote, vem, desafio-te a um duelo. Escolhe as armas, fedelho — urrou, brincando, o duque enquanto se levantava.
- Escolho as armas?
- Sim, menino rebelde.
- Pois bem, escolho, javalis — e saiu, puxando Jean.
- Volta, saca-trapo!
- Calma, meu pai.
- Senhora, d. Paulette, ainda vou descansar este teu filho. O maroto não tem respeito a um duque como eu e tu, Maria, de que ris?
- Senhor, — disse Maria, levando ambas as mãos à boca.
- Qual senhor, nem meio senhor, vem cá, anda seu pedaço de tentação, ou melhor, tentação inteira. Já te chamas Maria, imagines se fosse Madalena. — Maria, desconfiada, mas sorridente, aproximou-se.

— Anda, aproxima-te, mulher.

Bem junto, ele a enlaçou pela cintura, fê-la dobrar-se e falou ao seu ouvido, bastante alto para ser escutado:

— Sobrou alguma coisa do javali de ontem?

Maria caiu na gargalhada, acompanhada pelos demais.

— Sobrou, senhor duque, sobrou. Queres?

— Um pouco — e explicou para os presentes — Sou carnívoro por excelência. Estas frutas não fazem amainar meu apetite.

— Vou buscar, senhor.

— Não, Maria, não vai. Pede que te tragam, pertences à família, Maria.

— Dona Paulette... — choramingou ela.

— Paulette tem razão, Maria. Pedes a um dos nossos auxiliares para pegar o que queres.

— Ora, quando resolveres, não terei mais apetite — reclamou o duque.

— Senhora, é que guardei e só eu sei onde está... eu já sabia que ele — e apontou o duque — iria pedir. Então, desde ontem, reservei um pedaço, já prevendo.

— Ali! — E ele, naturalmente, sabia disto!

— Pelas chagas de Cristo! — redarguiu o duque.

— Está bem, Maria, vai.

Quando a mulher saiu, o senhor de Luzardo, voltou-se para o pai que ficara meditabundo e manifestou-se:

— Diz logo o quanto gostas desta criatura, meu pai. Para que o fingimento?

— Que? — alterou-se ele, fazendo balançar a linda peruca que havia posto, e batendo com os punhos, em cujas mãos uma faca e um garfo estavam a postos, sobre a mesa, fazendo tilintar a louça. — Quereis brincar com o senhor duque Antoine Dambrose de Luzardo? Par de Sua Majestade Francisco I?

— É isto mesmo, senhor duque — acrescentou Paulette — confessas, ou não?

— Isto é uma tortura? Por que martirizar o estômago de um homem faminto desta forma? Deixai-me, ao menos, saborear um pouco do petisco que solicitei, senhores — falava como se estivesse entre os pares de França, em Palácio. — Depois, então com a fome aplacada, conversaremos sobre o caso. Certo?

— Deixemo-lo, querida.

— Não há que fazer mesmo — disse Paulette, beijando a fronte do marido.

— Fica aí, seu comilão!

— Ides deixar-me só, nas garras desta mulher que me foi buscar o javali?

— Sim. Vamos passear um pouco pelo jardim.

Sáiram. No amplo e bem cuidado jardim, de mãos dadas, começaram a andar, de início calados, até que o senhor de Luzardo quebrou o silêncio:

— Querida, agora, depois do que contaste, vejo quão linda ela é..

— É natural. Antes, não atentavam muito por julgá-la um homem.

— É verdade. Este Planchet é mesmo um parvo!

— Nem tanto. Ele a quis desobrigar da promessa. Ela não aceitou.

— Talvez, agora, já aceite.

— Não creio. Por que achas assim?

— Conhecendo Jeanpaul e o amando, que lhe resta fazer?

— Sei não, querido. Ela parece querer suceder ao pai de qualquer jeito..o parece uma obsessão, meu Deus.

— E nós, temos que ser cúmplices.

— Ainda isto. Hoje, ela entra, se já não entrou em seu ciclo menstruai. Já preparei tudo, de acordo com as sugestões do doutor Girardan. Ela não deve fazer muito esforço.

— E ia calvagar.

<sup>32</sup> <4> Cadela.

— Pois é. Foi providencial teres dito que ela iria comigo à vila.

— É, foi.

— Pois saibas que, efetivamente, iremos.

— Ides?

— Sim, necessito de algumas coisas para ela. E o presente para Jean paul.

— Já tenho o meu.

— O cavalo árabe?

— Este mesmo. Com todos os arreios em prata.

— É lindo.

— Por isso o escondi. E o dela?

— Jeanpaul já os tem.

— Pode-se saber o que?

— Uma espada igual à dele, uma adaga idem e um par de pistolas.

— Bi-idem — completou Luzardo. — Tudo ofertado por meu pai.

— Como sabes?

— Ora, Paulette, em se tratando de armas lindas, ricas, meu pai tem que estar no meio. Naturalmente, Jeanpaul falou-lhe acerca do aniversário do amigo e ele, claro, logo pensou em armas.

Paulette sorriu, divertida.

— É isto mesmo. Nosso Jeanpaul nos contou. E, efetivamente, são lindos os presentes.

— Mas, para a moça...

— Por enquanto, é rapaz — e apertando a mão do esposo, encostando a cabeça em seu ombro, enquanto andavam: — Ah, Planchet! Velho matreiro! Queria tanto vê-lo agora! E puxar aquelas grandes orelhas.

— Quais? As verdadeiras, ou as sanguinolentas que ele usa?

— Jean...

— Terias coragem de voltar lá?

— Claro, como espero fazer um dia.

— Como? — espantou-se o marido.

— Tudo aquilo tende a acabar um dia, querido. Quem sabe trazer alguns para trabalhar conosco.

— Que?

— Ora, eles são frutos do ambiente onde vivem. Vê nossas terras, ao lado norte, estão virgens, sem que possamos explorá-las por falta de gente. Fundaremos uma vila, cada qual com um pedacinho de terreno.

— Sonhas, meu amor.

— Era o sonho de dona Suzanne.

— Por que a chamas sempre de dona Suzanne?

— Ah! Querido — e apertou mais ainda a mão do marido — eu tive tanto medo quando me trouxeste para cá. Tu casado, eu tua amante. Oh! Dona Suzanne... que coração!

— Ela te contou tudo.

— Sim, contou, mas depois, eu tremia, não de medo, mas, me sentia culpada, afinal, normalmente, ela não merecia aquilo e tomou-se minha amiga, durante o pouco tempo em que viveu!

— Vive, ainda, querida.

— E, como! Sinto-a sempre. E tu precisas entrar no quarto dela, Jean. Ela está lá.

— Não vais sempre?

— Vou, nadaali se muda. Suas chinelas estão dispostas de acordo, paraque, uma pessoa deitada na cama, ao levantar-se logo os pés as encontrassem. Suas roupas, suas jóias, tudo, tudo está como se ela ali estivesse. E é acolhedor aquele quarto. Deves ir lá, Jean.

— Irei. Não te preocupes.

Sentaram-se em um banco, diante de pequeno lago, onde nadavam patos e gansos.

Enquanto isto, Jeanpaul e Jean, no canil, soltaram do cativeiro forçado e confortável, a bela cadela de pêlo negro e luzidio. Que alegria! Ela saltou, logo que viu o rapaz. Jean afastou-se, medrosa.

— Calma, Jean. É só amor. Deixa-a farejá-la e logo será tua companheira. — Que linda! — exclamava Jean, enquanto a cadela corria e latia, voltando a pular sobre o dono.

— Pára! — gritou ele — e ela sentou-se nas patas traseiras, obediente,

— Dá a mão para meu amigo beijar e beija a dele. — Vai, Jean, sem medo e pede-lhe a pata.

Jean aproximou-se meio receosa e pediu:

— Diana, a pata, meu beijo — e a cadela estendeu a pata, ela a beijou, depois foi lambida no rosto. Era a troca de beijos.

— Querida! — gritou Jeanpaul. — Vem! — e saiu correndo, ela atrás.

— Brincaram por alguns minutos.

— Que tal?

— É bela! E como é meiga!

— Sabe ser valente, também — e afagou as costas das orelhas da cadela.

— Ela vai conosco hoje, na cavalgada, pena que não possas ir.

Jean baixou a cabeça.

— Que tens?

— Nada, nada. É que havia prometido a dona Paulette...

— Sossega. Tudo bem. Amanhã, é nosso aniversário. E as vizinhas que certamente virão, hás-de ver, são lindas! Michelle é uma loura encantadora. Quer-me muito. Françoise, uma morena deslumbrante. Vou ter medo...

— Medo? De que?

— De que as duas prefiram-te, à mim.

— Jeanpaul... se nem as conheço.

— Sei lá, Jean... mas, dá-me uma, certo?

— Qual das duas?

— Gosto muito de Michelle; meu pai também.

— Então, ela é tua. Não gosto de louras.

— Estás zangado?

— Eu? Oh, não! É que tens que ir à tua cavalgada e é tarde. Eu vou sair com dona Paulette. Vamos?

— Claro. Vem, Diana, vamos para casa.

O belo animal saiu a correr, vez por outra parando para ps esperar.

- Não posso viver sem ela — manifestou-se o rapaz.
- Ela? Michelle ou Françoise?
- Ora, Jean, Diana.
- Não é muito amor para uma cadela?
- Sei não, mais vale uma cadela amiga, que vários amigas cadelas.
- Mon Dieu! Que dizes?
- Pardon, lembrei-me da Corte.
- Olha, teus pais.
- Oh! Estavam namorando!

Diana correu para os dois.

- Diana vai conosco, pai.
- Conosco? — estranhou — senhor de Luzardo, enquanto afagava a cadela.
- Sim, eu e o avô.
- Ah! Sim, sim! Ela necessita de exercício.
- E, pai, muito embora tenha ela muito conforto naquele canil, quero-a solta d\*agora em diante.

O senhor de Luzardo olhou para Paulette e acedeu:

- Está bem, como queiras. Mas, vê bem, ela jamais foi maltratada.
- Ora, pai, não se trata disto. É que ela fica longe de todos.
- Sei, filho, sei.
- Pode dormir até em meu quarto.
- Mas ela toma conta de toda a propriedade.
- Não, ela faz parte. Os mastins é que fazem o trabalho de guarda.
- Mas eles a atendem!
- Sei. Vão ter que se ver sem ela doravante. Afinal, ela é uma dama!
- Ah! filho, fazes o mesmo que teu pai com outra Diana.
- Minha avó Suzanne adorava-a.
- É verdade, todavia gritava quando ela lhe saltava à cama.
- Sei. Mas só para brincar. Às vezes eu não dormia ele com Diana?

O senhor de Luzardo balançou a cabeça.

- É, sim, isto aconteceu. Às vezes eu ia ao quarto e lá estavam Suzanne e Diana abraçadas. Oh, Deus, minha Diana!
- E dona Suzanne? — inquiriu Paulette.
- Oh! Não quis fazer comparações, claro. Falamos de cães.
- Sei, amor, sei.
- ’ — Amanhã, Jean, o nosso Jeanpaul levar-te-á aos dois mausoléus mais queridos para mim.
- O de dona Suzanne — esclareceu Paulette.
- E o de Diana — completou Jeanpaul.
- Vamos lá, saca-trapo! — gritou o duque, conduzindo dois belíssimos cavalos pelas rédeas. — Deixa estes fracos a jogar diabolô.

Vamos lá!

- Vai, Jeanpaul. O velho está zangado.
- Jeanpaul olhou para Jean. Ela abaixou a cabeça, doida para gritar que V também queria ir, que era mulher. Mas, calou-se.
- Até à tarde, Jean — despediu-se ele.
- Vai, Jeanpaul. Vou comprar teu presente de aniversário.
- Oh! Mas, bobo, já trouxe o teu desde Paris!
- Que?
- Vovô, dize a ele.
- Não digo nada. Não é amanhã o aniversário? — Vamos, fedelho, não suporto mais segurar estes animais.
- Montaram e saíram a galope, Diana correndo atrás. Jean começou a chorar; O senhor de Luzardo a abraçou.
- Menina, menina linda!
- Hein? — espantou-se ela.
- Ele sabe, Jean.
- Mas, dona Paulette...

—Viu-me entrar em teu quarto e ficou com ciúmes. Tive que revelar tudo. —Mon Dieu ! — e ela apertou o senhor de Luzardo ao peito, deixando cair em catadupas as lágrimas.—Que faço? Eu amo Jeanpaul. Ajude-me por favor.

- Esquece este juramento tolo, Jean.
- Não posso, não posso. Meu pai precisa de mim.
- Ele desobrigou-te, querida.
- Sei, dona Paulette, mas, no fundo ele queria um homem para seu sucessor. E agora, diz, alto e bom som que eu sou uma mulher? Meu pai não merece isto. Eu vou em frente.
- Mesmo perdendo Jeanpaul?
- Não sei responder — e caiu em choro convulso e seu corpo amoleceu, Jean de Luzardo a carregou nos braços.
- Coitadinha!—exclamou, andando em direção à casa.—Maria acorreu, solícita, com outras serviçais.
- Nada, Maria. O rapaz sofre da garganta. Esta poeira.
- Oh! Tenho umas beberagens!
- Sei, vamos, vou levá-lo a seu quarto. Está tudo bem.
- Maria, prepara um chá bem quente, e leva-o ao quarto dele.
- Assim farei, senhora.

No quarto, deitado, sob os cuidados de Paulette e do marido, Jean começou a dar sinais de que ia voltar a si. E recomeçou a chorar.

- Meu Deus — disse Jean de Luzardo — Por que, minha filha, isto tudo? Dá-me ganas de contar tudo ao Jeanpaul.
- Não, senhor — gritou ela, levantando-se a meio na cama e segurando- lhe as mãos. — Por favor, não!
- Acalma-te. Não direi—e para a esposa:—Folga as roupas dela. Eu saio. O resto do dia, Paulette passou indo e vindo do quarto de Jean. A mocinha sentia cólicas, oriundas do seu estado feminino. À tardinha, Jeanpaul e o avô retomaram. Traziam algumas perdizes. Diana, cheia de carrapichos, que lhe aderiram ao pêlo.
- Filho...
- Pai, vê que bonitas perdizes trouxemos.

— Naturalmente, tu as abateste.

— Não.

— Não?

— Não levei meu mosquete.

— Então, foi meu pai?

— Bem, de certo modo, foi... com a ajuda de Diana.

— Biltre! — rugiu o duque. — Têm balas ou mordidas nestas aves?

— Papai, papai, nada de brigas. Estas aves vieram a calhar.

— Por quê?

— Filho, o teu amigo Jean teve um acesso de dor de garganta.

— Ora!

— Ficou deitado até agora. Uma sopa de perdizes, certamente o aliviará.

— Eta rapazinho complicado este teu amigo, Jeanpaul! — exclamou o duque. — Não contas com ele para nada?

— Não é bem assim, vovô. Lutamos juntos contra os salteadores, lembra-te? É, é. Mas...

— Pai, esquece. É nosso hóspede e o mínimo que podemos fazer é dispensar-lhe conforto. Vê se entendes.

— Compreendo. Mas, não me chamas de velho — ripostou, dedo em riste.

— Não, não vovô, ele não tratou o pai velho de velho — e correu.

— Ainda mato este pirralho — e para o filho — Como está o rapaz?

— Já está bem.

— Amanhã é a festa.

— É, pai — e passou o braço nos ombros do duque — é amanhã.

— Estás preocupado, eu o sinto. Que acontece?

— Recordas-te da data em que Suzanne morreu?

— Ora, filho, claro. Só não pude estar aqui.

— Sei, pai, sei. Que data foi?

— Ora, oito de setembro, não há como esquecer.

— E o aniversário de Jeanpaul e Jean é justamente no dia oito de setembro.

— Ah! Filho — e o duque abraçou-o — entendo-te! Assiná-la em teu coração dois momentos extremos — alegria e tristeza.

— Mais ou menos.

— Meu rapaz, Suzanne, onde estiver, permanece feliz, contente e deseja que, também, estejamos alegres. Levanta a cabeça. Vamos à vila, falo com o pároco e mando rezar uma missa.

— Não, não. Tu o vais buscar e iremos ao carvalho. Ali, ele fará as orações que eu não posso.

— Por certo que irei, cedinho, meu filho! Alegra-te. Tens filho que, se não foi de minha querida nora Suzanne, por ela foi aceito. E vê a beleza em comemorar, no dia em que ela entregou a alma ao criador, o aniversário de teu filho. Ah ! Quem sabe ela não estará sentada em uma nuvem, olhando e batendo palmas para esta festa?

— Pai...

— A propósito, Paulette foi à vila com Jean?

— Não, não foram.

— Então, não compraram os presentes para o meu neto?

— E Jean?

— Ele dará ao Jeanpaul um dos nossos, como se seu fora. É segredo, seu velho.

— Velho? Tu também?

Jean de Luzardo sorriu.

— Bem que o pirralho levou as aves.

— Vamos, pai. Tomas um banho e cearemos.

— Estou com fome e cansado.

A noite caíra, mostrando, em um céu sem nuvens, uma enorme lua-cheia. No alpendre, Jeanpaul, sua mãe e Maria, conversavam.

— Fazes dezoito anos, Jeanpaul. Estás formado. Que irás fazer, agora?

— Ainda não sei, mãe. Penso em integrar a brigada do rei.

— Queres ser militar?

— É, mais ou menos.

— Terás, então, o posto de capitão.

— Sei. Capitão e neto de duque.

— Terás tempo para te decidires e, como está o nosso doutor Girardan?

— Ah! Mãe, o bom médico é um incompreendido! Inclusive, há um processo contra ele, em andamento. Achar que é um bruxo.

— Bruxo? O doutor Girardan?

— Dos pormenores, meu avô está mais a par do que eu, mas é verdade.

— Pobre dr. Girardan!

— E tu, Maria, quando casas?

— Eu? — e a serviçal pôs as mãos no peito. — Ora, Jeanpaul, já estou velha !

— É? Todavia, meu avô não tira os olhos de ti.

— Jeanpaul! — exclamou ela, corando. — Que dizes?

— Vês, Maria?

— **0** quê, senhora?

— Nada escapa a meu filho.

— D. Paulette...

— Não tens tanta idade assim.

— Senhora...

' — Terei que alertar-te sempre, para não me chamares de senhora?

— Olhai, lá vem Jean — avisou Jeanpaul, pondo fim à discussão.

Jean estava no alpendre. Usava exuberante blusa flocada, mangas compridas, apertadas nos pulsos, uma calça que lhe ia até abaixo dos joelhos, mais brancas, adentrando sapatos negros com placa alta no meio do pé.

— Boa noite! — cumprimentou.

— Oh! Jean, como estás?

— Bem melhor.



— Ótimo. Esperamos meu pai e meu avô para jantarmos.  
 — Sinto, não tenho fome.  
 — Oh ! Mas vais tomar um caldo de perdiz com verduras !—Falou Paulette.  
 — Senhora...  
 — Vais, sim, e depois, para a cama. Afinal, amanhã é um grande dia, tens que estar forte.  
 —E as meninas estarão aqui—observou Jeanpaul—Michelle e Françoise... são lindas.  
 — Qual das duas preferes? — inquiriu Jean, sentando-se.  
 — Michelle é bela, mas, não te apoquentes, a Françoise não fica a desejar. Gostarás dela.  
 —Assim espero—disse ela, olhando de esguelha para Paulette, e cruzando as pernas.  
 — Quem sabe não sairás daqui casado?  
 — Duvido, Jeanpaul, duvido — respondeu ela.  
 O duque e o filho chegaram. Vinham conversando animadamente.  
 — Paulette, estava dizendo ao senhor teu marido que melhor se come aqui quando estou — é javali, perdizes, veados.  
 — Ora, que pretensão! — reagiu Peulette, ante a fisionomia sorridente do marido.  
 — É muita pretensão mesmo, meu avô — interveio Jeanpaul — Pois veja: comemos o javali que Jean abateu. Quanto às perdizes...  
 — Que há com as perdizes?  
 — Pelo que me consta, Diana foi a principal caçadora.  
 — Ora, seu moleque. Qual Diana. Então, ela puxou q gatilho?  
 Diana, sentindo-se alvo da discussão e ouvindo seu nome, latiu duas vezes, levantando a cabeça, com as orelhas em pé.  
 — Estás vendo? Ela reivindica metade. Dévias, sim, dar uma para ela.  
 —Ora, já se viu? Uma cadela comendo perdiz em detrimento de um duque?  
 — Duque velho...  
 — Seu maroto! — e, como sempre, acabaram rindo.  
 A janta foi servida e repastaram-se em álacre conversação. Após, sentados no alpendre, continuaram em colóquio, até que Paulette adiantou-se firme: —Jean, deves ir dormir agora. Não passaste bem o dia. Maria levar-te-á um chá de ervas que te fará bem.  
 — É verdade — levantou-se. — Boa noite. ,  
 — Boa noite, Jean. Dorme bem, pois amanhã é nosso dia.  
 Ela sorriu e saiu.  
 — Mãe — tomou Jeanpaul — estás com tanto carinho com Jean, tantos cuidados...  
 — Oh! Filho! E não era para estar? Afinal, é teu amigo e nosso hóspede.  
 — O maroto está é com ciúmes — acrescentou o duque.  
 —Qual ciúmes, vovô. É que ela o trata quase matematicamente; não fica bem para um rapaz ser mimado assim.  
 O senhor de Luzardo intrometeu-se:  
 — Tua mãe é assim mesmo. Ela queria tanto ter outro filho que te fizesse companhia.  
 — Pelo que sei, ela queria um menina.  
 — É vero. E quem sabe, ainda, vou ter?  
 — Com quarenta e dois anos? Não me parece possível.  
 — Quem sabe? Bem, vou-me recolher. Teremos muito trabalho amanhã.,  
 — É hora de descansar a carcaça velha.  
 — Ele mesmo adipite-se velho e não gosta que assim o consideremos., A Maria apareceu, vinda da cozinha, com uma jarra de cristal em uma bandeja.  
 —Espera, Maria. Dá-me, eu levo. O duque quer falar-te.  
 —Senhora...  
 —Eu? — perguntou surpreso o duque.  
 —Não foi o que nos disseste? Senta-te, Maria. Conversai. — E saiu com o marido.  
 —Por que fizeste isto?  
 —Ora, teu pai só anda de olho comprido para Maria. Vamos ver se tem coragem diante de uma mulher—bateu suavemente na porta do quarto de Jean, enquanto o marido dirigia-se ao de ambos. A porta abriu-se, ela entrou. Jean usava uma camisola.  
 —Então, mocinha, como estás?  
 —Bem. Não senti mais dores.  
 —Toma o chá. E dorme.  
 —Obrigada, dona Paulette. E perdoa pelo trabalho que te estou dando.  
 —Oh! Mocinha—e abraçou-a — vai, dorme. Deus te dê um bom sono e lindos sonhos. — Saiu.  
 Manhã bem cedo, a azáfama era geral. A cozinha quase estava interdita. Algumas destrinchavam porcos, outras faisões e galinhas. Paulette e Maria a dar ordens e, também a trabalhar. O duque, vestido em um roupão, achegou- se à porta e urrou:  
 —Nesta casa não se pode dormir em paz? De outra feita, fico em Paris.  
 —Pois que fiques, meu sogro—anuiu Paulette, entregando-lhe uma coxa assada de faisão.  
 —Assim, não fico mais. Foi o melhor bom dia que já recebi — observou ele, feliz, mordendo a succulenta coxa da ave.  
 —A que horas foste dormir?  
 —Cedo, logo depois que saístes.  
 —E por que Maria está com aquelas olheiras?  
 —Hein? Vê se me respeitas, senhora — retrucou ele, sem jeito.  
 —Duque velho!  
 —Que?  
 —Vou falar com teu filho.  
 —Ora, deixa-te de bobagens. Apenas, conversamos um pouco.  
 —Só?..  
 —Só, sim, sua alcoviteira. Falar com meu filho vou eu, bruxa.  
 —Vem cá, dá-me...  
 —Dar o que?  
 —A coxa do faisão. Não vais mais comer.  
 —Ora, criatura linda, deusa do Olimpo, este velho duque adora-te, mais ainda, a esta ave do paraíso que me ofertaste, senhora Luzardo. Paulette não agüentou, soltou uma gargalhada, enquanto o nobre se afastou, mordendo a coxa.  
 —Até logo, beldade. Mas, depois conversaremos. Vou atirar sobre ti a Santa Inquisição, verás.

— Vai, vai.

\* \* \* \*

Em Paris, mais precisamente, nos subterrâneos, a história era outra. Planchet estava bem doente. Sentia chegar o fim. E queria ver o ‘filho\*’. Sem o seu pulso forte, tudo estava na maior confusão. Safeth, um turco que ali granjeara acomodações, tomara as rédeas da comunidade, exercendo, com sua maldade e força, as funções do Rei dos Mendigos. Não era benquisto, tão-só tolerado por seu todo bravio e pelas ameaças, já tendo, inclusive, eliminado alguns. Pouco a pouco se ia assenhoreando de tudo. Era um baderneiro. Todos o temiam. Planchet morria, mais de dor pelo que lhe contavam de Safeth, e prometia que aguardassem seu filho chegar para pôr ordem novamente no agrupamento. Safeth sorria. Completamente calvo, com seus quase cem quilos distribuídos em uma estatura de quase dois metros, blasonava:

— Ora, que fará comigo um rapazola de dezoito anos? Deixa-o vir.

Planchet enviara um mensageiro ao doutor Girardan, contando o ocorrido e pedindo para avisar o filho. O médico, só com Lenoir, matutava:

— Que fazer?

— Avisar o rapaz, mestre.

— Mas que rapaz, homem? É uma menina, não sabes?

— Oh! É verdade. Mesmo assim, temos que avisar. Seu pai morre.

— Lá isto é uma realidade. Todavia, ela vindo, que fará este tal ditador turco? Temo por ela.

— Se é amiga do neto do duque...

— Ah! Lenoir, quem irá a Alençon?

— Posso procurar, doutor. Os mascates da Praça Saint Denis.

— É, vai, vê se localizas um.

Não só no Pátio dos Milagres a situação estava tensa. A própria França vivia sob o signo do medo. Acontece que Henrique VIII<sup>33</sup> da Inglaterra e Francisco I, queriam, a todo custo, afastar Carlos V da refrega pelo trono imperial, depois da morte de Maximiliano. Almejavam pôr termo à preponderância dos

Habsburgos na Europa. Em Madrid, as notícias eram as mais desconcertantes, se não inquietantes. Os principais pares do reino, resolvem negociar seus votos ao melhor pagador. Então, mandam avisar que Francisco já ofereceu uma fortuna em ouro. Imediatamente, Carlos manda chamar seus conselheiros. Candidato a imperador, não contava com o aspecto financeiro da questão. Não havia dinheiro em seus cofres, já que o ouro advindo das terras recém-descobertas, era muito pouco. Foi quando um grande estadista, Gattinara, comunicou haver uma solução.

— Qual a saída? — inquiriu Carlos V.

— Os banqueiros — Jacó Fugger de Augsburg, que lidera uma cadeia de bancos.

— É interessante esta tua idéia. Mas, podes-me dizer como reembolsaremos a soma astronômica que necessitamos?

— Senhor, os banqueiros não querem dinheiro em volta.

— E o que desejam, então?

— Uma concessão de V. Alteza.

— Qual?

— Direitos de propriedades e soberania sobre o porto de Antuérpia.

— Que? — gritou o monarca. — Esse é o nosso principal porto. Se eu aceitar, eles terão em mãos todo o nosso controle.

— É pegar ou largar.

— Não tenho outra alternativa. Tenho que assegurar o poder sobre a Europa. — Os banqueiros de Augsburg financiam dois terços da quantia perdida. O que restou, Carlos, com grande sacrifício, tirou dos cofres da nação, pagando aos principais eleitores. E não houve dificuldade. Reunidos em grande mesa, começam a votação, que logo termina com a eleição de Carlos como Rei da Espanha, Imperador de Roma e Supremo Dignitário do Sacro Império Romano-Germânico, tomando o nome de Carlos V. Os sinos repicam comunicando ao mundo a grande nova.

Em França, ao receber as notícias de Frankfurt, Francisco ficou possesso. A rivalidade entre os Habsburgos e a dinastia dos Valois já vinha de muitas gerações. Com a eleição de Carlos V para o império, a França ficara cercada pelo inimigo. Ao norte, o país de Flandres; a leste, a Alemanha; ao sul, a Espanha. E, com só uma autoridade — os Habsburgos. Assim ameaçada, a França começou a preparar-se para a guerra.

\*\*\*\*\*

Na magnífica propriedade dos Luzardos, tudo já estava preparado para a festa. Os imensos candelabros de cristal, guarnecidos com grandes e grossas velas, começaram a ser acesos. O alpendre transformara-se em sala de visitas. Foi posta uma comprida mesa, coberta com vistosa toalha de linho branco, sobre a qual situava-se a prataria. Várias cadeiras com almofadas macias espalhavam-se pela varanda. O duque, vestido a rigor, com belo casaco costurado com fios de ouro, um pequeno chapéu na cabeça, calças de veludo azul até junto às pemeiras de legítima pelica, um enorme correntão de ouro com suas insígnias, e na cintura maravilhosa espada com punho incrustado de pedras preciosas. Todas as homenagens a ele prestadas, estavam ostentadas em seu peito, atestando ser ele um homem do reino. Assomou ao alpendre, enfatuado, cabeça erguida, relanceou o olhar, andou de um lado para o outro, coçou os bigodes e depois dirigiu-se à cozinha.

— Que queres aqui? — indagou Maria. — És o primeiro a trocates de roupa?

— Oh! Deusa! Enquanto os ditos outros não vêm, por que tu, também, não mudas de roupa?

— Por que, meu sogro — gritou Paulette atrás dele — nós estamos a trabalhar. Iremos juntas a nos tomar belas — eu, para teu filho; Maria, para ti. Entendestes?

Maria riu à socapa. O duque, naturalmente, não quis enfrentar a evidência e esquivou-se, achando uma saída:

— E Jeanpaul e Jean com moçoilas que, prestes, estão a chegar.

— Sogro, vai, parece-me que a primeira carruagem vem chegando. Vai, por favor.

— Já vou, já vou.

Efetivamente, aproximava-se uma pequena carruagem, tirada a um só cavalo. O mordomo, solícito, desceu as escadarias, descerrou o portão e, com ar solene, para espanto do duque que se encontrava só, no alto, anunciou:

— O conde de la Croix e exma. esposa, Milene de la Croix, com sua filha Françoise.

— Hein? — gritou o duque. — É a mim que apresentas, os convidados? ^

— Senhor duque de Luzardo — continuou o mordomo -r- O conde de la...

. Pára, pára, Santelmo. Já sei... os nossos vizinhos — gritou ele, ante a carantonha do mordomo. — Sei, sei, o conde... vinde, subi.

— Senhor, debes ir ao encontro... — tentou Santelmo.

— Cala a boca, biltre! — reagiu ele baixinho. — Vou descer o que? São mais jovens que eu, que subam e pára com isto. Não estamos em Paris. Vai, vai para a cozinha. Bah! Saio de lá para não submeter-me a etiquetas e vens tu a me repeti-las? — Oh! senhor conde! Podeis subir. Minha gota impede-me de aí chegar — mentiu. — Desculpai este pobre velho — e abriu os braços. — Meu filho e neto, logo estarão aqui.

Jeanpaul apareceu, com sua indumentária branca. Chapéu emplumado de mesma cor. A blusa, que na cintura fazia uma pala para cima, adentrava calções da mesma cor, com um enorme correntão de ouro na cintura, no qual cingia majestosa espada, em bainha preta, com incrustações douradas. Suas botas, que, de tão luzidias, refletiam a luz das velas, pareciam espelhos negros.

<sup>33</sup> (1491-1547), rei da Inglaterra de 1509 a 1547, fundador do Anglicanismo.

—Senhores — cumprimentou ele, beijando a mão da condessa, depois dirigindo-se ao senhor conde de la Croix, com o mesmo respeito: — Senhor conde, há quanto tempo!

— Menino...

— Menino?

— Perdão, hoje fazes dezoito anos, és um homem.

— Certo, senhor conde. Tomai assento. Logo, meu pai aqui estará. Enquanto isto, o meu avô vos atenderá. Não é, vovô?—e olhou com cara feia o avô.

— Ah! Sim, senhor conde de la Croata...

— Croix, vovô, por favor — corrigiu Jeanpaul.

— Ah ! O tempo foradaqui, perdoai ! já nem sei com quem falo, senhor conde de Crota...

— Croix, vovô.

— Sim, sim, senhor conde de la Croix. Há quanto tempo não nos vemos. Sabes, matei ontem cinco javalis, e dezoito perdizes.

— Vovô...

— Bem, dois javalis.

— Vovô, vou procurar Jean. Lembraste do presente?

— Ora, se já o tenho ali, naquela estante.

— Vovô, não mintas mas, o façás; eu quero Michelle, não, Françoise, entendeste, velho burro?

— Quê?

— Calma, é meu aniversário.

. — E, daí?

— Junto aos presentes que trouxemos para Jean, eu quero incluir esta morena.

— Françoise?

— Claro. Segura-os aí.

— Ai, ai, mon Dieu!

— Vê se entendes, vovô — e voltando-se para o casal.

— Perdoai-me. Estava a falar com meu avô sobre algo acerca da festa. Estejais à vontade.

Jeanpaul correu para sua mãe que adentrava o quarto.

— Mãe...

— Oh! Filho! Que há?

— Jean...

Onde está o Jean? Françoise já chegou, tenho que apresentá-la a ele. —Filho, sabes que ele não passou bem a noite. Espera. Ele aparecerá lá, em minutos, prometo. Volta e toma conta de teu avô. Vai.

Paulette não entrou em seu quarto. Foi direto ao Jean, bateu, anunciando-se: — Sou eu, Paulette. Abre.

A porta abriu-se.

A moça pulou em seu pescoço, chorando.

— Querida...

— Que faço, que faço?

— Acalma-te, menina sê forte. Afinal, a culpa só cabe a ti.

— Jamais imaginei passar por semelhante situação.

— E vais ter de superá-la. Vamos, termina de vestir-se. Uma das famílias convidadas já chegou.

— Quem está aí? Michelle ou Françoise?

—Françoise.

— Ai...

— Pois é, tens que a namorar. Jeanpaul está ansioso para que apareças. Tua roupa é igual à do meu filho. Só não uses a espada.

— Ora, por quê? Sem ela sinto-me nua.

— Logo vais saber porquê.

Ajudou a mocinha a compor os detalhes do traje, ajeitou-lhe o chapéu emplumado na cabeça, mirou-a e, não se contendo:

— Que desperdício!

— Vamos, vamos, dona Paulette, ou não conseguirei sair.

— Vais só. Vou ao quarto trocar-me.

— Mas...

— Vai, Jean.

Ela respirou fundo e seguiu em direção ao alpendre. Jeanpaul vendo-o chegar, estampou um amplo sorriso e lhe foi ao encontro.

— Como demoraste, meu amigo! Estás uma beleza!

— E tu lindo, meu amor — pensou ela.

— Vem, vou-te apresentar aos nossos convidados.

Françoise, com seu vestido bem rodado, corpete bem justo, a delinear-lhe o colo bem formado, tinha os cabelos negros enrolados em graciosas tranças que lhe caíam sobre as costas e os ombros. Os imensos olhos pretos, cintilavam no rosto encantador, formando um belo conjunto.

— Estes, o casal Conde de la Croix. — Jean beijou a mão da matrona, fez uma reverência para o conde, que retribuiu, acrescentando:

— É um grande prazer.

— E esta, é a filha, Françoise.

— Encantado, mademoiselle—manifestou-sc Jean, tomando pelas pontas dos dedos a mão de jovem e le vando-a aos lábios.

O senhor de Luzardo apareceu com Paulette. Estavam elegantemente trajados. Foram-se juntar ao grupo. Vinho foi servido e quedaram-se a conversar.

— Excelente vinho — comentou o conde.

— Partindo de ti, senhor, é um privilégio, já que és conhecedor de vinhos.

— É um Morriet, não?

— Precisamente.

— Pena que o duque de Morriet não o fabrique mais. E o seu filho Felipe, não esteja interessado em cultivar os parreirais.

' — Conheci-o, certa vez, em Paris. É um belo moço.

— Assim é, mas muito arrogante. Quase mata o filho do duque, Colby.

— Eu soube. Dizem ser um imbatível espadachim.

— E é. Aprendeu com o senhor Fontein e o fundidor Cellini.

— Excelentes mestres. Mas, vê quem chega.

Uma carruagem acabava de parar em frente à casa. Jeanpaul saiu rápido, descendo as escadas. Jean notou e, instintivamente, baixou a cabeça.

— É o marquês De Ville.

Jeanpaul abriu a porta da carruagem, oferecendo a mão à senhora do Marquês, que desceu, depois o marido, em seguida, a filha, loura de beleza invulgar. Os olhos de Jeanpaul brilhavam e Jean, do alto a tudo observava.

— Calma, querida — advertiu, baixinho, Paulette.

Ela virou-se e, dando com a senhora, dasabafou:

— Eu não agüento mais.

— O quê, querida? — e levou-a a um canto isolado. — Não suportas mais, o quê?

— O Jeanpaul derretendo-se para aquela sirigaita.

— Jean! — reclamou Paulette — És homem ou mulher?

— Sou mulher e tens conhecimento disto.

— E Jeanpaul tem ciência disto? Os outros, também? Isto é uma farsa, Jean, vais perder Jeanpaul. Ele concedeu-te Françoise porque não a quer, entendas. Ficou com Michelle, apresentando tu àquela. Ele ignora que és uma moça por sinal muito mais bela que aquelas caça-dotes. Permaneces, contudo, intransigente. Ainda há tempo. Tira esta roupa masculina no meio da sala. Eu e meu marido a protegeremos e assumimos tudo. Meu filho te amará.

— Não posso.

— Então, filha, vê e consumes-te de ciúmes. Nada posso fazer.

— Recolhe-me a meu quarto?

Não, não, lembras-te que tens os presentes a dar, outros a receber. Segue, cavalheiro Jean. Jean de que?

— Jean... do Pátio dos Milagres?

— Jean!

— Não tenho sobrenome só Jean.

— É... Jean de...

— De que, senhora?

— E eu sei lá? Estou procurando, buscando um nome de família.

— Então...

Paulette segurou o queixo, pensou e logo sua fisionomia iluminou-se.

— Jean... Jean de Susanpierre.

— Susanpierre?

— E por que não? Susan, de Suzanne, e Pierre, do nosso amado Pierre.

— Mas...

— Vai, cavalheiro Jean de Susanpierre! E ajas com propriedade.

— Tremo só em olhar estas espevitadas criaturas.

— Vais namorar uma.

— E essa nunca vai esquecer de Jean.

— Que vais fazer?

— De certa forma, o mesmo que um homem faz com uma mulher.

— Jean!

— E não será isto que elas esperam?

— Jean!

— Vou amedrontá-las, se possível, as duas.

— Olha, menina.

Jean sorriu.

— Fica tranquila. Não tenho com que feri-las.

— Este linguajar dos esgotos não me agrada.

— Não foste de lá?

— Sim, mas saí.

— Pois, eu saí e volto para lá.

— Menina — exasperou-se Paulette — pelo menos respeita-me.

— Oh! Deus! Respeito-te, sim, dona Paulette. Mas, eu vivo uma farsa, não é isto? E tenho que pôr, cada vez mais longe, as pretendentes de Jeanpaul. — lamentou Jean, fazendo beicinho.

— Não chores, vai, finjas como quiseses.

— Se eu tivesse a minha espada!

— Matarias a todos?

— Não, não é isto. Já disse que me sinto nua, sem ela.

— Vamos, mocinha, antes que, em frente a todos, te aplique boas palmadas.

É espada que queres, pois vem! — e empurrou-a.

— Jean! — gritou Jeanpaul, quando as viu chegar. — Somes sempre?

— Tua mãe pediu-me para ajudá-la.

— Vê, esta é Michelle.

Ela lançou um olhar ausente para a bela loura, fez-lhe uma foçada reverência sem, no entanto, mostrar-se educado como devia. Tanto que a mãozinha da visitante, entendida, não foi tocada.

— Olá! — extemou-se indiferente, voltando-se para Françoise que se aproximara. — Vens comigo, Françoise? — perguntou, oferecendo o braço, que foi aceito. — Vejo-te mais tarde, Jeanpaul. — Este o olhou, sorriu, sem atinar com nada.

— Claro, ide.

Mas, Paulette, ladina e vigilante, bateu palmas, atraindo a atenção de todos.

— Senhores, o meu sogro pediu-me para comunicar-lhes que está na hora da entrega dos presentes aos dois aniversariantes — e os indicou.

O duque de Luzardo, no momento, atacava um bom pedaço de peito de faisão, com enorme guardanapo no tórax.

— Pai! — chamou-o Jean.

— Hein?

— Alguém te chama.

— Ora, não estou para ninguém, filho. Dize que estou dormindo.

— Sogra! — ressoou a voz de Paulette.

— Hein?

— Vais distribuir os presentes, ou acabar com os faisões?

— Mas, como acabar com os faisões, se nem um inteiro ainda comi? Que há? — ripostou, limpando os dedos no guardanapo. — Eu e o senhor conde estamos fazendo as honras.

— O senhor conde encontra-se do outro lado, meu sogro.

— Oh! Então, ele deixou-me só!

— Só, não, com os faisões.

— Que queres, ó nora desnaturada, para interromper o repasto de um velho e faminto duque?

— Os presentes...

— Ora, sei que os presentes são nossos vizinhos.

— Os presentes, velho caduco, de Jeanpaul e Jean.

— Os presentes, ah! sim, sim, entendi!

— Meu pai!

O duque ajeitou-se todo, bateu com os pés no chão, sorriu, e foi até a ante-sala, retomando depois com um serviçal, sorriu, sobraçando alguns embrulhos.

Bem. Sinto-me honrado em passar às mãos do novo amigo da família, Jean de ... de ...

— De Susanpierre, velho — sussurrou-lhe Paulette.

— De... Jean de Salsaparrilha...

A gargalhada foi geral. E o duque deu um grito de dor ao receber o beliscão de Paulette.

— Que foi?

— Jean de Susanpierre, sogro — falou alto. — Desculpai, o duque é um eterno brincalhão. Desculpa-o, Jean.

— Não tem de quê, senhora.

— Aqui, meu filho. É tudo teu. Abra-o — e estendeu um lindo estojo de couro envernizado para Jean.—Esta segurou-o, sob o olhar atento de Jeanpaul e abriu o estojo, pondo as duas mãos à boca, num gesto feminino, mas que só Paulette entendeu.

— Que beleza! — exclamou, tirando a belíssima peça do estojo, segurando-o e manejando-a como em uma luta. — Que beleza! — repetiu.

— Igual à tua, Jeanpaul!

— Sei, amigo. Eu a escolhi para ti.

— Obrigado. Muito obrigado.

Paulette adiantou-se e cingiu a cintura da moça com a espada.

— Vês? Agora, tens uma espada.

— Entendi.

— E, gritou o duque — tem mais! — e voltou a entregar ao “rapaz” dois estojos.

— Duas pistolas! — e abrindo o outro — Uma adaga! Jeanpaul, tudo igual ao que tens?

— Fiz questão... eu e meu avô.

Ela estava emocionadíssima, quase a trair-se. Paulette, segurando-a em um braço, disse:

— Calma. Aqui está o meu presente e de meu marido para ti. E aqui, o teu presente para o Jeanpaul.

Ela abriu o pequeno estojo. Havia um camafeu de ouro com incrustações de pedras preciosas, com o seii nome gravado: “A Jean, com muito amor”. Abraçou Paulette, que sussurrou-lhe: — Tranqüiliza-te! — Adiantou-se para Jeanpaul e deu-lhe o outro pequeno estojo. Este o abriu. Era uma duplicata do dela, só que escrito — “A Jeanpaul, com muito amor”,.

— Ora, mon ami—e ia chorar, mas seu ‘ anjo da guarda ’, Paulette, atraiu sobre si as atenções:

— Agora, o presente do pai para o filho.

— O que, pai? — inquiriu Jeanpaul, expectante.

O senhor Luzardo chegou à grade do alpendre e gritou:

— Podes vir, Alex.

Todos acorreram à amurada. E divisaram o serviçal Alex conduzindo pelas rédeas magnífico alazão árabe, todo negro, ajaezado com vistosa cela e arreios de prata.

— Pai! — exclamou Jeanpaul feliz, enquanto abraçava o senhor de Luzardo.

— É filho de Tigger, o ganhão árabe do duque de Morriet.<sup>34</sup>

— De Nantes?

— Sim. Deixei-o na propriedade do conde de la Croix, que o tratou até agora.

— Foi um grande prazer, mon ami.

• — Oh! Pai, não fosse noite e o montaria já! — e virando-se para Jean — amanhã, Jean, vamos cavalgar. Dou-te a primazia de montá-lo antes de mim. — De modo algum — retrucou ela. — Vou contigo, mas, monta-o tu. É teu.

— Jean...

— Amigo, compreendo tua cortesia. Contudo, declino de tal honra e se Françoise aceitar meu convite, naturalmente, com aprovação da família, vamos passear juntos. Que dizes, Françoise?

“ — Aceito, Jean.

— Aprovado — anuiu o pai.

— E, eu, que faço? — perguntou Jeanpaul.

— Ora, sais com teu ganhão — continuou Jean.

— Só?

— E Michelle?

Ela olhou os pais.

— Podes ir, sim — concordou o progenitor.

— Então?

— Então, vamos todos.

— E eu? — inquiriu o duque.

— Tu, meu avô?

— E por que não? Poderia levar meu novo mosquete espanhol.

— Não vamos à guerra, vovô.

— Mas, se surge um javali?

— Jean o mata para ti, com teu mosquete espanhol.

— Este moleque não tem educação.

— Não — contestou o senhor de Luzardo, rindo prazeroso — meu pai sairá comigo. Que queremos, nós, velhos, intrometendo-nos com a juventude?

<sup>34</sup> o3> Personagem de “O Amor é Eterno”, do mesmo autor.

—É verdade — anuiu o marquês — quando fomos jovens e, por sinal, o senhor de Luzardo pode-se considerar assim.

— Bondade, senhor. Já passo dos quarenta.

— E nós dos sessenta, fazíamos tantas coisas. Aquele era um bom tempo. Hoje, tudo mudou. Parece que o mundo não é mais aquele.

—Está melhorando, caro marquês — opinou o conde. — Há pouco, a Espanha descobriu novas terras e Portugal não ficou atrás. Encontrou e explora agora imensas regiões, que muito nos conforta, já que o mundo vai ficando menor e mais povoado.

— De certa forma, concordo, todavia, penso em nós, aqui em França. , Etemamente a guerra entre Habsburgos e Valoises. Até quando? Pelo que soube, nosso monarca está declarando guerra a Carlos V.

— Senhores — atalhou o senhor de Luzardo — temos por norma evitar discutir política em nossa casa. Mudemos de assunto. Vou mandar preparar-vos os quartos. Ficareis conosco esta noite. Vêde? Nossos filhos já não estão aqui.

Efetivamente, os jovens não estavam à vista.

— É verdade — comentou o duque — só nós ficamos.

— Podes sair também, sogro — insinuou Paulette.

— Como?

Ela achegou-se a ele.

— Maria está sempre te olhando. Vai, velho, anima a coitada.

— Não fosses minha nora e eu mandaria a Santa Inquisição te pôr m fogueira, sua bruxa.

Jean passeava com Françoise e, um pouco afastados, Jeanpaul e Michelle Jean não despregava os olhos de amhes. Tanto que chamou a atenção *ái* companheira, que inquiriu:

— Que há, Jean? Estás aborrecido com algo? Não falas, nem tiras os olho de teu amigo.

— Oh! Não é nada! — mentiu Jean, forçando um sorriso e dando a mão : jovem.

— Fala-me de ti. Que fazes?

— Estudei. Agora, tal como Jeanpaul, ainda não sei o que fazer.

— Pelo que ouvi de meu pai, a França prepara-se para a guerra.

— Não sei, nada ouvi.

— E teus pais?

— Meu pai dirige um estabelecimento comercial — mentiu ela.

— Ah! É qual a atividade?

—Bem, jóias, relógios, pulseiras, todo o tipo de mercadoria (de certa forma, não faltou com a verdade). Devo ficar à frente dos negócios dele, em breve.

— Deixa-me teu endereço. Procurar-te-ei em Paris, no verão.

—Com todo prazer. Aguardo um mensageiro de meu pai a qualquer hora caso ele necessite de mim (mentiu, sem saber, todavia, que um cavaleiro corria em sua direção, a mando do doutor Girardan).

— Pena que só agora nos conhecemos!

—Sinto o mesmo—e olhando para a cerca ao lado, ela viu Jeanpaul cingir Michelle pela cintura e puxá-la para a beijar. O sangue afluiu-lhe à cabeça e gritou:

— Jeanpaul!

Este, assustado, largou a moça e virou-se para o amigo, com ar atoleimado.

— Que foi, Jean.

— Que foi? — inquiriu, por sua vez, Françoise.

Ela ficou embaraçada por instantes. Mas, recobrando a calma, disfarçou:

— Desculpa, pensei ter visto uma serpente na cerca.

— Serpente? Não temos serpentes por aqui, Jean.

—Perdão, Deve ter sido algum reflexo da lua, sei lá! Pareceu-me que algo movia-se na cerca.

— Ora, Jean...

— Já se faz tarde, Jeanpaul. E com a bebida que tomei, dói-me a garganta. Vou retomar à casa.

— Mas, Jean...

— Sinto, amigo. Acho-me febril. Fica, se assim quiseres.

— Não, retomaremos todos. Não temos uma cavalgada, amanhã?

— Verdade.

— Então, vamos. Deverás sentir-te melhor após uma boa noite de sono.

Regressaram.

— Perdoa, Françoise — excusou-se Jean, já no alpendre, segurando-lhe a mão. — Efetivamente, não me sinto bem.

— Eu notei, estavas esquisito.

Com um aceno, Jean chamou Paulette, que acorreu solícita.

— Senhora, pede desculpas a esta beldade, por ver-me forçado a recolher-me, a garganta — e pôs a mão no pescoço.

— Ah! Filho, pioraste? Desculpa, a nossa negligência. Prendemos-te mais tempo do que o necessário. Vai recolhe-te. Françoise perdoa-te

— e para a jovem — Ele está com uma inflamação na garganta. Vê, está febril — e pôs a mão na testa de Jean.

— Compreendo, senhora. Vai, Jean, vai descansar. Amanhã nos veremos. — Jeanpaul aproximou-se.

— Necessitas procurar um médico, amigo, sempre no melhor da festa te sentes mal?

— Releva-me, por favor.

— Vamos, Jean, conduzo-te ao teu quarto.

—Obrigado, senhora. Sei o caminho. Não te apoquentes. Amanhã tudo está bem — e saiu com passos firmes. — Paulette o acompanhou com o olhar, balançou a cabeça e voltou-se para Françoise:

— Coitado, deve estar mesmo sofrendo.

— É uma pena! — concordou ela.

Noite alta, após desfrutarem um convívio alegre, entre comidas e bebidas, os serviçais conduziram os visitantes aos aposentos a eles reservados. Isto feito, passaram a apagar as velas. Jeanpaul deixou-se ficar em uma cadeira, pondo a perna esticada sobre a outra.

— Que tens filho? — inquiriu o senhor de Luzardo, com um copo de vinho na mão.

— Nada, pai, nada.

— Cansado, em tua idade?

— Não, não. Apenas pensando.

! — Em Michelle?

— Não.

— Não queres confiar-me teus pensamentos?

— Pai...

— E a mim, não? — ouviu-se a voz de Paulette, aproximando-se.

— Ora, é algo bastante pessoal.

— Sei, mas por mais pessoal que seja, quem sabe se a três não possamos esclarecê-los?

— É, trata-se de Jean.

— Que tem Jean?

— É difícil explicar e não quero ser injusto com ele.

— Expõe tuas dúvidas — e os pais sentaram-se em frente do filho.

— Não sei como começar — e passou a mão pelos cabelos, depois desafivelou o cinturão com a espada, pondo-os na cadeira. Olhou os progenitores expectantes.

— Bem, ambos conheceis e sabeis da minha masculinidade.

— Filho — estranhou o senhor de Luzardo — e alguém duvidou disto? j

— Não, pai, não.

— Que há, Jeanpaul? — insistiu Paulette.

— Jean...

— Por que mostras-te reticente? Sabes já que o assunto envolve teu amigo Jean. Abre teu coração.

— É... é, mas deixa-me embaraçado.

— Embaraçado, como?

— Sei lá, sempre que preciso dele, há uma desculpa. A garganta, sempre a garganta. Parece fugir de mim.

— Filho...

— Espera, pai, deixa eu desabafar. No entanto, na estrada, com aqueles salteadores, portou-se varonilmente, maravilhoso e como esgrima bem. No entanto... parece-me não aprovar o meu romance com Michelle!

— Como assim?

— Creio que me vigia. Ia beijá-la hoje e ele gritou, dizendo depois que me chamara a atenção por ter visto uma cobra. Não temos serpentes aqui!

— Pode ter sido um lagarto.

— Isto não é tudo. O pior vem agora.

— Dize.

— Não me sinto bem longe dele. Creio, inclusive que eu também o vigiava! Sou homem, pai, que acontece?

— Não há nada de anormal — e o casal entreolhou-se — é teu amigo.

— Outro pormenor muito estranho é a sensação de que o conheço há tempo !

Quase o estou amando, como mulher fosse! Porque homem eu sei que sou.

— Mon Dieu!

— Filho, é que o estimas muito.

— Pai, sabes quantos amigos e colegas tive na Academia Fontein?

— Vários, presumo.

— Pois, então? Surge-me este rapaz em casa do doutor Girardan e ei-lo aqui comigo. Já vos trouxe algum filho de duque, conde ou marquês?

— Não, jamais trouxeste alguém.

— E agora? Nem sei quem são seus pais, não os conheço e o convidei a passar um temporada comigo! Há, sim, algo que não atino.

— Jean... Jeanpaul...

— E mais — interrompeu ele. — Chama-se Jean. Vós me tratais por Jean. Meu pai chama-se Jean. Aniversariámos no mesmo dia, só falta saber se a hora não foi a mesma.

— Filho, tua avó Suzanne dizia-me sempre que nós, efetivamente, não morremos. Passamos um tempo por aqui, amamos, sofremos, vivemos, temos filhos, depois voltamos para lá, onde fazemos um interregno. A seguir, retomamos para consertarmos algo de errado que praticamos. Quem sabe tu não tenhas conhecido Jean alhures?

— Oh! Mãe, se assim fosse, como termos a certeza? E se a senhora está certa, ele deveria ter sido mulher.

— Ou vice-versa, filho.

— Mãe, eu estou falando sério.

— Tua mãe também, filho, é apenas uma hipótese.

— Que seja. Mas, aonde isto me leva?

— Aguarde amanhã quando forem calvagar.

— Estou quase apostando que ele dará uma desculpa para não participar.

— E quanto a Michelle e Françoise?

— Elas não trouxeram roupas de montaria.

— Então, neste caso, não haverá cavalgada.

— Não, não haverá. Mas, nada me impede de desafiar Jean para uma corrida. Elas adorarão.

Paulette olhou para o marido.

— Nada de competição, filho.

— Já sei o que fazer. — decidiu ele, levantando-se.

— E que será?

— Ah! Amanhã cedo vereis!

— Olha lá ò que vais fazer!

— Não tenhais cuidados. Só esperai. Agora, vou-me recolher — beijou os pais e ia saindo, quando parou, voltando-se — onde meteu-se o bode velho?

— Teu avô?

— E há outro?

— Mais respeito com teu avô, menino. Deve estar dormindo.

— E Maria, também?

r — Jeanpaul, que insinuas?

— Eu? Nada — e retirou-se rindo.

— É verdade, onde está meu pai?

— Ora, ali — e Paulette apontou — no pomar com Maria.

— Este velho!.

— Deixa-o. Isto o anima.

— Um homem de setenta e cinco anos não deve expor-se assim, querida! E, pelo visto tu o incentivas.

— Jean, não há idade para o amor. E só pode fazer bem a ele ou estás aborrecido por Maria ser uma serviçal?

— Oh! Não, não. E ela não é mais uma serviçal; já faz parte da família.

— Todavia, ele é um nobre, ela não.

— Paulette, isto são apenas arroubos de velhice, logo passa.

— Pode ser. Mas, vamos, vamos nos recolher. Estou cansada.

—E quanto ao que nos revelou o Jeanpaul?—Perguntou no caminho para o quarto.

— Ele está bastante preocupado.

— Poderíamos pôr fim a essa pantomima toda, num estalar de dedos.

— Oh! Não, vamos esperar mais um pouco. Quem sabe a própria Jean não resolve contar tudo?

— É, vamos ver o que acontece.

Entraram no quarto. Ainda não haviam conciliado o sono, quando ouviram ruídos de passos fortes no corredor. Era o duque que chegava.

A manhã estava radiosa, com um sol brilhando em um céu sem nuvens e em temperatura amena.

— Jean já deixou o quarto, mãe? — perguntou Jeanpaul, antes de cumprimentar os hóspedes, que, à mesa, tomavam o desjejum.

— Jean? Comeu umas torradas, tomou um suco e foi às estrebarias.

— Ora! Pelo visto, acordou disposto. — Sentou-se, petiscou o alimento, enquanto perguntava às duas jovens: — Gostais de corridas de cavalos?

— É excelente — considerou Michelle.

— Mais ainda é participar de uma.

— Escuta, maroto, não estavas programando uma cavalgada? — inquiriu o duque, mordiscando uma torrada.

— Estava; disseste-o bem, vovô. Mas, em vista de nossas hóspedes não terem roupas de montaria aqui, decidi por uma competição com o Jean.

— Mas ele não é afeito aos cavalos, monita raramente.

— Já deve ter-se habituado. E, vovô, serás o juiz.

— Ele já sabe?

— Não, não. Vou informá-lo agora — pediu licença e saiu.

As baias estavam instaladas bem distantes da casa. Ele ia ligeiro e deu com Jean montado em um alazão branco, conduzindo pelas rédeas o puro-sangue que o amigo ganhara de presente na véspera.

— Oh! Seu dorminhoco! — saudou-o alegremente. — Trajava uma blusa azul flocada de mangas curtas. As calças de montaria, adentravam luzidias botas. Da cintura, pendia a magnífica espada que ganhara. Jeanpaul sorriu.

— Pensaste bem em ir pegar o animal — e montou-o ágil.

Emparelhados, olhou nos olhos do companheiro, sem dizer palavra. Jean

ficou embaraçada, mas, num esforço, sustentou aquele olhar que lhe penetrava intensamente.

— Que há? — conseguiu perguntar.

Ele sorriu.

— Nada. Só que houve mudanças nos planos.

— Como, assim? — inquiriu surpresa.

— Não vai haver cavalgada.

— Ora, e então?

— Desafiei-te, na vista de todos, para uma corrida.

— Que? — quase gritou ela, incrédula — Sem me consultar?

— Pensei que aceitarias. Afinal, é só uma brincadeira.

—Oh ! Jeanpaul, sabes que não tenho traquejo no trato com cavalos como tu.

— Montas bem, não te preocupes.

\* — Bem, farei o possível, todavia, com uma condição.

Qual?

— Após a corrida, desafio-te para um duelo.

— Duelo?

— Só brincadeira, quero experimentar a espada que me presenteaste.

— Assim seja. É justo. Vamos, estão a nos esperar.

— Vai haver assistência?

— Claro, e juiz.

—Está acontecendo alguma coisa que não sei que é—pensou ela, mas, se manteve quieta.

Chegaram às escadarias da herdade. O alpendre abrigava um conjunto de espectadores, bem interessados. O duque, solene, pronunciou-se:

— Cavaleiros! Estais vendo aquelas duas estacas ali enfincadas? — e apontou o local onde dois paus de uns dois metros, distanciavam-se uns três, paralelamente. — É a chegada.

Os dois balançaram as cabeças em sinal de entendimento.

— Pois bem, ide agora, em passo natural, até a fimbria do bosque. Deve distar do ponto de chegada uns mil e quinhentos metros. Alinhai-vos lá. E quando ouvires o toque desta trompa de caça, começai. E que vença o melhor.

— Muito bem, senhor juiz — anuiu Jeanpaul, virando a montaria e saindo a trote, acompanhado por Jean.

— Este meu neto arranja cada uma! Que ele quer provar? Que é melhor cavaleiro? Isto sabemos. E com aquele cavalo árabe...

— Esperemos para ver.

Jean emparelhou seu cavalo ao de Jeanpaul e foram em direção ao início do bosque. Atingido o local da partida, Jeanpaul, brincalhão, perguntou:

— Queres desistir?

—Não sou de desistir de nenhuma empreitada. Muito menos de um desafio. — E sorriu.

Preparados, rédeas bem seguras, pés apoiados nos estribos, tensos, aguardaram. De repente, ouviu-se a trompa. Os cavalos inquietos, ao comando dos dois, dispararam. De início, Jeanpaul conseguiu sair na frente, mas perseguido de perto por Jean.—Mon Dieu, pensou ela—tenho que aguentar estes trancos. Parece-me estar tudo solto por dentro. — E como cavalga bem este doido! — Espicçou mais ainda o animal que se foi aproximando, ganhando distância, até quase emparelhar. Jeanpaul a mirou. Estava toda curvada para a frente, e não despregava os olhos do caminho. Jean conseguiu emparelhar. Seu cavalo era também muito bom. Seguiram por algum tempo juntos. Aproximaram-se da chegada, já vendo as duas estacas que teriam de ultrapassar. Já bem mais perto, o cavalo árabe abriu vantagem de uma cabeça, e cruzaram a linha de chegada. Andaram mais um pouco, e desmontaram junto às escadarias.

— Ufa! — gemeu Jeanpaul, dirigindo-se a Jean.

— Venceste — disse ela, afogueada.

—Mas como foi difícil!—e abraçou o amigo, que afastou instintivamente o corpo, mas, retribuindo o abraço.

— Que há?



— Estamos imundos, Jeanpaul.

As palmas estrugiram no alpendre. Os dois subiram de mãos dadas, enquanto um par de cavaleiros levaram os animais.

— Muito bem! — gritou o avô, abraçando o neto. — O vencedor.

— Por pouco — disse o senhor de Luzardo. — Nosso Jean cavalgamuitobem.

— Foi justa a vitória dele. Eu não poderia ganhar. Sem desprezar o meu cavalo, o dele é fenomenal.

Paulette abraçou Jean, levando-a até uma mesa na qual estavam dispostos vários vasos com sucos de frutas.

— Como te sentes, menina?

— Ah! parece que tenho tudo solto por dentro.

— Não precisavas ter aceito o desafio.

— Como não? Tenho recusado tantos que ele poderia desconfiar.

— E já está, minha cara — e estendeu um copo para a moça.

— O quê? Como?

— Não sei, mas isto é natural. Algum gesto, uma atitude feminina, não sei...

— Então, tenho que tomar uma providência. Aliás, duas.

— Quais?

— Verás, senhora. Dá-me um copo de suco, levarei para o vencedor.

Paulette, sem nada entender, abedeceu e seguiu a moça. Jeanpaul estava sentado com Michelle e Françoise ao lado. Ela se aproximou e oferecendo o copo, disse:

— Ao vencedor!

— Oh! Jean, obrigado.

— Não há de que, senhor. Mas, venceste-me na corrida. Isto não te dá o direito de ficar com as duas beldades, que vos visitam. — e ante o olhar surpreso do rapaz e de sua mãe, que se aproximara, já que os demais presentes estavam entretidos em animada conversa, segurou Françoise pela cintura, dizendo:

— Pelo menos, infeliz no jogo, feliz no amor. E o segundo colocado merece um beijo desta lindíssima jovem — e, apertando nos braços a moça, beijou-a, demoradamente, nos lábios. — Paulette pôs a mão na boca para não rir e Jeanpaul quedava-se perplexo.

— Obrigado, mademoiselle, conto fazer jus a outros iguais.

Françoise estática, demonstrava seu espanto através dos olhares que passavam de um para o outro amigo.

— Ora, o primeiro colocado não recebeu brinde tão precioso.

— Serás aquinhado quando te dignares a cumprir o combinado — ripostou Jean.

— E o que combinamos?

— A condição para a corrida foi?

— Ah! O duelo.

— Sim, e já.

— Já? Não estás cansado?

— Por quê? Uma corridazinha daquelas?

— De que se trata, afinal? — inquiriu Paulette.

— Um duelo.

— Um duelo? Estais doidos?

— Deixa, mãe, ele quer estrear a espada nova — e levantou-se. — Muito bem, senhor cavalheiro, desçamos.

— Não ides vos machucar.

— Estejas tranqüila, mãe.

Tomaram posição.

— En garde!<sup>35</sup>

E os ferros chocaram-se. O tilintar dos metais em ação, despertou a atenção do restante do pessoal.

— Diable! — rugiu o duque. — Que se passa? Batem-se?

— Treinam, apenas, sogro.

— Mas, com espadas nuas? Não temos florins para adestramento?

— Paulette, sabias desta loucura? — indagou sério o senhor de Luzardo.

— Só agora, querido. Eles haviam combinado.

— Mas podem ferir-se!

— Não creio.

Silenciosos, quedaram-se todos a assistir o confronto. Jean era hábil esgrimista. Aprendera nos esgotos com o velho Bochet, que também o fora. Não cursara academias, mas observara muito com os amigos do Pátio dos Milagres, alguns deles, temíveis espadachins. Aparava e aplicava golpes sucessivos, forçando Jeanpaul a usar de toda sua técnica para defender-se. Lutaram por uns quinze minutos, quando o senhor de Luzardo achou por bem dar fim à brincadeira. Desceu as escadas e bradou:

— Chega! Parai! — Logo foi obedecido.

— Que asneira é esta, filho?

— Estávamos nos divertindo, pai.

— Diversão desse tipo, faz-se com florins sem ponta.

— Não íamos nos ferir.

— Um tropeção, uma defesa mal feita e teríamos, sim, um ferido!

— Desculpa, senhor de Luzardo — manifestou-se Jean, embainhando a espada.

— Subi, vamos. E quanto a ti, Jean, creio que minha mulher quer falar-te. Por favor, procura-a.

— Sim.

Quando no alpendre, Françoise aproximou-se e, com enorme sorriso, cumprimentou-o:

— Como esgrimas bem, Jean!

— Ganho outro beijo?

Jeanpaul o olhou de soslaio.

— Em breve — prometeu a jovem.

Jean foi até Paulette.

— Queres falar-me, senhora? O senhor teu marido mandou-me procurar-te.

— Ah! Sim, sim, vem cá — e levando-a para um canto — Vai a teu quarto e examina-te. Há um vaso bem grande com água. Entendeste, não é?

<sup>35</sup> (34) Em guarda.

, — Sim, entendi.

, — Foi muito esforço para uma só manhã e, muda de roupa.

Jean sorriu e sem nada dizer, dirigiu-se para o quarto.

— Como lutais bem — elogiou o marquês, pondo a mão no ombro de Jeanpaul.

— Obrigado, senhor.

— Teu amigo é um excelente espadachim — ajuntou o conde — Deverieis estar no exército de França.

— Para que? — intrometeu-se o duque — São só duas crianças. Nada de exército, por enquanto. — Mas, estais de parabéns. Já os vi lutar de verdade, na estrada, eram doze assaltantes, e eles feriram oito, pondo em fuga os quatro restantes.

Os dois nobres entreolharam-se.

— Verdade? — espantou-se um deles.

— Jeanpaul vos pode contar, senhores.

O jovem encarou, sorrindo, o duque e procurou amenizar o aspecto fenomenal com que ele ilustrara o fato.

— Ora, senhores, meu avô exagera. Os salteadores dispunham de parcas condições no manejo de espadas.

— Mesmo assim, foi um ato de bravura.

— Bem, eu e o Jean nos entendemos. Ele luta muito bem.

— E com que elegância.

— É mesmo. Agora, se me permitis, vou lavar-me.

— Estejas à vontade, jovem.

— Velho mentiroso! — desabafou Jeanpaul, quando estavam distantes — Que doze salteadores foram aqueles?

— Ficaste zangado? Fossem e os dois teriam dado cabo de todos.

— Vovô, como se saiu Jean?

— Magnífico!

— É muito bom mesmo. Não o queria ter por inimigo nunca.

— É, fez-me lembrar um pirata, corsário, que conheci, certa vez.

— Não me venhas com fábulas.

— Não, não, é verdade. Atacou nosso navio, em viagem à Inglaterra, faz uns seis anos e, que coincidência!

— Qual?

— Esse pirata chamava-se Jean.

— Jean? — admirou-se o jovem.

— Sim, sim, Jean Ledusk. Que espada!

— Roubaram tudo?

— Não, nada tínhamos de valor que ele quisesse. Só o soube após ferir vários oficiais, inclusive o comandante. Nada de importância, somente os atingia no braço. Foi um cavalheiro conosco. Levou-me, apenas, um relógio de ouro e mais alguns luises que declarou ser para seus homens. E nos deixou continuar a viagem.

— Jean Ledusk...

— Sim, um corsário temido e, um cavalheiro.

— Existe honra, entre ladrões?

— A maneira deles, sim.

— E qual o fim desse pirata?

— Ao que sei, continua nos mares.

— Gostaria de conhecê-lo.

— Ah! — e o duque bateu nas costas do rapaz. — Não te incomodes. No próximo aniversário, o farei convidar com todo o seu bando de flibusteiros. Verás! Agora, vai lavar-te. A loura está de olho em ti.

— Viste o beijo que Jean deu em Françoise?

— Filho, eu vejo tudo em derredor.

— Que beijo! Deixou a moça sem fala!

— Pois, faz tu o mesmo com a outra.

— Já o fizeste com Maria? — disse e correu.

— Biltre, volta cá, fedelho imberbe. Respeita teu avô, saca-trapo, ou sentirás o peso da minha espada.

— Que se passa, meu sogro? — indagou Paulette, aproximando-se com o marido.

— Que se passa? — esbravejou — É que este fedelho de teu filho não respeita os mais velhos.

— Cuidado com a gota, pai.

O duque explodiu na gargalhada. — Adoro este moleque — observou.

— Ora, ora! — Parecias tão furioso, a ponto de esganá-lo.

— É um pândego. Ele diz cada uma! Perguntou-me se já beijei a Maria, com a sofreguidão do Jean com a Françoise.

— Cá entre nós, sogro, já?

— Mãe desnaturada! Alcoviteira do filho... oh! já vi que ele é tão destituído de educação como tu! Vou-me embora. — E afastou-se a passos fortes. Não tinha andado muito, parou, voltando-se e confessou — Vou tentar hoje.

— Ah, velho!

Retomando, Jean encontrou-se no corredor com Jeanpaul.

— Já te lavaste? — perguntou ele.

— Toda — respondeu Jean.

— Toda? — surpreendeu-se ele, sorrindo.

Num ápice de segundos, ela recobrou-se e consertou:

— Toda a roupa, inclusive... faze-o tu, também.

— Eu? Ora, temos pessoal para isto. — Vai, Jeanpaul, vai. Françoise espera-me.

— Vai devagar, rapaz.

— Não te preocupes. Sei até onde devo chegar.

— Aguardo-te no alpendre.

\*\*\*\*\*

Paris regurgitava de pessoas vindas de todas as cidades e províncias, engrossando o exército que partiria para a guerra contra Carlos V.

Lenoir, o auxiliar do doutor Girardan havia, há alguns dias, encontrado um vendedor ambulante que ia para Alençon. Encaminhou-o à casa do médico que escreveu uma carta para Jean, dando-lhe notícias do estado de Planchet e do que ocorria no Pátio dos Milagres. Gratificou o comerciante com algumas moedas, pedindo-lhe que se apressasse, confiando-lhe ser caso de vida ou morte. O homem guardou a missiva, despediu-se e saiu, com sua carroça, um auxiliar e vários animais de carga.

— Não sei se Jean encontrará o pai vivo! — expressou-se ele, pensativo. — A viagem para Alençon é longa.

- E ainda tem a volta.
- Pois é. Peçamos a Deus que tudo dê certo.

\* + \* \* \*

Na propriedade dos Luzardos, a vida corria calma e divertida. Os visitantes há três dias haviam retomado às suas herdades. Certo dia, Jeanpaul convidou Jean a um passeio.

- Aonde vamos?
- Tirar as heras da sepultura de Diana e pôr flores para vovó. Queres ir?
- Naturalmente. Espera que vou pôr as botas.
- Encontro-te lá embaixo. Vou buscar os animais.

Jean entrou na sala e já ia ganhando o corredor, quando o senhor de Luzardo a chamou.

- Sim, senhor?
- Estás a contento, Jean?
- Sim, senhor, sim.
- Quando vais contar tudo a meu filho?
- Um dia, senhor. É que tenho um serviço a fazer, e se eu contasse tudo, agora, Jeanpaul não me deixaria fazê-lo.
- No Pátio dos Milagres?
- Sim.
- E quando pretendes dar início a essa tarefa?
- Em breve. Estou pensando em regressar.
- Temo...
- Que temes?
- Já reparaste que Michelle já mandou dois emissários para convidar meu filho à casa dela e sabes o que isto significa.
- Compromisso?
- Ele não poderia furtar-se a isto, minha querida. E já nos afeiçoamos tanto a ti, tomando-nos até teus cúmplices.
- Tenho que arriscar, senhor.
- Muito bem. Faça como queres.
- Vou calçar as botas. Saio com Jeanpaul. Vamos ao mausoléu de dona Suzanne pôr flores.
- E limpar o de Diana — interrompeu ele.
- É verdade.
- Vai, Jean, vai.

Durante o percurso para os limites da propriedade, Jeanpaul notou a casmurrice do companheiro.

- Que houve, Jean? Emudeceste...
- Não, não é nada. Fico assim quando visito cemitérios.
- Mas não vamos a nenhum cemitério.
- Desculpa.
- Ora, sempre que vou a tais lugares o faço alegremente. É como visitar pessoas queridas.
- Tens razão. Vamos — e esporeou o animal.

Logo alçancaram o gigantesco carvalho que continuava altaneiro, como uma sentinela junto ao túmulo da antiga dona daquilo tudo. Jean de Luzardo mandara erigir uma pequena e singela capela, na qual encerrava o corpo da primeira esposa. Jeanpaul abriu o portão de ferro e entrou. Havia um pequeno altar com dois castiçais. Acendeu as velas. Sob o altar estava a sepultura com a inscrição: “Jamais te esqueceremos, Suzanne. Jean, Paulette e Jeanpaul.”\* E as datas do nascimento e morte. O rapaz ajoelhou-se e orou, o mesmo fazendo Jean. Depois saíram, colheram flores silvestres que depuseram sobre a lápide. Deixaram o local, fechando o portão. Não muito longe, um pequeno túmulo de mármore com a epígrafe— ‘ A ti, Diana, que alegrou tanto a minha vida. Jean' !. Abaixo, o desenho gravado no mármore de belíssimo exemplar de canino da raça pastor. Jeanpaul começou a arrancar com as mãos, as heras e capim que teimavam em esconder o diminuto jazigo. Jean o ajudou.

- Deve ter sido uma beleza, não?
- Se era! E que amiga!
- Têm alma, os cães?

— Claro que têm. Deus não poria no mundo uma criação Dele, destituída de alma. Deve estar agora no lugar destinado a eles. Mas, retomemos. Temo que este lugar te deprima.

- Não, não me sinto deprimido.
- Mesma assim, voltemos.
- Por que a pressa?
- É possível que Michelle envie-me mais um convite. E eu, desta vez, não posso furtar-me.
- E por que não?
- Não quero ser indelicado. E Françoise?
- Pediu-me que a visitasse, quando despediu-se.
- Que beijo, hem?
- Ora, já beijei tantas — externou a mentira com a maior singeleza.
- Imagino.
- Gostas tanto de Michelle a ponto de assumires um compromisso com ela?
- É uma pergunta difícil de responder. Quase ainda não tive opção de escolha.
- E em Paris, não tiveste namoradas?
- Nada sério e os estudos impediam-me de frequentar festas, saraus, etc.
- Então, estás resolvido a ir visitar Michelle.
- Creio que sim. Não posso adiar mais.

Jean emudeceu, olhando a grama que o cavalo pisava.

— Ora, submejtete-me a verdadeira inquirição e agora calas? E tu, que pensas em relação à Françoise? Ou tens alguma namorada em Paris?

— Algumas, porém nada sério. Penso, antes de uma decisão, cogitar sobre o que fazer na vida. Como sabes, não tenho recursos. Meu pai é pobre, não sou neto de duque e a vida em Paris é dura.

- Não fales assim, Jean. És meu melhor amigo, és o irmão que nunca tive.

Jean o encarou, séria. Viu-se refletida nos olhos do rapaz. Os seus encheram\* se de lágrimas. Jeanpaul notou.

- Não fiques assim, amigo. Eu te ajudarei em tudo quanto necessitares.
- Ela baixou os olhos. A custo, falou:

— Vamos, vamos.  
— Olha! — e o rapaz apontou, sorrindo.  
Ela olhou na direção indicada e também sorriu.  
— Diana! — exclamou — Ela nos achou!  
A bela cadela vinha como uma flexa, e quando chegou mais perto, pôs-se a latir alacremen- te. Jeanpaul desmontou e recebeu-lhe os afagos.  
— Olá, amiga, sentiste nossa falta?—o animal pôs as patas nos ombros do jovem e lambeu-lhe o rosto, ganindo de alegria.  
—Pronto, já beijou. Agora, o beijo de Jean. Vai. a jovem curvou-se toda de lado para receber as carícias da cadela.  
— Bom dia, querida — disse ela, alisando a cabeça do animal que pusera as patas na barriga do cavalo. — Estás linda.  
Jeanpaul tomou a montar e regressaram à casa com ela latindo, atrás.

### Capítulo III LEONARDO DA VINCI

Planchet piorara. Já não lembrava mais aquele homem férreo, forte e que todos respeitavam. Deitado numa enxerga era objeto dos cuidados de algumas mulheres que dele se apiedavam. E seu estado mais se agravava ao saber dos desmandos que o turco Safeth andava aprontando. Passava quase todo o tempo dormindo, mas, quando acordado só perguntava pelo filho. Na velhice, esquecera até que era uma filha.

' Certo dia, ele mandou chamar o doutor Girardan. Sentia-se profundamente debilitado e queria falar com o médico. Este não se fez de rogado, compareceu ao antro mal cheiroso. Alguns o conheciam, já que era ele quem lhes tratava as suas eventuais feridas. Outros, o acompanhavam com o olhar, desconfiados. Um deles, um brutamontes, quase careca, adiantou-se e perguntou:

— Vais ver o futuro defunto, doutor?

O médico o mirou, sorriu e respondeu:

— Não sei de quem falas, futuro defunto?

— O Planchet.

— Ah! E o Planchet é candidato a defunto?

— Ora, todos sabemos estar ele à beira da morte.

—Não sei, filho. Todavia, se queres saber, parece-me mais tu um candidato.

Os circunstantes gargalharam, o que enfureceu o mal-encarado indivíduo que deu um safanão no que estava mais perto, atirando-o longe.

— Vagabundo! — rugiu.

>. — Calma, homem, calma — procurou apaziguá-lo o médico. — Pensa no que te disse. O filho dele está para chegar. Não vai gostar do que fazes.

—O fedelho?—e deu uma gargalhada sonora.—Quebro-o ao meio de um só golpe.

— Cuidado. O duque de Luzardo é amigo dele.

— E, por acaso terei eu, Safeth, medo de duques, ou de crianças?

—Espera e verás. Com licença — e foi andando pelos pontilhões dos subterrâneos, cujo ar fétido lhe feria as narinas. Uma mulher o reconheceu.

— Eu te levo até Planchet, doutor.

Chegados, a mulher o conduziu até o catre, onde o homem jazia. O cheiro de incenso e ervas inundava o local, ou seja, um dos túneis por onde, abaixo passava toda água pluvial de Paris. Construção idealizada por Leonardo da Vinci que, claro, jamais suporia fosse tomar-se abrigo de tanta gente, como ratazanas. O médico parou diante da cama imunda, rememorando o passado do moribundo, quando era o centro de tudo. Várias estátuas, roubadas, claro; armas suspensas nas paredes, alguns quadros, tudo decrépito como o dono.

— Rei — chamou ele, tomando uma das mãos do enfermo.

— Hein? — abriu os olhos e reconheceu o amigo.

— Doutor Girardan!

— Sim, sou eu que venho atender ao teu chamado. Fala.

— Doutor, meu filho?

. — Sim?

— Onde está ele?

— Não sei, amigo.

— Como não sabes? Entreguei-te...

— Entregaste-me uma jovem.

. — Uma jovem? E a quem entreguei meu Jean?

Girardan logo notou que o moribundo não estava em seus melhores dias. Alicerçara-lhe na mente tudo quanto maquinou. A filha, era filho.

— Calma, amigo, teu filho está chegando.

— Ah! Doutor, meu bom doutor! Ele vai matar a todos. Não vai ficar nenhum desses miseráveis vivos. Eu sou Planchet, o Rei e ele vai vingar-me.

—; Sei, sei, Planchet. Todavia, acalma-te.

— Como acalmar-me, doutor, vendo esse monstro sem cabelo fazer o que faz, é um assassino. Se aumentou o número de crimes em Paris, ele é o culpado. Está chamando demais a atenção das autoridades. Tudo quanto acontece de mal nesta cidade, torpe, é debitado à conta do Pátio dos Milagres! Que vai acontecer conosco? Não há mais honra entre nós?

Girardan riu à socapa.

— Mas, meu filho há de vir e pôr um ponto final nisto tudo. O Safetli não perde por esperar.

üi Sei, sei. Vou receitar uns remédios para ti.

— Não quero remédios, para quê? Minha mulher já foi. Bochet, idem. Esperam-me, sei lá onde. Eu chamei-te para me confessar.

— Confessar-te? A mim? Por que não chamas um padre?

Planchet tossiu, limpou a boca com as costas da mão e retrucou:

— Um padre? E algum deles aqui viria? Esses urubus só querem dinheiro, mas sem sacrifício, menos Olav.

— Nem todos, amigo Planchet, como disseste.

— É isso mesmo. Contudo, o que quero confessar não se prende a meus pecados, doutor. Esses são tantos, que só um exército de padres os poderia ouvir. E, se assim fosse, não daria certo.

— E por que não?

— Por quê? Bem, eu seria absorvido de um pecado, mas de outro não e, assim, sucessivamente. O resultado é que eu morreria sem chegarem a um comum acordo.

Girardan sorriu.

— Então? Que queres confessar-me?

—Ah ! A ti, direi—voltou a tossir.—Uma mulher achegou-se e perguntou :

— Queres água, Rei?

— Quero, quero, traze e deixa-nos a sós.

Pigarreou, enquanto a mulher enchia um copo de barro cozido, com água tirada de uma bilha e o entregara. Bebeu e gritou — Agora, vai, quero falar com o bom doutor.— Esperou que a mulher saísse e continuou—Tenho uma fortuna em ouro, que nenhum duque possui—voltou a tossir—Conheces o banqueiro Thomas?

— Sim, o suíço.

— Pois, tenho lá com ele, tanto dinheiro que nenhum fidalgo pôs as mãos. É tudo de meu filho.

— Ora...

— Assim é.

— E que queres que eu faça?

— Um documento, que eu assino, para que tudo fique em nome de meu filho Jean.

— Sei. Mas...

— Mas, o que, doutor? Planchet está morrendo, eu sei. Não tenho condições de ir lá e tirar a fortuna.

— Mas, teu filho não é filho... é filha.

— Hein? — e Planchet tentou levantar-se, voltou a tossir, caindo no travesseiro.

— É verdade, Planchet.

— Realmente—manifestou-se, após alguns segundos de reflexão.—Sim, sou Planchet des Foiers. Tudo está em nome de Jean de Foiers.

— E o sexo?

— Espera. Pega embaixo desta cama uma pequena mala.

O doutor abaixou-se e retirou a diminuta valise de ferro batido.

— Abre-a.

— Como? Além de fechadura, tem três cadeados.

— Tenho as quatro chaves penduradas ao pescoço. Por favor, tira-as.

Girardan obedeceu.

— A maior é da fechadura. As outras três, experimenta.

O médico tentou por algumas vezes; por fim, conseguiu abrir. Continha muitas moedas e vários papéis.

— No fundo, há um envelope lacrado. Procura.

— Achei.

— Abre-o.

O médico assim o fez e leu. Sorriu.

— Foste sensato, Planchet. Puseste toda esta fortuna em nome de “minha filha” Jean de Foiers. Graças a Deus! E que fortuna! Planchet, não havia necessidade de terminares teus dias aqui. És rico.

Planchet sorriu, tossiu e segurou a mão do médico, declarando:

— Plantamos uma árvore... uma mudazinha. Regamo-la todos os dias. Ela cresce. Enquanto isto, o plantador fenece, morre... todavia, ela fica. Eu plantei Jean. Fi-la passar por homem, pois sempre desejei ter um filho. Agora, morro. Não é justo que tudo seja dela? Para compensar o que fiz passar? Ela agora é rica, não vai necessitar, como eu, permanecer aqui.

— Como devo agir agora?

— Faze um documento, passando uma procuração ao banqueiro, em meu nome, que assino, transferindo todos os meus bens para o meu Jean.

— Teu?

— Minha... e para já, médico, já.

Girardan abriu a valise que levava e tirou um maço de papéis, escreveu e deu para o homem assinar.

— Não sei escrever.

— Então...

— Há um carimbo na mala. É só meu, o banqueiro o reconhece. Aponha-o no documento.

Concluído, o doutor guardou tudo e perguntou:

— E esta dinheirama? Há até diamantes, que farás com tudo?

— Tira alguns para ti; o resto — e voltou a tossir — é para minhas três mulheres.

— Terás que enumerá-las.

Planchet gargalhou, provocando novo acesso de tosse.

— Rei?

— Ora — confessou assim que se recompôs — quero vê-las brigar pelas jóias, como brigavam antes por mim.

— Planchet...

— Vai, doutor, vai, estou cansado.

— Tua filha vai chegar.

— Eu a espero. Não morro sem vê-la. Vai.

— Vou à casa bancária já. Farei tudo como pediste. Trarei o banqueiro.

— Eu sei, doutor, em sei, mas dize-me uma coisa. Quando morrer, vou mesmo viver em outro lugar?

— Claro, claro. Só o corpo fenece e morre.

— Estou perdido.

— Como, perdido?

— Reencontramos quem conhecemos por lá?

— Sim, Planchet. Estão esperando-te.

— Mon Dieu! — e pôs a mão na testa. Imagina, doutor, eu chegando lá.

— Edaí?

— Toda aquela mulherada a esperar-me, reclamando cada qual uma coisa! Não quero mais morrer, ajude-me.

Girardan riu, divertido.

— Isto não posso fazer; só, lá.

\*\*\*\*\*

Alençon, se bem distante de Saint Michel, no oceano, recebia os eflúvios do iodo do mar. Daí, o calor e a salinidade trazida pelo vento até aquela então vila.

— Vamos à casa de Michelle? — inquiriu Jeanpaul a Jean, sentados frente um do outro no alpendre, com o pai, a mãe e o duque a jogar xadrez. D. Paulette, que apenas assistia ao jogo, que naturalmente havia meses sem ganhador, interviu:

— À casa de Michelle, filho?

— Mãe, é o terceiro convite que recebo e não atendo. É descortesia.

— Descortesia, ou não queres ir?

Jean leavanteu-se e disse:

— E ainda por cima convida-me a ir lá. Se queres ir, Jeanpaul, vai, se lá estivesse também a Françoise—fingiu ela, ansiosa para que o rapaz não fosse. Todavia, ele mesmo não queria ir. Paulette, vivida, aconselhou:

—Não, um só não é conveniente ir. E quanto à descortesia, esqueci. Eu darei um jeito. Não vos apoquentes e, inclusive, a noite vem chegando.

Diana, que se enroscara aos pés do senhor de Luzardo, jogando xadrez com o pai, de repente, ergueu-se. Farejou o ar e latiu forte.

— Que há, linda? — perguntou o filho do duque.

— Alguma raposa—disse este, consertando um erro no tabuleiro, fora das vistas do filho.

— Diana! — chamou Jeanpaul e ela atendeu, eriçada.

— Meu pai!

— Quê? Esta torre não estava aqui.

— Como não?

— Pai...

— Não roubo... Sempre reclamando! Se não estava aí, foi tua cadela que balançou tudo e a peça mudou de posição.

Diana voltou a latir fortemente e desceu as escadas.

— Algo vem por aí — disse Jeanpaul.

— Solta os mastins — lembrou Paulette.

—r Para quê, mãe? Nem sabemos o que é.

— Mas, Diana...

— Está nos avisando. Esperamos. — E desceu as escadas, com Jean.

— Que será?

— Um coelho, talvez?

— Não, ela está acostumada com eles — gritou:

— Diana!

O animal atendeu com relutância, a atenção toda voltada para a estrada.

— Crês, assim, que ela está possivelmente vendo ouvindo algo?

r \_\_\_ Mas, claro. Olha! Diana corre.

— Vem alguém, observa a poeira. Sobe, chama meu pai. Vem vindo alguém, com certeza. Pega tuas pistolas, após alertares meu pai.

— Já vou.

Ficando só, Jeanpaul voltou a gritar:

— Diana! Aqui, já! E a cadela atendeu. Segurando-a pelo pêlo do pescoço, ele procurou serená-la — Calma, amiga, calma, vem alguém e a cavalo — e, olhando para a balaustrada, viu o pai, a mãe e o avô. Logo os empregados apareceram. Jean desceu com as pistolas.

— Que há, filho?

— Alguém se aproxima, pai. E não vem só, deve haver um exército atrás, vê a poeira?

— Toma — disse Jean entregando as pistolas.

— Etu?

— Tenho as minhas.

— Diable! Toda esta poeira. Quantos serão?

— Quantos o quê?

— Sei lá, lembro daqueles assaltantes.

Finalmente, a causa da celeuma tomou-se visível. Diana foi contida. Tratava-se de pequena caravana integrada por uma carroça puxada por dois cavalos e dirigida por um homem e um ajudante. Atrás, vários burros de carga, conduzindo caixas e baús.

— Boa tarde! — cumprimentou o desconhecido, saltando do veículo—e apresentou-se — Sou um mascate, vendeiro de porta em porta deste país e de outros.

O senhor de Luzardo e o duque desceram, pois embaixo só estavam o filho e Jean, segurando a cadela.

— Boa tarde — respondeu ao cumprimento o duque — Que desejas?

— Água, já que a nossa acabou.

— Há um rio ali perto, por que não vos abastecestes?

— Perdão, senhor e podes tirar as mãos das pistolas. E que teus homens não nos maltratem.

— Fala.

—Vamos para um mosteiro, mas paramos em muitas vilas, aldeias, cidades.

— E parastes aqui para beber água? Nunca o fizestes antes—redarguiu o senhor de Luzardo.

— Não, senhor, não. Nem paráramos para vender-vos o que trago.

— Então?

— Dá-me água<sup>7</sup>

— Só quereis água?

— Senhor, desviei-me do meu caminho, saindo da estrada principal de Alençon, só para prestar um favor, trazendo uma correspondência e, no entanto, vejo-me alvo de desconfiança?

— Homem berrou o duque. — Que correspondência? Fala logo. Deves estar enganado.

O mascate meteu a mão no gibão de couro e a retirou com um rolo de papel, lavando-o no ar.

— Vamos, biltre.

— Pai, espera.

— Está endereçada a um tal Jean.

— Jean, neto do doutor Girardan.

— Eu! — manifestou-se Jean. — Sou eu! — correu para a carroça. — Dá-me a correspondência. — O homem a estendeu. Jean abriu com sofreguidão. — Mon Dieu!—e cambaleou. Jeanpaul correu, mas, dona Paulette a segurou, falando incisiva:

— Dá albergue a esses homens. Eu fico com Jean.

— Mas, mãe...

— Vai, Jeanpaul! Guarda os cavalos.

— Que se passa? — inquiriu o duque.

— Nada, pai, nada. Faz as honras da casa. Ajudo Paulette.

— Sacré coeur!<sup>36</sup>

Jean foi levada para o alpendre.

— Que há, filha?

<sup>36</sup> (35) Sagrado coração.

— Meu pai precisa de mim. Tenho que voltar. O doutor Girardan pede-me. Vou agora. Ele está morrendo.

— Filha — ponderou o senhor de Luzardo — é quase noite.

— Vou. Empresta-me um cavalo.

— Cavalo? Dou-te uma carruagem.

— Não, seria lento demais... um cavalo.

— Mas, e Jeanpaul?

— Meu Deus, que ele não saiba, a não ser quando eu sair. Ajudai-me, por favor — e começou a chorar.

— Que fazer? — perguntou Paulette.

— Nada. Ela tem de ir. Confio nela — respondeu o senhor de Luzardo. —Vamos, vamos a teu quarto—ali, Paulette, ajudando-a a vestir um traje de montaria, pôs no alfoije da sela algumas roupas, colocou as duas pistolas no cinto com a espada, e chapéu e saíram.

— Por favor, dona Paulette, nada reveles ao Jeanpaul. Eu o farei um dia. Fica sossegada, filha.

Na sala, o senhor de Luzardo a esperava.

— Toma, Jean. Vais necessitar disto — e entregou uma bolsa cheia de moedas à jovem.

— Não há necessidades, senhor.

— Há, sim. Toma.

Ela aceitou. Abraçou o dono da casa, chorando. Depois, o duque.

— Vê-los-ei em Paris.

— Sem dúvida, minha filha. Brevemente estaremos lá.

— O cavalo está pronto, senhor — avisou um serviçal.

—Até breve—ela despediu-se e desceu correndo as escadarias, montando rapidamente. Jeanpaul vinha chegando. Ela atirou um beijo para ele, surpreso, e saiu a galope, logo sumindo.

— Que se passa? — inquiriu ele, alheio.

— Ele vai para Paris, filho.

— Paris?

— Seu pai está muito doente.

— Mas, só? E deixastes?

— Ele assim quis.

— Mas é quase noite. Que temeridade! Eu vou atrás dele.

— Não, não vais.

— Mas, pai...

— Ele sabe o que faz. Deus o guiará.

— Atirou-me um beijo! Não entendi!

— Foi um gesto instintivo, filho.

— Pai, pelo menos poderias ter enviado um dos nossos auxiliares com ele.

— Não te preocupes tanto, filho—procurou tranquilizá-lo Paulette. — Sei que ele chegará bem. E, a cavalo, fará o percurso em menos tempo do que a carruagem.

\* \* \* \*

Em uma outra dimensão, uma formosíssima jovem, mãos dadas com simpático moço, passeavam por extenso pomar, entre pássaros canoros de variadas plumagens coloridas. Trajava-se de branco, uma veste inteiriça, colada ao corpo até a cintura, quando alargava-se, descendo até os pés, quase arrastando-se no chão de grama. Um cinto dourado, em forma de grande Y, rodeava-lhe a cintura, deixando cair a ponta em frente ao corpo. Os cabelos negros e bastos derramavam-se sobre seus ombros. O jovem, alto e magro, vestia calções flocados e blusa branca. Usava pemeiras de couro luzidio que lhe iam até os joelhos e sapatos com grande fivela quadrada.

— Amo esta paz, Femand—dizia ela, aspirando o perfume das flores e dos frutos.

— Pena que tenhamos de retomar ao corpo físico em breve.

— Demorará um pouco ainda. Os nossos país nem sequer casaram ainda.

— E são jovens.

— Pois é, bendita a providência divina. Esperei-te tanto, Femand. Quanto tempo!

— Sei, sei. Enveredei por caminhos tortuosos, quase te perdi de vista.

— Enquanto fui homem, tu também eras, quando mulher, a mesma coisa em face das normas de cada região, que poderíamos fazer?

— É verdade. Mas, agora aqui estou. Fiz-te perder tanto tempo.

— Mas, aprendeste, é o que importa.

— Suzanne, mesmo nascendo de Jean e Jeanpaul, sendo gêmeos, ficaremos separados.

— Por quê? Não seremos irmãos?

— Sim, sim... mas não marido e mulher.

— Este pormenor é secundário. Estamos cumprindo uma tarefa a mais. Tu escolheste ser padre. Serás para permaneceres no celibato, e pagar tuas dívidas. Eu, animarei um corpo feminino, para ajudar-te a ter uma igreja. Serei tua irmã querida, até a próxima encarnação.

— Estarei fadado a ser um sacerdote católico.

— Apostólico e romano — completou ela, sorrindo.

— Assim será.

—No entanto, devemos ajudar ao senhor de Luzardo e Paulette. Ela tomou-se esposa de meu ex-marido no plano físico.

— Ajudar, como?

— A conhecer melhor o potencial que têm, espiritualmente, para também amparar ao próximo.

— Quantas vezes já estivestes lá?

— Algumas. Sou constantemente lembrada. Não sei explicar a razão e vou consultar aos nossos mentores. Todavia, pelo fato deles terem, em minha homenagem, conservado o cômodo que foi meu quarto, naquela casa, intalo, como se eu ainda lá estivesse, e quase venerarem meus restos mortais, junto ao carvalho, atraem-me, e não posso deixar de estar lá quando necessitam. Há pouco, Paulette, que, por qualquer preocupação vai àquele quarto, como se fora a um templo, lá esteve, inquieta com a Jean. Comparei, dei-lhe um passe magnético e, ainda, presenteei-lhe com uma flor que daqui levei.

— E a menina que será nossa mãe?

—O abnegado dr. Girardan a ajudará naturalmente intuído por nós e nossos mentores, porém, apenas dentro do essencial, sem privilégios. Ela sofrerá muito, mas, também aprenderá muito.

— Teremos encontrado a família adequada?

— Não tenhas dúvida quanto a isto. No entanto, lembra-te que fomos nós quem escolhemos. Nada nos foi imposto. Como eles dispõem do livre-arbítrio, apenas vibremos para que tudo corra bem.

— Esta mania dela em fingir-se de homem...

—Antes de encerrar, ainda aqui, ela queria animar um corpo masculino, por já ter sido, em outras tantas, mulher. Rebelou-se em vão, já que pouco importa o corpo para o espírito. O pai, que, por sua vez, só tivera filhas, escondeu de todos o sexo da filha, fazendo todos acreditarem ser homem. E, só tarde ela compreendeu a importância daquela mentira em sua vida. Simplesmente aceitou viver naquela condição até conhecer o Jeanpaul. Agora, vê-se entre a cruz e a espada.

— Isto foi punição?

— Não, não foi. Apenas casualidade, mas que, de algum modo, serviu-lhe de lição.

—É verdade. Nada é feito com o intuito de prejudicar. Nós temos o direito de escolher e tentar acertar. A culpa de tudo, acertos e erros, sempre é nossa.

— Assim é, meu querido. Vês quanto tempo perdemos?

— Em nosso caso, a culpa foi só minha. ,

— Nossa, irmão, nossa. Agora, olho meu corpo espiritual e não vejo mais o defeito físico que tinha, enquanto encarnada. Não é maravilhoso, isto?

— Louvado seja Deus.

\* # \* \* \*

Seis dias depois, coberta de poeira, cansada e faminta, Jean chegava a Paris. Rumou direto para a casa do Dr. Girardan, onde foi recebida calorosamente pelo velho médico e seu auxiliar.

— Minha Filha! — saudou-a o médico, abraçando-a.

—Estou imunda, doutor—falou ela, mas retribuindo o abraço. Depois foi abraçar o amigo Lenoir. — Que saudades de todos! E meu pai?

— Espera, tem calma, conversaremos após tomares um bom banho.

— Vou buscar tua água, menina. Bem mominha — avisou Lenoir.

— Como está meu pai, doutor? — voltou a inquirir, inquieta.

— Vivo, se é isto que queres saber. Mas, vem, toma um suco.

Jean o acompanhou à cozinha. Desabotoou o cinturão, depôs as pistolas e a espada sobre um armário, a seguir abriu a blusa, sentou-se e esticou as pernas.

—Seis dias praticamente na sela. Estou toda dolorida.—recebeu o copázio de suco, que bebeu avidamente.

— Após o banho, dar-te-ei uma boa massagem com um unguento quase mágico que tenho. Ficarás nova, com as forças restauradas, enquanto dormes.

— Dormir, doutor?

— Sim, filha. Estás cansada e não terás condição de fazer nada. Além do mais, a tarde já está quase dando lugar à noite — e olhando a espada—Linda espada!

— Ah! Foi presente de Jeanpaul. É igual à dele.

— Como foi tudo por lá?

— Maravilhoso, doutor, maravilhoso. D. Paulette, o senhor de Luzardo, o velho duque, são excepcionais—e atirou a cabeça para trás, ficando pensativa.

— E o Jeanpaul?

— Ah! Doutor, eu o amo! Como é gentil, temo e carinhoso.

— Contigo? Um homem?

— Eu? Homem?

— Ele sabe que não?

—Ignora. Como foi difícil, meu Deus! Não fosse dona Paulette e o marido.

— Deve mesmo ter sido difícilimo.

— Doutor... o cavalo?

— Não te preocupes. Se bem conheço o Lenoir, já deve tê-lo desencilhado e alimentado. Não tenhas cuidado.

— É que não é meu. O senhor de Luzardo me emprestou.

— Foi uma temeridade, querida, vires só.

—Ele pôs a minha disposição uma carruagem. Recusei. Demoraria muito. Cavalguei durante o dia, só parando à noite para descansar. Estamos, eu e o cavalo, estropiados.

— A água está pronta, Jean. Vem, deixa-me ajudar-te a tirar estas botas— anunciou Lenoir que chegara. — Teu cavalo está no quintal. Há muito capim lá. Mais tarde, darei umas boas escovadas nele. Teu alfoije está em teu quarto.

— Obrigada, Lenoir.

—Vai, filha. Livra-te de toda a roupa, veste uma camisola. Enquanto isto, preparo algo para comeres e o unguento. Vai, o Lenoir ajudar-te-á com as botas.

Ela levantou-se, espreguiçou-se, acompanhando Lenoir. Este, após tirar-lhe as botas saiu do quarto, recomendando:

— Deixa tuas roupas sujas, amanhã eu as lavarei.

— Obrigada, Lenoir, muito obrigada.

Banhada, perfumada, vestiu a camisola, penteou os cabelos e saiu. Sentia-se leve. — Ah! Que alívio! — pensou. Foi encontrar o médico em seu laboratório. Este misturava algumas substâncias em um pequeno vaso de porcelana.

— Agora, sim, estás outra!



— Pareço gente?  
— Estás linda. Senta-te. O Lenoir está preparando algo para comeres.  
— Obrigada. Agora, conta-me tudo.  
— Não, não hoje. Amanhã, ifef—! Doutor, estou ansiosa.  
—Sei. E é por isso mesmo que nada direi. Precisas relaxar. Teu pai está vivo, se bem que muito doente. Amanhã, com calma, discutiremos o assunto.

— Que cheiro é este.  
— Ah! É o unguento de que te falei. É um composto de ervas com cânfora e mirra. Rejuvenesce a pele, causa certa lassidão no corpo e o perfume ajuda a descongestionar as vias respiratórias. Vais dormir como um anjo.  
— Como poderei pagar tanto, doutor?  
— Mas se já estás me pagando, minha cara.  
— Como ?  
— Dando-me a oportunidade de servir.  
— Que idade tens, doutor?  
— Perto de oitenta.  
— Oitenta?  
— Achas pouco?  
— Não, não... há tantas pessoas com muito menos e que não fazem mais nada.

Ele sorriu.

—É verdade. É que não sabem que tiabalho também nos causa diversão. Não se deve parar de trabalhar nunca.  
— Como te admiro!  
— Agora, conta-me tudo quanto fizeste em Alençon.  
— Ah! Cheguei até a beijar nos lábios uma moça.  
— Beijar? Ora, uma moça?  
— Que experiência horrível!

O médico riu alto.

— E por que beijaste?  
— Para mostrar a Jeanpaul ser um homem.  
— E ele duvidava?  
— Não, não. Ele arranhou-me aquela namorada.  
— Ah! Sei... nos lábios...  
— Que coisa terrível!  
— E Paulette?  
— É uma dama. Nem parece que saiu do Pátio dos Milagres.  
—E o papai do Céu sempre faz as coisas certas. Os lírios também nascem do lodo.  
— Ah! Jeanpaul... que saudade!  
— Sossega, menina. Tudo dará certo.  
—Vem, menina, vem comer—apareceu Lenoir, chamando-a.—Uma boa sopa e pedaços de frango assado.  
— Que beleza! Já estou indo.

Lenoir levou-a à mesa, serviu-a, recomendando:

..— Come tudo. Enche esta barriguinha. Há suco naquela jarra. Deixo-a em paz — e retirou-se. j— A moça atirou-se com apetite à comida.  
— Que achou dela, doutor?  
—Está bem, vê-se. Encontrou o amor mas, coitadinha, está impossibilitada de usufruí-lo. Pelo menos, por enquanto.  
—Eu poderia acompanhá-la amanhã, ao Pátio dos Milagres. Eu a defenderia.  
— Sei, meu bom Lenoir, sei. Mas, esta questão ela terá que resolver só.  
— Mas, e o tal turco?  
— É um perigo. Porém ela sair-se-à bem.

^— Contaste algo a ela?

— Não, não. Farei isto amanhã.  
— Ela é uma moça rica, agora.  
— E como, Lenoir! O Planchet soube administrar sua fortuna.  
— Vai-lhe contar?  
—Ainda não. Já providenciei tudo junto ao banqueiro, mas não a posso dar a conhecer disto agora. Disfarça, ei-la que retoma.  
— Ah! Doutor, parece que não comia há anos! Agradeço-te Lenoir. És um grande cozinheiro.  
— Fica com o doutor, menina. Têm muito a conversar — e retirou-se.  
— Aqui está, seu unguento. Terei que massageá-la. Tens vergonha?  
— Não, claro que não, doutor.  
— Pois bem, quando fores dormir, usa apenas calção.  
— Doutor, também necessitas de descanso. Eu mesmo posso usar a substância.  
— Sei, mas não podes massagear a ti mesmo. Assim eu farei. E fica certa de que não verás o fim, pois dormirás logo.  
— Muito bem. Queres falar-me algo agora?  
— Não, não. Amanhã. Temos tempo.  
— E a França, doutor? Ouvi rumores de guerra.  
— Sim, é verdade. Francisco está em litígio com o imperador Carlos V. \* Já partiu com o exército. A França está passando por maus momentos. Esperamos que tudo termine bem.

Jean bocejou.

— Vamos, vamos à caminha. Estás com sono.  
— E, como!

Deu a mão à jovem e foi com ela ao seu quarto.

— Deita-te de costas. Estás com calção?  
— Sim.  
— Ótimo.

A jovem despiu a camisola, deitou-se e deixou-se massagear. De fato, o odor do unguento, aliado ao sono que sentia, levou-a a logo adormecer. O médico terminou o serviço, cobriu-a, ajeitou o travesseiro e beijou-a na testa.

— Dorme bem, menina. Que Deus ilumine teus sonhos — apagou a vela, e saiu para o laboratório, a fim de preparar os remédios que

distribuía aos pobres de Paris.

- Com que, então, o turco Safeth está pondo as manguinhas de fora? — inquiriu ela, ainda de camisola, mordendo uma torrada.
- É ele quem está mandando em tudo. Todos lhe têm medo. Habitou-se a invadir residências para roubar, o que antes era raro.
- E verdade. Nós só nos fingíamos de mendigos para esmolar. Roubáva\* mos, sim, alguém incauto, mas invadir residências, não.
- Com isto, toda a culpa recai sobre a comunidade do Pátio. Cedo, os Mosqueteiros do Rei serão enviados e vai haver uma carnificina.

- Tenho que ir até lá.
- Tens que tomar muito cuidado, filha. Esse homem é um bruto. E é enorme.
- Conheço Safeth. Mas, doutor, “quanto maior a árvore, maior a queda”
- E ele tem asseclas.
- Que os tenha. Vou-me vestir — e saiu.
- Pelo que ouvi, doutor, ela está decidida.

—É verdade. Orei muito esta noite, roguei à minha irmã Suzanne que está mais perto que eu dos nossos mentores, que protegesse esta menina. E confio em que tudo lhe sairá bem.

Não demorou muito e Jean retomou. Usava a mesma roupa com que chegara a casa do Dr. Girardan, ou seja, uma surrada, mas limpa calça colada ao corpo, cujas extremidades adentravam as botas que se dobravam pouco acima dos tornozelos, uma blusa branca folgada, mas fechando-se nos punhos. Todavia, na cintura, trazia a bela espada que ganhara, além das adagas. No peito ostentava o camafeu que o casal Luzardo lhe ofertara. Para enfeixar tudo, o chapéu com a pluma.

- Estou pronta, doutor. Reza por mim.

O velho médico a fitou.

- Jean, destitua-te da ira, do ódio. Noto em teu semblante...

— Não é ira, nem ódio, doutor — interrompeu a moça — mas, justiça. E justiça será feita. Não matarei ninguém, desde que não atentem contra a minha vida. Jamais batizaria esta espada — e a tirou pela metade da bainha — com o sangue de alguém, senão para me defender. Fica sossegado. Primeiramente, só quero ver meu pai. Vejamos o que acontece depois. Dá-me tua bênção?

- Oh ! Filha, claro que sim. Deus te abençoe e te proteja. Ai, dona Suzanne, minha amiga.

- Mandarei notícias, doutor — e retirou-se.

- Vais a pé?

- Claro. Aqueles lá costumam comer carne de cavalos e o cavalo tenho que devolver.

- Sim, sim, estará guardado. Não tenha preocupações.

Ela enfiou o chapéu na cabeça e saiu andando pela rua Saint Germain, imunda, cheia de poças d’água, sempre encostada às paredes, evitando lugares freqüentados. Assim, atingiu o Pátio dos Milagres. Vários mendigos preparavam-se para sair às ruas. Alguns ajeitavam \* ‘feridas’ \* no nariz, outros enrolavam a perna com mantas de carne sanguinolenta, etc. Tudo para enganar os transeuntes, em busca de moedas.

- Põe esta venda no olho mais para cima—recomendou ela a uma mulher gorda, suja a propósito de fuligem.

- Que? Quem és tu para me ensinar?

- Não me reconheces, Blanche?

- Hein? Como sabes o meu nome, fedelho?

- Tira a venda e olha-me com os dois olhos.

- Ora — e a mulher fez o que ela mandara. — Demorou um pouco e sua fisionomia iluminou-se com grande sorriso.

- Mon Dieu! És Jean, filho do Planchet.

- Pois é, sou eu.

- Oh! Querido, por onde andaste?

- Por aí.

- Teu pai está mal, rapaz.

- Eu soube e vim vê-lo.

- Ah! Meu rapaz, isto aqui está pela hora da morte!

- Vai melhorar. Vim assumir o lugar do meu pai.

- Tu, Jean? Safeth já fez isto.

- Mas, não pode. Eu sou o filho do Rei dos Mendigos. Consequentemente.,!

- Menino, não te metas com o turco. Ele não presta, é um animal. Vai, visita teu pai e parte.

- Não sou de fugir, Blanche. Sou o herdeiro e quero meu título.

- É uma temeridade!

- Continua, Blanche, põe a venda. Depois nos veremos» Vou ver meu pai. O turco está aí?

- Donne, ainda, após grande bebedeira. Toma cuidado, Jean.

- Terei. Até logo.

Caminhou até à boca da escadaria que levava aos subterrâneos de Paris, os esgotos da grande cidade. Logo o odor nauseante da podridão afetou-lhe as narinas. Era um mau cheiro conhecido, mas que agora a repugnava. Bastara- lhe ficar fora alguns dias, aspirando ar puro, para sentir a diferença. Andou por entre as plataformas, por onde, abaixo, corriam as águas fétidas da cidade. Havia uma espécie de praça, de onde se bifurcavam vários canos de esgoto, e acima dela, ligados por escadas de madeira que levavam a espécies de nichos que serviam de “casas”. Ela parou e subiu os degraus de uma das escadas. Alcançou um túnel iluminado por archotes e pelo fogo que ardia sob grande tina de cobre que fumegava. Divisou alguns vultos sentados conversando.

- Ei, gente! — saudou.

- Quem és? — soou uma voz.

- Jean, filho de Planchet.

- Jean?

! — Sim.

Foi logo cercada pela gentalha e os abraços prolongaram-se.

- Suzette, como está meu pai?

- Aqui, no antigo escritório dele, meu rapaz, não está. Adoeceu e mudou- se a pedido do bruxo Girardan. .

- Bruxo? — inquiriu ela.

- É o que todos dizem — informou a mulher com ar de desdém.

- Sim, sim, mas onde está ele?

- Passaste por lá.

- Como?

- Logo na entrada, a antiga casa de Paulette.

- Paulette?

— Sim — acrescentou outro, caolho—não creio que a tivesse conhecido, pois eras pequeno.  
— Na entrada? Aonde?  
— Fora, no Pátio.  
— Ora, encontrei-me com Blanche e ela não me informou.  
— O tal doutor achou que ele deveria sair daqui e ir para o ar puro. Vejam só, viveu sempre aqui, agora faz-lhe mal. — risadas estrondaram.

Jean não quis dialogar, apenas perguntou:

— Como chegar lá?  
— É só perguntar, maroto.  
— Eu te levo lá.  
— E o turco?  
— Ah! Este dorme.  
— Pois dizeis a ele, que Jean, filho de Planchet, chegou para assumir o lugar do pai.  
— Tu? Contra Safeth? Estás louco! Melhor voltares para onde estavas. Safeth matar-te-á, mon petit.  
— Isso veremos. Informai-lhe que vim para ficar.  
— Ora, o galinho de briga — e novas risadas.  
— Vou procurar meu pai, desmiolados. E todos vós ireis ter comigo—e pôs a mão no punho da espada. — Alguém deseja experimentar? Tu que te ofereceste para conduzir-me, vamos?

— Sim, sim.

A turba amainou o vozerio.

— Não esqueçais. Avisai ao facínora que o herdeiro de Planchet, o Rei dos Mendigos aqui está para reivindicar o título e o pôr a correr. Vamos? • i.üüi-, -w

— Sim, meu rapaz, sim — anuiu o velho, saindo na frente.

\* \* \* \* \*

— Então, Femand — questionava a entidade que encarnara o corpo de Suzanne — que achas de tudo isto?  
— Estou em fase de aprendizado, querida. Ao que vejo, estás sempre sendo requisitada.  
— Pois é. O bom doutor Girardan, que, brevemente, estará conosco, porém em outra esfera, já que é um santo na terra, invocou-me no sentido de amparar nossa futura mãe.  
— Entendo, contudo, outras coisas fogem-me à razão.  
— Quais, querido irmão?  
— O termos escolhido para nossos pais, dois jovens que, sequer, casaram-se, nem tiveram qualquer contato físico que nos fornecesse o veículo para nascermos. São duas crianças.  
— Eu poderia responder-te, mas, vamos conversar com nossos mentores. Eles dissiparão todas as tuas dúvidas.  
— Sei, Suzanne, seres tu muito mais evoluída que eu. Não necessitarias sequer voltar ao orbe terrestre. Fá-lo-á por mim.  
— Querido...—e abraçou o jovem —: certo, perdeste muito tempo, fizeste-me esperar tanto! Mas, nos amamos e sempre ansiei estar a teu lado. Apenas esperei e orei por ti. Vês?

— Que?

— Estás a meu lado, Finalmente voltaste para mim.

— Eu poderia retomar só, cumprir minha missão regeneradora e voltar para li.

— Sei, todavia almejo retomar contigo.

— Mas, não seremos marido e mulher.

— Isto importa? Seremos irmãos e eu te ajudarei a vencer, pensando na próxima encarnação, quando, então, teremos o direito de nos amar no corpo e no espírito.

Serei um padre!

— Sim, serás. Tens uma dívida a resgatar.

— É... matei Monsenhor Lavigne.

— Com requintes de crueldade.

— Mas ele atentou contra minha família.

•J'— Impulsionado pelo fanatismo religioso. De certo modo, não pode ser considerado de todo culpado. Todas as suas praticas eram exercitadas em nome da religião.

— Mandou queimar na fogueira minha família e tínhamos uma menina de seis anos.

— Já o perdoaste?

— Eu, sim, após eliminá-lo e dependurar-lhe o corpo em uma árvore, de cabeça para baixo, arrancando-lhe a pele, em tiras.

— E salgando o corpo, em seguida.

—Na época foi pouco para ele. Mas, onde estão meus familiares, consumidos pelo fogo? Jamais encontrei um.

—Alt! Meu irmão adorado! Nem sempre a família é nossa família.

— Pelo visto, preciso aprender muito.

—E o farás, sendo sacerdote católico. Estudarás e viverás justamente o contrário de teu desafeto. Notes que em todas as atividades humanas há sempre alguém que destoa. O fato não deve incriminar a todos. Não generalizar é o certo.

J— E minha pergunta?

— Vem, querido. Nossos mentores nos iluminarão.

— A nós?

— Claro, eu também tenho muito a aprender.

—Suzanne, espera. Dize-me — e pôs as mãos na testa, alisou os cabelos, só depois continuou:

—Se nós, espíritos, podemos ver melhor que os encarnados, por que não ajudá-los?

— E não ajudamos, amor?

—Não, ouve: por que não elucidamos crimes e calamos sobre tantas coisas. Às vezes, um condenado à morte é inocente e disso temos ciência; essa pessoa morre, quando o verdadeiro culpado morre na cama, não poucas vezes, como um patriarca. Não podemos tudo, não é verdade?

Suzanne sorriu.

— Esperemos, querido. Eles nos explicarão tudo.

— Todos esses enigmas do mundo, querida, sem solução, apenas pressupostos pelas mentes encarnadas, não podemos atuar no sentido de ajudá-las a desvendar? Multiplicam-se as hipóteses, sem alcançarem nenhuma conclusão convincente.

Suzanne voltou a sorrir.

— Aguarda, logo serás esclarecido.

— Por que sorris?

—Porque estou gostando de tua inquisição. Vais ser um ótimo sacerdote. Vamos, vamos aos nossos Maiores—e de mãos dadas, pisando na macia grama que mais parecia um tapete, passaram por um lago encantador, onde cisnes e pássaros aquáticos nadavam alegremente.

—Isto tudo é uma miragem, ou esses pássaros e animais possuem espíritos?

—Todos possuem centelha divina. Não estão aqui somente para nos alegrar.

— Deixemos isto para depois.

— Também acho. Sigamos à procura de nossos mentores.

Algumas edificações aparecem à vista.

— Temos que marcar hora?

— Não há necessidade. Já nos esperam. Sempre nos esperam. Não te preocupes.

Rentearam com muitas pessoas que os cumprimentavam álcres. Os trajes eram uniformizados. Grupos conversavam animadamente, crianças corriam e brincavam sob a guarda de belas jovens. As construções, quase todas de três andares, menos uma, que parecia um palácio, com dimensões maiores, ostentando escadaria e colunas no vasto alpendre. Para aquela dirigiram-se. Subiram os degraus, atravessaram o longo pátio, adentrando o edifício. Uma vasta sala, várias portas. Encaminharam-se a uma delas, abrindo sua porta. Uma saleta como a de um consultório qualquer. Uma jovem e um rapaz estavam sentados atrás de uma mesa.

— Queríamos falar com o irmão Licínio — adiantou-se Suzanne.

— Pois não, irmã. Ele vos espera — informou a risonha jovem — podeis entrar.

— Obrigada.

Atravessaram uma porta, deparando com uma figura sorridente, sentada atrás de bela mesa, com papéis arrumados. Havia duas cadeiras junto à escrivaninha. A sala era simples. Uma enorme estante contendo uma quantidade apreciável de grandes classificadores numerados, ao canto, uma mesinha com um aparelho assemelhado a uma máquina de escrever antiga. O homem, quase totalmente calvo, levantou-se à entrada dos dois.

— Salve, irmão Licínio — saudou Suzanne.

— Salve, irmãos. Sentai-vos.

Atenderam. Ele continuou:

— Sei ao que vinde. Não há necessidade de perguntas, a não ser outras que fujam ao contexto. Portanto, deixai-me explicar. Naturalmente, podeis aceitar, ou não. Afinal, estou aqui, tendo tido antes indagações semelhantes. Posso falar?

— Claro, senhor — manifestou-se Femand.

— Senhor? Não, apenas irmão. Ouvi: Em primeiro lugar, a nossa irmã, encarnando o corpo que anteriormente possuía, pagou, a seu pedido, o mal que fizera a uma outra pessoa, auferindo após a paralisação das pernas, causa que provocou anteriormente à atual irmã Paulette, encarnada, cuja alma afim tentou atrair para si. Portanto, a nossa irmã solicitou não animar logo ao nascer, o mal que àquela fez. Foi mais adiante, escolheu um período de vida em que tudo são belezas, felicidade, para ficar relegada ao leito, paraplégica. Louvado seja Deus! E, ainda por cima, uniu os dois entes que, efetivamente, amavam-se, possibilitando até a união de outros, no caso Jean e Jeanpaul. Sua vida, seu sofrimento, a redimiram praticamente de todos os delitos. No entanto, vai retomar ao corpo físico, mais uma vez por amor. Amor a ti, meu rapaz, que te afastaste, trilhando caminhos obtusos, chegando a dar cabo da vida de um sacerdote católico. Também, por sua vez, pede para renascer e ser padre, visando consertar tudo quanto fez de errado—cruzou os braços e sorriu.—Será feita a tua vontade. Assim será. Só que terás a mulher que amas, como irmã, não como esposa.

Quanto a uma de tuas perguntas a ela efetuada e aqui registrada: — Claro, nós aqui sabemos, nada nos escapa ao que se passa no orbe terráqueo. Nós fôssemos resolver todas aquelas questiúnculas, mistérios outros, que aconteceria? Eles não teriam o que fazer, não necessitariam estudar para se tomarem advogados, juizes, ou mesmo policiais. Bastaria, como fazem sempre em qualquer situação problemática, olhar para cima e procurar saber: — Quem matou fulano? Ou quem roubou? — e, com a resposta, prenderiam o culpado, terminando o caso. Seria fácil demais, convenhamos. No entanto, digo-vos, há casos em que verdadeiramente ajudamos. São raros, mas ocorre. Entendeste, irmão?

— Sim — anuiu Femand, surpreso com o pronto esclarecimento de seu dilema.

— E, no que tange a seres filhos dos ainda adolescentes, Jean e Jeanpaul, a nossa irmã Suzanne assim pediu. Trata-se de dois espíritos sem maiores culpas, que se amam e pertencem à mesma família espiritual. Ela sempre quis animar um corpo masculino, quase degradando o feminino. Agora, encarna o corpo de uma jovem, tendo porém que fazer-se de homem. E está sofrendo por isto. Certamente dará maior valor, doravante, à manifestação feminina, relicário de Deus para perpetuar a espécie. Assimilaste?

— Sim, sim, irmão — Suzanne sorria.

— Pois bem, escolheste ser padre. Naturalmente, já pensaste na enorme responsabilidade que cairá sobre teus ombros.

Ser padre é emprestar a outrem a palavra de Deus. É atuar como Ele próprio. Não é só envergar o hábito negro e andar pelas ruas com o livro sagrado nas mãos. É suportar a cada instante, os passos de Jesus em Sua Via Sacra. É repartir com os pobres o pouco pão que terás. E ser humilde, amigo, leal e celibatário, como manda as leis da igreja católica. É difícil ser padre, irmão, pois, como o médico, terás que te pôr sempre a par de tudo quanto aparece de novo, não obstante tenhas nas mãos a Bíblia, que terás de ler, não decorá-la, mas entender. Ser padre é desfibrar todo corpo em prol do semelhante. Se queres ser um bom padre, faze como digo, pois outros existem que nada valem, assim como médicos,

advogados e até reis. Execute tuas funções como deve ser. Não estarás fazendo nenhum favor.

— E terei êxito?

O irmão Licínio sorriu.

— Não sei. Dependerá de ti.

— Eu te ajudarei, irmão.

— Terás fortuna para tanto, já que teus pais serão ricos. É mais um desafio. Todavia, confio em vós. À irmã Suzanne é lícito emparar aos entes queridos que estão no físico. Tudo respondido? — Sim, sim.

— Então, continua recebendo tuas aulas de Teologia. Estás em contato com padres professores. Assim, quando encarnares, terás a vocação que pediste. Não os decepciones. Até breve, irmãos.

## Capítulo IV A MORTE DE FLANCHET

O velho guiou Jean para fora dos esgotos. Na imensa praça do Pátio dos Milagres, na esquina da rua Les Clerc, uma casinha de tijolos à vista, quase em ruínas, foi apontada pelo guia.

— É ali, meu jovem. Podes ir só. A claridade me faz mal às vistas.

— Agradeço-te — e seguiu até a casa, em cuja porta bateu. Bateu-lhe, também, mais forte o coração. Uma mulher abriu a porta pela metade.

— Quem é? — perguntou desconfiada. — Sou eu, Celina.

— Eu quem?

— Não me reconheces? Sou Jean.

— Jean? — e a porta foi totalmente aberta. — Jean, meu menino! Graças a Deus apareceste — e estreitou amoça nos braços, sendo correspondida. — Eslás bem disposto. Vem, vem ver Planchet — e puxou Jean pela mão, cerrando a porta.

— Como está meu pai?

— Ah, mon petit! Está se ultimando. Ainda mais com aquele maldito turco nos impedindo de adquirir remédios e víveres. Vem, vem, ele só fala em ti.

Era uma pequena casa: Celina abriu uma porta, ficou ao lado e mandou Jean entrar. O cheiro de medicamentos feriu-lhe o olfato. Naquele quarto, nial- iluminado, mormente fosse ainda manhã, em uma cama jazia Planchet. — Deus! — espantou-se Jean ao contemplar a figura esquelética, cabelos longos e brancos, deitado naquela enxerga. O ancião tinha as mãos sobre o ventre, com os dedos entrelaçados. Os olhos cerrados. A moça aproximou-se, ajoelhou-se junto à cama.

— Pai! — chamou baixinho — e segurou a mão ossuda do doente. — Celina estava a seu lado. O moribundo, cuja respiração mal se notava, abriu os olhos, virou-os em direção da jovem. Seus lábios esticaram-se em um sorriso

— Paizinho! — voltou ela a falar, afagando-lhe as cabelos. A mão que ela segurava fez pequena pressão na sua. Duas grandes lágrimas rolaram-lhe dos olhos, descendo pelos sulcos de seu rosto. A boca abriu-se um pouco, seus olhos fecharam-se. Planchet entregara a alma ao criador. Jean debruçou-se sobre ele, soluçando. Celina correu a procurar uma vela que trouxe acesa e pôs na cabeceira da cama, fazendo o sinal da cruz. Jean soluçava. b íunolua

Coitado! — expressou-se a mulher comovida ver-te de novo. Morreu feliz.

Só estava esperando

Jean ficou ali longo tempo, recordando a figura do pai, que fora tão forte e temido. Agora, aquele corpo macilento quase pele e ossos, estirado naquela **enxerga**.

— Vem, filho. Não te preocupes com nada. Ele deixou instruções com o doutor Girardan sobre que fazer após a sua morte. Vem, vamos sair e avisará comunidade que o Rei dos Mendigos já não existe.

Jean levantou-se. Olhou a mulher e declarou:

— Existe, sim, Celina.

— Mas, como, filho? Planchet morreu!

— Todavia, eu estou vivo. E sou seu herdeiro. Eu sou o Rei dos Mendigos! — Mon Dieu!

— Vai, avisa a todos que Planchet morreu, mas seu filho continua em seu lugar. Vou à casa do doutor. Volto em seguida. ~ E saiu, pisando forte.

— Mon Dieu! — repetiu Celina. — Vai haver tempestade por aqui. Coitado! Tão moço! Safeth o matará. Teremos, então, dois enterros. Virgem Maria!

Algum tempo depois, Jean retomou com o doutor Girardan. A casinha estava cheia dos antigos amigos de Planchet e, curiosos à sua<sup>l</sup> frente. Na passagem, Jean ia sendo cumprimentado por aqueles que com ela cresceram.

— Bem-vindo, Jean, — Grato, Antoine.

— Meus sentimentos, Jean.

— Obrigado, Pierre.

Teve que atendera uma infinidade de cumprimentos e sentimentos de pesar. Consegiu entrar com o doutor Girardan. Haviã estendido um lençol sobre o cadáver e acendido mais velas. O médico examinou o corpo, depois, perguntou:

— Algum de vós conhece o padre Olav?

— O da igreja de Saint Denis?

— Este mesmo.

— Conheço, doutor.

— Uma das vontades de Planchet foi de que o padre Olav, por quem dispensava muita consideração, encomendasse seu corpo. Podes ir avisá-lo?

— Com todo gosto, doutor.

— Então, vai, filho.

Celina aproximou-se de Jean, sobraçando alguns pertences do morto. •! Jean, aqui estão as coisas de teu pai. — Jean olhou e examinou. Uma velha espada, duas adagas, um correntão de bronze que ele usava na cintura, sustentando a espada e uma espécie de colar de prata, com uma pequena coroa\*

Era o emblema do Rei... Rei dos Mendigos. Jean sorriu e pôs o colar ao pescoço, ante o olhar surpreso de todos.

— Rei morto, rei posto! — declarou em alto e bom som.

Seus amigos do tempo de crianças, deram vivas, enquanto os mais velhos tomaram-se taciturnos. Jean examinou a espada. De repente, murmúrios de vozes alterados quebrou o silêncio respeitoso naquela improvisada câmara mortuária.

— Que se passa? — indagou ela.

Não foi preciso que qualquer dos circunstantes explicasse. Um rapaz adentrou a casa esfogueado:

— É Safelh! Quer entrar a todo custo para pegar o colar do rei.

— Que? — interrogou ela, pondo instintivamente a mão na pequena coroa presa ao colar — e sorriu — Não esperava que fosse tão cedo. Meu pai nem esfriou de todo ainda. — E para o doutor — Quando morre, doutor, o espírito permanece no local?

— Ora, filho...

- Responde, por favor.
- Não existem regras taxativas. As vezes, sim.
- Então, façamos de conta que meu pai está presente — e saiu.

Uma multidão acotovelava-se em frente à casa. Sobressaindo-se no meio dela, um homem corpulento, camisa aberta no peito cabeludo e possante. Era calvo, possuía negra e suja barba e seus olhos estavam injetados, consequência do uso de álcool. Jean abriu caminho calmamente e parou a alguns passos do homem.

—Olá, turco! — sua voz soou ríspida, enquanto cruzava os braços em frente ao peito. Seu olhar fixou-se nos olhos do brutamontes, duro, frio. — Que queres?

Ninguém me chama de turco — berrou ele.

- E não és? Dize, que desejas?
- Morreu Planchet. Eu sou o rei agora.
- Quem te informou?

E um direito meu. Sou o líder agora.<sup>37</sup>

' —\* Tens mais direito que eu, o herdeiro legítimo do Rei? i i — Ora, deixa de brincadeira, petit. Dá-me este colar e podes voltar para o enterro de teu pai.

Jean descruzou os braços.

—Queres apossar-te do colar, filho de uma cadela imunda das margens do Sena,-então, vem tomá-lo! — e deu um passo atrás.

O homenzarrão ficou rubro de cólera. Bufou como um touro acuado.

- Não brinques comigo, fedelho. Posso quebrar-te ao meio.
- Antes, terás que me pegar.

A multidão estava tensa. Odiavam o turco, mas o temiam. E estavam perplexos com a coragem de Jean, P&rrJ Vamos, garoto, dá-me o colar.

- Vem tomá-lo! — e levou a mão ao punho da espada.
- Ah! O galinho mostra o esporão... pena que seja uma espada de brinquedo.
- Celina! — gritou Jean, sem desprezar os olhos do antagonista;
- Sim?

— Traze-me a espada de meu pai.

A mulher obedeceu. Com a arma na mão, Jean desafivelou o cinto e entregou-o com a espada à assustada mulher.

—Esta é a espada do Rei. Com ela, vou expulsar-te daqui, cachorro vadio. Afastai-vos todos. E tu, animal, em guarda!

Pasmo, o turco esboçou um meio sorriso. Afinal, tinha pela frente um rapazola imberbe.

— Ah! queres brincar, maroto? Pois bem, dentro em pouco tuas vísceras estarão servindo de repasto aos abutres da Praça do Mercado—e desembainhou a espada.

A gentalha correu a se defender, ficando por detrás de muros ou carroças. De todos os lados afluía gente. Disputas daquele tipo eram corriqueiras no Pátio dos Milagres. Todavia, agora era diferente. Tratava-se de um filho a reclamar o direito de suceder ao pai, como líder daquela comunidade. A notícia espalhou-se. Falsos mendigos, carregando as muletas e correndo celeremente, cegos que tiravam as vendas, outros, as postas de carne vermelha que imitavam enormes feridas, manetas que libertavam o braço perfeito dos coletes, aconchegavam-se para ver o combate. E apostavam, até. Doutor Girardan, apesar de pálido, estava calmo. Os ferros chocaram-se. Primeiro ataque de Safeth e Jean aparou, recuando. Tinha o braço esquerdo atirado para trás, equilibrando o corpo. As espadas tiniam. Jean estudava o oponente, que continuava sorrindo sarcasticamente e atacava. Ela só se defendia. Afinal, a força do homem era respeitável. Ela só deixava a lâmina adversária deslizar pela sua até o copo que protegia a mão e, ágil, desviava o golpe. Ainda não atacara, esperando um erro do adversário. Mantinha-se séria e não desgrudava os olhos do contendor. Às vezes, pulava, corria, com a espada em riste, forçando Safelh ir em sua perseguição. Assim, defendia outro golpe e mais outro, sempre saltando para desviar-se de uma cutilada e, então, atacava. Mas, não deixava o homem parar. Vez por outra, invectivava-o:

—Vem, filho de cadela raivosa... vem, turco fedorento. — eo homem ia- se enfezando cada vez mais. — Os circunstantes estavam mudos. Safeth começou a transpirar. A cabeça brilhava ao sòl, porejada de suor.

—Anda, cão sarnento!—gritava ela.—Esta é a espada de meu pai, carcaça imunda, do Rei, animal.

Safeth, afeito ao álcool, começava a sentir cansaço, isto influenciando em seu desempenho. Um pequeno cochilo e Jean atravessou superficialmente o músculo de seu ombro. Ele urrou, mas ela não lhe deu tempo de refazer-se, atacando rapidamente, para espetar-lhe a garganta. Ele esquivou-se. A camisa começou a avermelhar-se no local da cutilada. Aquilo o enfureceu de vez. E passou, não a esgrimir, mas a usar a espada como porrete. A cada espadeirada, Jean ou pulava ou abaixava-se, mas quando tinha que aparar o golpe, sua mão doía no punho da espada. Ela voltou a negacear. Deixou-o atacar sempre, desordenadamente. Em uma daquelas espadeiradas em arco, visando decepar a sua cabeça, abaixou-se e ligeira, atravessou a coxa do oponente, quase nas virilhas. O berro de dor e surpresa invadiu o ar. Ele abriu a guarda e ela atravessou a outra coxa, no mesmo lugar.

— Maldito!—explodiu Safeth, não podendo mais manter-se de pé.—Jean outra vez o atacou, agora na interseção do ombro com o peito, atravessando- o. Ele largou a espada, caindo de joelhos. Ela avançou, séria, espada em riste, apontando a garganta do adversário. Ele se acovardou:

— Não, não me mates... por favor...

Ela parou. Com uma expressão grave, estampada no rosto juvenil, ela olhou por momentos a figura enorme, mas vencida. Beijou a espada de Planchet e, num átimo de raiva, assestou um chute no meio do rosto do antes arrogante Safeth, que caiu para trás, todo ensangüentado. Os vivos estrugiram. Ela levantou a espada e, com ar solene, proclamou para que todos a ouvissem:

- Eu sou o rei dos mendigos! Se alguém disto duvida, aproveite, enquanto estou com a espada de meu pai na mão.
- Viva Jean, viva o rei!

Doutor Girardan enxugou algumas lágrimas. E ouviu Jean continuar.

— Que este homem seja expulso da comunidade. Ele e seus asseclas. Doravante tudo aqui vai mudar—e apontou para alguns—Tu, tu e tu carregai esta carcaça imunda para longe daqui. E jamais retomeis, ou eu vos matarei sem piedade. Já!

— Já! — berraram todos e começaram a atirar pedras e o que tivesse ao alcance da mão. Os homens, amigos do facínora o arrastaram para longe.

- Vamos queimá-los — gritou um.
- Isto, façamos uma fogueira.

<sup>37</sup> «<> Pequeno.

— Não! — reagiu Jean. — Não deveis sujar vossas mãos com animais nojentos como estes. Deixai-vos ir — e virando-se em direção ao doutor Girardan—Doutor, meu pai estava aqui. Eu sei, pois senti. Doutor, dize alguma coisa, pois faltam-me as palavras.

Todos volveram o olhar para o médico. Este adiantou-se um pouco e começou:

—Que dizer? Vamos, filhos, todos comigo — e recitou o Pai Nosso.

## TERCEIRA PARTE

### Capítulo I A GUERRA, SEMPRE

Justiça se faça ao Rei Francisco I. Se bem que amante das orgias, das monumentais festas e caçadas, era amante das letras e, até, um bom estadista. Fundou o Colégio de França, e trouxe para seu país a Renascença italiana, atraindo para sua Corte grandes artistas da época, como o consagrado Leonardo Da Vinci, Renevenuto Cellini e tantos outros. Construiu os palácios de Chambord, Villers-Cotterets, Fontaineblau, Saint-Germain-en Laye e mais ainda outros. Sabedor que seus antecessores provocaram a ira dos franceses, notadamente, os da nobreza que estavam sob as suas botas, fê-los retomar a si, fazendo-os conhecer um luxo que antes não tiveram. Certamente, isto provocou um esbanjamento nas finanças mas, sob sua égide, foi um meio do governo atrair para si aqueles que seus antecessores haviam posto de lado. Reteve, assim, a nobreza sempre à sua volta. O absolutismo real fez progressos, embora Francisco fosse frívolo demais para governar por si próprio. Havia sempre a disputa entre as favoritas e os sucessivos favoritos. Até a sua morte, a rainha- mãe teve papel preponderante no reinado. Francisco uniu o território, confiscando os bens do Condestável de Bourbon, deu nova vitalidade à centralização administrativa e fez substituir o latim pelo francês, tomando-a língua oficial.

Margarida de Angouleme, sua irmã, muito ajudou. E por sua causa o irmão não perseguiu os protestantes, e somente muito tempo depois, quando esses religiosos afixaram em várias cidades, incluindo Paris, cartazes com os dizeres - “Artigos verdadeiros sobre os horríveis abusos da Missa Real”, que iniciou a repressão aos simpatizantes de Martin Lutero. No exterior, o rei, cognominado ‘O Rei Cavaleiro’ \*, lançou-se à aventura italiana, saindo-se vitorioso contra os suíços <Ja Santa Aliança em Marignau, vitória esta que o tomou famoso e dono dos milaneses. Agora, a França estava em crítica situação. Cercada pelos Habsburgos, donos de Flandres, Alemanha, Nápoles, Sardenha, Sicília, Espanha e O Império Colonial Espanhol. Tentou Francisco obter uma aliança com Henrique VIII da Inglaterra, mas fracassou. A traição do Condestável de Bourbon que se vingava, assim, das intrigas de Luíza de Savóia, forneceu a Carlos V um grande e inesperado reforço. Francisco partira com o exército, já que nada mais podia fazer, senão a guerra. A França sofria.

# \* \* \* \*

Após a retumbante vitória sobre o turco Safeth, Jean foi aclamada Rei dos Mendigos. De início, tudo corria bem. Conseguiu fazer com que os integrantes da comunidade colaborassem, ajudando aos realmente necessitados, como doentes, velhos e crianças, estipulando, para tanto, uma taxamínima. Providenciou no sentido de serem estocados víveres roubados, não perecíveis, prevendo dias ruins. Todavia, um rei tinha que ter uma esposa. E “ele” era assediado, quase diariamente, pelas moças da comunidade. Começava dar na vista as suas freqüentes recusas. Quando não estava ‘a serviço’ nas ruas, fiscalizando seus súditos, permanecia em casa, lendo, ou ia à residência do doutor Girardan. Pensava, no entanto, em Alençon... Jeanpaul. Estaria ele ainda lá? Um dia, o médico fê-la sentar-se ante ele e comunicou:

— Jean, é hora de contar-te tudo quanto teu pai confiou-me.

— E que é, doutor?

— Para início de conversa, devo dizer-te que és uma moça rica, muito rica mesmo.

— Como rica, se nada tenho? — ripostou ela, surpresa.

— E como tens, minha querida! — confirmou, levantando-se e indo até à estante. Logo voltou com um pequeno baú nas mãos. Depositou-o sobre a mesa, abriu, tirando grosso envelope de couro e o passou à moça. — Abre-o e lê o que consta nos documentos.

Jean obedeceu, retirando um maço de pergaminho que se pôs a ler, interessada. Enquanto assim estava, sua fisionomia ia-se modificando. Trata-se de documentos fornecidos pela Casa Bancária mais famosa de Paris, com sede na Suíça. Ali, em suas mãos, estavam títulos financeiros de valor incalculável, escrituras de luxuosas residências, incluindo um pequeno palácio em Avranches. E a quantia em moeda corrente ultrapassava a casa dos milhares de luises.

—Meu Deus!—exclamou, pondo a mão na testa.—Como, como sou dona de tudo isso?

— São as economias e os inteligentes investimentos de teu pai, filha.

— Mon Dieu! Mas, meu pai era quase analfabeto...

—Contudo, possuía excepcional tino para as finanças. Soube aplicar sua poupança, confiando a banqueiros, honestíssimos por sinal, a administração dela.

— Ah, meu pai! Privou-se do conforto que poderia desfrutar para...

— Reservar tudo para ti, minha filha.

— Ah, meu Planchet querido!

—Amava-te demais. Sabia que com sua doideira em “fazer-te homem”, redundaria em prejuízo para ti. Tudo está em teu nome. Só necessitas ir comigo à casa bancária para que sejam concluídos os detalhes de caráter legal, com vistas a assumires a posse dos bens. Eu já estive lá com um documento por Planchet assinado e está tudo certo. Devemos ir lá amanhã.

— Um palácio em Avranches. Onde fica?

— É longe.

— E quem toma conta?

— Há empregados. O banco encarrega-se de tudo.

— E residências aqui em Paris...

— Exato. Alugadas, rendendo bom dinheiro.

— Sítios e fazendas.

— Também.

— E moedas de ouro...

— Milhares, filha.

— Que faço, doutor?

—Em primeiro lugar, ir ao estabelecimento bancário. Depois decides o que fazer.

— Sou rica, então.

— Vou montar um hospital para ti, meu caro doutor. Adquirirei uma linda casa para que o doutor transfira-se desta rua imunda. Vou...

—Não vais nada — interrompeu o médico. Eu de nada necessito. A idade não vai permitir-me dirigir um hospital. E quanto a transferir-me daqui, não quero. Tenho raízes neste lugar. Meus pacientes necessitam de mim.

— Mas, doutor...

— Há algo, todavia, que podes fazer.

— Qualquer coisa, doutor.

— Quero que ampares o Lenoir.

— Em breve, ele estará só no mundo.  
— Por que dizes isto?  
— Estou velho, filha. E ele, não obstante o corpanzil, não tem quarenta ainda.  
— Há de viver muito ainda, doutor. Fiques descansado quanto ao Lenoir. Ele não ficará só. Prometo.  
— Eu sei, filha.  
Jean tomou a remexer no baú. Tirou as mãos cheias de gemas preciosas em meio a moedas de ouro.  
— Rica! — exclamou. — E pobre ao mesmo tempo — considerou pensativa.  
— Como, filha?  
— Jeanpaul aceitar-me-á?  
— Ora, até Francisco faria.

\* \* \* \* \*

Haviam passado seis meses após a saída de Jean da casa dos Luzardos. O duque adiara a volta, devido aos últimos acontecimentos que envolveram a França, culminando com a guerra que movia contra Carlos V. Contudo, chegou, finalmente, o dia do regresso. Jeanpaul estava eufórico.

— Saudades do amigo Jean?  
— É verdade, mãe. Sinto a falta dele.  
— Nós também, filho. E quanto à Michelle?  
— Ah! Não daria certo mesmo. Ontem já a pus a par. Não a amo.  
— Eu sei.  
— Françoise é quem está doida por Jean... também, depois daquele beijo...  
— Maroto! Essa, não terá Jean nunca!  
— Por que tanta certeza?  
— Ora, filho, via-se que não havia maior interesse dele em relação a ela.  
• — Pode ser.  
— Levas o cavalo?  
— Não, não. Gostaria de levar Diana.  
— Ah! Esta, teu pai não abre mão. E a que horas pretendes partir?  
— Creio que cedo. O velho rabugento está perdido de amores por Maria. Não irá demorar muito em Paris.

Paulette riu divertida.

— Como é, fedelho! — gritou o duque que chegava, sobraçando alguns pacotes. — Estás pronto?  
— Sim, velho.  
— Velho, hein? Pois estou mais moço do que pensas.  
— Sei e agradeço, naturalmente, à Maria.  
— Moleque! Respeita teu avô, saca-trapo! j  
— O senhor o procurou, meu pai — acudiu o senhor de Luzardo, sorrindo.  
— Ainda o defendes...  
— Não vais levar os bacamartes, vovô?

i — Para quê? Acaso, temos javalis em Paris?

— Oh! Não, mas podes ir para a guerra.  
— Segura este maroto, pois que vou dar-lhe uma surra.

Despediram-se.

— Dá um beijo em Diana por mim, pai.  
— Não queres vê-la?  
— Não, não, ambos ficaríamos tristes. Volto na primavera.  
— Ide com Deus — disse Paulette, beijando o filho.  
— Pai, põe uma flor por mim no mausoléu da vovó.  
— E tirar o mato...

—... da sepultura de Diana I.

Entraram na carruagem. Havia um só cavalo amarrado ao fundo da mesma. Maria aproximou-se e entregou ao duque uma cesta.

— Senhor, são bolinhos de carne de javali e alguns pedaços de faisão.  
— Hum, comida de-reis! Até breve, Maria.  
— Só? — perguntou Jeanpaul.  
— Só o que?  
— Não vais beijá-la?  
— Jean! — gritou o duque. — Jean de Luzardo, não te garanto que este fedelho chegue inteiro a Paris.  
— Cuidado com a gota, velho — brincou Paulette.  
— Nunca fui tão maltratado em toda a minha vida. Vamos, cocheiro.  
A carruagem partiu. Já longe, ainda se ouvia a gargalhada do duque.  
— Este meu pai...  
— Não fica velho nunca, querido. Choras, Maria?j — Não, não, senhora, foi um cisco.  
— Sei — e olhou significativamente o marido.

\* \* \* \* \*

Deixemos os nossos amigos viajando, sem pressa, pelas estradas empoeiradas e esburacadas, rumo a Paris e voltaremos à nossa Jean, \* ‘O Rei dos Mendigos’ ’.

A notícia que corria em Paris era de que o rei Francisco fora derrotado e estava preso. O clima, entre a nobreza, fervilhava. O povo passava necessidades, a alta dos preços alcançara índices nunca vistos. Os abastados, donos de fazendas ou sítios, mudavam-se, na esperança de que melhores dias adviessem. Mas, e os pobres de Paris? Que fazer? Os que, em suas propriedades, na periferia, conseguiam plantar hortaliças, frutas e tinham alguma criação, os levavam à praça do mercado para vender ou trocar por outros gêneros. E os que nada tinham? Só lhes restava uma saída — roubar. Até os mendigos do Pátio dos Milagres se viram mal.

— Que ganhei hoje? — reclamava um — Não paga nem a carne de cavalo que pus na perna! Isto é uma miséria!

Jean ouvia as queixas, dispensando aos reclamantes toda a atenção.

— Pois é, Rei. Hoje pedi e surpreendi-me quando o homem perguntou-me se eu não tinha nada para ele, não respeitou minha condição de mendigo! Isso lá são tempos? Assim, bem cedo, vai acabar a nossa profissão, por excesso de mendigos. E vamos pedir uns aos outros? Isso tem de acabar!

Jean sorria.



— Acalmai-vos. Aqui nada vos faltará. Dispomos de estoque de alimentos para todos. Contudo, tereis que pagar por eles. Pagar? Mas, como, se estamos justamente falando na falta de dinheiro?

— Não importa se pagueis com moedas. Podeis contribuir trabalhando.

— Em que?

— Ora, varrendo, limpando o ambiente, desinfetando casas, lavando roupas.

— Que horror. Planchet não nos obrigava a nada disto.

— Mon ami—considerava ela, séria. — Meu pai não está mais aqui. O Rei sou eu, e procuro ser justo. Se estamos com víveres estocados foi porque vos obriguei a separar uma parte para enfrentar dias como esses. Jamais tivemos um depósito tão cheio. Mas, pode esvaziar, se não conseguirmos renovar o estoque e como podemos efetuar essa reposição? Contribuindo com o mínimo. Aqueles que, efetivamente, não puderem pagar com dinheiro, o farão com serviço. Todos terão que atuar.

Ela sabia que não era assim. Em realidade, os estoques não agüentariam muito. Por essa razão, custeava carroças e mais carroças de víveres para o depósito, afirmando ser da quota que dava. Resolvia querelas, providenciava atendimento médico, conseguia um professor para as crianças, fazia transportar água potável para a comunidade, fingia-se austera, sendo temida em decorrência do duelo com Safeth. Mas, por outro lado, vivia assediada pelas mocinhas da comunidade, que suspiravam por ‘ele’. E a situação tomava-se complicada quando um pai, visando chamar sua atenção para a filha, aconselhava:

— Rei, tens que casar. Onde já se viu um rei sem rainha? — Outro, com o mesmo objetivo:

— És filho de Planchet, Jean e, na tua idade, ele já não sabia quantas mulheres tinha. — E, ainda outro:

— Minha filha suspira por ti diariamente. É uma moça prendada — e abaixando a voz — e é virgem... é difícil encontrar-se uma virgem por aqui, quiçá em toda Paris.

Jean ouvia tudo para depois, só, remoer, como um bovino ruminando, todos aqueles oferecimentos.

— É difícil encontrar uma virgem em Paris! — E eu, o que sou? Idiotas! E o pensamento voava para Jeanpaul. E quando sentia-se aborrecida ia para a casa do doutor Girardan, buscava o quarto, livrava-se de toda a roupa, ficando só de camisola. E, então ouvia histórias que o bom médico contava, tomava conhecimento do andamento de seus negócios mas, como sempre, caía sobre ele com uma saraivada de perguntas. Nessa ocasião, para não fugir à regra, indagou, enquanto se refrescava com um suco de frutas:

— Doutor, por que tenho a impressão de já ter conhecido antes o Jeanpaul?

— Certamente o conhecestes em encarnação anterior.

— Será que ele também pensa assim?

— É possível.

— Dize-me. Quando morremos que de imediato acontece?

— Ah! Não há uma norma geral. Às vezes o espírito, quando muito arraigado ao corpo, não o deixa logo. É até enterrado com ele, ou mesmo, o deixando, acompanha o seu sepultamento e fica por muito tempo junto à sepultura. Neste caso, está em estado de confusão, nada entende.

— E pode demorar muito nessa situação?

— Pode, sim. Quando compreende que não tem mais o corpo físico, resolve procurar as pessoas que conheceu, a família, amigos. Então, mais ainda aprofunda-se a sua perturbação, já que ninguém o vê, ninguém o ouve.

— Terrível!

— Assim é, entretanto, logo que se apercebe de sua nova condição e pede ajuda é encaminhado para o seu lugar de direito. Ali é instruído, passando, então, a compreender todo o processo por que passou.

— E encontra, então, outros entes queridos?

— Sempre. Mas, pode, também, ao desencarnar, ficar logo ciente de sua situação e não perde tempo permanecendo junto ao corpo. Segue, logo, para as paragens espirituais, aonde vai encontrar os que o precederam.

— Acontece assim com todos?

— Não, filha, não. Há os que tiraram a própria vida, os assassinos bárbaros, esses vão expiar suas faltas em regiões condizentes com o seu estágio mortal.

— O inferno?

— Não imaginado pelos padres, mas de certa forma, sim.

— E sofrem? ;

— E como!

— Mas saem de lá?

— Sim, Sim. Deus é pai e um pai quer sempre o bem para o filho. Sempre lhes faculta uma oportunidade.

— Que é voltar ao corpo físico? •

— Naturalmente. Assim, éle terá todos os meios para estudar na escola da vida e ir progredindo, gradativamente.

— E quando chegam, apaga-se a memória, não se lembram do que foram. Não seria melhor que se lembrassem? Assim poderiam melhor corrigir os erros anteriores.

Girardan, benevolente, esboçou um sorriso, e esclareceu:

— Não, não seria. Pensa bem. Um determinado espírito, quando encarnado, viveu no apogeu, na condição de um rei todo-poderoso. Desencarna. Ao voltar à vida física, o faz no corpo de um mendigo, desprovido de tudo. Recordando-se, ele acostumado a uma existência de nababo, conformar-se-ia?

— Não, mas se fosse ao contrário, o mendigo de antes adoraria ser rei.

— Evidentemente. Para evitar maiores comprometimentos em uma existência, quiçá até o suicídio, apaga-se a memória do pretérito. Se o mendigo tiver de ser rei um dia, o será, e vice-versa. No entanto, existem casos em que a lembrança é facultada, na verdade, aí, o espírito já estará de posse de um grau de adiantamento moral bem elevado. Todavia, sofre com a lembrança, pois sabe que se não portar-se a contento, demorará mais em se liberar da crosta terrestre, onde vive, passando para uma melhor. Nesse caso, de certa forma, tem que ajudar ao próximo de alguma maneira, alertando a todos acerca do que acontece. Como exemplo, temos os escritores, a divulgar através de livros noções de vida mais salutares; pesquisadores que expõem na atualidade pontos doutrinários que o tempo quase apagou.

— No meu caso, teria eu sido o quê?

— Queres mesmo saber?

— Claro, doutor — e ela cruzou as pernas.

O médico pigarreou e prosseguiu:

— Ao que me consta, revelaste-te com sua condição de animar um corpo feminino. Querias nascer homem, esquecendo que o espírito é sempre o mesmo, expresse-se ele tanto num sexo como em outro. Temeste as imposições que pesam sobre os ombros da mulher.

— Mas, nasci mulher.

— Sem dúvida, e o que aconteceu? Teu pai, cheio de filhas, já não aguentava as chacotas que lhe faziam, por “ser fazedor de filhas”. Ao mesmo tempo, subconscientemente, fazendo o mesmo. Com a decisão do velho Planchet de ocultar-te o sexo, exultaste e seguiste à risca o que o pai queria.

— Quer dizer que eu também tive culpa?

— Evidente. Não foi só para obedecer à vontade do pai mas a tua também.

— Seria tão mais fácil se tivesse sido razoável e agora queres ser mulher, m<sup>^</sup>s devido às responsabilidades assumidas, sofres por ansiar estar ao lado de quem amas, sem poderes, pois, também, o enganaste.

— Mon Dieu! E que farei? — Perguntou ela aflita.

— Ah! — Vem cá, senta-te aqui nos meus joelhos e direi — ela obedeceu.

Carinhosamente o médico beijou-lhe a testa, e pondo o indicador da mão direita na mesma, aconselhou:

— Farás exatamente o que esta cabecinha linda mandar. Toda a solução está lá dentro. Pensa, ora. Tens o livre-arbítrio e um belo corpo de mulher, cujos órgãos estão sendo maltratados. Pensa. A solução está dentro de ti.

— Ah, doutor! — choramingou ela. — Ajuda-me!

— Aí está uma coisa que não posso fazer. A decisão tem que ser tua.

— A água está pronta, Jean — anunciou Lenoir que chegara, estampando enorme sorriso. Ela olhou para o médico, surpresa, e depois para o serviçal.

— Ora! — esbravejou. — Basta que eu venha a esta casa e logo metem-me na tina? Parece até que estou cheirando como um gambá. Estou ofendendo vossas narinas?

Doutor Girardan riu pândego. Olhou para a sisuda jovem e explicou.

— Não é isto, filha. Não cheiras mal, ao contrário, estás até com bom odor. O cuidado de Lenoir é que ele, como eu, sabemos que na comunidade dos mendigos tu não tens condição de tomares um banho diário, já que o fazem quase coletivamente. Aqui não há perigo. E temos aquele unguento que tão bem te fez. Agora, afasta esta carinha de ofendida e vai logo para a tina. Já — e deu uma palmada na moça.

— Ainda bem que isto é verdade — murmurou, rumando para o quarto, onde bem no meio, a água fumegava.

Sorriu satisfeita, despindo-se e entrando na tina. Demorou quase uma hora. Ao sair, tomou a envergar o traje masculino e foi ao encontro do médico.

— Pronto! Estás satisfeito?

— Não duvides. A mulher transformou-se em um belo mancebo! Pega ali na estante aquele pote — e apontou. — Quando não puderes vir aqui tomar banho, usa-o em todo o corpo — referindo-se ao unguento contido no pote.

— Obrigado doutor. És um anjo — e para o auxiliar dele — Lenoir, necessitarei de teus serviços amanhã.

— Nôvas compras? — indagou o doutor.

— Sim.

— O de sempre, senhorita?

— Não me trates de senhorita, Lenoir. Não enquanto eu estiver com roupas masculinas.

— Oh! Pardon, M<sup>^</sup>sieur.

— Assim está melhor. Sim, o de sempre. O pessoal está necessitando.

— Compreendo. Bem cedo irei ao mercado.

Beijou o médico e saiu. No mesmo instante, uma belíssima carruagem parava à porta. Curiosa, atravessou a rua e ficou a observar. Viu um elegante senhor descer, dar a mão a uma mulher já na terceira idade, mas ainda bonita e elegante e, após deixá-la, dirigir-se para alguém no interior do veículo. Demorou falando, pois parecia que a pessoa não queria descer. Ao cabo de alguns minutos, porém, cedeu, pois deixou a viatura. Era um belo jovem louro, alto, aparentando a mesma idade dela. Sua fisionomia denotava a insatisfação em atender ao apelo do idoso senhor. Este deu algumas batidas no porta, usando a grande argola. A portinhola abriu-se e, logo em seguida, a porta. Todos entraram. — Quem será? — pensou ela, morrendo de curiosidade. Garotos cercavam a carruagem. Aproximou-se e perguntou ao cocheiro:

— Por favor...

— Sim, cavalheiro?

— Sou neto do doutor Girardan. Estava de saída quando chegaram essas pessoas. Podes informar-me quem são?

— Oh! Sim, senhor. O duque de Morriet, sua esposa D. Constance e o filho, Felipe de Morriet. Estão em visita ao doutor, que é um grande amigo deles.

— Ah! Não são daqui?

— Não, cavalheiro. São do Distrito de Nantes.

— Merci, — e saiu. Teve vontade de retomar à casa, pretextando algum esquecimento, mas desistiu. Voltou ao Pátio.

Passou todo o resto do dia em audiência junto à população. Eram queixas, reivindicações as mais diversas. Assim, veio a saber que o turco Safeth, embora manco, havia sarado e estava em atividade.

— Por onde anda ele?

— Fica rondando, com seus três cúmplices a Praça do Mercado e à noite refugia-se no Torre de Nesle, ou fica nos cabarés<sup>38</sup> da rua des Marmousets e Glatigny.

— Ora, no Vale do Amor.

— Assim é. Em meio a prostitutas e vagabundos.

— Espero não o encontrar jamais, senão o mataria. Mas, que faz ele?

— Pelo que fiquei sabendo, assalta residências.

— Residências?

— Sim, Rei. Ele e seus comparsas aproveitam as casas cujas famílias deixaram a cidade, transferindo-se, temporariamente para o campo e as invadem, roubando prataria, etc..

— Miserável! — exclamou ela, indignada. — Isto pode nos causar muito mal. Seremos visados como causadores desses desmandos.

## Capítulo II NUM SÓ CAVALO

Francisco I, apesar de derrotado, vivia no fausto, inclusive com todas as regalias, na Cartuxa de Parma. As negociações intensificavam-se, e a irmã, com seus pares, tudo faziam para o libertar, concomitantemente com o tratamento dos assuntos locais. Como a história já nos conta o que aconteceu e em nosso primeiro livro “O Amor é Eterno” \* focalizamos tudo, esqueçamos esta parte, para tratarmos apenas de nossos personagens naquela Paris sofrida.

Jean fora, logo que pudera, procurar o doutor Girardan. Como sempre o fazia, logo livrava-se das roupas e punha uma camisola. Estava cansada e preocupada. Sentou-se na sala, aguardando o médico que atendia um paciente. Puxou o reposteiro que dividia a saleta do corredor, pôs as pernas numa banqueta, afagou os seios juvenis doloridos pela pressão do colete e ficou a pensar nos problemas que o turco poderia causar à sua comunidade. Sabia sobre os Mosqueteiros que haviam ficado para policiar a cidade. Eram homens rudes, sem escrúpulos. A nata do exército fora com o rei e a qualquer momento essas temíveis criaturas poderiam atacar o Pátio dos Milagres, atraídos pela onda de assaltos que os membros da comunidade não cometeram. Mas, como esclarecer aquelas invasões praticadas por grupos isolados?

<sup>38</sup> (<) Cabaré, na época era uma grande estalagem, onde se serviam refeições.

— Tua água está pronta.  
 — Lenoir! — bradou ela. — É só o que sabes dizer? É só avistar-me e ofereces-me água para banhar? Por acaso, aqui, quando entro o ambiente toma-se fétido?  
 — A menina perdoa o Lenoir— falou, desculpando-se, respeitoso. — Eu nem sequer pensei nisto. Apenas imaginei, ao ver a menina tão macambúzia, que um bom banho frio faria bem. Não, não cheiras mais. Ao contrário, o odor é de lírio. Perdão. Fica a gosto. O doutor já virá. Retiro-me—ia saindo, quando ela, arrependida, o chamou:  
 — Espera... Espera, Lenoir. Desculpa.  
 — Não há de quê, mademoiselle.  
 O olhar do homenzarrão não demonstrava nenhum rancor.  
 Ela levantou-se, abraçou-o, chegando apenas à sua cintura.  
 — Perdoa, amigo, perdoa. Não quis ofender-te.  
 — A menina está tensa.  
 Sim, mon ami,<sup>39</sup> sim, estou — e fê-lo curvar-se para beijar-lhe a testa. — Não tenha rancor de mim.  
 — Jamais Lenoir terá, menina. Saio agora. O doutor volta logo. Toma banho.  
 — Vou.  
 — Faz bem e é frio, com essência para acalmar. Já limpei tuas botas e as calças de couro. Tua espada está luzidia e sai fácil da bainha. Não te preocupes com nada.  
 — Obrigada, querido — e saiu rumo ao quarto.

\* \* \* \* \*

— Vovô — dizia Jeanpaul, sentado ante uma mesa repleta de iguarias que só o Jacob, estalajadeiro, sabia fazer para o Duque.  
 — Fala, pirralho, e depressa, vou atacar este javali.  
 — Será que não podes esperar? O Jacob foi buscar o molho.  
 — Ah! Com molho ou sem molho, que fome!  
 — E quando não a tens?  
 — Fala, pirralho. Farei força para te atender.  
 — Estamos perto de Paris.  
 — Certo, estamos. Por quê? Não sabes disto?  
 — Como encontrar Jean?  
 — Saca-trapo! Foste tu quem o achaste, não teu avô. Que posso dizer-te? — e pondo a mão na testa — Ah! Dr. Girardan. Ele é a pessoa indicada para informar-te a respeito. Mas, que amores são estes por este rapaz?  
 — Quero ajudá-lo, vovô.  
 — Para tanto, tens teu avô. Que faz ele? É letrado como tu, ou só sabe esgrimir e beijar... beijar, tu o disseste.  
 — Não sei. Sinto-o carente de algo que não sei explicar.  
 — Oh! Neto, se ele enamorou-se de Françoise, já dispõe de tudo. O pai é rico e ela o adora. Deixa-o.  
 — Vovô! Não gostas dele?  
 — Como não? Gosto, sim e farei o que puder por ele. Afinal, é o amigo dileto do meu neto. Mas, é só isto.  
 — É que tenho a impressão, como disse, de já tê-lo conhecido.  
 — Neto, chega o molho. E, também, chega de conversa. Falas no Jean como se fosse tua preferida! Jean é homem, petit. Vamos ao javali.  
 Jeanpaul ficou a matutar, antes de voltar a atenção para o alimento. Afinal, não seria o duque quem tiraria daquela cisma. Após a refeição, o duque, satisfeito, bateu no ombro do neto:  
 —Vamos à ‘siesta’’, como dizem os espanhóis.  
 — Vai tu, vovô, prefiro cavalgar um pouco.  
 — Cavalgar, após o almoço?  
 — Dormir, após o almoço? — brincou o jovem.  
 — Ora...  
 —Vovô, anda um pouco primeiro, bebe água, em vez de vinho, depois, sim, dormes um pouco. Na tua idade...  
 — Que tem minha idade? Sou forte!  
 — Sei, mas, extravagante à mesa, vê tua barriga. Maria não gostará disto.  
 — Que?  
 — É verdade, vovô.  
 — Mas, a barriga não é sinal de abundância?  
 —É, para os que querem tirar algo de ti. Todo barrigudo é rico. Ora, vamos!

A mulher quer um homem esguio.

— Vai cavalgar— e gritou — Jacob—o tavemeiro chegou, todo solícito.  
 — Tens algo para me fazer arrolar?  
 — Sim, senhor. Um chá.  
 — Quero-o. Vê só, comer e não dormir. Tu és gordo. Tua mulher reclama contigo?  
 — Não entendi.  
 — As mulheres não gostam de gordos?  
 — Ah! Senhor Duque, para essas, pouco importa se o homem é gordo ou magro. Basta que tenha dinheiro.  
 — Sai, Jacob, sai. Vou andar. Faze o chá.

Jeanpaul saiu a cavalo pela estrada. Ia a trote lento, pensando no que faria quando chegasse a Paris. Havia recebido, na casa dos pais, vários professores, muitos vindos de Paris para ministrar-lhe as primeiras letras. Ao crescer, o pai o enviara, aos cuidados do avô, para a Academia Fontein, de onde saíra formado em ciências e letras. Falava fluentemente o latim, que havia sido até pouco tempo a língua oficial na França, até que Franciscoa suprimiu, impondo a língua mater, o inglês e o italiano. Pensava também em Michelle. Ora, porque a recusara? Não a amava? A união dos dois só seria benéfica para as famílias. Uniriam as propriedades, seriam mais ricos. Por que o pai e a mãe sequer o instigaram a casar-se com ela? Aceitaram sua recusa com tanta naturalidade?

Já havia cavalgado por bons quilômetros, sem aperceber-se, quando, em uma curva natural, deparou com três homens, montados em dois cavalos. O da frente, que vinha só, um tanto rechonchudo, sujo e com enorme barba negra, parou, fazendo sinal com a mão, para os dois que o seguiam, montados num só cavalo. Jeanpaul, automaticamente, levou a mão ao cabo da pistola que trazia na cintura.

— Tem calma, cavalheiro. Só estamos de passagem.  
 — Pois, que passeis — expressou-se Jeanpaul, sem tirar a mão da coronha da arma. — Basta que saiais da minha frente.—O que parecia líder gritou para os companheiros:  
 — Rascasse, dá passagem ao nobre — e fez menção de tirar o chapéu.

<sup>39</sup> JR\* Meu amigo.

— Para onde ides? — inquiriu Jeanpaul.  
— Para bem longe. Nantes, talvez.  
— Nantes? Mas, Nantes fica no norte.  
— E que nos importa os pontos cardeais?  
— Há uma estalagem aqui perto.  
— Cavalheiro, segue teu caminho. Nós, o nosso. Podes passar.  
— Não, passais primeiro — e levou a montaria para o lado da estrada.  
— És cauteloso, jovem.  
— Sou, realmente, senhor... senhor...  
—Brisquet... é como sou conhecido. Vamos, vamos—gritou para os outros e retomaram a marcha.

O jovem cavalgou por mais algum tempo, depois retomou à estalagem. Encontrou o avô acordado e andando.

— Não dormiste, vovô?  
— Não, não tive sono.  
— Ah! Que novidade! Por acaso, viste alguns homens passar por aqui?  
— Um que montava só e dois em apenas um cavalo?  
— Sim, vovô, sim.  
— Vi. Apearam aqui.  
— Ora... e vão para Nantes.  
— Filho, aquele gordo, barbado, foi meu amigo.  
— Foi?  
— Bem, anos atrás. É mais jovem do que eu.  
— E quem é ele?  
— O conde de la Tour.  
— Conde?  
— Sim, por que perguntas?  
— Ele disse-me chamar-se Brisquet.  
— Brisquet?<sup>40</sup>  
— Foi como se denominou.

— Ah! O infeliz anda vagando por todos os caminhos da França. É uma longa história. Conto-a depois. Agora, agora sim, vou dormir.

O avô recolheu-se. Ele não sentia sono, como todo jovem. A sesta é para aqueles que já alcançaram certa idade e têm diante de si o agora e o futuro. No caso dele, tinha que atuar no agora, visando ao futuro. Por que o sono? Dormiria à noite, pois ela sim, foi feita para se dormir, refazer energias despendidas durante o dia. Mas, quantos, já em idade avançada, continuavam a trabalhar para sustentar-se e ao lar? Essa a enorme diferença entre as criaturas. Porque uns já nascem em berço de ouro, outros têm que sofrer para conseguir, ou não uma situação melhor? Sabe o que vou fazer?—pensou. — Vou atrás daqueles três. Levo um cavalo a meu lado, já que dois montam um só. — Dito e feito. Saiu pela estrada em louca correria. Como os três não podiam adiantar-se muito, já que o peso de dois homens num só cavalo lhes retardava a marcha, logo os alcançou. Emparelhou o animal junto o indivíduo barbado, sorriu para ele.

— Tu, outra vez, jovem?  
— Sim, senhor, conde de la Tour.  
— Quê, mancebo? Conheces-me?  
— Não, não.  
— Disserte, se mal me lembro, chamar-me Brisquet.  
— Sei.  
— Então?

—Meu avô é teu amigo. Foi quem informou-me sobre teu verdadeiro nome.

— Teu avô?  
— Sim, o duque de Luzardo.  
— Ah! — e parou o animal, levantando a mão para que os companheiros estacassem. — Luzardo é teu avô?  
— Sim, é.  
— Ah! Jovem, já faz tanto tempo... sim, passei pela herdade do filho dele.

— Meu pai.  
— Vamos desmontar um pouco?  
— Certamente. E vê, trouxe-te um animal, para que teus amigos não necessitem montar só um.

—Rascasse! — berrou o homem, desmontando.—Este fidalgo nos dá um cavalo. Monta-o tu, depois. E agradeças. — Foi ao alfoije, tirou uns pedaços de, quem sabe, aves esfumaçadas. Ofereceu um naco ao jovem, atirou o enorme chapéu para as costas e convidou:

— Vem, sentemo-nos à margem e conversaremos.

Jeanpaul obedeceu, mordiscando a carne.

— Salgada — observou.

— Oh! O sal conserva, menino. E, ao mesmo tempo nos dá sede, para compensar o suor que perdemos.

— A água, queres dizer.

—: Sim, equilibra o metabolismo. Assim, repomos a água perdida e viajamos.

— És inteligente.

— E tu, não tanto.

— Por quê?

— Como te chamas?

— Jeanpaul.

— Ah! Jean...

— Por que não sou tão inteligente?

Brisquet deu uma sonora gargalhada.

— Por quê? — repetiu o jovem.

Ainda rindo, o homenzarrão, obeso, barbado, arrancou a espada imunda e apontou para o peito do jovem sentado — Porque, Jeanpaul, nós somos salteadores de estrada, somos malfeitores, mon petit<sup>41</sup>, — e encostou a ponta da espada na blusa do rapaz, olhando-o nos olhos. — Levanta-te, jovem—e embainhou a arma. Não confies em toda gente. Agradeço pelo animal e pela tua cortesia comigo. Agora vai em paz.

Jeanpaul estava lívido, enquanto se erguia.

<sup>40</sup> (6) —Ver “O AmoréEtemo”.

<sup>41</sup> <31) Meu pequeno.

— Dize a teu avô que o conde de La Tour é morto há muitos anos. Sou **0** Brisquet.  
— Senhor—tartamudeou o rapaz, mas o homem havia de novo montado.  
— Vai, Jeanpaul. Dá um grande abraço do falecido conde no duque. E, rapaz, não acredites em tudo quanto é gente por esse ingrato mundo. Au revoir!<sup>42</sup> — e partiram a galope. Jeanpaul voltou a sentar-se. As pernas tremiam. Tinha, ainda, o pedaço de carne na mão. Levou-a à boca e mastigou\* a. — Ah! — pensou — conde de la Tour? Prefiro mais o Brisquet. — Montou e retomou à estalagem. Trocou de roupa, foi à cachoeira, aproveitando os últimos clarões do sol, nadou, mergulhou, pensando no amigo que iria ver de novo em Paris. — Amanhã, ou depois, lá estaremos. — Ao regressar, já **0** estalajadeiro acendia as velas e lâmpadas de azeite. Trocou-se e desceu. Anoite chegara. A avô chegou, todo bonachão.

— Então, saca-trapo, já acordado?  
— Ah! Que fome!  
— Só pensas em comer, vovô?  
— Ora, vejamos... por que tenho esta barriga? Para enchê-la, não é? — consultou ao estalajadeiro.  
— Sim, m'sieur.  
— Vovô, dormiste de barriga cheia. Acordas e a vais enchê-la outra vez? — Par exemple!<sup>43</sup> Não é para já, neto. Vamos jogar xadrez, afinal de conta, dormimos a tarde toda, o sono vai demorar a chegar.  
— Declino do convite.  
— Que?  
— Já comi carne salgada hoje e estou com sono. Amanhã pela manhã, sim, comerei. Vou dormir.  
— Dormir? — esbravejou o duque.  
— Sim, vovô, não me agüento mais de pé.  
— Ora...  
— Deixa-o, senhor duque — interveio o tavemeiro.  
— Deixá-lo? — Jeanpaul já se retirara. — Como deixá-lo? Estará doente? Dormimos toda a tarde!  
— Não, senhor—informou o estalajadeiro—só o senhor dormiu, ele, não.  
— Como não?  
— Saiu a cavalo e só voltou a poucos instantes. Foi à cachoeira, banhou-se, retomou, mudou-se e regressou ao salão para esperar-te. Enquanto isso, mordiscou qualquer coisa.  
— Mas, então, ele não dormiu?  
— Não. E levou um dos nossos cavalos, regressando sem ele.  
— Esses jovens, sei lá! Não se agüentam de pé. Vem o javali. E quanto ao cavalo, pago-te.  
— Sei, senhor.

\*\*\*\*\*

Pouco nos importa, nesta narrativa, o que acontecia na França. Que o rei Francisco havia sido aprisionado na Itália e remetido à Espanha. Só falamos o necessário, já que o relato do nosso livro se desenvolve naquele período. Portanto, daqui para a frente, os fatos históricos só serão mencionados quando indispensáveis. Quem quiser saber mais, claro, estão aí as enciclopédias. Nos atemos, como foi dito, à história em si mesmo dos personagens.

ÿ\*\*\*\*\*

Desocupando-se do cliente, o doutor Girardan saiu do consultório. Atravessou o reposteiro e deu com Jean sentada, as pernas esticadas em cima de uma banquetta. Ela tinha os olhos fechados, parecia dormir. Para não a incomodar, o bom homem ia saindo devagar, todo cuidados.

— Não durmo, doutor—disse ela, sem mexer-se.—O médico parou, sorriu e a saudou:  
— Olá, menina. Pareces-me cansada.  
— E estou—confirmou ela, sentando-se direita, tirando as pernas do móvel. — Já tomei banho, se te interessa. Afinal, é a primeira coisa que me mandam fazer assim que aqui chego.

Girardan sentou-se.

— Também estou cansado e vou já tomar um banho. É um costume sadio, sabes?

— Doutor...

O médico ergueu-se, foi até ela, beijou-a na testa, sorridente e voltou a sentar-se.

— Espera-me há tempo?

— Não sei.

— Deixa-me calcular — o Lenoir preparou a água, conversaram algum tempo, foste ao quarto, tiraste a roupa, entraste na tina, depois te enxugaste, vestiste a camisola... cerca de duas horas.

— Muito menos, seu velho caduco — ripostou ela, sorrindo e, deixando a cadeira, passou para o colo do ancião, que a abraçou — menos porque a água estava fria, Lenoir não a esquentou—e beijou a cabeça encanecida do cientista.

— Estás pesada, menina.

— Quem eram aquelas pessoas que te visitaram ontem?

— Visitas?

— Sim. Quando daqui saí, uma bela carruagem parou à tua porta e dela desceram um senhor com uma dama e a seguir um jovem.

— Ah! Eram amigos — o duque de Morriet, sua esposa, dona Constancee o filho, Felipe de Morriet.

— Pareceu-me que o rapaz não queria saltar.

— Ah! O Felipe é assim...

— Creio já ter ouvido falar no duque. Não era Marquês?

— Sim.

— Quem vale mais, um duque ou um marquês?

— Ora, filha, claro que é um duque, na heráldica, temos...

— Já sei. — interrompeu ela — vem conde, visconde, barão, duque e marquês?

— Mais ou menos... com interseções.

— Lindo, o rapaz. Que porte! Que elegância!

— É, ele é tudo isto e mais, é um esgrimista nato. Parece que nasceu com a espada na mão.

— O pai foi vinhateiro?

— Sim. Fabricava o melhor vinho de França. Ainda o faz, mas em menor escala. Cria agora cavalos árabes.

— Ah! Já sei — e ela pulou no colo do médico, fazendo-o gemer.

— Ai... devagar, mocinha.

— Já sei. O cavalo que Jeanpaul recebeu em seu aniversário, veio de Nantes. Filho de Tigger, das cavaliças do senhor duque de Morriet. Lembrei-me. No momento, falaram também do filho. Ele dera uma surra no filho de outro duque.

<sup>42</sup> (39) Adeus.

— Foi. O Colby. Toda corte sabe disto. O rei o puniu.

— Puniu?

— Pró-forma. Obrigou-o a ir para a propriedade do pai, por alguns meses.

— Isto é punição?

— Bem, de certa forma. Para afastá-lo de possível vingança e—deu uma gargalhada — para que seu súdito pudesse sentar-se sem sentir dor.

— Não entendi.

— Ah! O Colby, sim, pois foi espadeirado no assento. O rei sabia ele estar certo.

— Excelente moço! E onde estão agora?

— Os pais retomaram ao distrito de Nantes.

— E ele?

— Certamente em alguma residência de amigos do pai. É muito amigo do Leonardo.

— Leonardo?

— Menina! Leonardo, sim.

— O italiano?

— Mas, claro, que outro?

— Gostaria de conhecê-lo.

— O Leonardo?

— Não, o Felipe.

— Sai, sai de meus joelhos, não agüento — ela levantou-se. — Não, não queiras conhecer... não como mulher.

— É assim tão perigoso?

— Não, filha, não é... é, um predestinado. Orgulhoso, mas, dócil e amigo dos amigos. Feroz contra a vilânia. Disposto a ajudar a quem necessite, e abandonar a quem não mereça. É destemido. Não mede sacrifícios para amparar, todavia, ai daquele que não o satisfaça, perturbando os seus interesses.

— E quanto a mulheres?

— Dizem que a Diana de Poitiers arrasta as asas para ele.

— Diana? A Dama da Corte? Mas é muito mais velha que ele.

— São afirmações maldosas. O Felipe ama Angélique.

— Angélique?

— Sim. São da mesma região.

— Ah! Então é comprometido.

— Que queres tu? Esqueceste o Jeanpaul?

— Nunca, doutor—e estufou o peito. — Ainda não nasceu nenhum Felipe que me faça esquecer o Jeanpaul.

— Ainda bem. Mas, conta-me, estás tensa. Que acontece?

Ela voltou a sentar-se e pôs os pés na banquetta.

— Safeth — disse.

— Safeth. Mas, este já não deixou tua comunidade?

— Sim, mas continua agindo por conta própria. Temo que nos venha prejudicar.

— Vai, menina, conta-me — reagiu o médico interessado.

— Ele agora assalta residências. Justamente aquelas cujos donos se ausentam. Espanca os serviçais, rouba e vai para o Vale do Amor, ou a Torre de Nesle. Os mosqueteiros não tardam em voltar sua atenção para a nossa comunidade como incentivadora dessas incursões. Então, não sei que acontecerá.

— É verdade, e que pensas fazer?

— Não sei, doutor. Nunca matei ninguém. Todavia, esse indivíduo eu sou capaz de eliminar, se necessário. Arrependo-me agora de tê-lo apenas ferido.

— Minha criança, vem, senta-te novamente em meu colo. Lenoir, traze um suco para nós.

— Sim, doutor.

— Meu bem — continuou o médico — esquece isto. Vai à Gendarmerie comunica que o homem não mais pertence à tua comunidade.

— Ora, doutor! E o Pátio dos Milagres é alguma instituição legalizada? Tudo quanto acontece em Paris de ilegal, associam logo a ela.

— É verdade. Já é tempo de saíres de lá, filha.

— E abandonar toda aquela gente carente de proteção e ajuda? Nunca. Extirpa tumores, não é mesmo? Para quê? Salvar pacientes.

— Assim é.

— Então, terei que extirpar esse tumor chamado Safeth para que meu povo viva em paz.

— Jean...

— Há outro jeito?

— Disseste-me jamais haver mono alguém. Acredito. Daria até, quem sabe, para tê-lo morto no dia do duelo. Afinal, defendias a tua vida. Mas, agora, deliberadamente procurá-lo para o matar, é crime.

— Crime? — berrou ela. — Crime quando só quero defender pessoas inocentes?

— Calma. Não podes ir à Gerdarmeria, compreendo, mas, não tomes a lei nas mãos.

— E quem o fará?

— Já te disse. Sai de lá. Tens posses, leva alguns para tuas propriedades. Acaba com a comunidade. Podes fazer isto.

— Posso, posso fazer com alguns e os outros?

— Filha, O Pátio dos Milagres é um cancro dentro da sociedade. Vai ter que ser extirpado, como o tumor que há pouco te referiste. Os que quiserem ficar, que fiquem. Salva a maioria.

Ela ficou calada, algum tempo, pensando.

— Então? — instigou-a o médico.

— Quantas propriedades tenho na zona rural?

— Oh! Filha! Muitas.

— E posso eu, sozinha, tomar conta de tudo?

— Não, não. Escolherás e contratarás administradores. Sobreviverão com o trabalho, e tua fortuna será aumentada. E terão uma vida mais digna que aquela que levam, tirando e pondo narizes ensangüentados, vedando olhos e expondo feridas fictícias, atrás de simples esmolos. Não, Jean, com o que tens estás cometendo uma injustiça contra eles.

— E terei que revelar a verdade.  
 — Que verdade?  
 — Que sou mulher.  
 — Realmente, filha, a semelhante encenação tem de ser dado um basta. Amas, ou não, ao Jeanpaul?  
 — Claro que amo. Todavia, receio sua reação. Aceitar-me-á ele, após tê-lo enganado todo esse tempo?  
 — Querida, já não és a Jean do tempo de Planchet. Que digam o que quiserem dele, mas soube te amar. Lembra-te que ele tentou junto a ti reverter a situação. Recompensou-te, filha, dando-te condições de beneficiar a quem queiras. Evidentemente, o Jeanpaul entenderá teus motivos e te acolherá junto ao coração. És linda, assim como estás, nesta camisola feminina. Vai, filha, atende a este teu amigo.  
 — Posso pensar?  
 — O tempo que quiseres. Agora, sai do meu colo. Sou eu quem vai tomar um banho.  
 — Posso ficar aqui, hoje?  
 — Filha, a casa é tua. E, a propósito, é um ótimo dia para ficares.  
 — Por quê? Algo especial?  
 — Hoje, Jean — adiantou-se Lenoir, que estivera todo o tempo calado, — é o dia em que o doutor conversa com os mortos.  
 — Ai! — E ela pôs aos mãos no peito.  
 — Tens medo, Jean? — inquiriu o médico.  
 — Não, doutor, não. Vou trocar de roupa.  
 — Não é preciso. Fica assim mesmo.  
 — Mas, doutor...  
 — Não há falta de respeito, menina, na forma como estejas vestida. Eles não te questionarão por isto. Afinal, todos nós nascemos nus. A maldade está na cabeça. Espera-me.

### Capítulo III A APARIÇÃO

Safeth, com seus asseclas, não havia perdoado Jean pelo que fizera com eles. O turco, manco, ruborizava-se, irado, quando algo o fazia lembrar-se do filho de Planchet. E ia, a seu modo, aliciando outros bandidos, no intuito de invadir o Pátio dos Milagres, e acabar com o “fedelho” que o tomara estropiado. Ocultava-se no torreão do Castelo de Nesle, cujo guardião, subornado, o deixava entrar. Já os muros caíram em derredor. A escadaria era íngreme e habitada por morcegos. Naquele espaço exíguo, pois, logo após a escadaria, apenas um pátio e uma espécie de quarto com uma janela. Ali, seguido por asseclas, permanecia. Na sua parvoíce proverbial, sequer sabia que, naquele cômodo, hoje habitado por ratos, a princesa Margarida recebia seus cortesãos e depois os matava, jogando seus corpos no Sena. Até que matou seus próprios filhos, sem o saber. Foi ali que Buridan, seu primeiro amante, a esbofeteou e ali ela foi executada com seus próprios cabelos.

Todos esses pormenores, o facínora ignorava. A Torre para ele servia apenas de esconderijo e lugar propício para maquinar seu plano de vingança, ajudado, sem saber por espíritos que com ele sintonizavam. Ali, ele soube, através de um de seus comparsas que o duque de Luzardo viajara com Jean e Jeanpaul. Que eram amigos. Maquinou, então, invadir a casa do duque, roubar tudo, já que ele se encontrava ausente. Uma pequena vingança, pensava. Acabar com o que o duque tinha em casa, já que o neto era amigo do homem que o vencera e aleijara.

— Ah! Acabemos com a tal casa. Depois, eu mesmo o pego, ele, o Rei dos Mendigos. Mato-o, sem piedade.

\*\*\*\*\*

Noite. Lenoir arrumou a mesa, pondo em seu centro um vaso de vidro com água e alguns copos.

— Senta-te, Jean — convidou o auxiliar do doutor Girardan.

Ela assim o fez. Logo, o médico apareceu e, sem nada dizer, ocupou lugar à cabeceira. Lenoir fez o mesmo na outra extremidade. O médico olhou para a moça que se mantinha expectante. Ele sorriu e segurou-lhe uma das mãos.

— Não tenhas receio, querida. Estás tensa.

Ela esboçou meio sorriso.

— Por instruções de nossos amigos que já não vestem o envoltório carnal, todas as semanas, no mesmo dia, sento-me com Lenoir para conversarmos com eles. A água que vês, eles a abençoam, fluidificando-a, e nos faz muito bem, inclusive já tendo curado alguns males. Deixa tuas mãozinhas com as palmas viradas para baixo, na mesa. Procura não pensar em nada.

— Vai aparecer algum morto?

O médico riu.

— Se aparecer, não será morto, da forma como pensas. Mas, não sei. Eles decidem — e fechou os olhos, com as mãos sobre a mesa, cabeça erguida. Depois, proferiu uma oração, voltando a calar-se.

O silêncio era completo, no ambiente iluminado parcamente por uma só vela, na estante, a alguma distância. De repente, Jean estremeceu. Apertou os olhos, medrosa. Sentiu duas mãos apoiarem-se em seus ombros e um perfume de flores silvestres. Não teve coragem de logo abrir os olhos, embora a curiosidade intensa. Suportou a suave pressão nos ombros e percebeu que uma das mãos transferira-se para sua cabeça. Captou ali maior compreensão. Arriscou descerrar os olhos, bem devagar. À sua frente, divisou várias pessoas sentadas, adotando a mesma posição que ela. Quem seriam? O doutor não avisara, mas, naturalmente Lenoir lhes abrira a porta, enquanto ela ficara de olhos cerrados. Virou-se devagar para a cabeceira da mesa, onde estava Lenoir. E tomou um susto. Tentou até se levantar, pensando em socorrer o homem. Mas o aperto no ombro a manteve parada. O homem estava com a cabeça apoiada no alto espaldar da cadeira e, de sua boca, narinas e ouvidos, desprendia-se uma substância idêntica a grossos rolos de fumaça de cor branco-acinzentada. — Meu Deus! Que é isto? Quem me segura? — pensou. Desviou a vista para o outro lado. Dr. Girardan, calmo, permanecia na mesma posição. A espécie de névoa espessa que saía de Lenoir, pairava, em ligações com as criaturas desconhecidas que ali estavam. A pressão na cabeça e no ombro cessou. E ela ouviu — “Em nome do Pai Eterno, eu te saúdo, Jean de FoiersV’M J

— Hein? — expressou-se ela, assustada. — A voz vinha de suas costas. Tentou voltar-se.

— Não te voltes — continuou a voz. — Vou a ti, fecha e abre os olhos. Ela obedeceu e contemplou, entre os que estavam sentados, uma linda mulher. Surpresa, perguntou:

— Quem és, senhora? — A visão andou de um lado para o outro. Parou, sorriu.

— Chamei-me Suzanne.

— D. Suzanne, avó de Jeanpaul?

— Podes assim me considerar.

— Mas, ajudei a limpar teu mausoléu. Pusemos flores... estás morta, senhora!

— Assim pensas? Tens medo?

— Não, não posso ter medo, és linda, senhora! Estou sonhando?

— Não, não estás. Vem, levanta-te daí e vem ao meu encontro. Não demores. O nosso irmão, que possibilita minha visita, ressentido-se. Vem. Jean ergueu-se, emocionada e foi ao encontro da visão. Esta estendeu o braço, cuja mão Jean segurou.

— Vês? Sou um fantasma? Sentes minha mão?

— Sim, senhora. E quente.

— Que queres de mim, senhora?

— Fazer-te conhecer-me, querida, já que em futuro muito próximo estaremos juntas.

— Juntas? — e Jean pôs a mão no peito — Irei morrer?

Suzanne sorriu, apertando a mão da jovem.

— Não, querida, não. Já estás morta.

— Eu? — gritou Jean. — Morri?

— Não — respondeu a visão sorrindo—não como pensas. Estás viva para dar vida a quem necessita de vós.

— Não entendi.

— Amas ao Jeanpaul?

— Sim, senhora, sim. E muito. Mas que faço? Ele me tem como homem.

— Não posso aconselhar-te. Segue o teu coração.

— Dar vida a quem necessita de mim? Não podes ser mais explícita, senhora?

— És mulher.

— Sim, sou.

— E Jeanpaul, homem.

— Assim, é.

— Juntos não dareis vida?

— Mas, senhora...

— Minha bênção para Paulette e o Jean... beija o duque. Afaga Diana. E recebe um abraço de alguém que te quer muito, mas que não pode estar aqui neste momento. Vou-me, o irmão Lenoir sofre.

— Mon Dieu, senhora, quem me envia o abraço?

— Terás que ultrapassar as barreiras da morte, sofrerás, querida, por esta teimosia em querer ser a todo custo o Rei dos Milagres, sucedendo a teu pai. Ele está bem.

A visão, já se tomando diáfana, soltou-se de sua mão, foi até o doutor Girardan e beijou-lhe a cabeça. Toda a sala parecia esfumaçar-se, os que na mesa estavam, começaram a tomar-se transparentes. Já quase diluída, mas ainda visível, Suzanne informou:

— Pierre.

— Pierre? Ele morreu? — Em seguida tudo sumiu. E ela encontrou-se do outro lado da mesa. O médico na cabeceira, Lenoir atirado para trás na outra extremidade da mesa, já sem aquelas \*'coisas'' estranhas lhe saindo pelos orifícios do corpo. Notou sua intensa palidez.

— Mon Dieu!<sup>44)</sup> — enunciou, alto, assombrada.

— Tranqüiliza-te, menina—ouviu a voz do doutor Girardan, que se erguia.

— Doutor, Lenoir está mal.

— Enche um copo com esta água — ela atendeu.

— Dá a ele.

Jean fez como o médico mandara e foi até o amigo prostrado, segurou-lhe a cabeça, pondo o copo em seus lábios.

— Bebe, tiozinho, bebe.

Lenoir sorveu o líquido, remexeu-se e deitou a cabeça sobre os braços, na mesa.

— Doutor, não fazes nada? — perguntou.

— Bebe tu também desta água. Eu farei o mesmo.

— E o Lenoir?

— Logo estará bem. Vem, conversaremos antes do jantar.

— Mas, o tiozinho?

— Sossega, vem, dá-me tua mão.

Jean ainda se encontrava sob forte tensão e torcia as mãos.

— Cobre os seios, menina. Não tem botões esta roupa?

Ela o olhou demoradamente, depois, obedecendo, ripostou:

— Foste tu que não me deixou mudar de roupa! Agora, ficas mandando esconder os seios?

— Eles notaram algo? Recriminaram-te?

— Não, não, mas, tu...

— Apenas aconselho, para que não esqueças de que és ‘homem’.

— Ah! Doutor, que foi aquilo?

— Aquilo?

— D. Suzanne, a avó de Jeanpaul.

— Oh! — Fingiu surpreso o médico.

— Oh? Ora, doutor... ela falou comigo!

— Falou contigo? — simulou o médico.

— Doutor... não brinques comigo.

—Vem cá, senta-te em meu colo—ela não se fez de rogada, de um pulo, já estava sentada no regaço do médico, braço passado em seus ombros, cabeça apoiada em seu peito. Atitude tipicamente feminina.

— Pronto, vovô. Agora responda.

— Responder a que?

— Dona Suzanne...

— Que achaste dela?

— Oh! Doutor...

— Prefiro vovô.

— Ah, vovozinho! Que lindo! Ela é um anjo?

Girardan sorriu.

— Percebeste asas nela?

—Não, não, mas, comoé bela! Quanta bondade irradia! Deus meu, eu nunca havia visto um morto!

— Não fales assim, filha. Em realidade, os mortos aqui éramos nós.

— Vovô... e aquelas estranhas pessoas sentadas à mesa? De onde vieram?

— Viste-as?

— Sim, eu as vi.

— São meus amigos. Sempre em nossas reuniões eles se fazem presentes.

— São mortos?

— Jean...

<sup>44</sup> <41) Meu Deus.



— Digo, são espíritos?  
— Sim.  
— Sendo assim, que necessidade têm de participar? Não sabem tudo?  
O médico passou os braços ao redor da moça, beijou-a nos cabelos, sorrindo.  
— Não, não sabem tudo. Integram nosso grupo para aprender.  
— Mas...  
— Compreendo tua dúvida. São como estudantes, querida. São encaminhados para aqui, voltando a se familiarizar com o mundo que deixaram. Assistem às nossas reuniões e tomam parte nelas. Esse processo é adotado no mundo inteiro. Até entre os selvagens, que têm seus deuses, eles, os iguais, congregam-se nos cerimoniais. Uma dia, no futuro, existirão muitas casas que tratarão desse intercâmbio naturalmente, possibilitando aos espíritos atuar mais a contento. Por agora, queridinha, os que se atrevem a recebê-los podem acabar na fogueira.

— Que barbaridade! Mas, que mal fazem?  
— Nenhum. Os clérigos temem seja abalada a hegemonia da Igreja. No entanto, eles sabem de tudo.  
— Os padres?  
— Nem todos. Refiro-me em particular à Santa Inquisição.  
— Já ouvi alguma coisa a respeito.  
— Vês o Martin Lutero? Por apresentar teses contrárias a determinados dogmas e práticas no seio da sua comunidade religiosa, esta sendo considerado como herege e seus seguidores como protestantes.  
— Vovô...  
— Dize, minha rosa, ou meu cravo?  
— Rosacravo — e ela puxou-lhe a orelha — Corres perigo?  
— Eu?  
— Sim, sabes a quem me refiro.  
— Sou imortal, cheri,<sup>45</sup> não me podem fazer mal.  
— Mas, pelo que entendi, terias cassado o direito de ajudar aos pobres, neste corpo.  
— Certamente. Eu os ajudaria de outro modo.  
— Oh! vovô! — e ela voltou a abraçar o ancião — Eu te defenderei, matando a todos. Toda a população do Pátio dos Milagres virá em teu socorro. E eu com o Jeanpaul à frente!  
Girardan deu uma gargalhada, divertido.  
— Ris? Falo a pura verdade.  
— Eu sei, eu sei — e afagou os cabelos da menina. — E, para abrir com ela, cheirou-a, indagando — Já tomaste banho?  
— Ora, seu velho caduco — gritou ela, fazendo menção de levantar-se — então estou cheirando mal? — e agarrou nas duas orelhas do médico, que soluçava de tanto rir.  
— Ah! Estás brincando, não é? Velho matreiro!  
— Por certo que sim. Estás cheirosa como uma flor silvestre.  
— Que era aquilo que saía da boca, do nariz e dos ouvidos de Lenoir? Aquela fumaça pastosa?  
— Bem, é difícil fazer-te entender. É uma substância de que os espíritos necessitam para se materializar.  
— É sempre assim?  
— Não, nem sempre. Apenas queriam que tu o visse.  
— E Lenoir? Sofre?  
— Não, não. Naturalmente sente-se fraco por alguns minutos. Afinal, toda energia sai dele.  
I— Coitado. Todas as semanas é a mesma coisa?  
— Não, não. Raramente.  
— Então...  
— A irmã Suzanne queria falar contigo, bem como mostrar-se tal qual era.  
— Não entendi o sentido das palavras que ela me transmitiu...  
— ... já que em futuro próximo estarão juntas? — inquiriu o médico.  
— Ah! Ouviste?  
— ... e estás viva para dar vida a quem necessita de ti?  
— Vovô! Tudo escutaste? Parecias dormir.  
— Ouvi e vi.  
— Então, que quis ela dizer? Em futuro próximo estaremos juntas e viva para dar vida? Responda, vovô, o que ela pretendia fazer-me entender?  
— Por que não perguntaste a ela?  
— Ora, vovô, ela parecia tão apressada!  
— Claro, o Lenoir não aguentaria muito tempo.  
— Vais, ou não, esclarecer-me tudo?  
— Ela o disse, minha querida.  
— Como disse?  
— Esqueceste? Põe a cabecinha a funcionar.  
Ela fez um esforço, recapitulando todo o encontro. Gradativamente, foi dizendo, separando as palavras: — “és mulher... e Jean paul, homem”  
— Foi isto, que ela disse.  
— E então?  
— Oh! — ela fez beicinho — Não adianta. Sei que sou mulher e Jeanpaul homem. Mas, e daí? Disto eu já sabia.  
Girardan sorriu. Voltou a afagar-lhe os cabelos e em tom cícioso, recomendou:  
— Não te atormentes. Breve saberás. Esquece.  
— Esquecer? Como? Vou matutar sempre.  
— Pois, faça-o. Não posso te ajudar agora.  
Repentinamente ela expressou um ar melancólico e pôs as mãos no rosto.  
— E agora, que foi?  
— O Pierre... Pierre morreu... Oh! — e soluçou.  
— Apenas deixou o corpo, querida.  
— Oh! Jeanpaul deve estar triste, dona Paulette, o senhor de Luzardo, o duque, Maria, todos.  
— E só ele alegre.  
— Vovô, como podes dizer isto? Ele morreu!

<sup>45</sup> (<J) Querida.

— E então? Que te disse Suzanne?  
— Que ele me havia mandado um abraço.  
— Pois, então?  
— Ele lembrou-se de mim! Só o vi uma vez! Chamou-me de menina! Oh! Pierre...  
— Ele já sabia de tudo.  
— Ai, quanto mistério!  
— Alguém ealA com l'omc?  
—loftvt? — Vlmu-HC ela, lAplda,  
Tom medo de mim, Jean? — kiuiukrlii l,enolr,  
— Oh! Tlozlnho, como calAa? — c saltou do colo do módico para nhrnçA-lo.  
— Mas eu calou **hem, minha** menina.  
— Vou l'er medo do dormir uri, hoje.  
I ,enolr l lca contigo até adormeceres,  
— Obrigada.  
lifellvamculo, Jean linha receio, NAO do **que** vira, IIIIN doa **palavras** de Su/aune que nflo conseguia Inierprelar,  
— One cheiro homl — exclamou ela.  
n especialidade do.enolr, Sempre **que** lermlnamox a nossa reiaiflo, ele ac caméra na cozinha,  
— **NO apóft aa reuniões?**  
— e o módico coçou a cabeça o ó naliiral, (!onalnio. lile gaaiii energias, Jean. liniAo, neceaalia ropô-lai. Aaalm, deixo que ele laça o que **0**  
apellle lhe ordeno. Por minha parle, lamhóm goslo, pola saímos do irlvlal.  
— Ah, aell JUIIIIIH o útil ao ngradAvel.  
Podea dizer que atm.  
tique eatA preparando ele? O aroma esiA a me deixar com Agua na boca.  
— NAO adivinhas?  
NAO, IIAO.M JA coml javali, perdizes, lit Inflo, loilAo, Indo IA na l'n/onda do Jeanpaul, Mas calo cheiro, nAO conheço.  
— Camo de vilela aaaada, com molho de cogumelos, cliourlço grelhado, misturado com ova e arroz prelo.  
Arroz prelo?  
I\*í a especialidade dele. Mislura o arroz na gordura do cliourlço, quando esiA ptcales a queimar, tira o, coa e ele l lca solio, mas com a cor  
escura,  
— Ah!  
— li muita goidura, iilha. Devea comer pouco,  
— Btu?  
— lio, ora, JA lenho Idade suficiente...  
—... para aahor que nAO devea le ompanlurrar —• completou ela.  
— Volt AI — disse l,enolr chegando com duas grandes llgelas nas mAox, — Aqui esiA o acepipe, liapero que Jean gosle — deixou sobre  
a mesa, voltou A cozinha retornando após com mais duas tigelas o pratos, — Ahí — exclamou, acntando-NO. — Servi-vos.  
— Mas, como,.enolr?  
—' Que hA, doutor? NAO tona Ibme?  
—Tenho, sim. Todavia, não quero hoje comer com as mãos... temos visita !  
— Ah! Desculpa, senhor doutor — e ergueu-se rápido, foi até o armário, voltando com alguns talheres de ferro, que depôs sobre a mesa.  
— Desculpa, Jean, o meu esquecimento.  
— Relevo-te a omissão, mas não ao vovô.  
— E por quê?  
— “Temos visita” — sou, então, visita?  
— Tens razão, menina, tens razão. É o hábito.  
— Mas, comigo?  
— Jean... lembrs-te daquelas pessoas que vistes sentadas à mesa?  
— Sim, as que se esfumaram., sim.  
— Certo. Pois ainda permanecem aqui.  
— Como não as vejo?  
— Porque só agora as vejo.  
— Como não sai nada do Lenoir?  
— Não é necessário... aquilo é só para materialização, isso já disse.  
— E que tem o talher para eles?  
— É algo singelo, mas que terão, por observação, que aprender.  
— Vovô... quer dizer que nos estão observando comer?  
— Sim, estão.  
— Mon Dieu!  
— O ato de alimentar-se, querida, em família, por mais frugal seja a refeição, deve revestir-se de toda a educação possível.  
— Mas nem todos assim podem fazer.  
—É verdade, entretanto, havendo alguém que o faça já é um princípio. Mas, esqueçamos isto. Vamos à vitela.  
— Aí, já não estou mais com tanta fome!  
— Vamos orar.  
— E Deus se importa com isto?  
— Ele, talvez não. Nós é que nos devemos importar com o que Ele nos dá.  
— Vou contar isto ao duque.  
— Duque?  
— Não liga, vovô, não liga.  
\* \* \* \* \*  
— Foste, minha querida, outra vez ao plano físico.  
— Sim, fui. Queria que a nossa futura mamãe me conhecesse.  
— Não entendo porque, mas como o fizeste, deveu-se, certamente, a algo sério.  
— Meu querido. Estás, ainda, freqüentando o colégio. Enquanto lá estás, com a aquiescência de nossos mentores, aproveitei  
para visitar o nosso amigo Girardan, que tutela aquela, como já te disse, que será nossa mãe.  
— E tiveste êxito?  
— Sempre se tem. Ela entenderá tudo.

\* \* \* \* \*

— Vovô...  
— Sim? Terminaste a refeição?  
— Claro.  
— Então, deixemos a mesa com Lenoir.  
— Por quê?  
— Ele tem mais apetite que nós — e para o homem que se empanturrava — Dá-nos licença, Lenoir?  
— Pois, não, doutor.  
Sentaram-se em cadeiras, frente a frente.  
— Qual a dúvida agora, filha?  
— D. Suzanne, falou-me ela que eu teria que ultrapassar as barreiras da morte e que sofreria com a minha teimosia em querer assumir o lugar de meu pai. Que me dizes?  
— Calma, querida, logo saberás.  
Conversaram até alta noite. Depois, ela se recolheu. Lenoir levou algumas mantas, que espalhou pelo chão.  
— Que vais fazer?  
— Dormir aqui. E não adianta dizeres não, querida—ajuntou o médico. — Ele não sairá daqui.  
— Muito bem. Deixa uma vela acesa.  
— Ele nem mais te ouve. Já dormiu!  
— Coitado! — penalizou-se ela, olhando o amigo deitado e coberto até a cabeça.  
— Está cansado.  
— Grande segurança tenho. Boa noite, vovô.  
— Boa noite, chérie.

## Capítulo IV A EMBOSCADA

Felipe Augusto, rei da França, no século XII, mandou construir um muro de defesa para a cidade de Paris, formado por diversas pequenas torres, pouco distantes umas das outras e tendo várias portas que se abriam para o campo. Começava o muro fortificado-na parte direita do rio Sena. Erguia-se aí uma grande torre de formato redondo, a que os nativos cognominaram de “torre que faz esquina\*”. Defronte dessa torre, fez construir uma outra com, mais ou menos, cinquenta metros de altura. De considerável diâmetro, a ela estava ligada uma segunda, mais estreita, porém, mais alta, contendo uma escada que leva à “torre que faz esquina\*”. Daí até à Rua Saint-André-des-Arts, partia um muro no qual foi aberta uma porta, à qual deram o nome de “Porte de Brie\*”. Dessa porta até o Sena, o muro prolongava-se. No interior desse recinto é que se construiu o Pálacio de Nesle, que deu nome à torre. Ali, foram perpetrados os mais horrendos crimes, tendo como protagonista a Princesa Margarida de Borgonha. E ali, naquele recinto impregnado de vibrações malignas, estavam alojados Safeth e seus comparsas. Diziam os moradores das cercanias que, de vez em quando, ouviam gritos lancinantes que, daquela sinistra torre, partiam. Imputavam tais brados de pavor, às vítimas, que, após uma noite de amor, eram assassinadas e seus corpos atirados no Sena. Escutavam, também, os gritos sufocados da bela princesa que foi estrangulada por carrascos, usando seus próprios cabelos. Alguns juravam que, em noites sem lua, viam a tresloucada mulher aparecer à janela da Torre.

— Bem — dizia Safeth — amanhã a noite estará escura. Poderemos entrar na residência do duque de Luzardo.  
— Dizem ter ele uma enorme coleção de armas.  
— E pratarias.  
— Mas...  
— Mas?  
— Para que tudo seja cercado do mais alto êxito, temos que atrair para aquela casa o Rei dos Mendigos.  
— O Rei dos Mendigos? Jean, o filho de Planchet?  
— Aquele biltre mesmo. Aí, minha vingança será completa.  
— Como faremos isto, Safeth? E para que?  
— És mesmo um parvo.  
— Que faremos?  
— Ele sabendo que nos propomos assaltar aquela casa, certamente, tentará impedir. Faremos com que até o horário ele saiba.  
— O horário?  
— Claro, só que chegaremos antes. E ficaremos escondidos. Quando ele chegar, cairemos sobre ele. Depois, roubaremos o que pudermos levar. Quando os gendarmes chegarem o encontrarão e deduzirão ser obra dos ladrões do Pátio dos Milagres. Minha vingança será completa, pois que invadirão aquele antro de traidores, não deixando pedra sobre pedra.  
— Como agiremos para fazê-lo saber de nossos planos?  
— Fácil. Ainda temos alguns amigos lá. Um deles avisará ter-nos visto traçando planos. Por certo ele irá correndo.  
— E haverá tempo para isto?  
— Amanhã pela manhã, veremos.

\* \* \* \* \*

— Acorda, menina... acorda...  
— Hein?  
— Acorda, Jean — chamava Lenoir.  
— Que? — e ela levantou-se a meio na cama. — Despertas-me? Por quê?  
— Lá se vão as seis horas, menina.  
— Mas eu estava sonhando.  
— Não tens que regressar ao Pátio?  
— Mon Dieu!  
— Saio para que te troques.  
Algum tempo após, em volta da mesa, faziam o desjejum.  
— Acordaste tarde, Jean — comentava o doutor.  
— Foi. Mas, também, vovô, jamais havia vivido uma experiência tão interessante. E, inclusive, estava em meio a um sonho lindo e este brutamontes — apontou para Lenoir—despertou-me—o homem sorriu, continuando sua refeição—Vovô—continuou ela—por que sonhamos? Qual o valor que têm os sonhos para nós?  
— Muito e nenhum.  
— Como assim?

— Quando dormimos, querida e, naturalmente, sem fazermos uso de ervas, sonoríferos, ou bebidas alcoólicas, é como se estivéssemos mortos na carne. O espírito deixa o corpo, apenas ligado por um “cordão” prateado. Então, podemos ir a regiões onde estão nossos amigos espirituais,

inclusive com eles aprender algo. É o sonho normal.

—E os que bebem, que tomam remédios para dormir? Não é a mesma coisa?

—De certo modo, sim. Se os ditos remédios forem receitados, observando-se a necessidade de os mesmos serem ministrados, menos mal. Todavia, quando usados sem uma diagnose, apenas para fugir da realidade, levam as criaturas a se tomarem presas fáceis de “inimigos”, que as seduzem. Procuram-se.

— E os que ingerem álcool?

— Em demasia, queres dizer.

— Sim, um bêbado contumaz.

— Bem, afinam-se com aqueles que o estão necessitando.

— De quê?

— Da bebida. Geralmente, o encontro é com outros iguais, que o induzem a fazer o que querem.

— E o tal cordão?

— Permanece unido ao corpo.

— E os desafetos não o vêem?

—Claro. É por isto que usam suas maquinações, no intuito de que o incauto sempre retome. Eles não têm mais o cordão. Aproveitam os que lá chegam para mandar a mensagem.

— Mon Dieu! E não podem escapar disto?

— Mas, claro, podem. É só ouvir o bom-senso.

— Bom-senso?

— Sim. Todos possuem o sentido do discernimento. Basta juntá-lo aos pedidos, às súplicas dos parentes e amigos, para que, deixando de alimentar o vício, libertem-se dos que os incentivam. É difícil, eu sei, já que só se fala em espírito, agora, como se esse tudo pudesse. Por estar “morto” tem que saber H tudo?

— Mas, vovô, e não sabem?

— Sim, filha, sabem.

— Passam a saber, menina — entrou na conversa Lenoir — contudo, não podem e não têm o poder de dizer-lhe o que terás que fazer, como agir, etc.

— Por quê não? Seria tão mais fácil...

— Porque se assim o fizessem, estariam anulando as possibilidades dos encarnados do direito de agirem, adquirindo experiências em seus acertos e desacertos. O espírito é o mesmo, menina. Só o corpo muda. Se os que lá estão os ajudassem em suas mínimas necessidades, que mérito teriam?

— Entendeste o que Lenoir explicou? — inquiriu o médico.

— Ah! Tenho tanto a aprender! Quer dizer, em suma que eles, os desencarnados são como nós, em outro lugar?

— Sim.

— Mas, podem ajudar-nos.

— Eventualmente, sim. Não há diferença, entende. Naturalmente, os mais evoluídos podem adiantar algo que nos instrua e o fazem. Podem curar, podem tudo. Todavia, passamos pela escola da vida para aprender. O espírito não faz milagres. Só Deus os faz. Por ter passado para o outro lado da vida, não quer dizer que um amigo transforme-se em um ser inteligentíssimo a quem podemos recorrer a qualquer dificuldade. Somos o que somos. Fomos o que somos e seremos sempre o que formos. Não há outra regra.

— E eu, que faço?

— Agora? Vai-te daqui, corre à tua comunidade, já que assim queres, ó maluca, e a defende, protege e alimente.

— Não gostas disto, não é, vovô?

— Sabes que não. Na verdade, respeito os teus sentimentos com aquela gente. Vai, és homem agora.

Jean abraçou o médico, beijou-o carinhosamente, o mesmo fazendo com Lenoir.

— Não sei quanto retomarei. Deve haver tanta coisa a fazer...

— Teus depósitos estão cheios, ma chérie.

— Sei, Lenoir, sei. Só que eles só querem mais e mais.

— Quem é o culpado? Tu ou Planchet?

— Eu, vovô, eu.

— E por quê?

— Porque Planchet deu-me meios de ajudá-los, esquecendo-se até de suas outras mulheres. Lembras-te? Ele só fez filhas. Quantas irmãs eu tenho? E pensam eu ser homem. Vovô, eu quero todas as minhas irmãs e suas mães protegidas. Vou acabar com o Pátio dos Milagres. Não tenho terras e até palácios?

— Sim, filha, tens.

— Amanhã ou depois, mandarei um mensageiro, quando então externarei todos os meus propósitos a respeito.

— Deus te proteja.

— E a todos aqui.

— Vai, homenzinho — manifestou-se Lenoir — ela segurou o punho da espada, e séria, falou, encarando o amigo — queres ir lá fora, duelar comigo? O teu tamanho não me amedronta.

— Vou, sim — rugiu Lenoir.

— Pois que venhas...

— Minha bandeira será uma camisola e roupa de baixo.

— Covarde! — e abraçou-se a ele, beijando-o.

— Cuida-te, Jean. Se necessitares, chama. Daria minha vida por ti.

— Eu sei. E tu, cuida do vovô. Au revoir! Je t’aime.

— Au revoir, mademoiselle!

\* \* \* \* \*

Jean retomou a seu reinado. Naturalmente, quando se afastava, deixava alguém que por ela respondia. Escolhera para tal mister uma de suas irmãs, apesar de não sabendo quem lhe era mãe. Ela gostava da moça, muito mais velha do que ela, mas a única entre os demais que tinha propensão para a honestidade. Chamava-se Cecille.

— Tudo bem, Cecille?

— Oui, rei, tudo.

— Não me chames de rei. Sabes o meu nome.

— Seja, Jean.

— Senta-te. — E a creche? As crianças tomaram, todas, os remédios que recomendei?

— Nem todas. Sabes, uma ou outra desconfia...

— É — e ela afagou-lhe os cabelos — sei quão é difícil, agora, obrigar a população a se precaver. Sempre viveram com ratazanas, para erradicar isto, tem de se dar um tempo.

— Pois é.

— Cecille, minha irmã — começou ela, circunspecta.

— Chama-me irmã?

— E não és querida? Não és filha de Planchet?

— Sim, sou, mas...

— Sei, és mulher, como as outras.

— É verdade. Ele nos relegou a segundo plano quando nasceste homem.

— Coitado! Já estava tão velho. Mas, Cecille, eu não esqueci e tenho um trabalho para ti.

— Trabalho? Qual?

— Sossega, Cecille — falou ela, sorrindo.—Tens atuado otimamente em minha ausência. O que te peço, irmã, é que procures saber quantas irmãs temos, cujo pai foi Planchet. E as respectivas mães, naturalmente.

— Para quê?

— Quem sabe uma herança?

— Oh!

— Cedo, vou tirar todos daqui, isto não é vida, irmãzinha.

— Ah! Jean, por que dizes isto?

—Porque sofri aqui, irmãzinha, todos sofremos. E já é tempo de termos uma vida melhor.

— Sei, irmão Jean. Só com o que fizeste ao turco, já nos foi grande ajuda. Não te metas mais em nada. Somos o que somos, meu irmão.

— E a herança?

— Ora — e a jovem loura, vestida de andrajos, um lenço segurando os cabelos no alto da cabeça, pôs as mãos na cintura e continuou — para que nos servirá a herança, seja a quantia que for? Nada sabemos, anão ser pedir, assaltar, roubar. Iríamos para onde?

— Não gostavas de teu pai?

— Oh!, sim! E como! No início, pequerrucha, ele me punha na barriga, montada nele. Depois veio outra, mais outra e tantas mais que eu cresci e nem de meu nome ele se lembrava e pouco nos víamos. Não só meu, mas todas. Quando nasceste homem, então, ele se esqueceu por completo de nós — e abaixou a cabeça, chorando. — Amei-o, sim. Afinal, ser filha do rei tinha alguma vantagem. “É filha do rei” — diziam e deixavam-me em paz. Amei, sim, amei meu pai. Creio até que as outras também o tenham amado.

— Foste tu quem ficaste junto à sepultura dele, após todos saírem.

— Sim. E tu nem lá estavas, compreendo, após aquele duelo.

— É verdade. Atrasei-me. Mas, soube de tua devoção.

— Levei madressilvas. Ele as adorava. Sinto falta dele, com aquele jeito grotesco, parecendo um bruto, mas que coração tinha!

— Vem cá, Cecille — e Jean levantou-se, adentrando o quarto em que dormia. A jovem o seguiu.

— Lembras-te de quem aqui residia?

— Meu pai.

— Não, Cecille... antes.

— Ah! Paulette... mas ela desapareceu!

— Certo. Paulette é viva e mãe de um jovem — Falava, desabotoando o cinto, que deixou cair no chão, depois a blusa, ante o olhar perplexo de Cecille, que já tinha outros pensamentos na cabeça, receando. Jean compreendendo, continuou — e eu amo este jovem... não, não vou cometer contigo o incesto. Vê — a abriu a blusa, o colete, deixando os seios saltarem.

Cecille cambaleou, estupefata.

— Jean! — gritou, abafando-o com a mão na boca — Que é isto?

— Sou mulher, irmã, sempre fui.

Tirou as calças e mostrou-se nua para a irmã.

— Vê?

, —Jean...

— É nosso segredo, irmã, não podes contar nada a ninguém.

A moça atirou-se de joelhos em frente da irmã, segurando-a pela cintura, em prantos. Jean afagava seus cabelos, também, chorando.

— Como, irmã, como venceste Safeth?

— Nosso pai criou-me como homem, recordas-te?

— E que homem, irmã — levantou-se, abraçou-se à irmã. — Veste-te depressa. Teu segredo morrerá comigo.

— Não, não morrerá.

— Como, Jean?

— Nosso pai nos deixou uma fortuna incalculável. Tenho lugar para todas as minhas irmãs e quem queira nos seguir.

— Pretendes acabar com o Pátio dos Milagres?

Vestindo-se, ela respondeu:

— Não posso fazer isto. Tenciono levar comigo tão-só aqueles que desejem mudar de vida. Sempre haverá mendigos, não importa em que parte deste mundo. Mas, nós que aqui vivemos e sofremos temos o dever de ajudá-los.

Cecille a olhava admirada.

— Peço-te guardar meu segredo por mais alguns dias.

— Não te preocupes, Jean. Por mim, ninguém saberá de nada.

— Eu sei. faze o que te pedi. Quero saber quantas irmãs temos.

—Assim será, irmã—anuiu a loura, que não cabia em si de contentamento.

— Então vai, fico aqui esta noite. Ficas comigo?

— Fico, sim.

— Não vão falar?

— Falar?

— Ora, Cecille... sou um “homem”, tu és mulher...

— E que importa? Não és “filho” de Planchet?

Jean sorriu.

— É, sim.

— Então, deixa que falem. O pior são as que te querem como homem.

— Escolhi a ti.

—Certo, meu \* ‘adorado mancebo’ \*—manifestou-se a loura, fazendo uma reverência.

\*\*\*\*\*

As notícias em Paris eram desconstruídas. Diziam ter Francisco sido aprisionado na Cartuxa de Pádua, outros na de Pádua. Uma, na Itália, outra, na Espanha. O certo é que ele fora encarcerado na Itália e enviado para a Espanha. Como já me fiz entender, só o que nos interessa dentro deste contexto seja objeto de relato. Mas que a situação em Paris era de medo, angústia, era, sim. Afinal, quantos filhos seguiam com o exército, quantos pais? Por mais guerreiro que seja um povo, vão à guerra para defender algo. Todavia, ninguém gosta de guerra. A paz seria o ideal. Mas, que fazer se os que estão nos píncaros da hegemonia real querem anexar terras e mais terras? Francisco perdeu a Borgonha... reconquistou-a depois, sem guerra. Leiam e verão que as guerras só são fomentadas sem se ouvir o povo. Pobre França, que dentro em breve, apenas alguns séculos, daria uma volta completa sobre si mesma e o povo gritaria alto. O que aconteceu é exemplo para o mundo—Egalité, Fraternité et Liberté.<sup>46</sup>—Mas, isto no futuro. Atenhamo-nos à nossa história, pouco nos interessando, como dito várias vezes, com o que acontecia naquele tempo. A verdade é que Jeanpaul e seu avô, o duque de Luzardo, adiantaram-se, chegando a Paris, um dia antes do previsto. E era manhã. Havia um portão de ferro na entrada e um muro alto circundando a propriedade. Para ter acesso à mesma, após o portão, um jardim gramado até à porta da residência, em cujas paredes, trepadeiras subiam até quase ao teto, agarrando-se fundo nos interstícios das pedras da construção. Um balcão bem amplo estendia-se para fora, no andar superior.

O cocheiro foi retirando as bagagens, enquanto o duque procurava nas algibeiras, as chaves dos cadeados e da porta.

— Vovô... onde estão Siefrid e Helga?

— Ora, chegamos um dia adiantado. E hoje é sexta, dia de folga deles. Por isso trancaram tudo. Foram à casa dos pais.

— Esses germânicos.

—É natural. Verás que tudo no interior está limpo e asseado. — final mente encontrou a chave dos cadeados e abriu-os.

— Deixa as malas — disse ele ao cocheiro. — Leva a carruagem, limpa-a, dá comida aos cavalos, e fica livre o resto da semana. Toma. Com este dinheiro podes divertir-te à vontade... mas o resto, só à senhora Aubry darei. Este é apenas uma gratificação.

— Sei, sei, senhor e que gratificação! — disse o cocheiro, examinando as moedas. — Vou comprar um presente para ela.

— Vai, saca-trapo. Segunda-feira, aqui, bem cedo.

— Senhor, vais ficar só. Os alemães não estão. Se quiseres, trago minha Aubry para vos servir.

—Merci, merci<sup>47</sup>—agradeceu o duque, pondo a mão no ombro do serviçal. — Mas eu e cá o meu neto, sabemos cozinhar, não é Jean?

— Jean? — retrucou o jovem.

— Jeanpaul, será que não tiras da cabeça o teu amigo? Antes não te chamávamos de Jean?

— Sei lá o que faláveis... não é o quê?

— Cozinharemos juntos, não é, fedelho?

— Ah! Sim... o quê?

— Tenho tudo preparado e defumado. Eu e o Thomaz ajeitamos tudo.

— Javali?

—E como não? Também faisão, perdizes. Temos comida para uns três dias.

— Tudo salgado.

— E viva o sal, neto, viva o sal.

— E tua gota...

— Moleque... vai, pega as malas.

—Vai na frente e vê se não demoras em abrir a porta. Quero um banho e já.

— Só pensas em teu amigo, ou em banho; nenhuma mulher nesta caixola?

— Vai, vovô, eu transporto as malas.

\*\*\*\*\*c\*

— Suzanne é necessário que isto aconteça? A nossa irmã que nos receberá como mãe, terá que passar por tais vicissitudes?

— Sim, meu querido, sim. Há um resquício de débito a ser ressarcido. No íntimo, ela sabe disto.

— É o Jeanpaul?

— Deus é pródigo em surpresas benignas. Assim, saberá de tudo e então, ficarão juntos.

— Não a alertaste, quando estiveste na casa do doutor Girardan?

— Sim, mas não poderia ser explícita, como esperavas. Adotei a metáfora.

— Ela entendeu?

— Não, mas, o irmão Girardan, sim.

— Bem, quem sou eu para pronunciar-me sobre algo que não sei?

— Pelo menos, demonstras bons sentimentos, preocupando-se com o que aconteça à nossa futura mãe. Vamos, vamos orar.

\* 4c \* ÿ 4c

— Mas como não o encontrei, trapo? — berrava Safeth, vermelho de cólera. — Foste ao Pátio? Aos esgotos?

—Sim, fui e procurei o teu amigo lá. Ele informou-me sobre a sua ausência.

— Diante!<sup>48</sup> — vociferou o turco. — Volta, volta e fica de tocaia por lá. Entra em contato com o homem que te mandei procurar. Não podemos perder tempo e ele tem de saber.

— E se ele chegou e o teu amigo deu o recado?

— É o que necessito saber, estrume. É preciso seguir o plano conforme já tramei. Retoma, ainda é manhã, e não me voltes sem uma notícia.

\*\*\*\*\*

Com a saída da irmã, Jean pôs-se a matutar. Mentalmente, passou em revista as propriedades que possuía, calculando sobre quantas pessoas poderia instalar nelas. E ia rabiscando em folha de papel, quando foi chamada.

— Rei!

Levantou-se e saiu, mão no punho da espada e o camafeu que Paulette lhe presenteara a brilhar junto ao couro largo que lhe atravessava o centro do corpo, sustentando a espada.

— Que queres, Villiard?

— Rei — começou o homem segurando o imundo chapéu com ambas as mãos, junto ao peito — tenho notícias...

— Notícias? De quem?

— Safeth, Rei.

— Ora, e que me importa o turco?

— Ah, Rei! Soube que hoje, à noite, ele vai invadir uma residência.

— E não é sempre isto que o cão danado faz? Que posso fazer? Estou ocupado, se queres, avisa à Gendarmeria—e ia-se

<sup>46</sup> <43> Igualdade, Fraternidade e Liberdade.

<sup>47</sup> <44> Obrigado.

<sup>48</sup> <45> Droga

voltando para o interior da casa, quando o homem acrescentou:

— Vou, sim... e quando souberem que a casa é do duque de Luzardo, certamente tomarão providências. Obrigado, Rei — e virou-se para partir. — Jean reagiu rápido.

— Espera, Villiard.

— Oui, m'sieur.

— Nomeaste o duque de Luzardo?

— Foi o que soube.

— E como soubeste?

— Ora, em meu trabalho, ouvi-os maquinar tudo, junto à Torre de Nesle.

— E tens certeza?

— Mas se estou aqui, Rei. Na calada da noite, por volta das duas da madrugada, ele e dois de seus asseclas invadirão a residência do duque. Queres ainda que vá à Gendarmeria?

— Não, não vás.

— E por quê não?

Jean estava lívida. Procurou uma pronta resposta:

— Ora, Villiard... que temos nós com isto?

— É verdade, senhor, apenas quis comunicar-te.

— Fez bem. Obrigado — e entrou.

Debruçou-se sobre a mesa, com a cabeça entre as mãos.—Como agir? — pensou. — Não posso deixar aquele animal roubar o duque. Tenho que fazer algo. Ainda não são dez da manhã. Deus! Tenho que voltar à casa do doutor Girardan. Necessito pensar. Mando alguém procurar Cecille. — Todavia esta não demorou a chegar, sorrindo:

— Já tenho algumas... — mas vendo no semblante da irmã a apreensão, estacou, perguntando — que se passa?

Jean a pôs a par de tudo.

— Mon Dieu!

—Acalma-te. Não fico contigo hoje à noite. Vou à casa do doutor Girardan.

— Que pensas fazer?

— Impedir que aquele turco imundo conspurque com sua presença a casa do duque. E não há ninguém lá!

— Deixa-me ir contigo?

— Para quê? És mulher.

— E tu, que és?

— Não há o que discutir sobre o fato. Continua o que te pedi. Amanhã, estarei aqui.

— Cuidado, Jean.

A moça saiu.

\*\*\*\*\*

— Mas, minha filha — comentava o doutor Girardan — isto é uma insanidade. O duque deve ter criados em sua casa. Não vás, Jean.

— Eu irei com ela — vociferou Lenoir.

— Não, ninguém. Vou só. Se vim aqui foi para dormir.

— Dormir de dia?

— Sim. Tenho que estar bem desperta à noite. Podes ajudar-me, vovô?

— Filha, o turco...

— Já o venci uma vez. Venço-o outra mais. E estarei defendendo o reduto do homem a quem amo.

— Jean...

—Vovô, se não queres, irei embora. Vim procurar paz, aqui. Pensei em tuas mensagens e tuas essências que nos fazem relaxar. Se recusas, volto ao Pátio e lá aguardarei o momento de agir para impedir o turco de realizar seus intentos. Não tens obrigação comigo.

— Não, Jean?

—Não, não interfiras nos meus propósitos, anão ser o que já sabes e, espero, sei, o farás. Se algo acontecer-me minha irmã Cecille, de quem te falei, tem a lista das pessoas a serem beneficiadas. Faze como queiras, inclusive estendendo a ajuda a outros que achares por bem.

— E o Jcanpaul?

Ela abaixou a cabeça.

— É por ele que faço isto. Se eu não voltar, conta-lhe a verdade. E diz-lhe que o amo!

— Menina... — e a abraçou.

— Lenoir... — começou ela.

— Sim, Jean.

— Quero água quente e minha camisola. O vovô massagear-me-á.

— É para já, Jean.

— E aquela roupa toda negra, lembrás-te?

— Oui.

— Quero-a.

Lenoir saiu para providenciar. Ela começou a despir-se, ficando apenas com os calções. O médico a observava.

— Pensar que quando te mandei tirar a roupa, quando aqui chegaste, quase me atacas com a espada...

Ela sentou-se no colo do médico.

— Je f'aime, vovô.

— Eu também. Vamos ao teu quarto.

Ali, o auxiliar chegou com a água, que encheu a tina, retirando-se em seguida. O médico ficou de costas o tempo em que a jovem se banhava. Depois, com a grande toalha em volta do corpo, deixou a tina, deitou-se, submetendo-se às massagens do bondoso e preocupado ancião.

— Agora, vais dormir e ao acordar, estarás em forma. Acordar-te-ei à tardinha — e deixou o cômodo.

— Mon Dieu — pensou — ajuda esta menina. Dona Suzanne, é mesmo necessário que ela passe por isto?

— Apreensivo, doutor? — inquiriu Lenoir.

— Sim e muito. Desalentado com minha impotência. Não sei que vai acontecer a ela. Poderá sofrer muito.

— Se queres, vou com ela.

— Não, os nossos amigos sabem o que fazem.

Bateram à porta. Era um cliente e ele passou ao atendimento médico, absorvendo-se completamente. Deixou a moça dormir até mais de cinco horas, quando, então, a despertou. Sentou-se ao lado da cama, afagando-lhe os cabelos que, antes de acordar, murmurou o nome de Jeanpaul.

— Acorda, sossegada, filha. — Sou eu, Girardan. — Ela abriu os olhos. Fitou o médico por pouco tempo, depois espreguiçou-se e atirou-se em seus braços, num longo enleio.

— Que foi? Que teu sonhos te disseram?

— Não muito. Só vi Jeanpaul.

— Como o viste?

— Ele corria num cavalo negro, o filho de Tigger e eu, no branco que lá usei. Todavia, por mais tentasse alcançá-lo não o conseguia. Foi uma agonia.

— E terminou?

— Não; depois, vi-me como mulher, de mãos dadas com ele, na torre cheia de ameias de um pequeno castelo. Foi só sonho?

— Não te posso dizer. Há sonhos e sonhos. Podes ter pesadelos, quando comes demais e dormes com o ventre para cima. Há-os que, cansados em demasia, têm outros e há-os que, efetivamente, saem do corpo. Visitam amigos e parentes.

— Mas, esses sonhos podem, também nos levar ao futuro?

— Mas, claro. São os chamados sonhos premonitórios. E isso é inerente ao ser humano, menina. Nada tem que ver com religião—e tocou-lhe o nariz com o indicador.

— E como saber a diferença?

— Ah! Isto só o tempo! Vem, vista-se. É conveniente, além das roupas negras, usares um lenço da mesma cor, vedando o nariz até o queixo.

— Vou mascarada?

— Sim, vais.

— Por quê? Safeth conhece-me.

— Sei. Mas, se aparece alguém, não te reconhecerá.

— Seja.

— Vem, vem, comer algo leve. E, assim que voltares a casa estará à tua espera. Não dormiremos. Por enquanto, uses só a camisola. Os trajas negros só na saída. Retiro-me para preparar tudo.

— Tomo outro banho?

O médico sorriu e afagou-a.

— Não, estás cheirosa. Não te demores.

## Capítulo V O VULTO NEGRO

Já perto da segunda hora da madrugada, um vulto negro caminha entre as paredes adormecidas nas ruas desertas de Paris, misturando-se ao negrume da noite. A não ser o farfalhar do vento sobre as folhas das árvores, vento que prenunciava a tempestade, tudo era silêncio. O vulto colava-se às amuradas, segurando junto ao corpo, com a destra, a capa que o cobria. A outra parecia colada ao punho da espada, como se dela fosse prolongamento. De quando em vez, a um pálido lampejo de um pirilampo, seus olhos iluminavam-se na tênue luz. Mas, só seus olhos refletiam a fugaz claridade. Trazia um lenço da cor da noite, cobrindo-lhe o rosto. Andava cauteloso, se bem que rápido. Enveredou por ruelas, atravessou praças, esquivando-se por trás de árvores, por fim, parando em frente de uma imensa residência murada. Acheou-se ao portão de ferro. Olhou para um e outro lado e, ágil escalou-o, galgando o muro, sentando-se rápido e deixando-se escorregar para o outro lado. Correu para a parede coberta de heras e trepadeiras. Colou-se a ela. Mirou o balcão que se projetava do andar superior. Experimentou a solidez das grossas trepadeiras e, como um felino, começou a subir, cautelosamente. Uns cinco a seis metros o separavam da platibanda do balcão. Com as mãos enluvadas que se agarravam às raízes aéreas da planta, pés apoiados nas paredes atapetadas por galhos e flores, conseguiu, finalmente, passar uma perna na balaustrada do balcão, guindando-se e adentrando a pequena varanda. Automaticamente sua mão segurou o punho da espada e a retirou da bainha, pondo-se em guarda. Olhos e ouvidos atentos, aproximou-se da grande porta envidraçada. Havia uma cortina em seu interior que o impedia de ver o que havia dentro. Encostou-se à porta, logo recuando, surpreso. Estava apenas encostada! Por quê? Esqueceram-na aberta, ou os ladrões já ali estavam? Redobrou os cuidados, aguçando os ouvidos e os olhos.

Era Jean, vestida como a noite mais negra quem chegara no intuito de defender a residência do avô de seu amado. A tempestade avizinhava-se. Já os clarões dos relâmpagos, de espaço a espaço, iluminavam parcamente a cidade adormecida. Que fazer? Caso os meliantes se lhe tivessem antecipado, teria que redobrar os cuidados.—Pôs-se de lado, rente à parede, e empurrou a porta, o suficiente para lhe dar passagem. Arriscou um olhar. Só escuridão. Agarrou-se, espada em riste, e entrou, puxando a porta para atrás de si e ficou colada a ela. Não tinha como orientar-se. Não conhecia o interior daquela casa. Parou, quando sentiu o corpo tocar em algo. Um móvel, ou uma colunata. Tateou, passando a espada para a mão esquerda. Parecia uma pequena coluna. Circundou-a. Estacou, procurando ouvir algo. Nada. Fechou e abriu os olhos, várias vezes, esperando acostamá-los à escuridão. Devolveu a arma à mão direita. Suspirou fundo. Sua mão esquerda segurou o camafeu que trazia junto ao peito. Transpirava. Ficou imóvel, encostada na parede, esperando. A um clarão mais forte de um relâmpago, teve uma idéia de onde estava. Um salão cheio de móveis cobertos por capas brancas. Um grande candelabro de cristal, alguns outros móveis. Mas foi rápido demais para ter uma idéia melhor do local. Desejou outro relâmpago. Todavia, as espessas cortinas na porta impediam uma claridade maior. Havia, também, uma porta envidraçada do outro lado. Ficou esperando outro relâmpago. Ouviu um estalido. Eriçou-se toda. Ao mesmo tempo, o salão iluminou-se. Ela deu um grito de susto e surpresa. Viu dois homens segurando grandes tochas, um em cada canto da sala, do lado contíguo ao seu. A claridade das chamas faziam cintilar os pingentes de cristal do enorme candelabro. Outro archote foi aceso, quase ao lado dela. Os três homens, que, ao clarão das chamas mais pareciam demônios saídos do inferno, todos portando espadas, avançaram.

—Parai! — ouviu-se uma voz tonitroante—e detrás de espaçosa poltrona surgiu a figura de seu maior inimigo. — Ele é meu — rugiu Safeth—e tomou o centro do salão, rindo debochado, iluminado pela luz bruxuleante dos archotes de resina.

, — Maldito! — rugiu Jean, deixando o canto onde estava.

— Vou matar-te, fedelho — retrucou, feroz — chegou a hora da minha vingança e atirou-se para ela, manco.

— Vamos logo dar cabo dele, Safeth —i gritou um.

—Calma. Primeiro eu. Depois entrego-o a vós—e atacou. Jean defendeu-se, aparando o golpe e logo endereçando uma estocada contra o turco que se esquivou.

—Usas máscara, galinho de briga?—e novo ataque, nova defesa. Os fenos tiniam. A força do homem era enorme, mais ainda pelo ódio que lhe faziam brilhar os olhos semicerrados. Jean recuava, às vezes, avançava. Um dos homens tentou espetá-la. Rápida, Jean deu-lhe uma cutilada, fazendo-o gritar de dor, recuando.

— Menos um! — gritou ela, aparando os sucessivos golpes do turco. — E, ao primeiro descuido do antagonista, que parecia movido tão somente pelo ódio, atravessou-lhe o braço na altura do pulso.

— Diable! — urrou ele, segurando o pulso. — Matem-no!

Os homens avançaram. O primeiro ataque foi rechaçado. Safeth tirou da cinta uma pistola, mas com o braço ferido, tinha dificuldade em fazer pontaria. Foi quando a porta interior foi aberta e dois homens armados, com lampiões nas mãos, adentraram. O turco atirou em Jean que caiu pesadamente no chão, mãos na cabeça. Um dos homens atirou, atingindo Safeth em pleno rosto. O outro o imitou, derrubando mais um. Jean conseguiu levantar-se, coberto de sangue. Viu, de relance, Jeanpaul que avançava. Reunindo todas as forças, correu, passando pela porta que levava ao balcão e pulou, caindo agachada na rua. Já chovia. Tropeçando, colando-se às paredes, esgueirou-se, coberta pela capa.



Fraquejava. O sangue lhe corria abundante da cabeça. A vista se lhe turvava. Num supremo esforço, conseguiu adiantar-se. Cruzou a praça e, no início da Rua Saint Germain, tudo se lhe escureceu. Caiu.

\* \* \* \* \*

Voltamos um dia antes dos acontecimentos que acabamos de narrar.

— Quem prepara a comida? — inquiriu o duque ao neto.

— Vovô, tanto que comeste na estrada e estás com fome?

— Para que tenho barriga?

— Pois, faze tu. Contento-me com frutas.

— Mas já está tudo pronto, maroto. É só tirar o sal.

— Está bem, vovô, está bem, eu faço. Mas, de outra feita, traze Maria a tiracolo.

— Seu fedelho! — rugiu o avô. — Como ousas conspurcar o nome de uma linda e pura jovem?

— Que saudade, hein, velho!

— Velho? — e avançou para o neto que correu.

— Vou tomar banho. Depois, trato dos teus pedaços de javali. Logo a seguir, vou à casa do doutor Girardan.

— Só pensas em Jean? Por que não o convida a morar aqui?

— Pensarei no assunto.

Após o banho, na cozinha, Jeanpaul esquentava os acepipes trazidos pelo avô que, a seu lado lhe ia dando as instruções.

— Por que não vens tu mesmo fazer?

— Porque tenho alergia.

— Alergia? A quê?

— À comida feita por mim.

— Estás, ou é muito sabido, ou caducando.

— Chamas teu avô de caduco? Pois saibas que só tenho setenta e cinco anos, saca-trapo. E não sei se chegarás a esta idade.

— Espero que não. Ficar velho deve ser algo horroroso. Não sei o que Maria viu em ti.

— Outra vez, Maria? — Olha, estás queimando o faisão, desmiolado.

— Ah! Mudaste a conversa? Não queres falar em Maria?

— Menino...

— Vamos, dize lá, vovô... que tal ela? Aqui entre nós.

— Vê se respeita teu avô, moleque. Por acaso, perguntei-te alguma vez o que fazias com tua Michelle?

— Ora, e o que pensaste? Nada. Nada mesmo.

— Sei, o teu amigo Jean saiu-se melhor com a filha do visconde.

— Françoise? Ah! Sim, o moleque sabe beijar. Deixou-a esfumaçando pelo ouvidos, mas, está pronta tua comida.

— Ótimo. Não vais comer?

— Não, não agora.

— Olhe...

— Não te preocupes. Já guardei o que quero.

— Eu sabia e que vais fazer? Vais mesmo à casa do médico?

— Vou. E entre outras coisas, vou pedir-lhe um remédio para não teres tanta fome.

— Malcriado!

— Vai, vovô, vai comer.

— Vais mudar de roupa?

— Já é quase meio-dia, estou cansado. Tenho de desarrumar as malas, tomar a arrumar tudo. Acho que vou é dormir um pouco.

— Dormir? Ah! Vou é dar um passeio pelas cercanias. Vou à margem do Sena!

— Ver as lavadeiras? Ou comer as porcarias que por lá fazem?

— Pode ser... o peixe frito dali é excelente.

— Ora, vejamos... um duque!

— Vou ver se consigo alguns homens para vigiar a casa para nós.

— Tens medo? \*

— Medo, o duque de Luzardo? Ora!

— Bem, recolho-me. Deixo a porta aberta. Quando voltares, acorda-me.

— Vai, pirralho, vai.

— Amanhã procuro o Jean.

— Seja.

Jeanpaul recolheu-se e começou a abrir as valises, dependurando suas roupas em grande roupeiro. Tirou as roupas e ficou segurando, por instantes, o camafeu que a mãe lhe dera. Sorriu e o guardou em um porta-jóias. Livrou\* se das botas, pensou em tomar outro banho, mas a lassidão e o cansaço o tomou lodo. Atirou-se à cama e logo adormeceu. À noitinha, o avô regressou. Abriu a porta do quarto e mirou o neto dormindo a sono solto. Sorriu, acendeu um castiçal com duas enormes velas, ajeitou as cobertas sobre o rapaz, murmurando baixinho: — Vem tempestade por aí. Vai fazer frio. — E saiu, fechando a porta do quarto. Percorreu a casa, fechou as portas, as cortinas do salão, atravessou-o, cerrando a grande porta que o separava das outras dependências e recolheu-se, acendendo uma vela, depondo em um criado-mudo suas pistolas. Bocejou e dormiu. Parecia-lhe mal ter pegado no sono, quando sentiu ser sacudido. Demorou a acordar. O círio ainda ardia.

— Quê — gritou.

— Silêncio, vovô.

— Jeanpaul... que há? — sentou-se — mal peguei no sono.

— Temos visitas, vovô.

— Visitas? A esta hora? Quem?

— Ladrões.

— Que? Minhas pistolas — e ergueu-se rápido. — Minhas roupas.

— Esquece as roupas, não faças barulho.

— Como sabes...

— Ouve.

— Diabos! Parecem estar duelando. Mon Dieu! Minha espada.

— Nada de espada. Tenho as minhas pistolas, tu, as tuas.

— Ah, Paris! O rei é o culpado. Onde estão?

— No salão. E têm archotes.

— Archotes? Vão incendiar a casa.

— Parecem lutar entre si. Vamos. Acende os lampiões.

— Andemos, logo — apressou-se o duque, acendendo dois archotes de resina.

— Cuidado, vovô.

— Ora, vamos, só podem ser bandidos e lutam entre si por alguma discórdia. Quem sabe por causa da divisão do roubo.

— Só atires quando te certificares de quem se trata.

— Ora, vou mandar bala.

— Cada pistola tem uma bala cada.

— São quatro, então.

— Andemos.

Ansiosos, correram até a porta que abriram de sopetão. Viram quando um homem careca, de estatura descomunal, atirar em outro, todo vestido de negro. O duque acionou a pistola, fazendo o rosto do careca desaparecer quase ao impacto da bala. Jeanpaul atirou no outro, que caiu. Rápido, puxou o percussor da pistola para atirar no mascarado que correu para o balcão.

— Atira, Jeanpaul — berrou o duque. — Mata o patife. Mas o homem de negro conseguiu pular para a rua. Ele correu até o balcão. Chovia. Nada mais viu. Retomou.

— Temos dois mortos — comunicou o duque.

— Sim, mais um ferido e este ileso, por enquanto.

— Não me mate, senhor — gritou o facínora.

— E por que não?

Já pessoas gritavam na rua, desesperadas pelo tiros.

— Que se passa aí? — gritou um.

Jeanpaul chegou ao balcão e gritou:

— Fomos assaltados. Por favor, alguém chame os gendarmes — e regressou.

— Mon Dieu! Sujaram tudo de sangue! — reclamava o duque.

Jeanpaul arrancou uma corda da cortina e amarrou solidamente o marginal. — Vigia-o. Vou-me vestir. Depois irás — e se retirava quando viu, no chão,

algo brilhante. Abaixou-se e surpreso perguntou:

— Meu camafeu?

— Perdeste-o?

— Como? Deixei-o quando me recolhi, no porta-jóias.

— Ora, deves tê-lo apanhado.

— Não, não... vou verificar — e correu para o quarto — abriu avidamente a peça. O camafeu lá estava!

— Mon Dieu ! Que se passa? É igual ao meu ! — Vestiu-se apressado, cingiu e voltou ao salão. Seu avô tinha outra surpresa.

— Olha — disse, estendendo uma espada, com lâmina suja de sangue — é igual a tua.

r— Dieu!

— Não há outra igual, neto. Só a tua e a que deste a Jean.

— Eo camafeu? O meu está no porta-jóias.

— Temo pelo pior.

— Que pensas, vovô? — inquiriu ele, preocupado e nervoso.

— Esses indivíduos roubaram estes objetos do teu amigo.

— Será que o fizeram?

— Esse aí terá que revelar.

Uma carruagem parou no portão. Jeanpaul foi até o balcão e voltou.

— Vovô, os gendarmes.

— Desce, filho, faze-os entrar.

\* \* \* \* \*

— Doutor, vem aí uma tempestade.

— Sim?

— E Jean não levou nenhum abrigo contra a chuva.

— Que pensas em fazer?

— Ela já deveria estar de volta. Vou em busca dela, doutor.

— Se queres, vai, Lenoir. Não te posso impedir. Leva uma capa.

— Já estou indo — e o homem saiu, sobraçando grossa capa. A chuva caía forte, nas ruas escuras de Paris, às vezes, iluminadas toscamente pela luz azulada dos relâmpagos. Lenoir ia quase correndo. Ia chegando à praça, quando viu, na claridade intermitente dos relâmpagos, um vulto que se aproximava cambaleante. Parou, observando, segurando o cabo da adaga. De repente, observou o vulto cair pesadamente no chão. Correu com o coração na mão, pois reconheceu, naquele vulto, as roupas negras que Jean usava. Aproximou-se célere. Ajoelhou-se e conferiu — era ela.

— Mon Dieu! — exclamou — e vendo o sangue que jorra va — Oh! meu Deus, não! — e carregou a moça, lívida, e pôs-se a correr, banhando-se no sangue da jovem que jorrava aos borbotões. Parecia nenhum peso levar. Chegando à casa, deu vários pontapés na porta, gritando pelo médico, que logo acorreu.

— Depressa, doutor, Jean morre — e adentrou com o precioso fardo para o consultório, depositando-o sobre a mesa.

— Acende velas, depressa, Lenoir. — O branco da toalha que cobria a mesa tingia-se rapidamente com o vermelho vivo do sangue da jovem. Lenoir apareceu com as velas acesas. Girardan abriu as vestes da mocinha e ante a luz das velas descobriu a enorme ferida na cabeça.

— Dá-me bandagens. Apanha aquele pote rápido. Tesoura, Lenoir — e começou a aplicar a poção no ferimento, enquanto apertava as têmporas da menina.

— Ela vai morrer? — inquiriu Lenoir.

— Tira as botas dela. Massageia-lhe os pés. Coitadinha... quanto sangue! — e aplicava as bandagens untadas com a poção. Conseguiu fazer estancar o sangue.

— Foi cutilada?

— Não, foi tiro. O couro cabeludo está queimado ao redor da ferida. Ilumina mais perto. Tenho que juntar as extremidades do ferimento.

— Ela não reage, doutor.

— Dá-me agulha e linha. Traze aquele pote — mergulhou a linha na substância do pote, enfiou a linha na agulha rústica e começou a suturar a ferida.

— Vai ficar uma feia cicatriz.

— Os cabelos a cobrirão, quando crescer.

— Ela vai ficar boa?

- Só Deus o sabe. Dê-me água açucarada, ela tem que beber. Depois, vai ao quintal, traze folhas de papoulas.
- Ela está encharcada, doutor.
- Traze a camisola.

Com extremo cuidado, os dois homens tiraram as vestes molhadas e sujas de sangue da moça, que não mexia.

- Doutor, ela está com os lábios roxos.

— Já vi. Vai, traze a água e colhe as papoulas. Rápido, Lenoir — cuidadosamente limpou-lhe o corpo, livrando-o de toda a sujeira, pondo-lhe em seguida, a camisola. Recebeu a água e, com cuidado, foi fazendo a menina engolir. Depois, colocou a destra sobre sua testa, fechou os olhos e começou a orar. Ouviu um suspiro profundo da jovem. Abriu os olhos, pressurosamente. A moça permanecia em estado de coma. Lenoir voltou com as papoulas.

— Macera-as bem, Lenoir — e continuou a derramar a água açucarada diretamente na garganta da moça. Pronta a infusão com a papoula, espalhou a pasta sobre o ferimento e aplicou uma bandagem.

- Agora, só temos que esperar.
- A respiração dela está muito fraca.
- Perdeu muito sangue.
- O dia nasce.

\* \* \* \* \*

Na residência do duque, após os cadáveres e o prisioneiro serem levados, os dois conversavam.

— Quando o dia clarear de todo, iremos à casa do doutor. Ele poderá nos informar sobre este estranho aparecimento do camafeu e da espada de Jean nesta casa.

- O meliante nada soube dizer sobre o fato. Parecia, realmente tudo ignorar.
- Lembra-te, vovô, que um deles, o vestido de negro, fugiu. Talvez ele soubesse de algo.
- Não entendi porque não atiraste.
- Ele foi rápido e com aquelas roupas, na escuridão, não tive condições.
- Não compreendo como Jean, que luta tão bem, tenha permitido lhe tirassem a espada e o camafeu!
- Isto também me preocupa. Alguma traição?
- Só espero que ele esteja bem.

— Que noite ! Tenho que arranjar uns homens para limpar toda essa sujeira... quanto sangue! Até na varanda...

— O que fugiu deve estar ferido.

— Foi aquele brutamontes, que acertei, quem atirou nele. Não sei como não o matou!

— Que motivo os teriam levado a se degladiarem?

— Talvez questões de partilha.

— Mas, Jeanpaul, eles sequer adentraram a casa... não saíram do salão.

— E verdade. Briga por chefia, talvez.

— Sei lá... Já é dia. Vai tu à casa do médico. Eu o encontrarei lá. Eu cuido de providenciar alguém para ajeitar tudo isso. E ainda preciso passar na Gendarmeria.

— Está bem, eu vou. E vou a pé.

— É verdade, não temos ninguém para atrelar a carruagem.

— Ora, não é tão longe. E preciso andar, vovô.

— Vai, fedelho.

— Boa pontaria, vovô, erras ao atirares em um javali e acertas um homem.

— Prefiro pensar que matei um animal. Sinto-me melhor assim.

— Não tenhas dúvida. Bem, vovô, saio agora. Espero-te lá, em casa do doutor.

— Vai. Mas, vou conseguir alguém que me atrelem os cavalos. Não é de bom gosto um duque andar a pé pelas ruas.

— Faz como quiseres. Espero-te.

O sol, muito embora ainda medroso, escondendo-se atrás de algumas nuvens negras, conseguia iluminar a cidade, cujas ruas ostentavam imensas poças d'água. Jeanpaul tinha, às vezes, que pular pequenos riachos que, barulhentos, penetravam nos esgotos. Procurou algum vestígio da passagem do homem de negro, mas a chuva lavara tudo. Não deu maior importância e continuou. Aquela hora, já na praça em frente da entrada para a rua em que residia o doutor Girardan, parou em um dos inúmeros vendeiros que povoavam todas as manhãs aquela praça. Comprou uma cesta com pêssegos e framboesas, tomou um caldo quente com dois pequenos arenques defumados, tirou uns dedos de prosa com o vendeiro e prosseguiu o caminho. Já as ruas se enchiam de pessoas, grandes carroças abarrotadas de gêneros os mais variados, carruagens que se enlrecruzavam, homens a cavalo, um troço de mosqueteiros que retomavam ao quartel. A cidade já estava acordada. Finalmente, chegou à casa do médico. Segurou a grande argola de ferro e bateu, algumas vezes. Não foi atendida. Esperou e voltou a acionar a aldrava. Nada. — Será que não há ninguém em casa? — Pensou. Aguardou mais alguns minutos e tomou a bater. O postigo abriu-se e a carantonha de Lenoir surgiu.

— Que queres? — perguntou.

— Senhor, não me reconheces?

O homem por trás da porta o olhou mais acuradamente, depois, sorriu, e em tom prazeroso, manifestou-se:

— Ah! És o neto do duque! Espera, senhor — o postigo fechou-se, Lenoir correu ao quarto.

— Doutor, doutor...

— Que há agora, Lenoir?

— O neto do duque de Luzardo está aqui. Que faço? Mando-o embora?

— Jeanpaul? — inquiriu o médico, cujas olheiras destacavam-se no rosto cansado.

— Sim, este. Que faço?

— Louvado seja Deus! — exclamou Girardan.

— Como é, doutor?

— Deixa-o entrar.

— Mas, e a menina?

— Leva-o para a sala. Falarei com ele.

— Vais dizer-lhe tudo?

— Isto pode ser útil para ela, Lenoir. Os corações de ambos estão ligados espiritualmente. É uma excelente terapia para ela.

— Mas está tão fraca...

— Faze-o entrar.

Lenoir foi até a porta, retirou as pesadas trancas e abriu-a.

— Queiras entrar, senhor duque.

— Não sou duque, senhor... O duque é meu avô. Sou, tão só o amigo de Jean. Ele está?

— Entra, o doutor esperava. Guio-te — e encaminhou o rapaz até à sala. — Senta. O doutor já vem. Queres uma bebida?

- Não, obrigado. Eu aguardo.
- Não demorou muito e o médico apareceu. Ele se levantou, tirando o chapéu, respeitosamente, e o colocou sobre a mesa.
- Olá, Jeanpaul — saudou-o Girardan.
- Meus respeitos, senhor—e estendeu a cesta com as frutas para o médico.
- Oh! Pêssegos e framboesas, que bom! Agradeço-te a cortesia, jovem. Mas, senta-te.
- Doutor, estás cansado. Noto por estas enormes olheiras. Não tens dormido?
- Jovem...
- Perdão—atalhou Jeanpaul—pergunto, por saber que és um incansável protetor da pobreza. Jean contou-me.
- Realmente, estou cansado, mal dormido. Mas isto não importa. É sempre um enorme prazer receber-te. Como está o avô?
- Bem. Logo estará aqui para buscar-me.
- Chegaste quando?
- Antes do dia de ontem. Nos adiantamos um dia. Chegamos pela manhã. Quis vir logo aqui visitar meu amigo Jean, mas, o senhor sabe o que acontece quando retomamos de viagem tão longa. Valises a serem abertas, roupas a arrumar, empregados de folga. E tantas outras coisas, afora a estafa.
- Por quê? Aconteceu algo?
- Não, sossega.
- O Jean não está?
- Não, o Jean não.
- Doutor, estou muito preocupado. Espero possas esclarecer-me algumas questões.
- O que estiver ao meu alcance, estou a teu dispor—e para Lenoir—Fica ao lado de nossa paciente. Dá-lhe a água.
- Sim, doutor.
- Perdão, perdão, eu não te quero atrapalhar, já que tens um paciente — e tentou levantar-se. O médico o impediu.
- Não, não te apoquentes. Em verdade, és o melhor remédio para ele. Jeanpaul o encarou surpreso.
- Eu? Não entendi.
- Entenderás em breve. Estou pronto para as tuas perguntas. Podes começar.
- Doutor—eo rapaz juntou as mãos, cruzando os dedos, aparentando certo nervosismo — fomos assaltados ontem à noite, perto da madrugada. Cinco meliantes invadiram a casa de meu avô. Não sei porque, brigaram entre si. Creio que não esperavam estivéssemos em casa — e o rapaz discorreu sobre o acontecido.
- O médico ouvia com atenção.
- O que não entendo, doutor, é como o camafeu que minha mãe presenteou ao Jean, no dia do nosso aniversário, e que é igual a este — e mostrou a bela jóia pendente em seu peito — aparecesse no salão da casa do meu avô. Do mesmo modo, a espada de Jean, igual à minha. Dize-me, doutor, Jean foi roubado?
- Girardan coçou os cabelos, suspirou e começou:
- Escuta, Jeanpaul. Escuta com muita atenção.
- Fala, doutor.
- Ontem, pela manhã, bem cedo, Jean esteve aqui. Estava transtornado. —Como assim?—o rapaz estava visivelmente nervoso, quase angustiado.
- Deixa que eu fale, filho. Tem calma.
- Desculpe, continua.
- **Ele soube que alguns meliantes, inimigos de seu pai, inclusive um brutamontes careca, a quem vencera em duelo quando retomou de Alençon, planejavam invadir a casa de teu avô para roubar.**
- **Um careca enorme?**
- **Sim, era o chefe.**
- **Meu avô o abateu com um tiro de pistola.**
- **Bem, ele pediu-me para ficar até a noite, revelando que iria esperar os malfeitores em tua casa, para defender os pertences do duque, então ausente. Quis demovê-lo sem êxito.**
- **Por que não avisou aos gendarmes?**
- **Ele resistiu a esse alvitre. Insistiu em ir só, para evitar o assalto à propriedade daqueles que foram tão bondosos com ele. Dormiu toda a tarde e ficamos conversando até o início da madrugada. Lenoir tentou acompanhá-lo. Recusou. A noite estava escura, prenunciando tempestade. Vestiu-se todo de negro, um lenço cobrindo o rosto e saiu, pedindo-me antes que se algo saísse errado e não voltasse, eu contasse tudo a ti e amparasse sua irmã Cccille e desapareceu na noite. Levava o camafeu no peito.**
- **Mon Dieu! — o rapaz, inquieto, levantou-se, andou nervoso de um lado para o outro. — Vestido de negro? Com uma enorme capa?**
- **Sim, sim.**
- **Então, foi ele que levou o tiro do bandido, quando entramos, eu e meu avô, no salão!**
- **O médico balançou afirmativamente a cabeça.**
- **Depois ergueu-se, olhou-nos. Eu vi à luz do archote. Meu avô liquidou o homem, eu atirei no outro. Vi o de negro sair correndo para o balcão. Meu avô mandou-me persegui-lo, gritando-me que atirasse. Ele pulou para a rua. Ainda tentei vislumbrá-lo para atirar, debruçando-me no balcão, mas não consegui; a escuridão era total. Havia sangue, muito sangue na varanda. Ele está ferido? Morto? — e arregalou os olhos. — Não, doutor... diga que não, por favor.**
- **Senta-te, jovem. Trarei água, espera—e foi a uma prateleira, tirou água de um recipiente, voltando. Jeanpaul tinha a cabeça entre as mãos.**
- **Toma, filho. Bebe.**
- **Com as mãos trêmulas, o jovem tomou o copo e bebeu sofregamente.**
- **Meu Deus! Que temeridade! Sozinho, contra quatro malfeitores... deixou um fora do combate; e apresentava um ferimento à espada. Que valente! Vamos, doutor, onde está ele?**
- **Disse-te, quando chegaste, que seria o melhor remédio para ele.**
- **Sim, sim, que querias dizer?**
- **Ele te ama muito, Jeanpaul.**
- Sei e eu a ele... somos quais irmãos.
- Como irmãos... — murmurou o médico.
- Podes crer, senhor.
- É isto que me preocupa, filho.
- Por quê?
- Logo verás.

— Doutor, por que tanto mistério? Onde está Jean? Sei que estás com uma paciente. Eu o vi dar ordens ao teu auxiliar. Porque não poupas o nosso tempo? Poderás regressar para o lado de tua doente.

— Ouve... batem à porta.

— Deve ser meu avô que ficou de passar aqui para apanhar-me.

— Vamos ver.

Era o duque. O médico abriu a porta.

— Bon jour, docteur! — cumprimentou ele.

— Bom dia, senhor duque. Podes entrar.

— Não é necessário, doutor. Só vim buscar meu neto.

— Perdão, senhor, mas lua presença se faz necessária.

O duque, desconfiado, tirou o chapéu e entrou.

— Que se passa? — indagou — Algo com Jean?

— Ah, vovô! Tanta coisa...

— Vou-lhes levar até Jean.

— Ótimo. Vovô, aquele homem de negro que fugiu, lembras-te?

— Por que? — perguntou surpreso o duque.

— Era Jean, vovô.

— Jean? Que história é esta? E que fazia Jean em nossa casa, na calada da noite?

— Defendia-a, vovô.

— Maroto, que história é esta? — e o duque parou, encarando o neto.

— Ele soube que iam assaltar a casa e correu para tentar evitar a ação dos bandidos.

— Mas...

— Eis como encontramos o camafeu e a espada.

— Céus! Então, ele está ferido. O animal atirou nele.

— Perdão, senhor duque — interrompeu o médico — saberás dos detalhes por teu neto, logo mais. Agora, os dois vão ver Jean.

— Está muito ferido?

— Sim, está. Mas, preparai-vos para uma surpresa ainda maior.

— Voyons!<sup>49</sup>

Entraram no consultório. Lenoir estava sentado ao lado da mesa onde jazia Jean.

— Ei-lo.

Os dois aproximaram-se. A jovem pálida como cera, tinha os olhos fechados. Sua fisionomia era serena. Asbandagens lhe cobriam parte da cabeça. Lenoir levantou-se.

— Deus, como está pálido.

— Perdeu muito sangue.

— Como conseguiu chegar até aqui?

— Chovia. Lenoir resolveu ir à sua procura. E o encontrou caído.

— Coitado. Já voltou a si?

— Não.

— Com risco de vida? — Indagou o duque.

— É grave, senhor.

— Podemos transferi-lo para o médico da Corte.

— Não pode ser removido, ainda.

Jeanpaul acercou-se da jovem e segurou-lhe a mão sobre os lençóis. Olhos marejados, instintivamente murmurou:

— Luta, Jean, Luta. És forte, já venceste tantos. Não desiste, amigo, porfia — o avô o abraçou ao tempo em que falava ao médico — que achas que vai precisar doutor? É só dizer. Tudo faremos por este valente. Não tenho palavras para agradecer este preto de amizade—e, por sua vez, pegou a outra mão de Jean, até então encoberta, pois o médico puxara o lençol.

— Está fria...

— É natural, sossega.

— Uma mãozinha destas, quem diria que poderia sustentar uma espada em duelo! Tão delicada...

Girardan olhou para Lenoir, significativamente. Depois, declarou:

— Não é só a mão que é delicada. Todo o conjunto o é.

Jeanpaul olhou para o avô, este para o doutor, sem nada observar. O médico

puxou mais o lençol, descobrindo metade do corpo da jovem. Uma camisola branca e sob ela o contorno dos seios, soltos. Estupefados, ambos, olhos arregalados fixavam a evidência, até, então, inconcebível.

— Que?

— Jean é mulher, senhores.

— Hein? — quase gritou o duque.

— Mulher? — Jeanpaul cambaleou — apurando-se, curvou-se sobre a jovem — Mon Dieu! Sempre foi?

O médico sorriu.

— Claro, desde que nasceu.

— Mas... como pode ser isto? Como fomos enganados? Eu, meus pais, meu avô, todos...

— Não teus pais. Eles estavam a par da situação.

O rapaz passou as mãos pelos cabelos transtornado. O duque permanecia calado, fitando o rosto sereno da mocinha. Curvou-se, pôs as costas da mão em sua testa e manifestou-se, sincero:

— Pobre criança, ela é linda!

Jeanpaul retirou-se. O doutor Girardan ia segui-lo, mas o duque o impediu.

— Deixa-o, doutor, deixa-o. Ele precisa de tempo e muita reflexão — e segurando a mão da jovem a beijou, em seguida, ajeitou-lhe os lençóis, cobrindo-a. — Tens que ficar boa, minha filha. Deus será bondoso para contigo e permitirá que saias deste sono.

— Dá-lhe mais líquido, Lenoir — recomendou o médico. — e troques as bandagens.

— Ainda sangra?

— Não, só soro. A infusão que estou administrando é cicatrizante e anestésica ao mesmo tempo. Ela não sente dor.

— E o líquido?

— Refaz a água que perdeu e compensa o soro de que também se vem privando.

— Na Inglaterra já se faz transfusão de sangue.

<sup>49</sup> (46) Vamos.

—Sei. Eu poderia fazer... de braço a braço... e talvez faça. Só espero ordens.

— Ordens? De quem?

— Teu neto é o melhor remédio que ela tem, caro duque.

— Não entendo e esperas ordens de quem?

— De certos amigos.

— Ah! Consultaste outros médicos?

— De certa forma.

— E como meu neto é o remédio de que ela precisa?

—Verás em breve. Vamos, vamos a ele. O Lenoir cuidará dela.—Saíram. Encontraram Jeanpaul debruçado sobre a mesa, soluçante.

— Meu neto... — extemou-se o duque, afagando-lhe os cabelos. — Ele levantou a cabeça. O rosto estava coberto de lágrimas.

— Por que ele me enganou, vovô? Por que?

— Não sei, menino, não sei.

— Tanto tempo passamos juntos. Cavalgamos, caçamos e até duelamos.

— E namoraram.

— Ele beijou Françoise. Fiquei orgulhoso mas, com ciúmes.

— Senhores, escutai-me. Mereceis uma explicação e a tenho. Ouvi-me, por favor. Depois, Jeanpaul, dir-me-ás se a queres salvar.

— Salvá-la? E depende de mim?

—Saberás. Agora, ouvi—e o médico passou a discorrer sobre os fatos que culminaram com a situação vivida por Jean. Calados, ambos ouviram respeitosos e admirados.

— Surpreendente! — exclamou o duque. — Como um pai pode infligir tal sofrimento a um filho? Esse homem devia ser louco.

— Não, não era. Não deveria ter adotado semelhante atitude, todavia, em contrapartida, cumulou a filha com um dote extraordinário. Viveu para ela. É agora senhora de respeitável fortuna.

— Mas expor-se a tantos perigos...

—É verdade. E, antes dela sair para defender vossa casa, estive com umas das irmãs a quem confiou tudo. E tinha a intenção de contar-vos o que acontecia. Temia, contudo, a reação de Jeanpaul, a quem muito ama.

— Nossa Senhora de Paris! — exclamou o jovem, voltando a soluçar. — Agora compreendo certas coisas.

— Quais?

— A recusa dela de juntar-se a nós no banho, no lago, lembras-te, vovô?

— Claro.

— A cavalgada, dormir no mesmo quarto que eu, ficar sempre com aquele colete...

— E o beijo de Françoise?

— Encenação pura. Como deve ter-se sentido mal!

— Protestava sempre dor de garganta.

— Sim, e minha mãe, ciente da verdade, sempre a amparando. Passo agora a entender tudo.

— Pátio dos Milagres ! Deus, que horror! — reagiu o fidalgo. — Como deve ter sofrido! Coitadinha!

— Doutor, doutor! — a voz angustiada de Lenoir, que apareceu na sala, atraiu a atenção do grupo. Ergueram-se todos.

— Que foi?

— A temperatura dela caiu. A respiração está presa.

— Mon Dieu! — e precipitaram-se para o consultório. — O médico os deixou entrar e permaneceu fora. Pôs a mão na testa, andou um pouco.

— Doutor, corre, ela está mal—gritou o duque, assomando à porta/—Que fazes homem? Anda...

O médico recobrou a serenidade. Entrou. Jeanpaul segurava a mão de Jean, junto ao peito. Chorava. A moça, vez por outra suspirava. Sem no entanto mexer-se ou abrir os olhos.

— Ela está fria. Meu Deus! Faze alguma coisa, doutor. — Ora, vou mandar chamar o médico da Corte — rugiu o duque.

— Calma, senhor — pediu Girardan.

— Não disseste esperar uma ordem? De quem?

— Já recebi. Tranqüiliza-te — e para o ajudante — Lenoir, traze aquela mesa, junta-a à que Jean está.

— Mas é muito alta, doutor.

— Por isso mesmo.

— Eu ajudo — ofereceu-se o nobre.

Unidas as mesas, o médico foi a um móvel, tirou dele uma comprida tripa de um recipiente, enxugou-a no avental, fixou duas agulhas feitas ao que parecia de hastes de bambu, e olhando para Jeanpaul, falou, sorrindo:

— Não te disse, filho, que serias o principal remédio para ela?

O jovem olhou surpreso.

—Vem, deita-te nesta mesa—e para Lenoir—Afasta-a para que eu possa ficar entre alas. Vamos, jovem, deita-te.

Jeanpaul olhou para o avô e logo subiu à mesa, deitando-se. O médico, sem nenhuma assepsia, arregaçou-lhe a manga da camisa, bateu-lhe com dois dedos na veia localizada da junção do braço com antebraço, segurou com os dedos a ponta da agulha da extremidade voltada para Jean e espetou-a. Calmamente, ele fez o mesmo no braço da moça. Todos olhavam expectantes. Viram o sangue correr forte pela tripa, controlada por Girardan, ora erguendo-a ora, baixando-a. Jean parou de suspirar. Ao cabo de alguns minutos, ele retirou a agulha da veia do rapaz, apertando aponta que logo, rápido, soltou. Um fino jato de sangue esguichou. Tomou a pressionar e retirou a outra do braço da jovem.

— Curva o braço, Jeanpaul — fez o mesmo no de Jean. — Dá-lhe água, Lenoir. E para o nosso amigo, faze um suco das framboesas que ele me trouxe. — O duque o olhava perplexo — E, Lenoir, agasalha-a com uma colcha bem grossa. Quando ela começar a suar estará fora de perigo — e saiu.

Lenoir cumpriu à risca as recomendações. Jeanpaul desceu da mesa, examinou a picada da agulha, recompôs a manga da camisa e foi para o lado de Jean, tomou-lhe a mão e beijou-a.

—Vou-me, filho. Providenciarei algumas frutas. Depois, irei ver como está a limpeza da casa. Volto em seguida.

— Vai, vovô — e permaneceu na vigília.

Lenoir agasalhou a doente e ofereceu o suco ao rapaz, que o sorveu. Depois, trouxe-lhe uma cadeira. Sentado, continuou segurando a mão da jovem. Lenoir saiu. Encontrou o médico sentado, cotovelos fincados na mesa.

— E quanto a ele?

— É carnívoro. Se bem o conheço, trará carne.

— Lenoir porá algumas poltronas no consultório, assim ficaremos melhor acomodados.

Como previra Jeanpaul, o avô retomou sobraçando grande valise.

—Aqui estão algumas frutas frescas, peixe e carne de vitela.—E ela como está?

— Ah, vovô, melhorando.

— Graças a Deus, neto—e deu-lhe um tapinha no ombro. — Salvaste-lhe a vida, neto.

— Eu?

— Dize-lhe, doutor.

: — É verdade, filho. Foste o instrumento para a sua recuperação!

O duque entregou a valise a Lenoir e perguntou ao médico:

— Doutor, por que não fizeste a transfusão antes?

— Havia pensado nisto. Mas como vos disse, aguardava ordens.

— Mas ordens de quem? Aqui, não estava ninguém.

O médico ignorou a a observação e continuou:

— Precisava saber se o sangue do teu neto era compatível com o de Jean, il-é— Eera?

— Mas, claro.

— E quem o disse?

— Ah! Meu caro duque, esta a razão de me considerarem bruxo.

Não entendi.

— Vovô, o doutor comunica-se com os mortos. Ouvi mamãe falando sobre isto. Esqueçamos o ocorrido. O que nos interessa é que Jean está reagindo.

— É, o meu estômago também.

— Que coisa, vovô, como o senhor come!

— Preciso sustentar o corpo. Siefrid soube do ocorrido e retomou com a esposa. Está tudo em ordem. O sobrevivente confessou que toda a ocorrência foi fruto de uma trama urdida com o fim de matar Jean. Não sabiam que havíamos regressado.

— Miseráveis!

— Receberam o que mereciam.

— Bem, enquanto conversam, vou ficar do lado de Jean—avisou Jeanpaul, e assim fez. — Ela parecia dormir tranquilamente.

— Como está ela, Lenoir?

— Pareceu um milagre, doutor. Os pés estão voltando a ficar quentes.

— Milagres existem, meu amigo.

— Não dormimos desde ontem, doutor. Por que não vais descansar um pouco?

— Não, não estou cansado. Quero estar por perto quando ela despertar.

— Vou acender o fogo. Quando ela voltar a si, quem sabe não tenha fome? — Deixa um caldo de verduras pronto. Esquentarás se ela quiser.

Jeanpaul, saindo do quarto, apressado, foi em direção deles. O médico levantou a cabeça.

— Que foi, jovem?

— Há alguma mulher aqui, doutor?

— **Não, por quê?**

— Uma enfermeira?

— Não, não há., mas que houve?

— Ela se molhou toda, doutor — declarou ele, meio constrangido.

— Oh! que bom, graças a Deus! — exclamou o médico, levantando os braços.

— Doutor—continuou o rapaz—estou a dizer-te que ela se molhou toda.

— Queres dizer, urinou.

— Sim, sim, é isto.

— Isto quer dizer, meu jovem, que o organismo começou a reagir. É um ótimo prognóstico.

— E não há uma atendente para mudar-lhe a roupa?

— Tranqüiliza-te. Eu faço isto.

— O senhor?

— Sou médico. Traze um calção e uma camisola, Lenoir. E água morna com uma toalha.

Doutor Girardan demorou-se pouco no consultório. Quando saiu, sorrindo, afirmou:

— Tudo pronto. Tudo limpo. Ela começou a suar. A respiração está normal.

— Posso ficar com ela?

— Mas claro, rapaz. E deves. Mas, necessitas alimentar.

— Não te preocupes. Vovô foi buscar frutas. Logo estará aqui.

Segurou-lhe a mão, beijou-a e ficou embevecido a contemplá-la. Depois, curvou-se para ela e declarou-se:

— Amo-te, sua doidinha—e beijou-lhe os lábios, que já estavam quentes.

O doutor Girardan havia retirado a colcha grossa, deixando apenas um lençol sobre ela. Sua frente porejava de suor.

—Necessitavas fazer o que fizeste, meu amor? Não sei se eu desconfiava... era qualquer coisa que me martelava a cabeça. Perdão, meu amor, por não ter podido interpretar os sentimentos que me animavam. Eu sentia ciúmes. Aquela sensação esquisita quando beijaste Françoise... Ah, Jean! Eu te amava e não sabia. Cheguei a duvidar de minha masculinidade, amor, porque amava-te e um homem não pode amar outro, senão pais, irmãos... mas eras homem.

Enquanto falava, osculava-lhe a mão, afagava-lhe os cabelos — Luta, minha querida, luta, para que vivas e eu possa ajoelhar-me a teus pés e pedir perdão.

Sentiu duas mãos apoiarem-se em seus ombros. Assustou-se, quis voltar-se, mas a pressão aumentou. Uma voz cíciosa falou-lhe:

— Tem calma. Concentra teu olhar nela.

— Quem és?

— Um amigo.

— Por que me seguras?

— Não o faço, podes voltar-te.

Jeanpaul virou-se. E, levantando-se, ficou frente a frente com um moço de cabelos compridos, envergando camisa com peitilho de rendas, cujas mangas folgadas, estendiam-se até os pulsos, cingindo-os; os calções flocados da cintura até às coxas, dali em diante, as pernas enfiadas em meias de malha fina, tinha os pés metidos em sapatos baixos, ostentando grande fivela na parte superior.

— Então, por que não me chamaste? O doutor deixou-me só, com ela. Que queres?

— Não há necessidade de pedires perdão. Ao despertar, gradativamente, ela se lembrará de tudo. Continues falando com ela. Sabes, ela está ouvindo.

— Mas, quem és tu? Naturalmente, um amigo, já que o médico deixou-te entrar.

— Vós tendes muito que nos dar.

— Dar? Como?

— Sossega. Volta a falar com ela como estavas fazendo. — Adiantou-se, pôs as mãos a uns dois centímetros da cabeça da jovem e, depois de algum tempo, prosseguiu:

• — Permaneças com ela. Mantém-te conversando. Vou-me.

Jeanpaul ficou olhando o estranho sair do recinto. Voltou-se para a doente, pegou-lhe a mão. Todavia, indagava-se — como o doutor deixou este homem entrar aqui? Por certo, outro médico. Continuar falando? Mas, não era isto que estava fazendo?

— Amo-te, menina. Acorda para mim. Fala comigo. Não há mais o que pensar. Amo-te, Jean.

\* ac \* \* \* .

— Vês, irmão, como é o amor que tudo redime? Através do sofrimento, depura-se o espírito.

— Sabias de tudo, não, Suzanne?

— Sim, querido. O bondoso irmão médico entrou em contato com o doutor Girardan, instruindo-o sobre como proceder. E ele seguiu tudo à risca.

— Havia necessidade dela passar por tudo isto? Sofrer tanto para revelar-se a mulher que é?

— Creio que sim, ou não teria sido como foi. Ela, por certo, como já disse, deve ou devia ter algum resquício de culpa antiga, que não sei qual. Ou algo que só encontraremos esclarecimentos através de nossos Mentores.

— E quanto a nós?

— Como?

— Após encarnarmos como filhos dela e do Jeanpaul, terminará aí a via- crúcis deles e também a nossa?

Suzanne o abraçou, sorrindo.

— Não me é dado saber, querido. Se a vida carnal é uma escola, busquemos não ser repetentes, pugnando por alcançar um diploma que nos dará direito a ingressar em uma escola superior. Mas, e tu, foste vê-la...

— Sim. Ele lá estava, como um guardião. Questionou minha presença. Quase exacerbou-se. Mas dei o passe que pediste.

— Ótimo, querido. Tudo irá bem.

\* \* \* \* \*

A noite caíra. Os lampiões foram acesos na casa do doutor Girardan. Lenoir dispusera algumas poltronas no consultório. Jeanpaul continuava de mãos dadas com a doente.

— Então, neto? Ela mexeu?

— Não, vovô, não. Mas está quente, parece estar em sono profundo.

— É assim mesmo — interveio o médico. — E, quanto a ti, meu jovem, tens de comer.

— Não tenho fome.

— Ora, temos uma vitela assada.

— Come tu, vovô.

— Comer? Mas, já o fiz, neto. Só falta tu.

— Eu sabia, não páras mesmo de comer, a não ser quando doimes. Doutor, dá um remédio para evitar isto. Ele já está velho.

Girardan sorriu, enquanto o duque reagia, veemente:

— Velho? Só é velho quem quer, filho. Aqueles que param a contemplar pacificamente a ruína das células. Mas aqueles que não têm tempo para envelhecer e conservam a mente ágil, recuperam até as células em fase de decrepitude. Assim, são mentalmente jovens até o corpo não mais agüentar.

— Doutor — e Jeanpaul virou-se para ele, deixando cuidadosamente a mão de Jean sobre o leito — aquele jovem que aqui esteve, por que não me avisaste?

— Mas, que jovem, meu neto? Aqui ninguém entrou.

— Ora, vovô, deixa eu falar com o médico. E só o faço porque temo tê-lo tratado mal. Afinal, o senhor mesmo disse que ninguém entraria no quarto. Quem era ele, doutor?

— Diable! Não disse que eu, o doutor e Lenoir estávamos juntos? Quem entraria que não nos apercebéssemos? Estás delirando? Ou é falta de alimento?

— Vovô — e Jeanpaul ia-se levantar. — O médico pôs-lhe a mão no ombro, tranquilizando-o:

— Calma, filho, calma.

— Mas o moço estava aqui. Senti-lhe a pressão das mãos nos meus ombros. Depois ele me pediu que continuasse falando com Jean, que ela ouvia tudo e que se lembraria. Em seguida, ficou com as palmas das mãos a alguma distância da cabeça dela. E disse “sabes, irmão”, tendes muito a nos dar. — E saiu, por aquela porta, ninguém o viu? Usava calções antigos, sem armas.

— Voilà! — exclamou o médico. — Sossega. Eu sei quem foi. Efetivamente, dei-lhe entrada no recinto — e piscou para o duque, que já ia falar. — Não tive tempo de avisar-te.

— Ah! — acalmou-se ele, voltando a pegar a mão da moça entre as suas — Vovô, a espada e o camafeu?

— Estão na carruagem.

— Por favor, traze-os. Quero-os aqui.

— Mas...

O olhar de Jeanpaul desarmou o velho duque. Saiu do quarto sem palavra, retomando em seguida com as peças.

— Dá-me o camafeu.

Com cuidado, prendeu-o à camisola da jovem.

— E a espada?

— Deixa-a ali — e apontou um canto junto à estante.



— Está ainda com sangue coagulado.

— Eu a limperei — falou Lenoir.

— Traz, Lenoir, por favor, um cesto com frutas. Deixa-o ao lado de Jeanpaul. E o caldo?

— Conservo o fogo aceso.

— Pelo visto, permaneceremos todos aqui — disse o médico.

— Se me permite — adiantou-se o duque — dormirei na carruagem. Sou muito gordo.

— Não, senhor duque, ficarás aqui. Quando Jean despertar sentir-se-á feliz em nos ver a todos — rugiu Jeanpaul.

— Mas, neto, o espaço...

— Traze tuas almofadas da carruagem, põe no chão e deitá-te.

— Etu?

— Fico aqui.

— Comes?

— Não tenho fome.

— Bem, vou em busca das almofadas. Despacho a carruagem.

— Não vovô. O cocheiro pode dormir aqui.

— E os cavalos?

— Eu me encarrego deles, senhor—disse Lenoir. Não te preocupes. E ficais aqui. Trarei as almofadas — e afastou-se.

— Vês? Como sempre, tudo às mãos—observou Jeanpaul—acrescentando — por favor, doutor, dize a meu avô para se aquietar. E uma só vela acesa.

— Certo, filho. Ficaremos fora do consultório. Lenoir disporá as almofadas. Fica com ela — e saíram.

O jovem concentrou-se em Jean. Beijava-lhe as mãos, enquanto manifestava-se carinhoso — Amo-te, Jean. Volta para mim. Vamos passear pelo bosque, cavalgar, brincar com Diana. Acorda, amor, ou eu também morro contigo.

Estava cansado o rapaz. Desabotoou o cinto, deixando-o cair no chão, com a espada. Fez o mesmo com a blusa e curvando-se, deixou a cabeça pender junto à de Jean, aspirou seus cabelos que rescendiam a remédio e, segurando a mão da jovem, cedo adormeceu. Viu-se em sonho nas mais diversas situações—ora, com a avó Suzanne, logo em seguida, com os pais, a cadela. A certa altura, estava de mãos dadas com Jean. Todavia, ele era mulher, ela, homem! Sabia que era ele naquele corpo feminino e ela, sua Jean, o guapo rapaz ao seu lado. Ouviu alguém declarar— \* ‘Não importa o corpo que abrigue um espírito. Todos são iguais!’\*\*

A madrugada ia alta. Ele sentiu um afago no cabelos. Abriu os olhos cansados, pensando ver o avô a seu lado, mas descobriu-se curvando sobre a cama de Jean. E a mão continuou a correr-lhe pela cabeça. Ele se foi virando, lentamente. Apenas uma vela iluminava o ambiente. Levantando a cabeça, deu com o rosto de Jean sorrindo para ele, olhos abertos a acariciando-lhe os cabelos. Não se conteve. As lágrimas automaticamente lhe saltaram dos olhos. Levantou-se:

— Jean! — murmurou.

— Querido...

— Meu Deus! — e pôs-se a chorar convulsivamente.

— Amo-te, Jeanpaul. Perdoe-me.

— Jean, Jean—e começou a beijar-lhe o rosto, os lábios, até que ela gemeu, acordando-o para a real situação.

— Ai, Deus! Desculpa, amor.

— Onde estou, Jeanpaul? Tua casa, os bandidos... Safeth...

— Tudo acabou, minha querida.

— Querida? Sou homem.

— Sei, sei, és mais que um homem em coragem.

— Jeanpaul...

— Estou aqui.

— O duque?

— Está bem, meu amor, está bem.

— Cecille?

— Cecille? Quem é querida?

— Minha irmã, Jeanpaul.

— Sim?

— Tua avó, dona Suzanne... eu estive com ela. Tu me chamaste, eu voltei.

— Eu te amo, Jean.

— Esta vela.

— É noite, querida.

— O doutor Girardan? Lenoir?

— Todos estão bem, amor.

— Feri um, acertei Safeth, a porta abriu-se. Safeth acertou-me um tiro. Te vi, corri, pulei... Jeanpaul, estamos no céu?

— Não, amor, não. Voltaste de lá.

— Onde estão todos?

— Dormem, querida.

— Tenho sono.

— Sei, amor, sei, descansa.

— Jeanpaul... Estou com fome.

— Ah!—exclamou o jovem, sorrindo, enquanto um castiçal com três velas foram acesas. Ele virou-se rápido e deu com o duque, o doutor Girardan e Lenoir ao lado.

— Doutor! — gritou ele — ela está com fome!

— Acende mais velas, Lenoir—ressou a voz animada do duque.—Quero ver minha doente — e curvou-se no leito. — Olá, Jean!

— Senhor duque — murmurou ela, sorrindo, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto — estás bem?

— Mas, claro, minha querida. Queres um javali? Vou caçá-lo agora, só para ti. — Ela sorriu.

— Tua casa...

— Já sei, sossega, menina. Não haverá jamais para mim uma maneira de retribuir-te o abnegado gesto — beijou-a na testa.

— Doutor Girardan — chamou ela. — Estou doente?

— Mas, claro, filha, como não?

— Minha espada?

— Guardada.

— Cecille?

- Amanhã a chamo cá.
- Não vejo Lenoir.
- Foi buscar algo para ti, não estás com fome?
- Sim.
- Sentes dores?
- A cabeça, dói-me um pouco.
- É bom sinal. Dar-te-ei uma medicação, logo após te alimentares e a dor passará.
- Contaste tudo ao Jeanpaul? Ele me perdoou?
- Menina, o rapaz não arredou pé da cabeceira. Ei-lo que volta com tua comida. Fica com ele. Preparo um remédio para a dor.
- Jean, amo-te.
- Jeanpaul, e Françoise?
- Ah! Lembras-te? Depois conversaremos. Agora, vamos lá. Temos este caldo gostoso.
- O duque foi caçar javalis?

Ele olhou para o médico.

— Calma, ela está concatenando as idéias. Dá-lhe a sopa — continuou ele para Jeanpaul, enquanto ajudava o duque a levantar os travesseiros.—Solicito, o jovem foi pondo as colheres na boca da enferma. Ela bebia com satisfação. Após algumas colheradas, o médico manifestou-se:

- Chega, meu rapaz.
- Mas, senhor, ela está com fome. Quer mais.
- Não convém exceder, por enquanto. Amanhã, ela terá uma dose maior.
- Estou com fome, doutor — reclamou ela.
- Sei, filha. Mas tens que te contentares com essa porção. Tomas um suco.
- Estou com sono, Jeanpaul.
- Estou aqui, querida — e segurou-lhe a mão.
- E dona Paulette?
- Está bem.
- Fica comigo. Dá-me a espada, quero segurá-la.
- Certo. Dormes e eu a porei em tuas mãos.
- E Lenoir?
- Está aqui, nada vês?

Ela sorriu.

- Vejo, sim, inclusive outras tantas pessoas entre vós.
- Dorme. Eu não me afastarei de ti.

O médico deu-lhe água. Ela dormiu.

—Doutor—indagou Jeanpaul—ela quer saber de coisas das quais já antes falou, repete frases, que há?

—Não te preocupes. Ela esteve fora por longo tempo. Retomou. É natural que embaralhe as visões e lembranças anteriores. Agora, ao despertar, já estará com as idéias em ordem. Sossega, pois. É bom mesmo ficar com ela.

- E meu avô?
- Ah! Já dorme. Faze o mesmo.
- Doutor, e se ela molhar-se toda, outra vez?
- Oh! Jovem, ela já tem controle sobre o organismo. Pedirá.
- E como farei?

Girardan sorriu.

- Chama-me, eu cuidarei de tudo.
- Eu não durmo mais.
- Como queiras.

\* \* # \* \*

Para encurtar, Jean foi restabelecendo-se, e começou a andar amparada pelos amigos. Cinco dias ficou na casa do doutor Girardan. O amor de outras encarnações eclodira nesta. A diferença era que ela não trajava vestes masculinas. O duque regressara à sua residência, mas Jeanpaul ficara. Passava horas no quintal, tomando sol com a moça, por ordem do médico. Lenoir desvelava-se. Carregava-a para a cama, preparava a água para o banho, lavava-lhe as roupas, penteava seus cabelos e fazia os curativos. Um dia, Jean chamou o médico, reunindo-se com ele na mesa da sala, após o corredor. Presentes, Jeanpaul e Lenoir.

- Doutor — começou ela — sinto-me bem.
- Sei, querida, sei, mas não de todo.
- Escuta, doutor. Tenho que retomar ao Pátio.
- Que Pátio? — inquiriu Jeanpaul.
- Dos Milagres, querido.
- Jean — esbravejou ele — estás louca?
- Ouve, querido, ouve apenas; dar-me-ás razão, após.
- Mas, Jean, aquele antro imundo...
- Foi onde nasci, recordas-te?
- E que queres fazer lá?

—Despedir-me. Já não há mais necessidade da minha presença por lá. Mas tenho que pôr em dia algo que devo a eles. Doutor, irás comigo?

— Mas, claro, querida.

—Eu também irei—ofereceu-se Jeanpaul. —Ela sorriu, segurando-lhe a mão.

—Não, meu querido, não irás.

—Mas, como não?

—Não quero que vejas aquele lugar e, além do mais, irei com trajes de homem.

— Mas, Jean, outra vez ?

— Tenho irmãs naquele lugar, querido, às quais preciso ajudar. Não le preocupes, não me demorei.

Discutiram ainda por algum tempo, contudo embalde foram os esforços do rapaz para a demover do seu intento. Jean trajou-se com vestes masculinas, como antes, cingiu a espada, pôs o chapéu, beijou Jeanpaul.

— Eu não demoro.

— Ficarei esperando.

Ao chegar ao Pátio dos Milagres, foi ovacionada com efusão, já que a notícia do que acontecera chegara ao conhecimento da comunidade. Como sempre, tais acontecimentos afloram, sem se saber como. Reuniu-se com a irmã, a qual pôs-lhe a par das informações que colhera a seu pedido. Cientificou-se, então, de que possuía dezoito irmãs, muitas delas casadas ou vivendo maritalmente. Entrevistou-se com todas elas, dotando-as de bens, fonecendo-lhes certa quantia para que se mantivessem no início. Cecille preferiu ir para o campo. Estava noiva. Jean exultou, deu-lhe uma propriedade rural. Após legalizar todas as doações junto aos banqueiros, retomou à casa do doutor Girardan. No caminho, este, que a acompanhara, comentou:

— Foi um gesto magnânimo, filha.

— Apenas cumpri o meu dever. Fiquei com o palacinho de Avranches.

— **Mesmo assim — interrompeu o médico — és ainda muito rica e vais casar-te com um homem também rico. Depois de tantos percalços, teres comido o pão que o diabo amassou, finalmente foste recompensada.**

— **Falta ainda compensar alguém, meu caro doutor. O melhor homem do mundo. O mais amigo, o mais caridoso, meigo e bondoso.**

— **Hum... existe homem assim?**

— **Se existe? Vem cá e eu te mostro.— Pegou amão do médico, puxou-o para uma grande poça d' água na rua e falou: — Olha dentro desta poça.**

**Que vês?**

— **Ora, menina, só vejo minha imagem.**

— **Pois aí está o homem de quem te falei.**

— **Menina! — emocionou-se o médico. — Então — e sua voz soou**

**embargada— não faltaninguém, pois a minha recompensa foi ler-te conhecido. Estou pago.**

— **Não, senhor, vou reformar toda tua casa, aumentá-la, dotá-la de tudo para seu bem-estar. Transformarei a parte da frente em uma clínica, na qual haverá leitos para teus doentes, com mais conforto.**

— Não, minha querida, não é necessário. Mas, gostaria que amparasse o Lenoir. Reitero o que antes te pedi. Ele não tem ninguém no mundo. Ficará sozinho.

— Arre! Falas como se fosses morrer.

— Quem sabe?

— De qualquer forma o tio Lenoir ficará comigo.

— Grato, querida.

— Mudemos de conversa. Estamos chegando.

Logo ao adentrarem à residência do médico, Jean dirigiu-se apressada ao quarto, onde preparou-se, trajando roupas próprias de seu sexo e foi conversar com Jeanpaul.

— Meu avô, em tua ausência, esteve aqui. Insiste em que vás para nossa casa. — Oh ! Jeanpaul, sinto declinar de tão honroso convite, mas não posso deixar o doutor Girardan.

— Como não? — interveio o médico. — Vais, e vais já.

— Doutor, que é isto?

— É o mais acertado. Deves ir-te acostumando. Vais, ou não, casar-te com o neto do duque?

— Mas, claro que sim — apressou-se em assegurar o rapaz. — Todavia, com uma condição.

— Condição, Jeanpaul? E qual é? — indagou ela, abraçando-se ao jovem.

— Que deponhas as armas.

O médico sorriu, ela, também.

— Já as tenho nessa condição. Contudo, conservarei a espada de meu pai e a que me deste. Vez por outra treinaremos.

— Seja — e beijaram-se.

— Dispões de poucas roupas femininas, Jean.

— Poucas?

— A bem da verdade, só tens uma camisola.

! — Ai! E agora? Nunca pensei nisto!

Jeanpaul sorriu.

— Compro-te todos os vestidos de Paris.

— Não quero.

— Como não queres?

— Chama algumas costureiras. Elas farão meus vestidos. Não irei a nenhum ateliê.

— Ora, vejam!

— Tenho que me acostumar. Afinal, fui “homem\*” por muito tempo.

— Pois bem, querida — ajuntou o médico — deves ir. Ver-nos-emos sempre. — Tão logo ela se estabeleça de tudo, iremos para Alençon, lá nos casaremos.

— E dali para nosso palacinho em Avranches.

— Como queiras, rainha.

— Se eras o Rei dos Mendigos, agora és a minha rainha.

— **Doutor, ficarás bem?**

— Claro, querida, não te preocupes com este velho. Lembra-te, porém, do Lenoir.

— Quanto a isto, já tens empenhada minha palavra. Não o levo comigo agora, porque ele mesmo não iria e necessitas dele.

— Espera — e foi ao consultório, demorou-se um pouco, retomando sorrindo, com um pequeno cofre de madeira nas mãos. — Isto é teu. É um presente meu. É simples, mas acompanha-me há muitos anos. Jamais me separei dele.

Curiosa, Jean abriu o pequeno cofre, revestido de veludo vermelho. Uma pequena cruz de madeira, com a efigie do Cristo ali repousava, presa a uma corrente de prata.

— Doutor — observou, tirando o crucifixo — este é o mesmo que usaste naquela noite, aqui?

— É filha. É o bem mais precioso que tenho.

— Não, doutor, não posso aceitá-lo.

— Jeanpaul — manifestou-se o médico — Lembra-te do jovem que aqui esteve contigo no quarto quando Jean ainda estava acamada?

— Sim, sim. Como esquecer?

— É para ele este crucifixo.

— Mas, como? — perguntou Jean surpresa.

— Aceite-o, um dia o darás.

— Mais parece um desses que os padres usam.

— Assim é. Acertaste. Leva Jean. Na hora aprazada o darás a ele.

— Mas...

— Nem meio mas. Leva-o.

— Estás despedindo-te de nós, doutor? Ora, não vamos sair de Paris.

— Sei, mas eu vou.

— Como? Vais viajar?

— Vou, sim, minha querida. Mas, agora vai. Lembra-te de Lenoir.

Jean e Jeanpaul deixaram a casa. Enquanto andavam, conversavam.

— Estranho o que me falou o doutor.

— Ora, está velho, coitado, cansado, mas estamos tão perto dele que podemos visitá-lo diariamente.

— Mas, claro.

\* \* \* \* \*

Todas as tardes, à hora crepuscular, Jean e o noivo visitavam o velho médico, levando frutas e presentes outros. Um dia, ao despedirem-se, à porta, o doutor Girardan manifestou-se:

— Sejas felizes. Jamais deixeis que o ódio penetre em vossos corações. Vivais eternamente este amor que nutris um pelo outro. E, ao lembrardes de mim, apenas uma oração e eu vos serei grato — abraçou e beijou Jean, surpresa. — Adeus, Jeanpaul.

— Adeus, doutor? Por quê? Amanhã estaremos de volta.

— Eu sei, filho, eu sei. Vinde às mesmas horas.

— Claro, assim faremos.

— Muito bem. Aconteça o que acontecer, não devotais ódio contra os semelhantes.

— Mas, por que tudo isto, doutor?

— Ide em paz. Cuidai-vos bem.

De mãos dadas, o casal seguiu caminho. E ao passarem em frente à Catedral, observaram alguns homens trabalhando, descarregando

algumas carroças com madeira.

— Que estão fazendo? — inquiriu Jeanpaul.

— Vão queimar algum pobre coitado — opinou em tom pilhérico Jean, achegando-se a ele.

— Ah! Não brinques, Jeàn. Há muito não se faz isto.

— Desculpa, bobo. Deve ser alguma comemoração da igreja.

Quando chegaram à residência do duque, encontraram-no ocupado em arrumar grandes valises.

— Vais viajar, vovô?

— Eu só, não. Nós.

— Nós?

— Fedelho, tens tua noiva a teu lado. Eu continuo só. Franciscofoi libertado e recupera-se da derrota em sua casa de campo, por certo maquinando outra guerra. Antes que isto aconteça, vou-me para Alençon. Tenho saudades...

— Da Maria?

— Fedelho, isto te interessa? Saudade de tudo — do ar puro, da caça — Javalis, faisões, cavalgadas.

— E os braços da Maria.

— Jean — gritou ele — segura este saca-trapo, para que o avô o surre — e corria atrás do neto, sob as risadas da moça. Terminava a bravata sentado em uma poltrona, rindo também.

— Nós o acompanharemos — afirmou o jovem.

— E eu não sabia? Pois já arrumei tuas coisas e tenho uma ótima notícia para os dois.

— Quai? — perguntaram em coro.

— As duas caça-dotes.

— Caça-dotes? Duas?

— Sim, tua Michelle, neto e tua Françoise, Jean, estão em Paris.

— Ah! E a que vieram?

— Vão ficar na Corte. Os filhos de um Marquês não sei das quanta, as escolheram por esposas. Casar-se-ão em Notre Dame!

— Oh! Que bom! E como soubeste?

— Estive em pátio hoje. Um amigo informou-me.

— Que bela notícia! — desabafou Jean sorrindo. — Assim, não mais terei que me preocupar — olhou o noivo.

— Nem eu.

— Nem tu? Por quê? — inquiriu ela séria.

— Assim, não terás mais que beijar Françoise.

— Seu moleque! — gritou ela, avançando, abraçando e beijando o jovem.

— Parai com isto, terei que casar primeiro, irresponsáveis — berrou o duque.

Palestraram até tarde. Depois, recolheram-se a seus quartos. Bem cedo,

Jean, madrugadora por excelência, levantou-se e foi ajudar a esposa do mordomo a preparar o desjejum. Terminada a tarefa, dirigiu-se ao balcão e debruçada na amurada, ficou a olhar o movimento da rua. Surpreendeu-se com tanta gente. Uns corriam, outros andavam apressados, todos em direção à Praça da Catedral. — Que se passa? — pensou. Escutou o sino na catedral, um rico casamento, talvez. Mas, quanta gente corre! — Ficou por momentos observando, depois retomou ao salão. O noivo e o Duque ainda dormiam. Resolveu ir arrumar algumas coisas na valise, já que viajariam à tarde. Notou, sobre a cama, o **cofrezinho** que o doutor Girardan a presenteara. Parou, pensando — Mas eu já havia guardado o estojo. Como está aqui? Segurou-o e o abriu. O crucifixo lá estava. Pegou-o e soltou um gemido, puxando a mão. Estava quente.—Deus, que é isto? — Tentou segurá-lo outra vez, conseguiu. A temperatura normal. Surpresa, pôs-se a matutar — Mas, estava ardente! O sol não poderia ter incidido sobre ele. As cortinas das janelas estavam cerradas.—Sem explicação para o fenômeno, segurou uma vez mais a peça, beijou-a e a devolveu ao cofre, guardando-o em uma das valises. Continuou arrumando os seus pertences, esquecendo-se do sucedido. Assim permaneceu até que foi despertada por pancadas na porta. Era Jeanpaul.

— Dormiste mais que a cama, amor—disse ela, sorrindo e atirando-se em seus braços.

— Já tomaste o desjejum?

— Não, esperava por ti e teu avô.

— Então, vamos, ou ele acaba com tudo.

O duque já estava à mesa com enorme guardanapo ao peito.

— Bon jour! — cumprimentou ela.

— Bon jour, ma chérie.

Serviram-se, conversando alegremente.

— Por que tocam os sinos da catedral?

— Ah ! Desde cedinho e o movimento na rua era intenso. Deve haver alguma festa.

\* \* \* \*

A ameaça concretizava-se. Doutor Girardan ainda dormia, quando foi bruscamente despertado por fortes pancadas na porta. Levantou-se rápido e foi abrir, justamente quando esta era posta abaixo estrepitosamente. Soldados armados penetraram no recinto, agarraram-no em camisola de dormir, arrastaram-no brutalmente para a rua e o atiraram sobre a carroça. Precipitadamente, o veículo foi conduzido à Praça da Catedral, aonde já esperava o prisioneiro um mourão enfiado entre grande amontoado de madeira. Não houve julgamento. Aos trancos, foi conduzido ao alto da pira e atado ao poste. De seus lábios nenhuma queixa escapou. A população só tomou conhecimento da execução quase na hora em que esta ia ser efetivada.

— É o doutor! — exclamava um — e a notícia se foi espalhando, a praça enchendo-se de gente.

— Por quê? Era um homem tão bom!

Um frade encapuzado passou a ler um pergaminho, taxando-o de bruxo, hefege, aliado do demônio. Ele olhou para os rostos lívidos dos circunstantes e sorriu ao ver Lenoir contido por vários soldados. Orou. A pira foi acesa, o fogo crepitou. Logo, suas vestes começaram a arder.

— Ele não grita! — exclamou um.

— Vê, a cabeça lhe cai ao peito.

— Certamente a fumaça o fez perder os sentidos.

Ignoravam que antes mesmo do fogo começar a queimar suas carnes, **O** bondoso doutor Girardan, o médico dos pobres de Paris, deixava o corpo, em espírito, levado por abnegadas mãos de seus amigos espirituais. Apenas o corpo era consumido pelo fogo. Um cheiro acre de carne queimada espalhou-se pelo ar. As chamas devoraram toda a madeira, extinguindo-se logo depois. Do corpo, apenas ossos calcinados. Lenoir chorava como uma criança. Solto, regressou à casa. Encontrou-a lacrada. Sentou-se à soleira e ali ficou, cabeça entre as mãos. Já não lhe interessava mais a vida. Tudo para ele havia acabado.

\* \* \* \* \*

— A que hora sairemos? — indagou Jean.

- Por mim, agora — respondeu o duque.
- Neste caso, senhor duque, dê-me alguns minutos para despedir-me do doutor Girardan.
- Terás o tempo que quiseres, filha. Ele merece mais que isto.

Foram para o salão, onde ficaram a conversar, traçando planos para a viagem. A certa altura, o mordomo surgiu no umbral da porta, disfarçadamente, fez sinal para Jeanpaul, chamando-o. Este ergueu-se e foi em sua direção. Logo os dois desapareciam no interior da residência. O serviçal estava nervoso.

- Que aconteceu? — inquiriu o jovem preocupado.
- Senhor... uma desgraça.
- Fala, homem, que aconteceu.
- O doutor...
- Que doutor?
- Doutor Girardan.

Jean tomou-se lívido.

- Que houve com ele?
- Morreu.
- Morreu? Não, não! — e rapaz pôs as mãos na cabeça. — Como? Não pode ser!
- Foi queimado em praça pública, senhor.
- Mon Dieu! Queimado?
- Sim, senhor. A Inquisição.
- Mas é impossível. Não estás enganado?
- Quisera estar. Deram-me a notícia agora.
- Mas, por quê?—Jeanpaul estava fora de si.—Um ancião? *Só* vivia para ajudar as pessoas.
- Disseram ser ele um herege, ter parte com o diabo, ser um bruxo.
- Nossa Senhora de Paris! Que maldade! E isto em nome da Igreja.
- Da Santa Madre Igreja.
- Que Santa Madre Igreja, qual nada! — berrou transtornado. — Loucos assassinos é o que são. Miseráveis! —A altercação foi ouvida pelo

duque e Jean que correram assustados.

- Que se passa? — perguntou Jean, correndo para o noivo, perturbado, olhos transbordados de lágrimas.
- Por quê estás assim, Jeanpaul?
- O jovem abraçou-se a ela, beijando-a e afagando-lhe os cabelos, apertando-a contra o corpo.
- Querido, que houve?

Ele conseguiu controlar-se, soluçou e falou pausadamente:

- Os sinos quando tocavam...
- Sim, sim?
- O doutor Girardan estava sendo queimado na fogueira, na Praça da Catedral.
- Que? — vociferou o duque.

Jean cambaleou. O jovem a amparou. Mas surpreendeu-se com a fortaleza da moça. Intensamente pálida, as lágrimas correndo abundantemente pelo rosto, ela soltou-se de seus braços.

- Traze água, por favor.
- Não, traze conhaque — recomendou o duque. Jean andou um pouco desnorreada.
- O crucifixo... o crucifixo que ele me deu estava quente. Eu havia guardado, mas não sei como, encontrei-o sobre a cama, dentro do cofre.

Toquei-o, estava tão quente a ponto de queimar-me os dedos — e desatou em choro convulso, amparada por Jeanpaul eo duque. O mordomo chegou com abebida. Ela recusou.

- Que perversidade, meu amor! — comentava Jean, abraçado a ela.
- Vamos, Jeanpaul, a casa do doutor.
- Mas, Jean...
- Lenoir, agora, está só, E eu prometi ao doutor Girardan o amparar.
- Mas, querida...
- Vamos, Jeanpaul, vamos — e para o duque — Manda nossas bagagens para a carruagem. Só apanharemos Lenoir e sairemos desta cidade amaldiçoada, onde nunca mais quero botar os pés.
- Querida...
- Se não consentes, vou com ele para meu palácio em Avranches.
- Não é isto, querida, claro que consinto. A carruagem é ampla. É que... como encontrar o Lenoir?
- Sei que ele está lá, tenho certeza.
- Pois que seja. — E para o mordomo. — Pode levar nossas malas para a carruagem. Atrela dois cavalos.
- Só um. O que usei está no quintal da casa do doutor.
- Vamos, depressa.

Dentro em pouco, estavam correndo pelas ruas de Paris. Ao passarem pela praça ainda viram os restos fumegantes da fogueira. Alguns curiosos permaneciam no local.

- Assassinos!—gritou Jean.—Jamais quero ver um padre naminha frente.
- Calma, querida.

Entraram na rua Saint Germain. Chegaram à casa. Como assegurara Jean, Lenoir ali estava, sentado na soleira, com a cabeça entre as as mãos. A jovem saltou e aproximou-se correndo, abraçando-se a ele chorando.

- Tiozinho, tiozinho!
- Jean... — gaguejou o homem—mataram o doutor e eu nada pude fazer! Destruíram tudo quanto eu tinha na vida.
- Não fales assim. Tens a mim, tio. Vais ficar comigo.
- Não, Jean, não.
- Ele me pediu e eu prometi. Parece até que ele já sabia o que ia acontecer.
- Sabia sim. Só que eu não queria acreditar.
- Vamos, tio, vamos sair daqui. Vem comigo. Jamais te deixarei.
- Teu cavalo...
- Eu o quero. Tens que ir buscá-lo.

Lenoir levantou-se.

- Se eles soubessem que apenas destruíram o corpo... O velho doutor está vivo.
- Está sim, meu querido.

— Espera, apanho o cavalo.  
Pouco depois, seguiam viagem. Lenoir fez questão de ir na boléia, junto ao cocheiro.  
— Coitado! — exclamou o duque.  
— Eu cuidarei dele. — declarou Jean.  
— Nós, querida, nós.

\*\*\*\*\*

Em algum lugar, em outra dimensão, três pessoas conversavam.

— Então, minha querida Suzanne, encontraste a tua alma afim.  
— Sim, meu irmão, sim. Preparamo-nos para mais uma romagem no corpo físico.  
— Dentro em breve haverá o casamento daqueles que escolheste para vossos pais.  
— Oh ! Doutor Girardan, que bom que estejas conosco. Não necessitas mais expor-se aos riscos da vida física.  
— Há muito amor naqueles jovens. Mas, a menina, pelo que aconteceu comigo, passou a odiar os padres. Tanto que para casar-se vai preferir um luterano. Sabes o que isto significa?

— Como?

— Ele—e o médico apontou para o jovem—Femand escolheu ser padre católico e aquela que lhe será mãe, abomina os clérigos. A responsabilidade dele será muito grande.

— É verdade. Eu o ajudarei.

— Estou certo disto. Mas, conhecendo Jean, prevejo muitas dissensões.

— Arriscar-nos-emos.

— E tereis por missão fazê-la mudar de opinião. Afinal uma ovelha não põe o rebanho a perder, desde que se possa educá-la a contento.

— Obrigado, irmão, por tudo quanto fizestes por nós.

— Louvado seja Deus e que Suas bênçãos recaiam sobre todos. Um dia, a Terra viverá como no principio do homem, um paraíso. Aquele que os homens perderam, mas que buscam incessantemente. Deus abençoe a todos — e saiu andando, com pequenos pássaros pousando-lhe nos ombros e voejando sobre sua cabeça.

Onde as marcas da fogueira?

Os inquisidores apenas o libertaram do invólucro combalido, fazendo-o renascer em espírito com toda a vitalidade.

Vive Dieu!

FIM